

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Valdinar da Silva Oliveira Filho.

**A TRADIÇÃO POR UM FIO: UMA HISTÓRIA DAS
SENSIBILIDADES EM RELAÇÃO AOS ESPAÇOS NA CRISE DOS
PADRÕES TRADICIONAIS DE MASCULINIDADE NO
NORDESTE (1940/1980).**

NITERÓI
2010

VALDINAR DA SILVA OLIVEIRA FILHO

**A TRADIÇÃO POR UM FIO: UMA HISTÓRIA DAS
SENSIBILIDADES EM RELAÇÃO AOS ESPAÇOS NA CRISE DOS
PADRÕES TRADICIONAIS DE MASCULINIDADE NO
NORDESTE (1940/1980).**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor, ao Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal Fluminense, Niterói.
Orientador: Professor Doutor Norberto Osvaldo Ferreras.

NITERÓI
2010

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Valdinar da Silva Oliveira Filho.

**A TRADIÇÃO POR UM FIO: UMA HISTÓRIA DAS
SENSIBILIDADES EM RELAÇÃO AOS ESPAÇOS NA CRISE DOS
PADRÕES TRADICIONAIS DE MASCULINIDADE NO
NORDESTE (1940/1980).**

Tese de Doutorado aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor, do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Orientador: Professor Doutor Norberto Osvaldo Ferreras.

Niterói - Março de 2010.

Dr.Norberto Osvaldo Ferreras - UFFRJ

Dra. Raquel Soihet - UFFRJ

Dra.Cecília da Silva Azevedo - UFFRJ

Dra.Andrea Barbosa Marzano - UNIRIO

Dr. Vanderlei Vazelesk - UFRuralRJ

NITERÓI/ 2010

A minha Mãe, **Francineth**, por ter me permitido nascer, mas obrigado também a “Báia”, **Eulália**, Mãe também, por ela ter me ensinado as primeiras letras e ter me colocado na Universidade, ter me incentivado no Mestrado e ser a principal culpada de hoje eu ter um doutorado. Báia, minha velha amada, aprendi com a senhora que o impossível não existe.

AGRADECIMENTO

Este texto é fruto de muitas vontades, de muitos desejos e de muitas vidas. Não há espaço nele para todos àqueles que eu tenho a obrigação de agradecer e de demonstrar toda a minha gratidão a esses envolvidos na produção de todos os lances e nuances de minha vida. Não sei nem se a vida é minha, depois de ter constatado que ela não existiria sem as muitas vontades, os muitos desejos e as muitas vidas que lutaram para me ter e me preservar existindo em todos os sentidos.

Avôs e Avós;

Mãe, Báia, irmãos, irmã, sobrinhas e sobrinho, tias, tios, primos, primas, família;

Esposa e filha;

Amigos e amigas;

Sogro, sogra, cunhados e agregados;

Professores e Professoras da UESPI, UFPI, UFF;

Funcionários da UESPI, UFPI, UFF;

Mãe-dindinha; Vovó Miriam; Francineth; Eulália; Tia Saleth; Tia Nice; Padre-Chiquinho; Tia Gracinha; Tia Niêta; Tio Tinto; Socorro; Gilberto; Severino (Biu);

Sara; Marcelo; Danilo; Bruna; Douglas Júnior; Maria Rafaela;

Eliane e Joana Eulália;

Ludson; Francisco José; Eulália Patrícia; Paula Francineth; Brandon Luís; Rômolo; Chagas; Valéria; Fernanda; Natan; Pelton; Léo; Duda; Marina, Rafael;

Sr. Antonio; D.Joana; Gilvan; Edvan; Gilson; Núbia; Laura; Valéria; Diana; Robert; Elaine; Vanvan;

José Bem; D. Gracinha; Paulo; João Paulo; Saulo; Levi; Dany; aos parnaibanos representados nesta família;

Adelson; Josiel; Dimas; Mauricio; Alan; Beto; Felipe; Gonzaga; aos da Arlindo Nogueira e aos da Quintino Bocaiúva;

Ao Major Vitor Hugo!

Aos esquecidos temporariamente!

Enfim: Cecília Azevedo; Raquel Soeht Théo Lobarinhos e Norberto Ferreras;

Muito obrigado a todos!

RESUMO

A tradição por um fio: uma história das sensibilidades em relação aos espaços na crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste (1940/1980), num primeiro instante se preocupou em demonstrar, narrar, problematizar e apresentar que o sensível, ou em outras palavras, que a sensibilidade humana tem uma história, e, que a mesma tem uma importância fundamental para o “eu” e para os “outros”, pois estabelece relações diversas, dinâmicas e multidirecionais atravessadas no tempo e no espaço em que a história é narrada. Não podemos esquecer que as abordagens estruturais servem para nos dar a sintaxe da região, mas não a sua semântica. Elas nos apresentam os elementos, mas não nos é capaz de dizer como estes fazem sentido, como estes são organizados na forma de relatos, sejam relatos de memória, relatos de espaço, relatos literários, relatos sociológicos, relatos geográficos, relatos historiográficos. Num segundo momento, esta tese se preocupou em demonstrar que o que ocorre entre a sensibilidade humana e os espaços praticados pelos mesmos é relacional, que nossas relações com os lugares, com os territórios, com a terra é da ordem do sensível, talvez por isso não se tenha, durante muito tempo, encontrado pessoas dispostas a fazer a história destas relações. É sobre a história das relações do gênero masculino sustentado e demarcado pela tradição nordestina marcada por padrões e estereótipos em crise do que é ser homem nesta região que se constitui o eixo principal desta tese. Entre os folhetos de cordel e os romances clássicos e as memórias aqui utilizadas, o masculino foi pensado, problematizado e apresentado atravessando uma crise nos padrões estabelecidos na sociedade dita nordestina no começo do século XX. Enfim, uma história entre a prática dos lugares e espaços praticados da nordestinidade e da masculinidade percebemos os limites do mundo masculino demarcado entre o “fogo morto” e os limites do mando que entravam em crise, em confronto, em luta. Daí histórias no barbante de violência e masculinidade em relação aos espaços e ao feminino, que emergiam entre um passado patriarcal e uma sociedade matriarcal, efeminada que ameaçava a tradição configurada em crise da masculinidade nordestina sustentada por um fio e temerosa do nivelamento social e de gênero que se estabelecia no Nordeste no começo do século XX, entre 1940 e 1980, para ser mais didático. Palavras – chaves: História; Gênero; Masculino; Nordeste: Nordestino: Cordel; Relações Espaciais; Espaços Praticados.

RESUMÉ

La tradition par un fil : une histoire des sensibilités concernant les espaces dans la crise des normes traditionnelles de masculinité au nord-est (1940/1980), dans un premiers instants s'est inquiétée à démontrer, dire, problématiser et présenter que le sensible, ou dans d'autres mots, que la sensibilité humaine a une histoire, et, que la même a une importance fondamentale pour « moi » et pour les « autres », donc établit des relations diverses, dynamiques et orientables traversées dans le temps et dans l'espace où l'histoire est dite. Nous ne pouvons pas oublier que les abordages structurels servent pour eux à donner syntaxe de la région, mais non sa sémantique. Elles dans elles présentent les éléments, mais dans eux ce n'est pas capable de dire comme ceux-ci font sens, comme ceux-ci sont organisés dans la forme d'histoires, soient des histoires de mémoire, histoires d'espace, histoires littéraires, histoires sociologiques, histoires géographiques, histoires historiográficos. Au un seconds moments, cette thèse s'est inquiétée à démontrer que ce qui se produit entre la sensibilité humaine et les espaces pratiqués par les mêmes est relationnel, que nos relations avec les places, avec les territoires, avec la terre c'est de l'ordre du sensible, peut-être donc n'ait pas, pendant beaucoup de temps, trouvé personnes disposées à faire l'histoire de ces relations. È sur l'histoire des relations du type masculin soutenu et délimité par la tradition due nord-est marquée par des normes et des stéréotypes dans crise dont c'est être homme dans cette région qui se constitue l'essieu principal de cette thèse. Entre les brochures de cordeau et les romances classiques et les mémoires ici utilisées, le masculin on a pensé, problematizado et présentée en traversant une crise dans les normes établies dans la société dite du nord-est dans le commencement du siècle XX. Enfin, une histoire entre la pratique des places et des espaces pratiqués de nordestinidade et de de la masculinité nous percevons les limites du monde masculin délimité entre le « feu mort » et les limites du contrôle qui empêchent dans crise, dans confrontation, dans lutte. À partir de là histoires dans la ficelle de violence et masculinité concernant les espaces et à l'féminin, qui émergeaient entre un passé patriarcal et une société matriarcal, efféminée qui menaçait la tradition configurée dans crise de la masculinité due nord-est soutenue par un fil et craintive du nivellement social et de type qui s'établissait au nord-est dans le commencement du siècle XX, entre 1940 et 1980, pour être plus didactique. Mots - clés : Histoire ; Type ; Masculin ; Nord-est : Du nord-est : Cordeau ; Relations Spatiales ; Espaces Pratiqués.

ABSTRACT

The tradition for a wire: a history of the sensibilidades in relation to the spaces in the crisis of the traditional standards of north-eastern masculinidade (1940/1980), in a first instant if worried in demonstrating, telling, to problematizar and to present that the sensible one, or in other words, that sensitivity human being has a history, and, that the same one has a basic importance for “I” and the “others”, therefore establishes diverse, dynamic and multidirectional relations crossed in the time and the space where history is told. We cannot forget that the structural boardings serve stop in giving the syntax to them of the region, but not its semantics. They in them present the elements, but in them she is not capable to say as these make direction, as these are organized in the form of stories, are stories of memory, literary stories of space, stories, sociological stories, geographic stories, historiográficos stories. At as a moment, this thesis if worried in demonstrating that what occurs between the sensitivity human being and the spaces practised for the same ones is relationary, that our relations with the places, the territories, the land is of the order of the sensible one, perhaps therefore not if has, during much time, found made use people to make the history of these relations. È on the history of the relations of the masculine sort supported and demarcated by the tradition northeastern marked for standards and estereótipos in crisis of what it is to be man in this region that if constitutes the main axle of this thesis. It enters the classic twine brochures and romances and the memories used here, the masculine was thought, problematizado and presented crossing a crisis in the standards established in the said society northeastern in the start of century XX. At last, a history enters the practical one of the places and practised spaces of the nordestinidade and the masculinidade we perceive the limits of the masculine world demarcated between the “fire dead” and the limits of the control that entered in crisis, confrontation, fight. From there histories in the violence string and masculinidade in relation to the spaces and feminine, that a patriarchal past and a matriarcal society emerged between, the effeminate one that the tradition configured in crisis of the masculinidade threatened northeastern supported for a wire and fearful of the social levelling and sort that if established north-eastern in the start of century XX, between 1940 and 1980, to be more didactic. Words - keys: History; Sort; Masculine; Northeast: Northeastern: Twine; Space relations; Practised spaces.

SUMÁRIO

1.0. INTRODUÇÃO: Entre a prática dos lugares os espaços praticados da nordestinidade e da masculinidade.....	11-27
2.0. Entre o “fogo morto” e os “limites do mando”: os limites do mundo masculino no Nordeste entram em crise.....	28-92
3.0. Entre a crise da masculinidade no Nordeste: histórias no barbante de violência e masculinidade em relação aos espaços e ao feminino.....	93-158
4.0. Entre um passado patriarcal e uma sociedade matriarcal, efeminada: a tradição configurada em crise da masculinidade nordestina por um fio.....	159-191
5.0. CONCLUSÃO: Entre nós e os outros, há tantos de nós nos outros como dos outros em nós: em nome da nordestinidade em migalhas.....	192-196
6.0. FONTES E REFERÊNCIAS:.....	197-205

INTRODUÇÃO: Entre a prática dos lugares os espaços praticados da nordestinidade e da masculinidade.

Este trabalho nasceu da minha vontade de fazer uma história das sensibilidades em relação aos espaços.

A motivação deste texto surgiu da credibilidade depositada na idéia de que nossas relações com os lugares, com os territórios, com a terra é da ordem do sensível, talvez por isso não se tenha, durante muito tempo, encontrado pessoas dispostas a fazer a história destas relações.

È preciso que a história deixe de ser escrita apenas do ponto de vista do olhar, reduzindo os espaços às suas descrições, é preciso dar profundidade de sentido e de sentimento a estes espaços tomando como índices significativos dos lugares, os seus cheiros, as suas texturas, os seus sons, seus ruídos, seus gostos, os sabores que aí foram produzidos e provados.

No entanto, confesso e acredito que, apesar de ter dito o que desejei tornar este trabalho tal qual disse a pouco, este trabalho não tenha se realizado. Mas, com certeza, ele aponta para este caminho. Ele indica as diversas relações espaciais ocorridas entre uma região e seus habitantes, entre o Nordeste e o nordestino.

Ao encontrarem para além das fontes aqui trabalhadas, os sentimentos e sentidos de alguns personagens dispostos nos enredos que aqui “arrumei”, que estrategicamente disponibilizei como achei melhor os mesmos, que tramei suas presenças foi, com o único intuito, de encenar nas páginas da história o sentido que tem, por exemplo, as primeiras gotas de chuva para um homem do Nordeste, do semi-árido nordestino, sua alegria e sua tristeza, em outras palavras, o que quis foi escrever com

todo o corpo, ele que foi nosso primeiro e único instrumento de relações espaciais, de construções de lugares, de territórios.

Falo das relações espaciais que abordam o espaço agrário produzido e percebido através de relações marcadas pela pessoalidade, pelo paternalismo e, principalmente, pelo poder autoritário e discricionário de um chefe para um espaço agrário atravessado cada vez mais pelo anonimato do capital e do empresariado moderno.

Procurei fazer aparecer à despersonalização da própria terra; em que já não se sabia a quem pertencia cada engenho, cada fazenda; cada vez mais eles pertenciam a uma entidade chamada usina, que não tem rosto, que não tem sangue, não tem tradição, não tem necessariamente vínculos familiares ou de vizinhança.

Nomes de engenhos, de fazendas, de famílias, as relações entre o passado e o presente que produziram identificação, que mostravam associação entre eles, parecia não mais se identificar, agora pareciam perder a identidade.

Falo dos espaços que teriam várias marcas pessoais, hereditárias, de famílias, mas também falo de espaços anônimos, sem marcas, sem tradição, sem conservação, em crise. Se antes nesse espaço um rio, uma árvore, um percurso, uma estrada, uma fazenda, um nome, um engenho, uma família, uma feira, um modo de falar, de se comportar, de andar, de sentar etc; possuíam significados afetivos e pessoais e eram testemunhos de vidas e delas falavam, agora era o espaço sem afeto, sem lirismo do capitalista, ávido apenas por dinheiro.

(..) uma cozinha em crise significa uma civilização inteira em perigo: o perigo de descaracterizar-se. As novas gerações de moças já não sabem, entre nós, a não ser entre a gente mais modesta, fazer um doce ou um guisado tradicional e regional. Já não têm gosto nem tempo para ler os velhos livros de receita da família. Quando a verdade é que, depois dos livros de missa, são os livros de receita de doces e de

guisados os que devem receber das mulheres leitura mais atenta. O senso de devoção e a obrigação devem completar-se nas mulheres do Brasil, tornando-as boas cristãs e, ao mesmo tempo, boas quituteiras, para assim criarem melhor os filhos e concorrerem para a felicidade nacional. Não há povo feliz quando às mulheres falta a arte culinária. É uma falta tão grave como a da fé religiosa. (Freyre, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, pp. 72-73.)

A sociologia freyreana parece mesmo, em alguns momentos, uma sociologia de sobremesa.¹ Acredito que o que Freyre procurava era denotar uma dada maneira de entender e pensar o regional.

Não seriam estas atitudes, estes gestos carregados de simbolismo, uma maneira de indicar o regionalismo, um modo de preparo das subjetividades e dos corpos para serem regionais, para além de uma campanha dirigida para formar uma consciência regional?

Freyre sempre pareceu desconfiar dos discursos dirigidos apenas à razão. Sua obra historiográfica se empenhou não apenas em pensar o Brasil e suas regiões, mas tentou torná-los sensíveis, palpáveis, através da exploração de imagens e recursos narrativos dirigidos à sensibilidade do leitor.

Neste sentido este trabalho “A tradição por um fio: uma história das sensibilidades em relação aos espaços na crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste no começo do século XX (1940/1980)”, visa à investigação do universo das relações espaciais de gêneros e simbólico do que é ser homem no Nordeste sem se preocupar tanto com a invenção do Nordeste e do nordestino tal qual fizera o Professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seus trabalhos sobre os mesmos.

¹ Seu primo e poeta, João Cabral de Melo Neto, certa vez assim denominou a sociologia freyreana, chamando sua obra de sociologia de sobremesa. IN: MELO NETO, João Cabral de. *O Cão sem Plumas*. In: *Os Melhores Poemas*. São Paulo: Global, 1985, pp. 45-47.

No entanto, este texto não existiria sem os textos de Durval Muniz sobre a Região Nordeste e a nordestinidade como uma invenção do “falo”, ou seja, uma história do gênero masculino nessa região ou ainda, em outras palavras, uma história das relações sociais, de gêneros e espaciais do nordestino.

E um bom exemplo disso é que o regional para Freyre era, antes de tudo, uma dada sensibilidade, uma dada maneira de viver, uma estilística da existência, de clara inspiração aristocrática. Ele procura construir um modo de ser regional, mais do que simplesmente uma forma de consciência regional.

Os homens estão aí no mundo antes de qualquer compreensão, de qualquer interpretação, de qualquer sentido, mas só se constituem como sujeitos, só se constituem como humanos porque não se resumem a contemplar as coisas e conviver com elas, estas se constituem para eles em signos que exigem sentido, que cobram compreensão, que os impelem à explicação e ao conhecimento, e estes só são possíveis no campo da linguagem.

A identidade regional não é dada pelo espaço onde se nasce, ela emerge de um trabalho de subjetivação, ela é a constituição de uma dada subjetividade através das relações sociais e da incorporação consciente ou não das narrativas que definem este ser regional.

O problema das abordagens estruturais é que elas dão conta muito bem de descrever os elementos que compõem um dado sistema, os aspectos objetivados, inconscientes, recorrentes de uma dada realidade social, mas são incapazes de tratar de como estes elementos são, em cada situação dada, lidos, interpretados, subjetivados, compreendidos pelos agentes sociais.

A análise dos elementos de ordem estrutural que definem uma região, que a objetivam, não é suficiente para entender como esta região se mantém, é reproduzida, é

vivenciada, porque isto se passa no plano das interações simbólicas, no plano do sentido e do significado. Poderíamos dizer, como faz Paul Ricouer, que as abordagens estruturais servem para nos dar a sintaxe da região, mas não a sua semântica.

Elas nos apresentam os elementos, mas não nos é capaz de dizer como estes fazem sentido, como estes são organizados na forma de relatos, sejam relatos de memória, relatos de espaço, relatos literários, relatos sociológicos, relatos geográficos, relatos historiográficos.

A escrita da história regional ou local é, neste sentido, não apenas um trabalho de re-apresentação da região, um trabalho de explicação do regional, mas é um trabalho de elaboração do regional, de ressignificação, de atualização do sentido que a região possa ter, é um trabalho de invenção ou re-invenção do regional ou do local.

O historiador recria o passado, não o apresenta tal como ele foi, mesmo aproximadamente ou de modo probabilístico. A leitura do passado se dá no presente e, portanto, modificado pelo seu horizonte de expectativa, pelo seu contexto de significação, de leitura. A historicidade se elabora justamente na produção da distância, na produção da diferença entre passado e presente.

A tarefa do historiador não é nos aproximar do passado, mas dele nos distanciar, retrabalhando-o no presente, fazendo este novamente fazer sentido para nosso tempo, um sentido outro do que aquele que teve para seu próprio tempo, sentido irrecuperável em grande medida.

Cada vez que nos propomos a fazer história regional estamos, ao mesmo tempo, repondo em discussão, fazendo novamente ressoar e fazer sentido uma dada identidade regional, mas também a estamos modificando a partir da ótica, do olhar, da visibilidade e dizibilidade de nosso tempo, da qual não podemos escapar, embora estas não sejam homogêneas ou unitárias.

As poucas moças ou rapazes prendados que ainda existem por “aí” sabem que, embora uma receita culinária possa ser sempre a mesma, atualizá-la, realizá-la, inventar a partir dela uma iguaria, materializar o quitute que ela ensina depende da habilidade singular de cada um, depende de como cada um a lê e a pratica. Uma mesma receita pode resultar em saborosas iguarias ou em desastres para o paladar menos apurado.

As receitas podem desandar, o que significa que elas andam, mas o fazem de múltiplas maneiras, dependendo de como são compreendidas, de como são praticadas. Isto se deve ao fato de que todas as nossas operações mais cotidianas são mediadas por uma hermenêutica, por uma prática de leitura e de tradução, seja através da linguagem ou de nossas ações. Através delas damos sentido ao mundo, nos damos um mundo, o fabricamos para nele existirmos.

As identidades espaciais são fabricações humanas, não estão inscritas na natureza, como algumas abordagens naturalistas parecem indicar. Além do que não há elemento que componha um dado território que não possua historicidade. Até mesmo a rocha que parece mais imutável é desgastada e modificada pelo tempo. E esta mutação é mais acentuada quando pensamos nas utilidades ou significados que esta rocha já teve ou tem para os humanos. Desde arma ou ferramenta, a mesma rocha pode ser objeto de culto, objeto de fruição estética, ou simples granito com valor econômico na construção civil.

Acredito que em relação ao nosso trabalho em torno de uma investigação do universo simbólico masculino nessa região, o mais importante para nós é que os leitores descubram nas páginas seguintes o que mais nos esforçamos em fazer: demonstrar uma história do gênero masculino no Nordeste marcado por uma crise dos padrões tradicionais de masculinidades do começo do século XX, apresentados através da

Literatura de Cordel e de outras fontes: literatura regionalista, memórias, romances, artigos de jornais entre outros.

No entanto, este contexto regional também esteve marcado por uma história do sensível e do sentimento em relação aos espaços e lugares e às práticas espaciais aí desenvolvidas em relação ao social, ao gênero e a nordestinidade.

Os trabalhos sob a perspectiva do gênero são recentes no Brasil representam uma nova etapa nos estudos iniciados pelas militantes feministas ou homossexuais sobre a temática da mulher e da homossexualidade. Pelo menos desde os anos sessenta, estes temas afloram como uma preocupação, seja na academia, seja fora dela. Mas a percepção de que não podemos entender o feminino sem a sua necessária relação com o masculino, só se faz presente a partir dos anos oitenta.

Os estudos sobre as mulheres se desenvolveram a partir da crítica à própria existência de uma experiência universal do ser feminino, afirmando a diversidade de suas definições e de suas vivências. A emergência da categoria gênero nas Ciências Sociais americanas visou não só dar conta do caráter relacional das definições do masculino e do feminino, como também afirmar o caráter histórico social destas definições, rompendo com uma visão naturalista ou biológica dos papéis masculinos e femininos.

O gênero é visto nesta produção americana, como diz Scott (1990), como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e uma primeira forma de dar significado às relações de poder.

Os estudos sobre homens são mais recentes ainda e trilham os mesmos caminhos abertos pelo debate feminista e pelas conquistas teórico-metodológicas trazidas pelos estudos de gênero. Somente no início desta década surgiram os estudos

pioneiros sobre este tema.² Foi o momento em que se passou a falar de uma crise da masculinidade, em que muitos homens de classe média se sentiram impelidos a ensaiar outros modelos de ser homem, pai ou marido, por causa das próprias transformações por que passavam a família e as relações entre os gêneros, motivadas pelas conquistas das mulheres, desde os anos sessenta.

Há, inclusive, uma preocupação recente das agências internacionais de financiamento à pesquisa em incentivar estudos sobre masculinidade, já que se percebe que, sem a participação masculina e, portanto, sem a compreensão de como os homens pensam e vivem sua própria masculinidade, torna-se muito difícil a solução de problemas no campo da reprodução humana, como a alta taxa de natalidade nos países da África, ou no campo da saúde e dos comportamentos sociais, como o grande número de contaminações por AIDS e por outras doenças sexualmente transmissíveis, de que são vítimas não só os homens como as próprias mulheres.³

No entanto, chamam-nos à atenção os estudos sobre masculinidade, pois pouco tem atraído os historiadores brasileiros. Estudos desta natureza ainda estão circunscritos às áreas de Psicologia e de Ciências Sociais.⁴

Os historiadores que adotam a perspectiva dos estudos de gênero ainda continuam, na sua quase totalidade, trabalhando com a história das mulheres, das prostitutas ou dos homossexuais.⁵ O silêncio é muito grande em torno da história dos

² Ver: BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina, Rio: Nova Fronteira, 1993; CONNELL, R. Masculinities. Berkeley, University of Califórnia Press, 1995; ALMEIDA, M. Senhores de si. Lisboa. Fim de Século, 1995.

³ Ver, por exemplo, os estudos reunidos em ARILHA, M., RIDENTI, S., MEDRADO, B.(orgs), homens e masculinidades, São Paulo, ECOS/Ed. 34, 1998; BENFAM, Pesquisa sobre saúde reprodutiva e sexualidade do jovem, 1989/90, Rio, Benfam/DEPES, 1992

⁴ Ver, por exemplo, NOLASCO, S., O mito da masculinidade, Rio, Rocco, 1993; NOLASCO, S(org), A desconstrução do masculino, Rio, Rocco, 1995; LEAL. °F., BOFF. °, Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de uma identidade masculina em uma perspectiva relacional, In: PARKER, R., BARBOSA, R.(orgs), sexualidades brasileiras. Rio, Relume-Dumará, 1997.

⁵ Citarei apenas algumas: ALGRANTI, L., Honradas e devotas; mulheres da colônia, Rio, José Olympio:Brasília, EDUNB, 1993; RAGO, M., Os prazeres da noite, Rio, Paz e Terra. 1991; ENGEL, M., Meretrizes e doutores. São Paulo: brasiliense, 1988; ESTEVES, M. Meninas Perdidas, Rio, paz e Terra, 1989; DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil, são Paulo: contexto, 1997.

homens.⁶ Este silêncio se explica talvez pela compreensão bastante equivocada, oriunda de um certo discurso feminista, de que a história sempre foi dos homens, de que não se precisa escrever a história de um personagem que sempre esteve presente.

Como grande parte da historiografia sobre gênero no Brasil ainda tem inspiração marxista⁷, em suas várias vertentes, estudar o homem, o dominante, não parece coadunar-se com uma historiografia que pretende estar a serviço da libertação dos dominados e que metodologicamente se propõe ver a sociedade a partir dos vários olhares daqueles que estão em baixo, uma história dos oprimidos, dos marginalizados.

Nem mesmo historiadores que não mais percebem a dominação masculina como um processo unívoco, sem rupturas, quase a-histórica, nem mesmo aqueles que não mais recorrem a conceitos descarnados e sem historicidade, como os de patriarcalismo e de machismo, interessaram-se ainda em fazer uma história das masculinidades, pensando-as como construções sociais e históricas, como conjunto de códigos culturais que regem não só a forma de vivenciar e usar o sexo, como também definem as formas permitidas e proibidas de relacionamento com o outro sexo.

Poucos são ainda os historiadores que abordam a masculinidade como uma identidade de gênero, como “uma maneira de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens”, uma “categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. Em outras palavras, poucos são os que pensam a masculinidade como um conjunto de práticas, discursos e imagens construídos e legitimados socialmente, que servem de modelos e que se impõem aos indivíduos definidos biologicamente como machos, para a construção de uma identidade para si e para a elaboração de uma subjetividade (COSTA: 1995).

⁶ Podemos citar apenas uma obra que estuda a relação entre o masculino e o feminino: MATOS, I., FARIA, F., Melodia e sintonia em Lupicílio Rodrigues. Rio, Bertrand Brasil. 1996.

⁷ Talvez eu queira dizer que existe sim, na História Brasileira, um forte interesse pelos oprimidos e por isso o seu objeto é um tanto fora do comum, o que não deveria ser.

Partindo do pressuposto de que a vivência e as definições sociais da masculinidade variam historicamente, só é possível entender o que é específico de nossa época, se fizermos estudos que abordem as diferentes formas como a masculinidade foi vivida e definida em outros momentos históricos.

Devemos alargar a perspectiva dos estudos sobre masculinidade, enfatizando não apenas a análise sobre os códigos de masculinidade vigentes neste momento, em nossa sociedade, mas também sobre o processo de construção histórica destes códigos, tentando entendê-los em sua diacronia, naquilo que possuem de recorrência e de descontinuidade.

A relevância deste estudo se deve também ao fato de que este tema pertence a uma área pouco estudada no Brasil e de extrema atualidade dentro da historiografia contemporânea, ainda podendo estimular a produção do conhecimento de história local, estadual e regional, que se ressentem de uma produção mais sistemática.

Nesse sentido acreditamos que este trabalho vem preencher alguma “lacuna” no que se refere a trabalhos já publicados sobre o Nordeste, nordestino e o gênero masculino. Não temos nenhuma dúvida que exista uma extensa historiografia sobre essas temáticas, no entanto, sendo um trabalho de história voltado para o gênero masculino e suas variações ao longo do tempo e do espaço histórico, acreditamos que este texto seja único na forma de abordar a nordestinidade no cordel e outras fontes, como uma identidade que além de surgida no começo do século XX, surgia ao mesmo tempo em que os padrões de masculinidade começavam a enfrentar uma crise dos modelos masculinos que habitavam essa região.

Assim como disse antes, e reafirmo o mesmo, este texto não existiria sem os textos de Durval, não é a toa que a base de todo este nosso trabalho se situa no cenário e no espaço em que a idéia de nordestino se constituiu, ou seja, entre os limites do mando

e os limites do mundo e da necessidade de (re) afirmação do que é ser homem no Nordeste num espaço e cenário que mudava e se caracterizaria em diversas metáforas que denotavam a crise de masculinidade que surgia no começo do século XX como condição de existência e de rearranjos que se processavam ao longo desse mesmo século em torno da figura masculina nordestina.

No “teatro” da história do Nordeste e da história do gênero masculino nessa região o que não poderia faltar na constituição do que é ser homem no Nordeste era a: valentia, coragem, destemor, virilidade e violência, no entanto, num espaço em que o “frouxo não devia se meter”, a consequência advinda disso será a violência como elemento constitutivo de existência do nordestino, mas também, como elemento que denuncia a crise de padrões masculinos existentes que contém e constitui a violência de gêneros como principal articulador das relações de gêneros no Nordeste.

O imaginário do cordel, por exemplo, que associa masculinidade, nordestinidade e violência, ao contrário do que se possa pensar, nem ficou no passado, na história, como muitos folhetos fazem pensar, nem paira sobre o real, imagens que nada tem a ver com a realidade.

Muitas histórias, como veremos ao longo deste trabalho, recuperadas por um conjunto de imagens e enunciados sobre a violência, a nordestinidade e a masculinidade, tem incidência sobre o presente, faz parte dele, produzindo subjetividades, servindo de modelos para práticas, produzindo um saber a respeito do ser homem e do ser mulher que participa das relações entre os gêneros, neste momento.

Embora, nitidamente, fale de uma violência que teria acabado, que teria ficado num tempo de coronéis e cangaceiros bárbaros, alguns folhetos, por exemplo, os que os leitores encontrarão aqui neste trabalho, deixam transparecer que a violência é uma componente das relações entre os gêneros em nossa região, ela própria definida

como uma região de homens de atitudes violentas, atitudes que expressariam a coragem, a valentia e a bravura de nossa “raça”.

Este discurso nos permite perceber que esta componente violenta das relações entre os gêneros vem se modificando historicamente, à medida que as relações sociais e de poder mudam, a medida que novos padrões de sociabilidade e sensibilidade se apresentam, o que parece tornar a figura do macho nordestino uma figura obsoleta, em crise de identidade, exatamente porque ela não é natural, mas historicamente construída e pode portanto ser desconstruída. Isso não significa sonhar com relações sociais, seja de gênero ou não, onde a violência não esteja presente, isso é impossível, pois ela faz parte da dinâmica social, é ela que as desagregações para o surgimento de novas configurações sociais.

Ao contrário do que se pensa, não é possível relações de poder sem violência, embora este tente exatamente coibi-la. È a potencia social que se exprime através dela e esta potência que não permite a centralização e monopólio da violência por alguns, o que nos levaria ao totalitarismo.

A violência é criativa desde que encarada como uma forma de comunicação, de evitar o monopólio da fala e da simbolização por uma minoria. È preciso lembrar o tempo inteiro para a sociedade que a violência existe, para com ela se poder lidar, não tentando escondê-la ou negá-la, porque, então, ela pode se tornar sanguinolenta.

Não se faz a história sem a violência, a violência do simulacro, do imaginário, do diferente, da desordem, do diabólico. Violência, não para afirmar a dominação, como parece ser o caso da presente no cordel, que reafirma o poder masculino e teme a potência do feminino, mesmo que não deixe, ambigualmente, de falar da potência masculina e da possibilidade de contestação a ordem.

Mas, a violência para contestá-la, para criá-la para além dela. Portanto, os próprios fenômenos que parecem negar a vida social, participam na verdade de sua estruturação. Tudo que parece estar além ou aquém de uma realidade ou que parece ameaçá-la, dela é agente de produção. E é neste instante que se encontram a história, o imaginário e a violência. Podemos acompanhar como é no cruzamento destes elementos que se estruturam as relações de gênero e as identidades regionais no Nordeste.

A utilização da Literatura de Cordel se mostra indispensável quando se quer apreender uma visão popular sobre as temáticas que envolvem a Região Nordeste e seus habitantes, assim como também, qualquer tema que se refira ao Brasil.

O folheto é acima de tudo produto de uma memória individual e coletiva, tendo sempre uma relação com o sublunar, pois para ser bem aceito pela comunidade ele deve ter pelo menos aparência de realidade, sendo quase sempre fruto do que o poeta viu e ouviu no seu dia a dia. Torna-se, no entanto, de validade maior para um texto que está preocupado em mapear e demonstrar as formas populares de significar e elaborar discursivamente o mundo, elaborar realidades, superando qualquer dicotomia entre fato, fantasia ou ficção.⁸

Dentre as expressões da cultura produzidas pelas classes populares, optamos por estudar a figura do nordestino na literatura de cordel, ou seja, em folhetos impressos e expostos á venda pendurados num barbante (cordel), nas feiras e nos mercados populares, no entanto, também disponíveis em redes on-line de internet, em “sítios” próprios de diversos autores, além da presença nos grandes centros urbanos, realidade já há bastante tempo reconhecido por todos, seja da universidade os pesquisadores, seja do meio comum os diletantes.

⁸ Ver CHARTIER, Roger. *Textos e Edições: literatura de cordel*. IN: A História Cultural, São Paulo: DIFEL, 1990, PP.165-189.

No entanto, tanto quanto importante, e, sem nenhuma ordem hierárquica de importância, utilizamos outras fontes, desde a literatura regionalista aos romances e memórias regionalistas e de famílias tradicionais dessa região, além, obviamente, de artigos, anúncios e materiais escritos produzidos em diversos jornais da época em que escolhemos trabalhar. São eles, assim como a literatura de cordel, fontes de pesquisa histórica que serviram a este texto com igual importância.

Este trabalho além da “Introdução” contém mais três capítulos até alcançar os “encaminhamentos finais”.

1.0. INTRODUÇÃO: Entre a prática dos lugares os espaços praticados da nordestinidade e da masculinidade;

2.0. Entre o “fogo morto” e os “limites do mando”: os limites do mundo masculino no Nordeste entram em crise;

3.0. Entre a crise da masculinidade no Nordeste: histórias no barbante de violência e masculinidade em relação aos espaços e ao feminino;

4.0. Entre um passado patriarcal e uma sociedade matriarcal, efeminada: a tradição configurada em crise da masculinidade nordestina por um fio;

5.0. CONCLUSÃO: Entre nós e os outros, há tantos de nós nos outros como dos outros em nós: em nome da nordestinidade em migalhas;

A “Introdução” é uma “apresentação”, um caminho que buscou alcançar e demonstrar nas páginas seguintes explicando antes, como se fosse uma “receita”, a noção de região como um ingrediente da historiografia brasileira ou o regionalismo como modo de preparo historiográfico.

No entanto, a principal questão que se pretendeu explicar ou responder aqui foi saber o que é ser homem no Nordeste? Com quais facetas a masculinidade se apresenta no Nordeste? Ela possuiu e possui muitas formas? Quais?

Tem que se levar em conta que para dar conta desta questão, antes é preciso pensar o “homem” e a “região” deste espaço escolhido para o trabalho e para a pesquisa, como emergentes num dado momento e num dado espaço que se configurou, ao longo do século XX, como um espaço de saber e objeto de poder.

Daí surgir mais uma questão: Como se configurou as relações sociais, de gêneros e de masculinidades dentro desta relação que considerava o espaço como construção histórica do saber(s) e como objeto de poder? Por que emergiu, nesse momento, essa figura e o por que de sua elaboração como uma figura masculina? Acreditamos que a resposta apontará uma história das sensibilidades e dos sentimentos como veremos...

Tem que se considerar ainda, que a prática dos lugares e os espaços praticados da nordestinidade e da masculinidade estiveram presentes de forma concomitante a uma história das sensibilidades em relação aos espaços na crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste no começo do século XX (1940/1980).

Neste sentido outra questão alimentou este texto: Como se estabelecia e conviveram os habitantes do espaço regional chamado nordestino e suas práticas culturais aí em busca de preservação com a tradição dos “bons costumes” ameaçada pelo nivelamento social de gêneros que emergia concomitante a crise de masculinidade que demonstrava com o aparecimento do nordestino como uma identidade regional e sexual?

Como se produziu historicamente essa figura e se ela tem hoje extrema importância ou não nos embates políticos e regionais no Brasil? Talvez o entendimento aqui apontado nos capítulos seguintes de que a transição de um espaço “patriarcal” para

um espaço “matriarcal” seja o melhor entendimento e encaminhamento para esta questão.

O segundo capítulo “Entre o ‘fogo morto’ e os ‘limites do mando’: os limites do mundo masculino no Nordeste entram em crise”, tem como intenção maior começar as “demonstrações” da ordem do sensível e do sentimento dos habitantes do Nordeste em relação aos seus lugares e espaços. Nele aparecerão os limites e a crise da masculinidade que esteve atravessada por mudanças nas relações de mando, mas também na sensibilidade que trazia a tona o presente que já se diferenciava de um passado saudosista e feliz que era para os construtores dos espaços da nordestinidade, dentro ou fora de sua região.

O terceiro capítulo “Entre a crise da masculinidade no Nordeste: histórias no barbante de violência e masculinidade em relação aos espaços e ao feminino”, procurou trazer a tona a idéia de que a “violência” encontra e tem legitimidade social, é inerente ao individuo e a sociedade, por exemplo, o nordestino seria fruto de uma história e uma sociedade violentas e teria como uma de suas mais destacadas características subjetivas a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações. Este capítulo traz em si a construção da violência nas diversas narrativas em diversas fontes aqui utilizadas para, concomitante ao ato de demonstração das violências sociais, de gêneros e masculinos, questioná-la para além de sua apresentação e legitimidade.

“Entre um passado patriarcal e uma sociedade matriarcal, efeminada: a tradição configurada em crise da masculinidade nordestina por um fio”, que inicia nosso último capítulo vem caracterizando a horizontalização social ou nivelamento dos gêneros através de uma “tradição” de intencionar preservar determinado modelo de ser homem na região como estereótipo da nordestinidade. Este capítulo existe para (re)

forçar a idéia de que “a tradição esteve por um fio”, ameaçada pela crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste no começo do século XX.

A “conclusão” a que chegamos? Qualquer conclusão que quiséssemos alcançar deveria passar obrigatoriamente, pelo tipo de história que nos propomos a narrar, a construir, a tramar, a enredar aqui ao longo destas poucas páginas, ou seja, está atravessada pela idéia de pontos multidirecionais ou trajetórias culturais diversas ou ainda, pela multiplicidade de rostos nordestinos.

Em outras palavras, “Entre nós e os outros, há tantos de nós nos outros como dos outros em nós: em nome da nordestinidade em migalhas”, espero a implosão e explosão do Nordeste e do nordestino, em defesa e na busca de deslegitimar a tradição, de detonar o passado para “complicar” a região, investindo-a a partir de novos olhares e de novas potencialidades.

Como diz Durval: *Se o Nordeste foi inventado para ser este espaço de barragem da mudança, da modernidade, é preciso destruí-lo para poder dar lugar a novas espacialidades de poder e de saber*⁹, recriá-lo diferentemente, livre de pesadas heranças do passado, sem estigmas, sem preconceitos, por si só, vendo os outros em nós e vice-versa, sabendo lidar e conviver mais com as diferenças do que com as hipocrisias.

⁹ Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ed.- Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, :2001:17.

Capítulo I - Entre o “fogo morto” e os “limites do mando”: os limites do mundo masculino no Nordeste entra em crise.

A obra literária de José Lins do Rêgo já tem sido suficientemente utilizada por historiadores e cientistas sociais para abordar o que teria sido o processo de declínio e decadência da produção açucareira nordestina no começo do século XX, com a substituição progressiva dos engenhos bangüês pelas usinas, e as conseqüentes mudanças nas relações sociais e de poder que teriam levado ao declínio de um patriarcado rural e de uma forma de vida rural que progressivamente ia sendo substituída por padrões urbanos de sociabilidade e sensibilidade.

Apontada como a expressão literária deste processo de decadência de uma classe social e de uma região que se viam submetidas às novas condições sociais e históricas que emergiam com o desenvolvimento da sociedade capitalista e burguesa no Brasil, a obra de José Lins, no entanto, apresenta outras facetas que ainda não foram suficientemente abordadas pelos estudos acadêmicos.

Neste texto tomarei a obra literária de José Lins do Rêgo, mais particularmente o seu livro *Fogo Morto*¹⁰, publicado pela primeira vez em 1943, como um discurso masculino que aborda, a partir do ponto de vista dos homens, o que me parece ser a crise de formas e padrões de masculinidade, que predominaram na

¹⁰ A utilização de livros tidos como literatura regionalista no seu formato de romance clássico e a utilização também de memórias regionalistas concomitantes a utilização da Literatura de Cordel, ambos como fonte de pesquisa em história, e, voltados para esta tese, explica-se pelo fato de que desejei, por comparação, apresentar e discutir que os mesmos elementos constitutivos das diversas relações sociais, de gênero e de violência concomitante a crise dos padrões tradicionais de masculinidade em crise, partilhavam os mesmos espaços e práticas entre uma região e seus habitantes, entre o Nordeste e o nordestino. Relações espaciais marcadas pela pessoalidade, pelo paternalismo, pelo poder discricionário, assim como também, pelos espaços anônimos, sem marcas, sem tradição, sem conservação e em crise. As relações entre o passado e o presente que produziram identidade, identidades. Por isso, ao visar a investigação do universo das relações espaciais de gêneros e simbólico do que é ser homem no Nordeste, achei por bem, utilizar diversas fontes como, por exemplo, as que utilizo aqui neste texto para demonstrar uma história do gênero masculino nesta região marcado por uma crise dos padrões tradicionais de masculinidade do começo do século XX.

sociedade escravista e que estavam sendo questionados pelas novas relações sociais que vinham se estabelecendo desde o final do século XIX e com maior intensidade nas primeiras décadas deste século.

Este romance é composto pela história de três homens de condições sociais distintas: José Amaro, artesão de artefatos de couro, vivendo de favor há muitos anos nas terras do engenho Santa Fé, homem que preza substancialmente sua autonomia, orgulha-se de nunca ter trabalhado para senhor de engenho nenhum, a não ser de livre e espontânea vontade; o coronel Lula de Holanda, bacharel citadino, casado com uma filha de senhor de engenho, que não demonstra nenhuma habilidade no trato com os escravos e com os trabalhadores livres após a abolição, que vê lentamente sua condição de aristocrata do açúcar ser destruída pelas mudanças econômicas e sociais em curso, e Vitorino Carneiro da Cunha, o Papa Rabo, filho de família que dominou a política e a economia da Paraíba no período do Império, mas que já pertence a uma parcela empobrecida da família, que, por este fato, parece ser o personagem que transita entre os dois grupos sociais distintos representados por José Amaro e Lula de Holanda, relacionando-se tanto com a elite como com os pobres, pensando em fazer deste fato a possibilidade de ascensão política, de resgate da posição social perdida.

O romance *Fogo Morto* me parece uma excelente fonte para tratar não só da crise dos modelos de masculinidade que predominou na sociedade escravista, sociedade que Gilberto Freyre chamou de patriarcal, mas também para refletir como um autor, como um homem, um bacharel, um intelectual refletia, vivia, via e dizia este processo de mutação na forma de ser homem.

O que os estudos acadêmicos parecem ter negligenciado até hoje, ao tratar a obra de José Lins, é o fato de que este autor é um homem que reflete sobre este processo de mutação histórica com um olhar masculino.

Há uma clara marca de gênero nos escritos de José Lins. Sua obra literária é a narrativa não apenas do declínio social e econômico da aristocracia tradicional dos engenhos, mas é o canto do cisne de formas de ser homem que estavam se tornando cada vez mais inadequadas à nova ordem social, ela fala de modelos de masculinidade que já não podiam mais ser atualizados pelos sujeitos, neste novo contexto social.

O discurso de José Lins é o discurso de um homem que vive com muita angústia a desterritorialização subjetiva dos homens, ao longo do século vinte. Ele próprio é um sujeito masculino que vive com muita angústia e sofrimento o fato de que já não se pode ser homem como antigamente, como fora seu avô.

José Paulino, na obra de José Lins, não é apenas um modelo de senhor de engenho, de coronel que não pode mais ser atualizado, é também um modelo de ser homem que o tempo tornou obsoleto.

A meu ver a obra de José Lins, ao abordar “a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com suas inúmeras tragédias e misérias humanas”¹¹, tem como tema central, o que não foi ainda abordado com a ênfase merecida, as mudanças nas relações familiares, nas relações gênero, vistas preferencialmente a partir do olhar masculino.

Abordada até hoje mais como um discurso que fala de mudanças econômicas, políticas, sociais ou mesmo de valores, pouco se tem atentado para o fato de que a obra de Lins é um discurso sobre homens em crise, impossibilitados de continuarem reproduzindo determinados padrões de comportamento, determinados valores, hábitos, costumes, relações.

É o discurso sobre a crise de uma forma hegemônica de ser pai, de ser marido, de ser filho, de ser homem, de ser macho que estavam ficando impossibilitada

¹¹ CARPEAUX, Otto Maria, O brasileiríssimo José Lins do Rêgo. In: *Fogo Morto* (Prefácio), 6 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1965, p. XV.

pelo desenvolvimento e progressiva hegemonia de padrões urbanos de sociabilidade e pelas mutações nas relações de gênero trazidas pela sociedade moderna.

Fogo Morto fala de homens em crise, homens que parecem não entender as mudanças que estão ocorrendo em suas vidas e na sociedade que os rodeia. Homens para quem o mundo parece cada vez mais estranho, onde todos parecem estar contra eles, mundo sentido como se fossem grades de ferro que parecem encurtar cada vez mais o espaço que era deles anteriormente.

Mundo tão ameaçador que o desejo predominante em todos os personagens masculinos é dele fugir, dele se esconder, se isolar. A solidão masculina parece ser o primeiro grande tema desta obra de José Lins, nela você se vê diante de personagens que não conseguem entender o que há de diferente com eles, porque a linguagem que dominam parece já não ser entendida pelos que estão à sua volta.

Homens que buscam se fazer entender, transmitir os seus desejos, simular com eles territórios existenciais para habitarem, mas que só encontram como resposta a incompreensão.

Homens cada vez mais ensimesmados, calados, remoendo internamente suas dores, angústias, dúvidas, incertezas. Homens que não se comunicam mais, que se tornam cada vez mais mudos e secos porque já não dominam os códigos deste mundo que os rodeia.

As verdades e certezas que ordenavam suas vidas parecem já não ser partilhadas por suas mulheres, por seus filhos, por aqueles que são de uma condição social igual ou diferente da sua. O mundo parece estar em desordem, os conceitos que antes serviam para se orientar no mundo, entendê-lo e explicá-lo parecem todos inadequados agora:

...O mestre, então teve vontade de falar com a família, de abrir-se com os seus, de sentir um agrado da sua filha. Era raro aquilo que sentia naquele instante. Era duro demais, era como um cardeiro cheio de espinhos.

Lula era como se não soubesse das dificuldades por que passavam. Só ela tinha os olhos para ver o Santa Fé como estava, na petição de miséria em que vivia. Lula, naquela devoção, no seu rezar, era como um homem de outro mundo, fora de tudo que fosse da terra, indiferente ao seu tempo...Todos em sua casa pareciam de um mundo que não era o seu.

Quando lhe vinham falar das brigas do Pilar, das eleições disputadas, falava de Nunes Machado, do pai morto como um bandido. Tudo o que queria era viver só, sem visitas, sem festas, com seu engenho dando o que lhe desse.

O Capitão Tomás dera também para andar sozinho pela várzea, subir os altos sem um destino certo. Não olhava para coisa nenhuma. Andava, andava, e horas depois voltava para a rede e lá permanecia, sem dar uma palavra. Era mais uma sombra que uma criatura.¹²

Os personagens masculinos de *Fogo Morto* vivem trajetórias semelhantes, marcadas pelo crescente desmoronar de suas relações seja com os amigos, com os parentes, com os filhos e, principalmente, com as mulheres. Homens cada vez mais sós, que não podem mais ser como já teriam sido, seja socialmente, dado o declínio social que atinge alguns deles, seja pessoalmente, à medida em que vêem suas famílias desmoronarem, seu poder de pai, marido, sogro, chefe, patrão cada vez mais ser contestado, desafiado, diminuído.

O segundo grande tema deste romance é a crescente impotência masculina, seja socialmente, seja fisicamente. Homens que vêem seu poder solapado, afrontado, desrespeitado. Homens desfeiteados, que vêem sua identidade de macho se desmanchar lentamente.

Homens que se tornam sombras do que eram, que perambulam como simulacros e fantasmas pela casa, pelo engenho, pelas estradas. Homens a quem ninguém mais respeita, nem os pobres, nem os negros, nem as crianças, nem as mulheres.

¹² RÊGO, José Lins do, *Fogo Morto*, pp. 25, 161, 167 e 197.

Homens que vivem da aparência, que tentam através da retórica inflamada, das constantes afirmações verbais da masculinidade, de sua macheza, compensar a clara decadência e impotência, tornando-se como Vitorino Carneiro da Cunha um simulacro grotesco dos antigos coronéis, chefes de clã e machos que povoavam a sociedade do engenho:

Há uma semana que tinha sido posto para fora de sua casa pelo senhor de engenho. A mulher fora passar uns dias na casa do compadre Vitorino. E nunca em sua vida se vira tão só, tão separado do mundo. Se não fosse o negro Passarinho que estava dormindo em sua casa, não teria com quem trocar uma palavra...Na rede, deitado, sem coragem de botar os pés fora de casa, era como se estivesse numa cadeia, preso, domado por um poder que não venceria. Se saísse de casa veria os meninos correndo, as mulheres fechando as portas, com medo de sua cara. Era ali que sua mágoa mais o feria. Sabia que Sinhá não queria mais vê-lo. Aquilo de ir passar dias na casa da comadre era desculpa, vontade de viver separada de um marido que odiava. Toda a razão estava com ele. Não tinha razão a sua mulher, não tinha razão o senhor de engenho. Todos eram contra ele. Aqueles meninos, aquelas mulheres, aquele Coronel Lula, todos do mundo que o cercava eram grades de ferro que o prendiam, que faziam de um homem trabalhador como ele um monstro, um perigo, um criminoso.¹³

Homens como José Amaro, que vive em busca de respeito, que, embora pobre, não quer ser tratado como um traste sente necessidade de insistentemente afirmar que é gente, que não leva grito de ninguém, embora lamente com tristeza que seu ofício esteja cada vez mais desvalorizado, as selas e arreios feitos nas cidades vinham substituindo seu artesanato de beira de estrada de engenho.

Seu trabalho, que era um elemento fundamental na elaboração de sua identidade de sujeito masculino, de homem pobre, mas livre, autônomo, branco e orgulhoso, vinha desmoronando, agora já tinha que trabalhar para camumbembe, já ia longe o dia em que era disputado pelos senhores de engenho para cuidar dos arreios dos animais de carga do engenho ou dos seus cavalos de estimação:

¹³ REGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 207.

_Pois fique sabendo. Se fosse para você, dava de graça. Para ele nem a peso de libra. É o que digo a todo mundo. Não agüento grito. Mestre José Amaro é pobre, é atrasado, é um lambe-sola, mas grito não leva.

O mestre cortava material para os arreios do tangerino do Gurinhém. Estava trabalhando para camumbembes. Era o que mais lhe doía. O pai fizera sela para o Imperador montar. E ele ali naquela beira de estrada, fazendo rédea para um sujeito desconhecido.¹⁴

No romance de José Lins, José Amaro representa o homem do povo, o homem pobre livre que vivia nas fímbrias da sociedade escravista, mantendo relações de dependência, respeito, admiração e, por vezes, rebeldia em relação aos grandes proprietários de terra. Artesão, José Amaro faz questão de se dizer branco e destila um acentuado preconceito em relação aos negros, de quem necessita claramente se diferenciar. Pobre, sim, mas não negro, um preconceito de cor que traduz também uma rejeição ao lugar social ocupado pelo negro, seja de escravo, seja de “cabra da bagaceira”.

A submissão social destes homens livres pobres parecia ser compensada pela relativa autonomia de que gozavam, seja nas suas atividades econômicas, seja nas suas relações sociais.

Embora dependessem da e obedecessem à orientação do proprietário da terra em que eventualmente moravam, podiam migrar para outras terras em caso de conflito e se apadrinharem de outros poderosos, o que significava esta relativa autonomia. José Amaro, no entanto, parece ser um signo da própria dissolução deste lugar do homem livre pobre na antiga sociedade escravista.

Embora orgulhoso de seu ofício, via este ser substituído pela manufatura urbana. Alegando ser um cidadão e votar em quem bem entendesse, sem obedecer a

¹⁴ RÊGO, José Lins, *Op. Cit.*, p. 9.

nenhum mandão, termina por descobrir dolorosamente quanto curta era sua autonomia ao ser despejado da propriedade em que morava há décadas:

_ Não estou caducando. O que eu digo, para quem quiser ouvir, é que em mim ninguém manda. Não falo mal de ninguém, não me meto com a vida de ninguém. Sou da minha casa, da minha família, trabalho para quem quiser, não sou cabra de bagaceira de ninguém.

_ Não estou ofendendo. Eu digo aqui, todos os dias para quem quiser ouvir: mestre José Amaro não é um pau-mandado. Agora mesmo passou por aqui um carreiro do Coronel José Paulino. Pergunte a ele o que foi que lhe disse. Não aceito encomenda daquele velho gritador. Não sou cabra de bagaceira, faço o que quero. O velho meu pai tinha o mesmo calibre. Não precisava andar cheirando o rabo de ninguém.

_ Não estou zangado, estou dizendo a verdade. Sou um oficial que não me entrego aos mandões. Quando agente fala estas coisas vem logo um pobre como você dizendo que eu estou zangado. Zangado por quê? Porque digo a verdade? Sou eleitor, dou o meu voto a quem quero.¹⁵

José Amaro, assim como Vitorino, procuram compensar sua fragilidade, sua impotência, com uma agressividade no falar e no se comportar que só os tornam mais solitários, incompreendidos, quando não ridículos e risíveis. José Lins fala em *Fogo Morto* de homens cujos desejos parecem já não encontrar possibilidade de se realizar, que já não dispõem de formas de expressão que possam fazê-los se tornarem territórios existenciais.

Homens que, nas atitudes de desprezo pelo mundo que os cerca, pelas pessoas que os rodeiam, veiculam sua inadequação às novas relações sociais que iam se estabelecendo, relações de poder onde já não ocupavam mais o lugar de antes, relações onde o saber ser homem que haviam aprendido parecia não mais servir. Parecia que o mundo, antes hierarquicamente ordenado, estava em total desordem.

Os negros saídos da escravidão já respondiam aos brancos, já adotavam posturas que pressupunham ser iguais às dos brancos, os poderosos de antes, os coronéis

¹⁵ RÊGO, José Lins, *Op. Cit.*, p. 11.

agora morriam de medo de um cangaceiro que parecia dar ordens a todos, os senhores de engenho, antes tão ciosos de seu orgulho de casta, que não obedeciam a governo e faziam em seus domínios o que queriam, agora se viam desfeiteados por delegados, juízes e soldados de polícia e, mudança mais sentida, as mulheres pareciam não mais se conformar com o lugar que havia sido definido para elas, agora já vinham até à sala falar alto e se meter nas conversas de homens, já respondiam aos maridos, muitas vezes devotando verdadeiro ódio em relação a eles.

Já existiam até mulheres que não queriam se casar e que eram responsáveis pelo sustento da família. Tudo estava de pernas para o ar, as hierarquias vistas como naturais estavam sendo solapadas.

Na casa de José Amaro, Sinhá tinha a língua solta, casara-se para não ficar no caritó, mas não devotava nenhum amor ao marido, sempre lhe respondia e não concordava com suas idéias. Foi odiando cada vez mais o marido, dele se desligando até abandoná-lo à medida em que este não compreendia o sofrimento da única filha que tinham.

Moça estranha, que chorava por qualquer coisa, triste, sem vontade de se casar. Não ter tido um filho homem que pudesse continuar o seu ofício ou reproduzir o modelo de masculinidade que representava, faz de José Amaro um homem triste e magoado, que culpa constantemente a mulher por não ter lhe dado o filho varão que tanto almejava.

Sua incapacidade de compreender o feminino faz de José Amaro alguém que vive com medo de um complô das mulheres, estas parecem sempre estar tramando contra o seu poder. Irrita-se com as longas conversas sussurradas que sua mulher mantém com a filha ou com a comadre Adriana, quando esta vem visitá-los. O mesmo acontece com Lula de Holanda ao ouvir D. Amélia orando por sua filha com a ajuda de

duas negras. As mulheres aparecem para estes homens como seres estranhos, perigosos, de quem se deve esperar a qualquer momento uma traição, por isso não podem ser tratadas com delicadeza, com elas se deve estar sempre alerta. A mulher é ameaça constante ao poder dos homens:

O mestre José Amaro deixou o Coronel Lula, e a mulher, que atravessava pela sua frente com um feixe de lenha nas costas, tomou conta dele, outra vez. Quis falar com ela, mas parou no meio da palavra que lhe saíra da boca, e para corrigir-se bateu com mais força na sola que trabalhava. Era a sua mulher Sinhá e não podia esconder o seu ódio por ela. Agora via a filha sair de casa com uma panela na cabeça, caminhando para o chiqueiro dos porcos. Era de fato sua filha, mas qualquer coisa havia nela que era contra ele.

Seu Lula voltou para o quarto dos santos. Lá encontrou Amélia tirando o terço. Havia velas acesas no oratório. O que Amélia, naquele instante, pediria a Deus? Ficou parado sem saber se devia ajoelhar-se ou voltar para a sala de visita. Ouvia bem o Padre-Nosso, na voz de sua mulher, a Ave-Maria, o tom triste, magoado como Amélia puxava as orações para as duas negras responderem. Quis ficar ali, mais uma coisa secreta lhe dizia que tudo aquilo era contra ele. A mulher rezaria para que Deus não lhe desse força para defender a sua filha do casamento ruim. Era que todos de casa se voltavam para destruir o seu poder...¹⁶

José Amaro teme e se irrita com a solidariedade das mulheres e revida com a violência.

Numa das surras que aplica em sua filha esta enlouquece, aumentando sua angústia e levando ao extremo sua incapacidade de demonstrar afeto. Esta parece ser a terceira temática central em *Fogo Morto* e uma característica nuclear do masculino, a incapacidade de comunicar afeto, de usar da linguagem do amor.

Os homens são secos e embrutecidos, por isso mesmo apartados do mundo das mulheres. José Lins parece tratar aqui de uma das mais doloridas características do ser masculino nesta sociedade tradicional, a de não poder expressar sentimento, a dor

¹⁶ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 16 e 189.

masculina é vivida em silêncio, os afetos não acontecem, o choro é algo que se deve esconder.

Com a diminuição da capacidade de afetar outros corpos, estes corpos masculinos parecem perder o encanto, se enrijecer até a petrificação e a ruína, homens que despencam, que se quebram como galhos secos:

E o mestre, de cabeça baixa, ficara no ofício. Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. Aquele Laurentino sairia falando da casa dele. Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta. Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola. A filha continuava chorando como se fosse uma menina. O que era que tinha aquela moça de trinta anos? Porque chorava, sem que lhe batessem? Bem que podia ter um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse um homem macho, de sangue quente, de força no braço.¹⁷

O feminino representa este limite de poder do masculino que incomoda José Amaro queria um mundo dito no masculino, não entendia estes seres estranhos e perigosos que eram as mulheres, chorando por tudo, insatisfeitos com aquilo que para ele parecia o mais desejável.

O fato de ter apenas uma filha e não um filho parece ser mais um indício de que o mundo destes homens estava em declínio, não haveria um macho para sucedê-los e atualizar os códigos de masculinidade que encarnavam. O coronel Lula de Holanda padecia do mesmo destino, além de ser casado com uma filha de um senhor de engenho que não tivera herdeiro varão, também era pai de uma menina, por quem nutria grande paixão, atormentado de ciúme com medo que esta caísse nos braços de qualquer homem, terminando por levá-la à morte.

¹⁷ RÊGO, José Lins, *Op. Cit.*, pp. 8-9.

As mulheres que demarcavam as fronteiras do masculino pareciam estar fazendo o mundo se deslocar de seus eixos tornando os limites de gênero cada vez mais confusos. O mundo moderno parecia significar a feminização do social, elas pareciam vir assumindo as rédeas de um mundo em que os homens parecem cada vez menos aptos para controlá-lo.

Vitorino Carneiro da Cunha, embora arrote permanentemente sua macheza, não passa de um homem infantilizado de quem a esposa, Adriana, toma conta, como se cuida de um menino. “Mulher teimosa, de vontade, de opinião”¹⁸, vive percorrendo os engenhos castrando frangos para poder sustentar a casa enquanto Vitorino perambula pelas estradas em sua besta estropiada dizendo que está resolvendo grandes negócios, enfrentando grandes causas e lutando para uma reviravolta política no município que colocasse abaixo o poder de seu primo José Amaro, coronel que, ao contrário dele, parece ter se adaptado aos novos tempos, aceito os limites que as novas relações de poder lhe impunha, aliando-se às novas forças sociais emergentes, como os usineiros, banqueiros, comerciantes, etc.

Vitorino sonha em restaurar o poder discricionário e sem peias dos antigos senhores que não respeitavam governo, mas que não deixavam um pobre sem proteção. José Lins fala de uma mutação histórica nas relações entre os gêneros neste momento de transição entre uma sociedade agrária e escravocrata para uma sociedade urbana e industrial, moderna. A partir do olhar masculino, ele fala do estranhamento e da dor com que os homens vêem seus lugares de poder serem ocupados pelas mulheres.

José Lins fala de uma geração de homens fracos, homens urbanizados, bacharéis que são incapazes de atualizar os códigos tradicionais da masculinidade. Lula de Holanda é o símbolo deste processo, homem cidadão, filho de um comerciante herói

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 20.

da Confederação do Equador, homem de modos requintados, homem muito diferente daqueles rústicos e embrutecidos dos engenhos, homem que aprecia a música e trata sua esposa com muito afeto, mas um homem que oscila, no trato com os subordinados, da crueldade à completa incapacidade de comandar.

Homem túbio, desinteressado das coisas da terra, homem que não possui o traço mais importante no perfil dos homens da sociedade escravista, ou seja, não sabe ser obedecido, dar ordens, mandar, por isso deixa o seu engenho ir à ruína:

A princípio o capitão estranhou o jeito caladão do primo. Ficava o rapaz naquela rede do alpendre horas inteiras, lendo jornais velhos, virando folhas de livros. Não era capaz de pegar um cavalo e sair de campo afora para ver um partido. Em todo caso tomou por acanhamento. Sem dúvida que não achava que fosse direito estar a se meter na direção do engenho. Mandasse o sogro. O velho, porém, quis por o genro à vontade, e um dia faloulhe. Dava-lhe o partido de cima para que tomasse conta. Ele ali seria como filho, teria toda a força de mando. O rapaz ouviu calado as palavras do capitão e deu para sair pela manhã para olhar os serviços. Os negros se espantavam com aquele senhor de olhar abstrato, vestido como gente da cidade, sempre de gravata, olhando para as coisas como uma visita. O capitão não se satisfazia com a orientação do genro. Negro precisava de senhor de olhos abertos, de mãos duras. O genro pareceu-lhe uma leseira....

A filha se angustiava com a desconfiança do pai. De fato, o marido não parecia homem, como era sua gente. Era alheio à vida que o cercava...¹⁹

Este é um tema recorrente nas obras de José Lins, ou seja, a decadência dos engenhos é constantemente atribuída a uma incapacidade das novas gerações de filhos de proprietários rurais, que estudaram nas cidades, que se tornaram bacharéis, em administrar com sucesso a herança deixada por seus pais. É com espanto e escândalo que se vê mulheres como Dona Mariquinha, no caso da Santa Fé, terem que se tornar o homem da família, tendo mais iniciativa e expediente que os varões da casa:

¹⁹ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 146-147.

Via que o genro não seria o homem para botar as coisas para a frente. Então dona Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens em seu engenho. Custara-lhe muito tomar aquela decisão. Era urgente. Ela bem vira no decorrer da safra que o genro não acudia as necessidades do engenho. Ela vira o caso do mestre de açúcar Nicolau, um negro de primeira ordem, que o Lula mandara surrar sem necessidade. Não gostava de ver negro apanhar assim, por qualquer coisa...E assim tudo começou a depender das ordens de D. Mariquinha. Era a senhora de engenho que vendia o açúcar aos cargueiros de Itabaiana. Às vezes pedia o genro para tratar de negócios no Pilar. E de lá saía ele de cabriolé, enchendo o mundo com o toque das campainhas. Agora D. Mariquinha pouco saía para as missas do Pilar. Ali em casa olhava para tudo, ordenava tudo. Os negros vinham lhe tomar a bênção de manhã e de noite, o feitor chegava-se para pedir ordens.²⁰

Salta desta citação a forma como José Lins idealiza as relações sociais. Ele sonha com um mundo muito próximo daquele descrito por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, uma sociedade marcada por relações personalizadas, onde o afeto atravessa todas as relações sociais.

Uma sociedade hierárquica, mas onde as diferenças de classe, de raça, de faixa etária, de gênero seriam mediadas por relações paternalistas, ou seja, relações onde aquele que ocupa o lugar dominante na relação mantém laços de reciprocidade com aqueles que ocupam o lugar do dominado, ou seja, cada um reconheceria o seu lugar, mas saberia que a manutenção deste implica em direitos e obrigações para com o outro.

Em *Fogo Morto*, Vitorino é o personagem que insistentemente lamenta a dissolução desta ordem paternalista. Ele se incomoda com a emergência de uma sociedade onde o dinheiro se torna mais importante que o nome, a tradição, o sangue. Em que o dinheiro compra a honra dos homens, faz estes se rebaixarem, se venderem. Uma sociedade onde a antiga autoridade tradicional, o mando senhorial vinha sendo substituído pelo Estado.

²⁰ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 157-158.

Os agentes do governo - o delegado, o juiz, a polícia, o cobrador de impostos - já não respeitavam senhor de engenho como antigamente. Estas funções, que estiveram durante muito tempo nas mãos dos próprios coronéis, iam sendo substituídas pelo governo.

O processo de governamentalização do Estado é sentido por Vitorino como desfeita, como desrespeito às antigas autoridades e só possível pela não existência de homens como ele, de calibre, de sangue no olho, não se deixando mandar por ninguém.

Tanto Vitorino como José Amaro lamentam o desaparecimento progressivo do apadrinhamento, do paternalismo, da proteção que os fortes davam aos fracos. A admiração que José Amaro sente por Antônio Silvino nasce do fato de que, para ele, Silvino era o vingador deste descompromisso dos grandes com os pequenos.

Silvino assumia este lugar não mais ocupado pelos coronéis. Silvino obrigava os rapazes que desvirginavam as donzelas a casar, retirava pobres da cadeia, protegia os mais fracos, tirava dos ricos e dava aos mais necessitados. Silvino incorporava a figura dos coronéis que estavam desaparecendo. Vitorino assume também este mesmo lugar do protetor ao tomar a causa de José Amaro para si.

José Amaro, que agora só acreditava na proteção de Silvino, o único homem de verdade que havia naquelas paragens, se vê defendido por Vitorino, que afronta o capitão Lula em defesa de sua não saída da terra, terra em que morava há muito tempo de favor, sem nada pagar. Homem que a princípio desprezava, José Amaro vai ver em Vitorino a sombra pálida do que foram os antigos chefes e patriarcas rurais. Ao mesmo tempo, vai cobrar de Lula de Holanda a proteção que Seu Tomás, antigo dono do engenho, dera ao seu pai. Vê na distância com que este trata seus subalternos um traço de soberba e a falta do trato pessoalizado e afetivo do antigo senhor. As relações sociais

tornam-se cada vez mais pragmáticas, frias, distanciadas, atravessadas pelo dinheiro e pelo interesse. É a sociedade burguesa que espalha seus tentáculos por este mundo rural:

_ Meu pai não pagava. Estamos nesta terra desde a vida do sogro do Coronel. Aqui fico. O Coronel Lula nunca me falou nisto. E eu lhe digo: não é mau homem. Eu não me acostumo é com a soberba dele. Para que tanta bondade, para que tanto luxo? A terra come agente mesmo...

...Você passa por aqui para contar grandeza da casa dele. Está muito enganado, não me bota água na boca.

_ Nada, mestre Zé, o senhor desconfia de tudo. Eu sei que o senhor não vai com o coronel, mas não é para chegar a este ponto.

_ É bom parar, Seu Laurentino; sou homem pobre, sou um oficial sem nada. E estou contente,²¹

Já Lula vê na desobediência de seu morador em abandonar a terra, também um sinal do fim dos tempos. Lula, o genro citadino, já não pauta suas atitudes por este código paternalista.

Embora anacronicamente imagine-se um grande aristocrata, é apenas um simulacro destes porque não consegue ter com os subalternos e com a família o mesmo tipo de relação que um “verdadeiro” senhor de engenho mantinha. Age com violência com os negros por pura crueldade, infundindo medo e rancor e não respeito e obediência. D. Mariquinha percebe que o genro colocaria o engenho a perder e se dispõe a ser uma senhora de engenho que distribui ordens, mas também distribui favores e agrados que são tomados pelos subordinados como prova de bondade e de grandeza.

Lula parece ser um burguês com sonhos de aristocrata, mas que não consegue se pautar por nenhum destes modelos de subjetividade, tornando-se um homem estranho para estes dois universos, um homem de transição entre dois modelos de masculinidade, um homem em transe, inadequado, que vive em fuga da realidade

²¹ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 15.

através do misticismo e da religiosidade. Casa estranha aquela, em que as mulheres davam ordens e não iam mais à missa do domingo e onde o senhor de engenho era carola, não perdia uma missa, fazendo intermináveis orações no quarto dos santos acompanhado de um negro que tinha cada vez maior ascendência sobre as vontades de seu patrão.

Lula não sabia destas coisas. Se não fossem suas galinhas, não teria recursos para, no inverno, mandar o boleeiro Macário fazer a feira no Pilar. O marido, se soubesse que ela vendia ovos para a Paraíba, a Neco Paca, daria o desespero. A sua criação lhe dava este auxílio. Sempre gostara de tomar conta de suas galinhas. E agora era delas que se servia.

Às segundas-feiras chegava ali o comprador e as dúzias de ovos lhe pagavam os quilos de carne verde da feira do Pilar. Nos tempos de seu pai a despensa vivia cheia. Mas nem pensava no passado. Tinha a sua vida difícil para viver. Pedira a Neco Paca para não falar a ninguém de seu negocio. Seria muito triste que soubessem, na várzea, que a senhora de engenho do Santa Fé sustentava a família com dinheiro de vendagem de ovos. Aquilo era muito bonito quando não havia necessidade dentro de casa, quando a senhora de engenho trabalhava como brinquedo como aquela D. Emília do Oiteiro, que ganhou um dinheirão vendendo cocada para os cassacos da estrada de ferro....Mas se soubessem que senhora do engenho do Santa Fé vendia ovos para sustentar a casa-grande, faria mangação...Um senhor de engenho sustentado pelo trabalho de sua mulher!²²

Outro traço marcante das três histórias que compõem *Fogo Morto* é, justamente, esta disposição das mulheres em continuarem fingindo que o poder ainda se encontra com os homens, mesmo que estes não possam levar mais as coisas à frente. Elas aparecem como sendo os únicos personagens que têm clareza sobre o processo de declínio social e econômico que está ocorrendo para a sua família.

São elas que assumem as responsabilidades pela manutenção da família neste momento de dificuldade, mas agem de forma a não deixar isto claro para os homens que delas cada vez mais dependem. Elas compactuam com a simulação de que as coisas não mudaram, elas encenam com estes homens uma vida de aparência que se

²² RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 198.

esboroa sempre que estes são afrontados de forma dura por situações que jogam por terra todo o seu teatro como: a expulsão da terra para José Amaro, a invasão da casa de Lula de Holanda pelo cangaceiro Antônio Silvino ou a prisão e a surra da polícia que sofre Vitorino:

_Comadre, o mestre José Amaro esteve aqui trabalhando no carro, e eu tive até medo de ir falar com ele. Me contou o moleque que lhe levava o tabuleiro, que ele disse o diabo do Coronel e do povo da casa-grande.

_ Qual, comadre, é tudo figuração. Ele fala assim de todo mundo. É um homem de muito falar. Quisera que meu marido Vitorino fosse como ele. Não estou me lastimando não. Vitorino é um homem de bom coração mais vive uma vida que dói na gente. Não tem jeito, não! É aquilo mesmo, quer chova quer faça sol.²³

José Lins nos faz pensar como as relações de gênero implicam que os sujeitos assumam determinados papéis e como estes são mutáveis neste jogo relacional que envolve o masculino e o feminino, estes são máscaras sociais, rostidades e corporeidades que se assume e que podem vir a ruir a qualquer momento, homens e mulheres jogam um jogo atravessado por astúcias e angústias.

Os homens de *Fogo Morto*²⁴ assumem máscaras rotas, puídas, que desabam diante dos percalços que enfrentam em suas vidas. As mulheres também participam, em solidariedade, desta mascarada, mesmo que tenham uma clara percepção de que estão apenas representando um papel para agradar seus homens, estas máscaras já não têm contornos de verdade para elas. Às vezes, até por pena, estas mulheres evitam tornar claro para seus homens que eles não passam de bufões, figuras grotescas, a simularem uma forma de ser masculino que não apresenta a menor correspondência com sua vida cotidiana, com suas práticas.

²³ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 35

²⁴ O romance regionalista de autoria de José Lins do Rêgo, no entanto, inserimos esta nota de roda pé, mas, no entanto, como uma metáfora, acreditamos que poderia esta nota não existir, e, sim, deixar que a frase “homens de fogo morto” se “confundisse” e trouxesse vários sentidos, inclusive, o de falarmos que é dos homens-personagens do romance regionalista de José Lins que estamos nos referindo.

Modelo e prática se distanciam tanto que mostram claramente as fissuras que os separam. O feminino seria o lugar de negação do masculino, da descoberta de seus limites, da revelação de suas encenações.

Os homens em *Fogo Morto* parecem ter uma necessidade constante de verbalizar que são machos, como se estivessem à procura de convencer aos outros e a si mesmos. Tornam-se mais opressivos e autoritários nas relações com os seus familiares quanto mais impotentes e submissos se encontram socialmente. Mostram-se agressivos e prepotentes com aqueles que julgam fracos e inferiores como uma forma de compensar o crescente enfraquecimento e declínio social.

Quanto mais se sentem infelizes, acuados pelas transformações que vêm ocorrendo na sociedade e nas relações de gênero, mais agressivos se tornam. A crescente perda de poder, de autoridade, de mando, a desonra, o rebaixamento são vividos por estes homens como se fosse o fim do convívio social, da civilização, pensada até então como naturalmente masculina. Talvez, por isso, apareça no discurso de *Fogo Morto* um discurso ambíguo em relação a um possível retorno a um estado de natureza, de animalidade.

Ora a natureza aparece como um refúgio para onde escapam estes homens que parecem não encontrar mais lugar na sociedade, ora como uma possibilidade ameaçadora para estes homens. José Amaro só encontra a paz quando deixa o clima asfixiante de sua casa, de sua família e dá longos passeios noturnos, onde ensaia uma simbiose com o meio, encontrando paz na contemplação da paisagem noturna, no seu encontro solitário com a natureza. Volta talvez a um paraíso perdido, onde ainda não existiam as mulheres e todas as exigências, responsabilidades, conflitos e dores que a existência destas significa. Mas, por outro lado, em suas perambulações noturnas José Amaro começa a ser nomeado de lobisomem, chegando um certo momento em que ele

próprio começa a se questionar se não está virando bicho, se não se instalou nele um devir-animal.

Sua procura por fugir das relações sociais e de gênero que se tornavam insuportavelmente opressivas e questionadoras de sua identidade masculina, pacientemente construída, o faz temer estar se tornando um monstro de quem todos fogem. Sua máscara masculina petrificada estava ficando monstruosa diante das mudanças de um mundo que ele não acompanhava, a modernidade o transformava num homem-bicho:

_Lá em cima chegou notícia de que está aparecendo lobisomem por aqui. Minha mãe até me disse: ‘Menina, volta cedo, toma cuidado com o escuro’. Este povo tem cada besteira...Também falam da caipora que pegou o sujeito na estrada, um tal de Pepé, caçador de lambu. Tudo mentira deste povo....

_E estão dizendo que é um tal de mestre José Amaro que deu para virar bicho.

É que está correndo que anda solto um lobisomem. Muita gente já viu o bicho. Viram o senhor nestes trajes, e correram com um medo danado. Mulher é bicho mofino mesmo. De longe da casa, voltou a ouvir outra vez o canto triste. E sem poder explicar, começou o mestre a pensar no lobisomem. Apalpou o rosto, olhou para as unhas. O que tinha ele para fazer medo às mulheres?...

_Está com medo de que?

_De nada Capitão Vitorino.

_Vocês todos pensam que sou bicho. Sou homem para ser respeitado. ...Quando o carro do Capitão Lula de Holanda passava, corria gente para ver o monstro, todo bem vestido, com a família cheia de luxo, que ia para a missa...²⁵

As demonstrações de valentia pessoal, de coragem, aparecem em *Fogo Morto* como um elemento que definia na sociedade do engenho o ser homem, o ser macho. No entanto, estas atitudes aparecem como obsoletas, fora do tempo e do lugar numa sociedade que se urbanizava, se “civilizava”, se modernizava. Aquelas atitudes

²⁵ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 63, 60, 18 e 168.

extremadas, que antes constituíam a fama e o nome de um homem, agora eram tomadas como indício de atraso, de animalidade, de rudeza.

Elas aparecem neste romance como ridículas, grotescas, como sendo apenas figuração, representação teatral que já não correspondia a uma realidade. A valentia transforma-se em violência, em prepotência, em ignorância. A defesa da honra com as próprias mãos, pela ação direta torna-se testemunho de desespero, o espremer de homens em declínio, que teimam em não aceitar o passar do tempo e as mudanças, que não percebiam que o mundo era outro:

Aí Seu Lula chegou-se para perto do outro.

_ O que ele está dizendo, hein, Amélia?

_ Está falando do mestre José Amaro.

_ Não adianta, hein, não adianta, capitão. Aqui nesta casa manda o senhor de engenho, hein, capitão?

Vitorino levantou-se, e não se amedrontou.

_ Comigo ninguém grita. Sou tão branco quanto você, Seu Coronel. Sou homem para tudo. D. Amélia, pálida, via que as coisas marchavam para um desastre. O marido, que há dois dias parecia tão calmo, tão sereno, agora era o mesmo Lula de sempre. O Capitão Vitorino, de pé, falava aos gritos. Apareceu o negro Floripes na porta, chegou o boleeiro Pedro, e Seu Lula a gritar com o capitão:

_ Ponha-se para fora desta casa. Quem manda aqui é o senhor de engenho...

_ Eu só não faço uma desgraça na porqueira deste engenho, por causa de D. Amélia - gritava Vitorino, de cima da burra.²⁶

O personagem Vitorino Carneiro da Cunha é emblemático desta situação. Vitorino tenta pautar sua vida pelos códigos que definiam a masculinidade, o ser homem, o ser macho na sociedade tradicional do engenho, tornando-se um personagem completamente fora do tempo, deslocado, vivendo em descompasso com a realidade social de seu tempo e, por isso mesmo, tornando-se uma figura ridícula, grotesca, que vai se destruindo nos seus embates quixotescos com o mundo que o cerca.

²⁶ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 222 e 223.

Enfrenta, em nome da honra e da valentia, situações onde não tem a menor condição de sair vencedor, terminando por ser socorrido várias vezes por seus parentes ricos, de quem fala mal e ridiculariza por estarem se adaptando aos novos tempos, e por sua mulher, a quem trata com toda uma retórica depreciativa, mas de quem depende como uma criança e a quem é ligado afetivamente. Vítima das mangações dos moleques, que mostram o seu rebaixamento e o respeito que não mais possui, é alcunhado de Papa Rabo, uma referência tanto à prática do zoofilismo, ou seja, ele manteria relações sexuais com sua égua, o que reforça a idéia da animalização, quanto à insinuação de homoerotismo, fantasma que assombrava esta sociedade que se desmasculinizava:

Vitorino saltou da burra e se fez no punhal. Mas já estava dominado pelos soldados. E gritava:

_ Tenente de merda.

_ Amarre este velho, e vamos com ele para a cadeia do Pilar.

A tropa saiu com o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha todo amarrado de corda, montado na burra velha que os soldados chicoteavam sem pena. Corria sangue da testa ferida do capitão... Os moradores vinham olhar e os homens se espantavam de ver o velho que todos sabiam tão manso, todo amarrado daquele jeito. Vitorino falava alto:

_ Estes bandidos me pagam”

“...Vitorino, na hora de embarcar, abraçou-se com a mulher que só fazia chorar.

_ Acaba com isto mulher. Cadeia foi feita para homem. Me matam mas não me dobram.”

“Correu para perto do marido. Corria um fio de sangue de seu rosto. Era um homem branco, era um homem bom, uma criança sem juízo, e um desgraçado fazia aquilo com ele.²⁷

Talvez por viver num mundo de sonhos e ilusões, completamente alienado em relação às mudanças históricas que vinham inviabilizando completamente a atualização daquele modelo de masculinidade que pretendia encarnar, Vitorino é o único personagem dos três personagens masculinos centrais na história que não adocece

²⁷ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 226, 229 e 43.

ou enlouquece. José Amaro termina por se suicidar após sofrer uma doença que progressivamente o vai paralisando. Lula de Holanda sofre de ataques constantes que o vão tornando completamente alheio a tudo, prostrado, definhando lentamente:

A boa música de D. Amélia lavava mágoas e dores. Tudo se fora na enchente do tempo.

Luís queria levá-la para o Rio. Não podia ficar ali para ver a desgraça de tudo. Vitorino não tinha consciência para sofrer. Não sofria, não era capaz de sentir que tudo se acabara, que eles em breve veriam o fim da família que fora tão grande, tão cheia de riqueza.²⁸

A doença e a loucura, aliás, são temas constantes na obra de José Lins, aparecem como conseqüência do sofrimento, da angústia que as pessoas que vivenciam estas mutações históricas. O mundo aparece cada vez mais estranho, fora da ordem, opressivo, assustador, porque já não se tem mais certeza de nada. O devir, para quem sonha com a estabilidade, com a não mudança, é traumático.

Estes traumas manifestam-se nos corpos em forma de doença ou na mente em forma de loucura. Estes momentos de consciência extrema do desmanchamento de uma forma de ser homem, da crise de identidade masculina são marcados, neste romance, pelo choro masculino. Chorar só era permitido às mulheres, por ser demonstração de fraqueza e debilidade. Quando um homem chegava a chorar é porque estava acabado, estava no fim, sua macheza estava se esvaindo:

Então a velha Sinhá viu o que nunca vira em sua vida: Zeca num pranto de menino apanhado. O soluço rouco do marido era um partir de coração. Parada, ficou olhando para aquilo enternecida. Ele não podia falar. Só tinha os olhos para exprimir a dor profunda. Por fim num esforço medonho:

_ Sinhá, ela está doida.

Não pode chegar-se para perto do marido. Aquele cheiro de sola, aquela inhaca dos princípios do casamento encheu a casa inteira. Um nojo terrível tomou conta dela. Era como se estivesse pegada a um

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 243.

defunto fedorento. E começou a engulhar com uma violência que não podia conter.
No fundo o Coronel Lula agradava. Parecia-lhe um homem aluado.²⁹

Em *Fogo Morto* vários personagens femininos também adoecem ou enlouquecem, doenças estas motivadas, quase sempre, pela opressão masculina. Uma sociedade pensada no masculino parece não ter lugar para as mulheres, o mundo parece ilógico, porque os desejos femininos parecem não poder nunca se realizar. Só os homens parecem ter desejos e vontades, cabendo às mulheres obedecer.

Marta enlouquece por ser rejeitada pelo pai que sonhava com um menino para continuar a sua existência, é incompreendida permanentemente e castigada por manifestar desejos femininos, esquisitos e absurdos para o pai. O autor parece se referir ao que o discurso médico chamava de histeria e a atribui implicitamente ao fato de Marta não ter se casado, conhecido homem. Neném adoece vítima do ciúme possessivo do pai, ao ver que suas escolhas não podem se efetivar é uma prisioneira do poder paterno. A doença e a loucura parecem ser linhas de fuga para estas vidas insuportáveis, fuga destes territórios cristalizados:

_ Estava lá dentro, na cozinha, quando ouvi um grito e corri para ver o que era. Quando cheguei aqui e vi esta menina estendida, batendo com o corpo no chão como um bicho, não soube mais o que fiz. Eu bem que desconfiava que Marta tinha alguma coisa. Ela não me enganava.

O mestre José Amaro não deu uma palavra. Foram depois para a mesa da janta, e ele não falava. Comia devagar, e a mulher com aquela cara de desolação:

_ Pobre da menina. Todo dia com aquela agonia, até que deu nisto. Direitinho como a filha de Joca Marinho. É doença de moça. Eu sei como é isto.³⁰

O suicídio parece ser a saída mais extremada para homens que se vêm desterritorializados, com a sua identidade masculina em crise. O autor apresenta, no

²⁹ Idem, *ibidem*, pp. 103-104, 29.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 56.

entanto, outras formas de fugir da realidade, que demonstram a fraqueza e a debilidade de caráter destes homens.

O alcoolismo e o misticismo, que antes eram práticas características dos negros, do pobres, dos cabras, dos submissos e dominados tornam-se cada vez mais presentes no mundo dos brancos, dos homens das elites. Em *Fogo Morto*, Lula de Holanda é um coronel que só vive freqüentando a missa, nos pés dos padres. Com o passar do tempo esta é a única atividade que retira este homem de casa.

Neste romance de José Lins, os homens parecem sofrer uma progressiva feminização ou domesticação, à medida que se refugiam da hostilidade do espaço público dentro de suas casas. Só Vitorino, com seu nomadismo por estradas, praças e ruas, parece resistir a este processo de domesticação dos homens ligados ao mundo rural, de perda progressiva do domínio do espaço público, cada vez mais ocupado por outros homens e até mesmo por mulheres.

No interior de sua residência, Lula de Holanda se entrega, progressivamente, a um constante culto doméstico dos santos, com aspectos de misticismo africano, já que lhe serve como acompanhante e conselheiro constante o negro Floripes. Misturar-se com negro e como eles se entregar à religiosidade e ao misticismo extremado aparece no discurso de José Lins como mais um sinal da decadência do coronel, de sua incapacidade para ser um senhor de engenho como os de antigamente. Na sociedade tradicional do engenho, carolice era atributo feminino, os homens ocupavam-se dos negócios, da política e das aventuras amorosas:

Nisto passou pela estrada o cabriolé do Coronel Lula. Com as lamparinas acesas, com as campainhas tocando, encheu a boca da noite de vida.

_ D. Amélia vai para o mês de maio - falou a mulher.

_ É a vida que eles querem retrucou o seleiro.

Ainda se ouvia como do fim do mundo as campainhas tocando.

_ É por isso que não vão para diante.

_ Cala esta boca, herege.
_ Não acredito em homem que vive em pé de padre.
Minha velha amanhã tenho que ganhar os campos. Não sou maricas para ficar assim dentro de casa. As eleições estão aí e nestes últimos dias nada tenho feito. Vou dar uma queda no José Paulino que vai ser um estouro.³¹

Escrito em meados deste século, *Fogo Morto* é o discurso de um homem filho desta elite agrária decadente, que da distância temporal e espacial em que se encontra avalia as mudanças que se produziram na forma de ser homem e mulher desde o começo do século quando ainda era criança. O que José Lins analisa é a própria distância que separa a sua forma de exercer a masculinidade da forma como seus antepassados a exerceram.

Em seu romance aparecem, pois, perfis masculinos e femininos que tanto remetem a formas de viver a masculinidade e a feminilidade que estavam desaparecendo, bem como a formas que estavam surgindo com a implantação definitiva da sociabilidade e da sensibilidade burguesa e urbana. Seus personagens aparecem postados entre formas distintas de pensar as identidades masculinas e femininas, em crise diante dos novos modelos de subjetividade que se apresentam no social, podendo optar por modelos que estão ficando obsoletos ou abraçarem novos modelos.

Mas, através de seus personagens principais, José Lins veicula um discurso saudosista em relação aos antigos modelos de masculinidade, que prevaleciam seja no seio das elites agrárias, seja entre as camadas populares. Seus personagens aparecem divididos entre os homens que dizem e querem ser e os homens que podem ser e são vistos e ditos pelos outros. Homens que sonham com uma forma fixa, um perfil inabalado, mas que se despedaçam ao longo da trama.

Em vários momentos da trama estes homens se remetem a personagens do passado ou do presente que representariam a masculinidade que gostariam de assumir.

³¹ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 26 e 287.

José Amaro fala com admiração de Alípio, que uma vez na feira se fizera na faca e deixara um cabo e um soldado da polícia, que desfeitearam seu pai, de bofes para fora e não foi preso porque encontrou um coronel, outro homem de verdade, que não o deixou ir a júri. Todos se lembravam do Capitão Tomás Cabral de Melo, “homem duro, homem para amanhecer no roçado, de cacete na mão como feitor, fazendo a negrada raspar mato, furar terra, plantar cana.

Não havia chuva que o impedisse de sair de casa, não havia sol quente que lhe metesse medo”. Vitorino fala com admiração de Rêgo Barros, acreditando que sua interventoria no Estado recolocaria as coisas nos eixos, já que seu pai fora um senhor de engenho em Maranguape e “era homem de cabelo na venta” e tinha ouvido dizer “que o filho era homem até dizer basta”.

Para Vitorino, os militares como Rêgo Barros e o seu filho Luís pareciam ser a última esperança para restabelecer os códigos sociais e de gênero que estavam sendo transformados, os militares pareciam ser a última reserva de virilidade, os últimos machos a por ordem neste caos em que estava se transformando a sociedade, onde negros não mais respeitavam brancos, onde cangaceiros davam ordem a coronéis e mulheres gritavam com os homens.³²

Para José Amaro, no entanto, o modelo de homem, de macho, era o cangaceiro Antônio Silvino, ele era o vingador da humilhação dos homens pobres como ele, ele era o pequeno fazendo medo aos grandes.

Antônio Silvino representava a valentia do povo do sertão, tão diferente daquele povo submisso da mata. Ele parecia assumir em suas mãos o poder e a coragem masculinas que estavam desaparecendo entre os homens das elites.

³² Idem, *ibidem*, pp. 8, 136 e 216.

Antônio Silvino é construído no discurso de José Lins, através do personagem José Amaro, como o modelo de homem nordestino. Sendo sertanejo, era o tipo que deveria assumir o poder na região, substituindo a decadente elite da várzea do Paraíba.

O sertanejo é mostrado como a reserva de virilidade numa região que se feminizava, que decaía e se submetia por causa das elites do litoral, das cidades, bacharéis amolecidos e de punhos de renda. Mas, ao contrário de José Amaro, que olha do ponto de vista dos pobres, Vitorino, que tem um olhar de elite, vê Antônio Silvino como um bandido, que assumia ares de herói pela covardia dos novos coronéis. Silvino era possível porque faltava homem de verdade entre os senhores de engenho, ele não passava de uma afronta, um atrevimento de camumbembe desfeiteando gente de bem:

O mestre estremeceu com a palavra do homem. O nome de Antônio Silvino exercia sobre ele um poder mágico. Era o seu vingador, a sua força indomável, acima de todos, fazendo medo aos grandes.

Ele faria tudo para que o cangaceiro do povo resistisse ao tenente do governo.

Admirava a vida errante daquele homem, dando tiroteios, protegendo os pobres, tomando dos ricos. Este era o homem que vivia na sua cabeça. Este era seu herói.

Agora não estava cortando arreios de um velho doido, não estava fazendo sela para um camumbembe qualquer. Trabalhava para o grupo de Antônio Silvino. Cortava sola para cabras que já sabiam morrer no rifle, para gente que tinha sangue de macho.

O capitão dera-lhe ordem para que ficasse, e não podia fazer outra coisa. Por que não vinham todos eles, os senhores de engenho, arrastá-lo dali? Era que o Capitão Antônio Silvino tinha mais mando que todos juntos..³³

Esta perda de poder, de autoridade, de prestígio social, a debacle econômica da antiga elite dos engenhos, são temas centrais em *Fogo Morto*, e estes aspectos já têm sido suficientemente abordados.

³³ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 57, 58 e 267.

O que não se tematizou, ainda, é que esta decadência e impotência social se expressa no discurso de José Lins também em nível individual e corporal dos homens desta sociedade.

A decadência social torna-se decadência física, decrepitude, enfraquecimento, doença, loucura, morte dos antigos senhores da terra. A impotência social torna-se impotência física, corporal.

Os personagens de Lins corporificam este processo histórico de mutação da sociedade do engenho para a sociedade onde prevalece a usina e a cidade. A crise social se expressa na crise pessoal destes homens, na crise de suas relações sociais e de gênero, na crise de suas famílias:

A mãe achava bonito tudo aquilo. Assim devia ser um marido, homem que vivesse perto da mulher, como gente, sem aquela secura, aquela indiferença de Tomás. Felizmente que a sua Amélia encontrara um homem de uma natureza tão boa, tão amorosa. As negras elogiavam os modos do jovem senhor. Parecia uma estampa de santo, com aquela barba de S. Severino dos Ramos, com aqueles modos de fidalgo, todo pegado com a mulher como só se via na história de príncipes e de princesas. O capitão era que não podia entender o gênio daquele rapaz. Lembrou-se de sua vida de casado no Ingá, dos primeiros dias, e achava tudo aquilo do primo como um absurdo. Não falava nada para não contrariar a filha, que era tudo que tinha. A outra estava perdida no Recife. Só lhe restava mesmo Amélia que ele criara na fartura como filha de rico. O rapaz, pensou, não criava gosto pelo trabalho. Sentia-se velho e tinha medo de deixar o Santa Fé sem um pulso como o seu para governá-lo. Era um engenho pequeno, que pedia um homem de se calibre, homem que soubesse mandar, de tino, de força. O genro não lhe inspirava confiança.³⁴

A crise das famílias se expressa não só pelo fato de que as tensões entre homens e mulheres se exacerbam, pelas mutações ocorridas nestes lugares de sujeito, como na própria crise do casamento.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 147.

Em *Fogo Morto* as moças, única esperança de continuidade das famílias de José Amaro e Lula de Holanda, não se casam, Marta porque não encontra homem que queira uma moça estranha, esquisita, sempre trancada dentro de casa a chorar e Neném por não aceitar a antiga forma de realização do casamento, ou seja, aquele em que o pai escolhia o esposo da filha a partir da avaliação de interesses econômicos e políticos e, principalmente, da avaliação se o futuro genro tinha habilidades para continuar administrando o engenho.

Neném quer poder escolher seu parceiro a partir do afeto que sinta por ele, o que não é aceito por Lula, que a enclausura e proíbe de casar. José Lins parece falar aí da passagem do modelo de casamento predominante na sociedade escravista para o modelo romântico, mais de acordo com o individualismo burguês. Mas esta crise do casamento fica mais patente quando Luís, o filho de Vitorino, o único dos três personagens principais que tem um filho varão para lhe dar descendência, dar continuidade ao seu sangue, ao seu nome, não deseja se casar.

Embora seja o orgulho do pai, Luís já é um homem completamente transformado pela formação militar e urbana que teve, já não partilha dos mesmos valores que seu pai. Embora admire a sua coragem, Luís vê na forma de seu pai ser homem uma forma ultrapassada e não quer atualizá-la. Aliás, Adriana havia mandado o filho estudar fora porque já achava que Vitorino não era um bom modelo para o filho.

O que notamos, portanto, é que José Lins estabelece um paralelo entre o fim de uma ordem social e o fim de um modelo de família. Não é só a estrutura social que não se reproduz, os homens que a compõem também. Morre a sociedade dos engenhos, acabam as famílias que a sustentaram:

...Tenho esta filha que não é um aleijão.

_ Zeca tem cada uma...Deixa a menina.

_ O que é que estou dizendo demais? Tenho esta filha, e não vivo oferecendo a ninguém.

A moça baixou a cabeça. Era pálida, com os seus trinta anos, de pele escura, com os cabelos arregaçados para trás.

O mestre José Amaro olhou firme para ela e continuou:

_ Não se casa porque não quer. É de calibre, como a mãe.³⁵

A crise da sociedade chamada por Freyre de patriarcal se caracterizaria, também, pela crise da própria figura do pai, pela crise da paternidade. Pais que já não são modelos a serem copiados pelos filhos, pais cujos valores não são entendidos pelos filhos, que os contestam.

Teria havido, no começo do século, no Nordeste, uma crise da paternidade, um crescente conflito de gerações, gerado, muitas vezes pelas próprias decisões dos pais, por exemplo, ao mandarem seus filhos para as cidades para estudarem e se tornarem bacharéis. Muitos, sem saber, estavam criando uma barreira intransponível entre eles e seus filhos, que voltavam subjetivamente transformados, desapegados da terra, como visitas, olhando para seus pais como velhos caturras perdidos no tempo:

Fora sempre de seu ofício, sempre pegado no couro, cortando sola, batendo brocha. A terra lhe era distante. Viu a várzea coberta de lavoura, olhava as vazantes, os altos e nunca reparara que tudo aquilo era poder, era a força verdadeira do homem. Sabia que o homem tirava tudo da terra, que a terra paria tudo. Só agora depois de velho é que pudera compreender aquela beleza de uma noite, a paz da noite, sem a agressividade da luz quente. Aquela luz fria da lua entranhava-lhe de carne a dentro. Sentia solidão. O que ele queria era viver só. Tudo o que o ligava à casa, à vida de sua casa, era como uma facada que lhe entrava no corpo. Porque não tivera um filho, porque não fora como seu pai, capaz de matar, de ser homem de coragem, de espírito pronto.³⁶

Este é, em minha opinião, o tema central de *Fogo Morto*, ou seja, a descoberta pelos homens de que já não têm o mesmo poder de antes, seja sobre a nova sociedade que surgia, seja sobre sua própria casa, sobre seus filhos e suas mulheres, a

³⁵ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 5.

³⁶ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, p. 85.

descoberta dos seus limites, da impotência social que se explicita também na decadência física, na decrepitude, na velhice dos corpos.

A dor da perda da autoridade sem contestação se manifestando como facadas em sua carne. A experiência dolorosa de ver os lugares sociais se alterando, as relações entre o campo e a cidade, o rico e o pobre, o branco e o negro, o artesanato e a indústria, o homem e a mulher, o pai e o filho, o público e o privado sofrendo transformações. Mulheres mandando homens calarem a boca, fazendo má-criação.

A necessidade constante destes homens em reafirmar que quem canta de galo em sua casa são eles. Gritos, xingamentos contra as mulheres que parecem nascer mais da impotência do que da real autoridade, tudo figuração. Chamar as mulheres de vacas, que mulher só anda mesmo no chicote, parecem ser gestos extremados de quem se vê emparedado pelas mudanças em curso nas relações de gênero.

O título do romance, *Fogo Morto*, não me parece remeter apenas ao declínio dos engenhos bangüês, à decadência econômica, política e social dos senhores de engenho, dos homens que tinham na terra sua fonte de riqueza e de mando. Ela é uma metáfora para falar do declínio de um certo modo social de ser homem, para falar de um processo de desvirilização que, segundo a ótica de José Lins, parecia ameaçar toda a região Nordeste.³⁷ Os homens, como os engenhos, estavam ficando de fogo morto. Como os engenhos bangüês, já não botavam mais, já não fertilizavam as entranhas da terra e das mulheres, já não eram de nada.

Em grande medida, era uma crise generalizada, que como não podia ser de outra forma, se expressaria também na crise dos gêneros.

³⁷ Talvez, esta minha leitura desta obra de José Lins, onde apresento a idéia de que o título do romance possa ser uma metáfora para falar também de um modo de ser homem que remete a um processo ou crise das masculinidades, uma desvirilização do masculino no social, quem sabe, possa ser interpretado também, como uma não intencionalidade de José Lins de falar sobre a “desvirilização” e sim, que aparece porque a idéia de poder e a idéia de virilidade estiveram intrinsecamente relacionadas, ligadas nessa sociedade. Talvez até de forma inconsciente este fenômeno, vem átona dessa forma. Não sei ao certo, no entanto, minha maior impressão em relação ao título do romance *Fogo Morto* deste autor, reforçaria a idéia da metáfora que alimenta o declínio de certo modo social de ser homem nesta região.

José Amaro já não dava mais no couro, seu martelo, símbolo fálico de seu poder, já não malhava a sola, já estava brocha. Lula de Holanda era um homem doente, homem que gostava de piano e missa, não se importando com a terra, não sabendo mandar. Vitorino, infamado de Papa Rabo, como era de costume, só da boca para fora mantinha seus encantos masculinos.

Assim como o bueiro do engenho, outra referência ao poder masculino, não mais fumegava e já era até coberto por florzinhas azuis de uma jitrana, os personagens masculinos de *Fogo Morto* já não eram mais nenhum pai de chiqueiro, não existiam como homem para suas mulheres. Terra, engenho e homens solidários na ruína, no debacle, na impotência:

Lula era para ela, ali dentro de casa, como se fosse um estranho. Há muito que ela não existia para ele. Em relação a ela, ele não era nada. Quem visse o mestre, na quietude em que ficou, não podia imaginar o que andava dentro dele. Estirou-se na rede, e não quis saber de nada. O negro Passarinho ainda procurou dizer-lhe alguma coisa e não lhe deu resposta. Tinha parado o mundo para o mestre. Viu a mulher com a trouxa na cabeça e não conseguiu uma palavra que o aproximasse de Sinhá.

Ele bem sabia que era mais que morto para sua mulher.

Agora viam o bueiro do Santa Fé. Um galho de jitrana subia por ele. Flores azuis cobriam-lhe a boca suja.

_ E o Santa Fé quando bota, Passarinho?

_ Capitão, não bota mais, está de fogo morto.³⁸

No limite do mando, o limite do mundo e a crise que afetava o gênero masculino no Nordeste do começo do século XX, perceber-se-á também quando lemos as memórias ou os romances escritos pelos homens que viveram a transição da sociedade escravista para a sociedade burguesa, no começo do século, no Norte/Nordeste do país, nos chama a atenção a profusão de metáforas espaciais que são utilizadas para falar destas mudanças.

³⁸ RÊGO, José Lins do, *Op. Cit.*, pp. 196, 266 e 290.

Os textos falam da ruína de uma determinada percepção espacial, da ruína de uma geografia marcada pela relação afetiva entre homem e terra, homem e bichos; relação esta em que os homens estariam muito mais próximos da natureza, viveriam de forma harmônica com o espaço que os cercava.

Estes discursos podem ser considerados, inclusive, pioneiros na denúncia da destruição da natureza regional, vista como produto do afastamento do homem e da terra, como fruto da invasão do espaço agrário tradicional por forças estranhas a este ambiente, sejam forças econômicas, sejam forças políticas. A sensação de que o próprio espaço se tornava cada vez mais estranho, que o mundo escapava de seus próprios pés, é uma constante no discurso destes homens saídos de uma elite em franco processo de declínio social.

O senhor de engenho ou o coronel tradicional do sertão parecem perceber que o espaço antes visto como natural, estático e imutável, se move contra eles. Forças tectônicas que às vezes parecem não compreenderem bem fazem seus territórios tradicionais desabarem, tornando-os homens cada vez mais sem lugar no mundo e na sociedade, ou seja, seres desterritorializados. Veja o que diz Gilberto Freyre no prefácio às memórias de Júlio Bello:

A usina separou o grande proprietário não só do operariado - que era uma segunda família do senhor - como da paisagem e dos rios, outrora tão ligados à vida dos homens e hoje uns mictórios por onde as fábricas descarregam a calda fedorenta...Daí uma nova forma de relações entre o patrão e o operário; entre o homem e a terra. A distância social e psíquica entre eles tornou-se maior. Tornou-se imensa.

Desapareceu quase todo o lirismo nas relações do homem com a paisagem, com a mata, com o animal, com o rio, com a planta, com a terra, com os outros homens.³⁹

³⁹ Prefácio de Gilberto Freyre. In: BELLO, Júlio, *Memórias de um senhor de engenho*, 3 ed., Recife, FUNDARPE, 1985, P. xv.

Estes textos falam da transição de um espaço agrário produzido e percebido através de relações marcadas pela pessoalidade, pelo paternalismo e, principalmente, pelo poder autoritário e discricionário de um chefe para um espaço agrário atravessado cada vez mais pelo anonimato do capital e do empresariado moderno. Eles falam de uma despersonalização da própria terra; já não se sabe a quem pertence cada engenho, cada fazenda; cada vez mais eles pertencem a uma entidade chamada usina, que não tem rosto, que não tem sangue, não tem tradição, não tem necessariamente vínculos familiares ou de vizinhança.

Os nomes dos engenhos e das fazendas que estavam associados com as famílias e com seu passado, que as identificavam, agora pareciam perder a identidade. Passávamos de um espaço estriado pelas marcas pessoais, hereditárias, de família, para um espaço liso, anônimo, tedioso, que perdia suas marcas e marcos tradicionais, um espaço sem memória, em que os grandes mares sem fim de cana engoliam e destruíam todos os símbolos de um passado de glória e de poder de uma elite que se empobrecia, que perdia tudo, que via suas casas-grandes serem derrubadas, seus engenhos substituídos pela fábrica da usina.

O espaço onde antes uma gameleira, uma mangueira, um rio, possuíam significados afetivos e pessoais e eram testemunhos de vidas e delas falavam, agora era o espaço sem afeto, sem lirismo do capitalista, ávido apenas por dinheiro:

Hoje, quem vai pelo magnífico traçado da estrada de rodagem ...rodando a cinquenta quilômetros, para ora num, ora noutro ponto, junto das velhas casas-grandes em ruína, dos paredões das vetustas capelas, das taperas de antigos bangüês, para e pergunta: “De quem é hoje este engenho?” A resposta é invariável: “Da Usina”.

A Usina, a grande anônima, - é para todos a firma comercial do Recife. Eu, na meia fantasia com que muita vez encaro, graças a Deus, as coisas da vida, dou corpo e forma a essa tarrasca como se ela fosse uma espécie de Imperatriz Catarina, conquistadora insaciável de terras e deportadora terrível dos mujiks coronéis, senhores de engenho. Considero-a na minha fantasia como uma

pessoa viva, com movimento próprio na trama social. Usina não é para mim como é para todos a firma A ou a firma B. A Usina que conquistou as terras e disseminou e deportou os seus velhos donos, é uma só. Não é uma pessoa ou grupo de pessoas que uma conjuntiva comercial une. É um sentimento. É o monopólio, o açambarcamento das terras, quase sem tolerância de uma distribuição mesmo pouco eqüitativa dos lucros da agricultura pela antiga classe dos cultivadores seculares da gleba. É quase o espírito de avareza.⁴⁰

Nem que seja na fantasia, o antigo senhor de engenho, Júlio Bello, precisa personificar a Usina e encará-la como fruto do sentimento de avareza. Seu anonimato é o que mais incomoda.

É preciso lutar contra um inimigo que nunca se apresenta diretamente, que só manda emissários, que invade os territórios antes inexpugnáveis dos senhores. Tanto Harvey como Jameson⁴¹ vão chamar a atenção para o fato de que um dos elementos definidores da modernidade é, exatamente, a mudança das relações com o espaço, a compressão espacial, à medida que o desenvolvimento tecnológico, dos meios de transporte e comunicação, além da mecanização da produção parecem produzir um encolhimento das distâncias e a alteração das percepções espaciais. Estes discursos lidam com uma série de imagens espaciais que parecem remeter a esse processo de alteração das escalas espaciais e de seus limites e fronteiras com a chegada do mundo moderno, urbano e industrial.

A dicotomia entre o largo e o curto atravessa, por exemplo, toda visão da passagem da antiga sociedade do engenho para a nova sociedade urbana e da usina, nas memórias de Júlio Bello. Os antigos senhores de engenho tinham uma largueza de estar no mundo, que os faziam ficar anchos e esparramados na sociedade tradicional: eram quase sempre amplos no próprio corpo, gordos, espalhados pelas terras, pela casa, pelas varandas.

⁴⁰ BELLO, Júlio, *Op. Cit.*, pp. 58 e 59.

⁴¹ Ver HARVEY, David, *A condição pós-moderna*, São Paulo, Loyola, 1993 e JAMESON, Fredric, *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo, Ática, 1996.

Eram também largos de espírito, largos de caráter, atendendo a todos com generosidade, distribuindo de forma até imprevidente o que ganhavam com os parentes, aderentes e as pessoas pobres que a eles recorriam. Tudo neles parecia representar o excesso, fruto de um poder também sem limites. A geografia de seu mando e de seu mundo era, portanto, bastante ampla e sem limites definidos:

Residia no tempo do meu pai tanta gente no engenho e a terra dava tanto e tão bem para todos, que tenho por vezes a impressão, atualmente, em que já não é assim, que as terras minguaram.

Generoso até quase o desperdício, pagava com usura os favores que recebia. Deixava mesmo que o explorassem com aquela excessiva liberalidade que era o apanágio da maioria dos homens bem nascidos das lavouras antigas: à graça do mais insignificante mimo que lhe dava um pobre, replicava a patações de prata. Nem a largueza de ânimo, a grandiosidade, aquele espírito cavalheiresco e teatral de Sebastião Wanderley Chaves, do Rosário, subsistiam.

As figuras mais nobres da lavoura antiga extinguíram-se todas. Seus descendentes se vão também apagando em triste e imerecida pobreza. Os engenhos pertencem a pessoas que os não amam como os velhos senhores. As próprias terras parecem protestar contra o absentismo de seus naturais proprietários e, avaras, se encolhem e se recusam aos novos donos como mulher honesta a conquistadores.⁴²

Estas memórias nos falam, na verdade, da redução do poder destas elites tradicionais. O domínio que antes era exercido, começando pelo espaço da casa, do engenho, e que se estendia por toda a sociedade circundante, começa a ser reduzido. São freqüentes as queixas da invasão que os antes inexpugnáveis reinos dos senhores de terras começam a sofrer. Invasão dos agentes do Estado em processo de fortalecimento e dos agentes do capital, nacional ou internacional, que começam a intervir diretamente na produção e não apenas na circulação, como antigamente, o que Júlio Belo chama de industrialização da terra.

A progressiva separação entre espaço público e espaço privado, que começa a se esboçar com o progressivo fortalecimento do Estado, que já conta com novos

⁴² BELLO, Júlio, *Op. Cit.*, pp. 10, 60, 132, 228.

grupos urbanos emergentes nos quais pode se apoiar, reflete-se na percepção espacial destas elites. O seu mundo, antes de limites amplos e indefinidos e ao mesmo tempo um mundo fechado e inexpugnável, que só podia ser penetrado com a permissão do dono, é progressivamente reduzido, encurtado, invadido, levando a que esta elite sinta uma sensação de sufocamento e de estrangulamento.

Chegando a perda total das terras e dos espaços antes sob domínio, a maioria dos elementos das novas gerações antes ligadas a terra e que tinham nela os horizontes de sua própria vida, têm que procurar novos lugares, construir novos territórios existenciais, fora de seu mundo tradicional: têm que deixar a fazenda ou o engenho e migrarem para a cidade ou para o Sul, ou mesmo, viverem de favor em terras alheias:

Olhava eu o meu avô como se ele fosse o engenho. A grandeza da terra era a sua grandeza. Fixara-se em mim a certeza de que o mundo inteiro estava ali dentro. Não podia haver nada que não fosse do meu avô. Lá ia o gado para o pastoreador, e era dele; lá saíam os carros-de-boi a gemer pela estrada ao peso das sacas de lã e dos sacos de açúcar, e tudo era dele; lá estavam as negras da cozinha, os moleques da estrebaria, os trabalhadores do eito, e tudo era dele. O sol nascia, as águas do céu se derramavam na terra, o rio corria, e tudo era dele...A minha impressão firme era que nada havia além dos limites do Corredor. Chegavam de longe portadores de outros engenhos. Ouvia apitar o trem na linha de ferro. Apesar de tudo, só havia de concreto mesmo o Engenho Corredor.⁴³

Estes discursos vão desenhando uma topografia afetiva dos espaços do passado e produzindo a idéia de um corte entre estas espacialidades poéticas, personalizadas de antes com o espaço anônimo, seja da nova sociedade rural, seja da sociedade urbana. São espaços sob o qual eles não têm mais domínio, estes lhes fogem.

Exprimem a diminuição da autoridade destes senhores, de sua capacidade de mandar, o que limita também o seu próprio mundo. O que parecem mais sentir de forma

⁴³ RÊGO, José Lins do, *Meus verdes anos*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

dolorosa é terem que dividir o poder com forças sociais emergentes, como os comerciantes, os industriais e mesmo os operários e trabalhadores rurais e urbanos:

Quando eu sucedi meu pai na sua casa-grande, já não gozavam os senhores de engenho desta zona de prerrogativas consideráveis de grandeza, poderio e respeito. Não era aquilo mais a miniatura de um reinado, e sim já a miniatura de um passado. O nível moral dos senhores rurais se elevava, seus costumes haviam se modificado, eles não se compraziam mais naquelas demasias, despropósitos e indecências a que Gilberto Freyre alude em Casa Grande e Senzala, já naquele tempo a difusão das maneiras mais urbanas continha-os nos despropósitos e despotismos de tempos anteriores. Nos primeiros quartéis do século passado eles foram, com efeito, homens todo poderosos: polícia e justiça dentro de suas terras eram eles. A terra conferia foros de nobreza: o nome patronímico desaparecia depois do de batismo para ser substituído pelo nome da propriedade. Certos senhores arrogantes não perdoavam a mais razoável visita da polícia às suas propriedades. Reputavam-na um ultraje, de que cuidavam de desafrontar-se, fosse como fosse. Ainda hoje subsiste este prejuízo e em verdade as visitas da polícia aos engenhos valem, às vezes, por verdadeiros assaltos e trazem quase sempre inconvenientes. Diante da casa-grande as cabeças se descobriam como diante de um templo, os lábios que falavam emudeciam, ou passavam a murmurar apenas as palavras da conversa em seu seguimento enquanto os interlocutores defrontavam-na, depois iam os lábios articulando mais alto, gradativamente, a conversa, a razão da distância que se ia pondo entre os que passavam e falavam e a residência do senhor de engenho. Se o Senhor chegava a uma porteira e se encontrava alguém que vinha em sentido inverso, quem vinha descobria-se diante de quem chegava, abrindo bem a porteira para que por ela pudesse passar, com franqueza, o senhor de engenho e toda a sua importância. E não a batia como ordinariamente se faz: ia com ela vagarosamente até o mourão, encostando-a com doçura. O Senhor de engenho passava: bater-lhe a porteira com força nas costas, era falta de respeito. No silêncio da noite, nem um chicote estralejava tangendo um comboio de animais por defronte da casa-grande: o *HOMEM* dormia. *6de e Senzala.*⁴⁴

Ao se referirem ao encurtamento das distâncias e do mundo estes discursos estão falando do encurtamento das distâncias sociais de fortuna e de poder entre as novas gerações da elite branca e a aproximação destes da condição social de negros e

⁴⁴ BELLO, Júlio, *Op. Cit.*, pp. 179 e 180

mestiços ou mesmo de brancos pobres, para os quais a nova sociedade oferecia possibilidades de ascensão social, embora, limitadas.

O medo da inversão das hierarquias sociais e de cor é que está na base desta sensação de encurtamento do mundo. Espaços antes reservados somente para os membros das elites agora podiam ser ocupados por pessoas sem berço, sem tradição, sem sangue aristocrático. Os antigos senhores se viam limitados, inclusive, pela imposição de novos códigos de valores e costumes. Já não podiam agir discricionariamente como antes. Novos e rígidos códigos morais progressivamente implantados pela sociedade moderna e urbana limitavam as antigas expansões de violência e autoritarismo nas relações sociais.

O que podemos enxergar nas mudanças sociais em curso é uma profunda crise nos códigos que regiam a masculinidade. Esta é uma sociedade de homens em crise, homens que ao terem seu mando reduzido, sendo limitados por outros códigos de sociabilidade, já não podem reproduzir os antigos modelos de masculinidade e se sentem como homens moles, covardes, efeminados. A profunda nostalgia em relação a geração de seus avôs, mostram como estes homens não estão satisfeitos com a sua nova condição.

A própria ocorrência do fato de que, cada vez mais, mulheres têm que assumir a direção do negócio das famílias, por terem se casado com maridos urbanizados e pouco preparados e afeitos aos negócios da fazenda ou do engenho, mostra esta crise da masculinidade tradicional:

O engenho antigo era, por via de regra, uma escola de prepotência, de fanfarronice, de impostura, de mando sem discussão e de excessiva altivez. O que era virtude muita vez no engenho não convinha de modo nenhum ao funcionário público e ao comerciante. Carecese de certa disciplina, tolerância e obediência, coisas que não se aprendiam na vida das casas-grandes. Mesmo na geração posterior a minha, entre os meus, surgem de vez em quando exemplos de homens assim

moles e resignados que se contentam com quase nada na vida ou esperam que lhes venham o pão de cada dia, sem o buscarem pelo trabalho, da generosidade de um parente: criaturas desfibradas e como aqueles velhos tios, quando muito plantadores de couves e criadores de galinha...As antigas famílias rurais de Pernambuco apresentam iguais exemplares de indolência que se vão fundindo tristemente, sem reação, no roletariado e na miséria geral. Contentam-se com o vago poder espiritual, quase tão sutil como um litúrgico perfume de incenso, de poderem continuar figurando nas festas do orago da capela como juiz da festa. Aquela derradeira sombra de poder lhe basta.⁴⁵

É constante também, nestas memórias, a percepção de que as mulheres começavam a ocupar lugares que antes não eram a elas destinados. Este processo de virilização das mulheres é acompanhado da sensação de enfraquecimento dos homens, que não são capazes mais de atualizarem os antigos modelos de comportamento masculino, contribuindo para a ruína das famílias e das propriedades.

É como se os homens levados a frequentar os melhores colégios e faculdades, ao se bacharelarem e se urbanizarem, perdessem a antiga fibra, se amiudassem na hora que eram chamados a assumir o lugar de seus antepassados. A própria perspectiva de vida para estas pessoas pareciam se encurtar com este corte que vinha se estabelecendo entre o passado e o presente. Ao se amiudar o passado, se amiudava com ele os próprios personagens masculinos que haviam sido, neste tempo, as figuras centrais na história do país e da região. Quando as mulheres começavam a fazer história, algo parecia estar errado:

O cinema transformou radicalmente os costumes da sociedade. Parece mesmo que esta transformação de costumes foi universal. A mulher fuma, a mulher vota, a mulher é elegível, a mulher militariza-se, invadindo assim as grosseiras atribuições masculinas: perde com isto aquele misterioso encanto que o recato antigo lhe assegurava.⁴⁶

⁴⁵ BELLO, Júlio, *Op. Cit.*, pp. 3, 5, 6.

⁴⁶ BELLO, Júlio, *Op. Cit.*, pp. 18, 92.

A redução do poder social desta elite de homens brancos ou mestiços, vindos dos tempos de glória do Império, parece vir acompanhada da perda de poder também em suas relações com as mulheres. A urbanização dos costumes, a progressiva influência de uma nova sociabilidade parece levar ao encurtamento dos espaços dos homens, ao mesmo tempo em que as fronteiras do mundo se alargam para as mulheres.

Fica claro, portanto, que as espacialidades, ou as formas de se perceber e significar os espaços, estão relacionadas com as relações sociais em que está inserido quem os observa e os qualifica. O espaço masculino do engenho tradicional, onde seu poder era incontestado, dá lugar ao espaço urbano e comercial onde homens que aprenderam apenas a mandar discricionariamente se tornam inadaptados. Vindos de uma sociedade escravista, em que não precisavam trabalhar, em que o que definia a masculinidade e um homem superior era a sua capacidade de infundir respeito, obediência e a autoridade, mesmo que fosse através do medo e da violência pessoal, os homens se tornam incapazes para atuar numa sociedade onde o que define a masculinidade e sua qualidade superior é sua capacidade de trabalho e de poder ser o provedor de seu lar.

As próprias metáforas que definiam a relação do masculino e do feminino com os espaços começam a ser alteradas. Os homens que antes viviam soltos, fora de casa, podendo se aventurar por diferentes lugares, se vêm cada vez mais presos a uma rotina estafante de trabalho. O homem de escritório, o funcionário público, o vendedor de comércio, o operário de fábrica já não têm as rédeas soltas como os antigos senhores, são cada vez mais encabrestados a uma vida rotineira, modorrenta, marcada por atividades repetitivas e cotidianas humilhações.

A mulher que antes estava presa ao lar, à vida doméstica, quando não à camarinha e a cozinha, dependendo de sua condição social, ia tomando as rédeas de

suas vidas nas mãos, já respiravam novos ares, já saíam à rua para o estudo ou para o trabalho, mesmo que fosse nos mesmos lugares que para os homens pareciam ser prisões, mas que para elas eram indícios de liberdade.

Isto deixa claro que as percepções espaciais em uma sociedade têm que ser contextualizadas historicamente e podem variar dependendo do lugar social do sujeito que se relaciona com estes espaços. O mesmo espaço que para um homem podia significar a prisão, o encurtamento do mando e do mundo, podia significar para as mulheres a ampliação de seus horizontes, a liberdade de ir e vir, a sensação de que agora tinha um espaço só seu, onde podia mandar em sua própria vida. Os espaços são, pois, inclusive generizados, guardam significados distintos para homens e para mulheres em dados contextos históricos.

O encurtamento dos espaços masculinos pode significar a ampliação dos espaços femininos. O mesmo espaço pode ser visto como prisão ou como liberdade dependendo do ponto de vista de quem observa. A fábrica que prendia os homens, soltavam as mulheres, a cidade que limitava as aventuras masculinas, ampliava os horizontes das vidas das mulheres. O colégio que era a tortura de um menino de engenho, podia ser o deleite da sinhazinha, longe por algumas horas do olhar prescrutador do pai, da família:

O colégio, para mim, tornava-se mais ainda uma prisão, uma cadeia, com Pedro Muniz e Maria Luísa lá fora. Lembrava-me de um preso do Pilar, morador do engenho, que matara a José Gonçalo. A mulher amigara-se com outro, e ele na grade mandando recadinhos para ela. (...)E o pobre na cadeia sofrendo. Não sei por que minha memória ligava estes fatos ao meu amor por Maria Luísa. É que eu estava preso como o negro, não podia fazer o que Pedro Muniz estava fazendo para agradar à namorada. Ficava na grade com a angústia do morador do Santa Rosa. Ele olhava pelos buracos da prisão o povo debaixo do tamarindeiro, na feira de sábado.⁴⁷

⁴⁷ RÊGO, José Lins do, *Doidinho*, 16 ed., Rio, José Olympio, 1977, pp. 85-86. Ver também GALVÃO, Ana de Oliveira, *Amansando Meninos*, João Pessoa, Ed. da UFPB, 1998.

As instituições da sociedade disciplinar que emergiam: a escola, a fábrica, os órgãos públicos vão modificar profundamente a vida dos meninos de engenho, agora educados nas cidades e sendo subjetivamente produzidos por estes novos *locus* institucionais. A “frouxidão” da vida nos engenhos bangüês, que idilicamente de tanto falam estes discursos, estava com os dias contados.

Surgia um mundo onde a dominação masculina para ser reposta iria exigir dos homens uma alteração profunda em seus perfis, em seus comportamentos, em suas subjetividades. Iriam aprender dolorosamente que agora para poderem dominar, tinham que cada vez mais dominarem a si próprios. Antes de serem déspotas com os outros teriam que exercer um despotismo crescente sobre seus próprios desejos, sobre seus próprios costumes, sobre seus próprios corpos. Para preservar o mando, era preciso limitar o seu próprio mundo, de uma forma cada vez mais rigorosa. Homens como passarinhos presos nos próprios alçapões.

No entanto, a imagem que estes textos produzem são de homens incapazes de absorver a nova ética do trabalho, homens viciados pela escravidão a nada fazerem, homens amolecidos e desfibrados, que vão perdendo tudo o que possuem, tendo literalmente o seu mundo e o seu mando progressivamente reduzidos, sem conseguirem entender que vivem em um novo mundo, que exige novos valores e costumes. A largueza e a enerosidade devem agora ser substituídos pelo espírito de previdência e poupança: o desperdício não se adequa a uma sociedade presidida pela acumulação.

A própria assistência a um grande número de pessoas, principalmente de familiares, já não se coaduna com uma sociedade onde todo tipo de liberalidade pode significar prejuízo e falência. A própria família, antes extensa e vivendo em um consórcio no qual era possível o apoio dos parentes nas horas de dificuldades, já não

parece mais ser uma realidade palpável, uma vez que cada grupo familiar começava a se fechar em seu egoísmo burguês.

Os antigos patriarcas de engenho e de fazenda, que estavam em crise por terem perdido suas antigas referências, parecem desorientados. Olham em volta e não conseguem enxergar mais o seu mundo: sentem-se estranhos e inatuais. Daí a necessidade de reviver estas territorialidades perdidas, nem que seja em forma de romance ou de memória. A necessidade que sentem de escrever e registrar este mundo que estava desabando nasce da própria percepção que a escritura era a única forma ainda disponível para dar materialidade a esta geografia em ruína. Literatura nascida da tristeza, do lamento, da nostalgia, da melancolia, diante de um mundo cujas fronteiras vinham se apagando.

Estes escritores das elites defendem a idéia de que a tristeza com o fim deste mundo não era só deles: o povo também teria ficado mais triste, pois já não festejavam como antes, já não tinham a proteção certa do senhor e os cuidados de assistência moral dada pela sinhazinha. A ilusão do salário os havia retirado aquilo que eles tinham acesso antes como: um pedaço de terra para plantar, um litro de leite ao final do dia, o acesso à caça e à pesca, uma parelha de roupa nas festas de fim de ano:

O homem da cidade comprou a usina e comprou as terras. Com esse utilitarismo comercial e as suas minúcias de deve e haver”, de “lucros e perdas”, com este espírito de detalhe do homem de negócio que investiga inteligentemente tudo e tudo anota e aproveita, e para aumentar a zona de culturas, invadiu com a lavoura de cana todos os recantos dos engenhos. Valendo-se, para sua defesa, de uma ilusória vantagem no salário, tomou, por via de regra, os pequenos sítios de mandioca e das outras lavouras secundárias do pobre. Este deixou de cultivar o trato da terra, que ordinariamente, a complacência e o espírito de equidade do Senhor de engenho antigo lhe outorgavam. Deixou os engenhos e passou a residir de preferência nos povoados e cidades do interior, vivendo exclusivamente do salário ilusoriamente melhorado.

Não tendo um palmo de terra que cultive, acaba por conformar-se com essa resignação herdada de 300 anos de opressão, com o rigor dos ricos-homens e não o busca mais longe. Não reserva assim nada

para os maus dias, perde mesmo a noção de necessidade de fazer alguma coisa para si só, de tudo que faz para os outros, alugando os braços.⁴⁸

Não era apenas, portanto, os espaços para os homens das elites que estavam se reduzindo, segundo estes discursos. Os homens pobres também estavam perdendo o acesso à terra, mesmo precário que era possibilitado anteriormente pela “generosidade” do senhor de engenho. Com as usinas estes são atirados para o espaço diminuto das pontas de ruas, onde eram convocados para trabalharem apenas nas tarefas ligadas à produção açucareira. Para estes homens do eito o mundo também estaria se encurtando, enquanto se alargava para o capitalista.

Este discurso memorialístico e literário nos permite mapear, portanto, as mudanças subjetivas trazidas pelo predomínio das novas relações mercantis e urbanas e a própria inadequação de uma série de sujeitos não preparados para vivenciarem este novo mundo. Fruto de uma mutação subjetiva, o mundo que estes escritores e memorialistas vivem após os anos trinta deste século, vitimou um determinado padrão de sociabilidade e produziu a ruína de muitas vidas, de muitas fortunas e a rearrumação do próprio espaço econômico e de poder em nível regional, seja poder público, seja poder privado.

Há uma total rearrumação nos territórios sociais, com a mudança de hierarquias, com a complexificação da própria sociedade, multiplicando lugares de sujeito e as possibilidades de construção de territórios. Aquele mundo que parecia único, simples, unificado, um reino inexpugnável dos antigos potentados rurais, se fragmenta, se descobre vulnerável e sujeito ao caráter corrosivo do tempo e da história.

As fronteiras do mundo que antes pareciam definitivamente estabelecidas, quando tudo parecia estar em seu lugar, sofrem rachaduras e deslocamentos

⁴⁸ BELLO, Júlio, *Op. Cit.*, p. 133.

incontornáveis: o chão foge, o mundo se torna escorregadio, um passo em falso pode significar a queda social, moral e política. Contra este mundo das incertezas e dos limites fluidos, das fronteiras em movimento, só mesmo a materialidade e a perenidade das margens do texto escrito para garantir sua eterna presença.

Na corda bamba esteve este mundo das incertezas e dos limites fluidos, das fronteiras em movimento etc.

Cenários e espaços de masculinidade e a feminização do social passaram a ser percebida de diversas formas, entre elas, a crise dos gêneros no Nordeste.

E quando se observam e se acompanham as práticas do gênero masculino no Nordeste, faz-se necessário também acompanhar as práticas do gênero feminino, pois sendo a mulher a figura com a qual o homem se relaciona, suas práticas em grande medida colaboram na construção e afirmação deste gênero na região, ou seja, podemos verificar e constatar, como vimos nas estrofes que colocamos abaixo, que há casos onde a mulher teve que assumir o papel de gênero masculino para mostrar como exemplo, qual o papel do gênero masculino o homem nesta região devia subjetivar ou se sujeitar.

Leitores eu vou falar/sobre essa mocidade/e no namoro moderno/com especialidade/no papel de trovador/não posso ser a favor/de tanta banalidade./Pois o namoro moderno/È no duro pode crer/a moça atraca o rapaz/e começa a lhe dizer/meu filho, comigo é fogo/se você sofre de gôgo/já sabe que vai morrer.⁴⁹

Eu só boto fumaçando/ache ruim quem quiser/quero ver pegando fogo/dê o caso no que der/comigo só vai assim/pra isso nasci mulher./ Quem for mole que se dane/quero ver o cabra quente/que chega sair faísca/quando encosta na gente/um deste topa comigo/porque nós bota prá frente.⁵⁰

No dia que ela se zanga/pega fogo com a mão/dança twisty na rua/dizendo que é baião/toma cachaça e não paga/ no Governo roga praga/faz pior que o Lampião./Sofia, que o dia todo/tinha bebido demais/foi arrancando a peixeira/daquelas que o diabo faz/e partiu para o açougueiro/que foi aquele salseiro/que quase não acaba mais./no dia que toma uma/Sofia fica amarela/fica rôxa, fica verde/e se alguém bole com ela/nesta hora ela se espalha/pega o cabo da

⁴⁹ SANTOS, Erotildes Miranda dos (Trovador Nordestino). *O namoro moderno*. s/e;s/d.p.01

⁵⁰ *A palestra das três donzelas*.p.02.

navalha/se lembra da terra dela./Sofia tem por sinais/uma verruga na
venta/e as sobrancelhas grossas/pernas pequenas, cinzentas/fala
grosso como homem/tem cara de lobisomem/não é o diabo, mas,
atenta.⁵¹

Não dar “mole” para a mulher era um imperativo regional e sexual muitas vezes exigido e requerido nas relações de gêneros no Nordeste, através das mulheres que, indignadas e insatisfeitas com um ou outro “desvio” ou “moleza” do gênero masculino, procurava resgatar códigos de masculinidade neste espaço em que se relacionavam para, a partir daí, se fosse o caso, elas mesmas assumirem posturas masculinizantes, para servir de exemplo aos homens da região.

Gênero aqui nasce da relação do masculino e do feminino que se fundamenta na diferenciação entre os sexos, percebida pelas práticas de cada um na sociedade, formando assim, primeiro, o lugar de poder, não o único, mas talvez, o mais recorrente, pois, pelas relações sociais que constituem os gêneros, os papéis atribuídos a cada sexo se encarregam de delimitar as diferenças, ao estabelecer quem manda e quem devia ser mandado, quem era forte e quem devia ser o fraco.⁵²

Neste sentido e, percebendo como foram construídos e definidos os papéis de gêneros, tanto para o nordestino como para a nordestina, o “ideal” de mulher no Nordeste seria ser “submissa ao homem, logo, possuir práticas que legitimassem o poder masculino sobre e, sempre que necessário, se fosse o caso, assumir posturas masculinas em nome da ordem e da preservação dos “bons costumes” que regiam os códigos de masculinidade na região. Lembrando que as práticas que legitimavam o poder masculino neste espaço sobre o feminino e em relação a sociedade, foram constantemente, pelas mulheres e no social, vigiadas, pois, sendo necessário na

⁵¹ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A mulher que fez a barba do marido a pulso*. 5ªed, Salvador, 1976.

⁵² Para saber mais sobre essa discussão sobre os gêneros masculinos e os gêneros femininos que se instituem socialmente de forma relacional consultar: SCOTT, Juan. *Gênero: uma categoria útil de análise*.

sociedade, quando fosse o caso, policiar e punir quando ele não assumisse o papel que ela, a sociedade e a mulher, lhe atribuía, por isso, segundo Forward (1987:135):

[...] não importa quão poderoso pareça o homem, ele só se sente poderoso quando subjuga e controla a mulher. Essas defesas lhe proporcionam um sentimento de seguranças, mas também o mantêm preso a um tipo de comportamento extremamente rígido.⁵³

Como pode ser bem exemplificado no caso de “Josué”⁵⁴, pois, como afirma Forward (1987), esse rapaz se viu obrigado a aprender a namorar e quando o fez, além de ter que demonstrar que aprendeu o que era ser homem no Nordeste, ficou preso a um tipo de comportamento extremamente rígido, definido pelas relações de gêneros que definiam o que é ser homem nessa região:

[...] Josué saiu correndo/pra não morrer de apanhar/correu nu como um macaco/e o povo pegou a mangar/Josué disse: eu agora/vou aprender a namorar./Já vi que moça enxerida/só gosta de um rapaz/que beija e machuca ela/com liberdade demais/escorrega a mão coçando/ na frente dela e por traz./ Juro que de hoje em diante/ vou namorar com efeito/quando encontrar uma moça/sem vergonha, eu aproveito/namoro, beijo e abraço/e belisco em cima do peito/ No outro dia bem cedo/ correu atrás de Ivonete/fez ela virar mulher/e deu-lhe mais um bofete/logo no primeiro dia/chumbregou com 27./com 8 dias depois/ o povo viu o efeito/Josué era um danado/ levava tudo no jeito/um dia pegou Odete/ e a beijou bem satisfeito./ele ficou conhecido/ no Brasil, de leste oeste/o povo chamava ele/o conquistador do Nordeste/e as moças diziam assim:/Josué ta com a peste./com 3 semanas Josué/chumbregou com 36/e todas elas sentiram/ os sinais da gravidez/com 9 meses depois/ deram a luz no mesmo mês./Daquele em diante/ ele aprendeu a namorar/quando encontrava uma moça/ só queria lhe beijar/encostar boca com boca/da bichinha sufocar/Josué um certo dia/ casou com Maria Teresa/o seu nome é conhecido/se acabou toda moleza/ tinha 96 filhos/ só ali pela redondeza.⁵⁵

Acabou-se toda moleza, logo, pode-se concluir que homem no duro, não dá mole para a mulher era, sem sombra de dúvida, condição e atributo inerente aos códigos

⁵³ FORWARD, Susan. *Homens que odeiam suas mulheres e as mulheres que os amam*.1987.

⁵⁴ O rapaz que apanhava das moças por não saber namorar in:LEITE, José Costa.O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar, s/d.

⁵⁵ Idem, idem.

de masculinidades de uma sociedade conservadora e tradicional além, obviamente, de definir os papéis de gêneros neste mesmo espaço onde mole, não se metia.

Comportarem-se com extrema rigidez com a mulher no Nordeste mais que em outros estados do Brasil, é prerrogativa de ser “homem no duro”, pois, segundo Badinter (1993:11): “é em relação a elas e contra elas que eles se definem”. São estas imagens que fazem do nordestino ainda mais “duro” que outros homens.

Deles são cobradas atitudes de maior força, maior virilidade, maior capacidade de chefiar do que de outros, ou seja, através do espaço e lugar do qual é filho, sujeito e habitante, este lugar o define como mais homem do que outros homens, de outras regiões. Como pode ser verificado na citação abaixo.

A Deusa da poesia/ a minha inspiração toca/para falar-lhes num ente/
 pior que siri na loca/descrevendo as aventuras/ do filho de Cobra-
 Choca./O coronel era bravo/mas cobra-choca o venceu/casando com
 Isabel/um filho ela concebeu/Cobra aí disse:-esse vai/ assumir o lugar
 meu./olhando o recém nascido/ em sua face se via/o gigante da
 coragem/ exortando a covardia/nas mãos pequenas, bravura/e nos
 gestos, valentia./Assim Cobrinha ao nascer/ por Joaquim foi
 batizado/e com oito anos era/gordo, bonito e corado/mas briguento
 por instinto/perverso e desassombrado./quase todo santo dia/Joaquim
 formava um azar/na cabeça era bom/rasteira sabia dar/dava surrote
 em menino/ q'eu era capaz de matar./aos vinte anos dizia:/-Papai
 comigo se troca/a minha volta é por dentro/ninguém queima minha
 broca/sou desse jeito porque/sou filho de Cobra-Choca./

Para mim careta é riso/medo, manha e safadeza/faca entra em
 melancia/porque encontra moleza/temer a morte é perdido/porque se
 tem com certeza./ Joaquim só andava armado/com revólver e
 cartucheira/um rebenque e um punhal/e uma faca peixeira/quando
 abria um bafafá/acabava festa e feira./um dia, um amigo seu./que ia
 pro Paraná/chamou Joaquim, ele disse:/vai ‘mano’, que fico cá/com
 três mezes o rapaz/veio apanhado de lá./chegando disse ao
 Joaquim/não gostei daquele estado/por causa de um namoro/quase lá
 fico enterrado/pois da surra que levei/inda estou adoentado./e disse
 mais a Joaquim/lá existe um fazendeiro/ruim igual fome
 braba/desalmado e carniceiro/sua fazenda é um antro/de ladrão e
 pistoleiro./ele sangra por brinquedo/ e bebe o sangue sorrindo/e se
 alguém fala a verdade/ele diz que está mentindo/não aprendeu
 perdoar/nem santo Antonio pedindo./anda armado até os
 dentes/cercado de pistoleiro/quem trabalha para ele/nem pense em
 ganhar dinheiro/até hoje não achou/a tampa do tabaqueiro.

Aí, Joaquim Cobra-Choca/pediu mais informação/perguntou o
 endereço/e o nome do valentão/o rapaz disse:-é Servino/Assombro da
 Região./Cobra-Choca prometeu/vou vingar a sua pisa/porque este
 meu punhal/a valentão não alisa/um cabra safado desse/eu sei d’u que

ele precisa/o rapaz gritou/ ta doido/não vá que morre, Joaquim/Joaquim disse:/medo é manha/ele não presta/sou ruim/só vou dizer que ele é brabo/se ele também der em mim./eu vou ver ele brigando/como é que se comporta/se sua faca tem ponta/minha faca também corta/o remédio de um doido/ é outro doido na porta./
 Falou do projeto ao Pai/ao disse ao filho:-vá/mas com uma condição/levando couro por lá/faça-me um grande favor/e nunca mais volte cá./despediu-se dos parentes/ pegou arma e munição/foi cumprir o seu destino/e deu adeus ao Sertão/índo ao Paraná disposto/amansar o valentão./[...] e chegando ao Paraná/perguntou para saber/pelas terras de Servino/mas ninguém soube dizer/resmungou: eu só sossego/quando o valentão me ver./Joaquim seguiu na hora/ pela vereda indicada/entrou nas terras do velho/como quem não teme nada/não andou nem duas léguas/inaugurou a brigada/
 [...]só que naquele momento/vinha o pai dela chegando/com dezoito cangaceiros/e quando foi avistando/o rapaz beijando a moça/ficou de raiva espumando/e gritou:cabra cretino/vou passar-lhe uma lição/ordenou á cabroeira/peguem esse corno de mão/que um salafrário desses/se mata de cinturão./Joaquim resguardou Marilsa/e gritou: lá vai macaca/deu logo um pulo de banda/e sacou a velha faca/larga, cortante e comprida/que parecia uma estaca/dos cutelos retinindo/faíscas azuis voavam/era chegando capangas/e na luta logo entravam/o sangue corria frouxo/uns gemiam outros gritavam/Servino berrou: eu luto/ até o fim da semana/só paro quando pegar/este sujeito sacana/arrancar seu coração/assar e tomar com cana/Cobra-Choca nesse instante/com o velho se agarrou/deu-lhe um murro tão danado/que o bicho se cagou/Joaquim pulou sobre ele/ai o velho afracou./Joaquim pegou na garganta/do velho, quase que tora/e rosou:-ou Dra-me a moça/ou vai morrer nesta hora/o velho gemeu:-me solte/e pode levá-la agora.
 [...]Joaquim contou ao pai/como tudo se passou/o velho disse:-meu filho/você é macho e provou/merece o nome que tem/porque não o desonrou.⁵⁶

Uma das condições e, provavelmente, principal motivação do valente Cobra Choca, nesta história, se deu no fato de que ela o queria e vice-versa, mas, ela exigiu dele que a “libertasse” do jugo do patriarca, ou seja, requereu dele alguns atributos e qualidades masculinas para os homens desta região que, muitas vezes, também, em outros espaços, mais domésticos, o mesmo, o gênero feminino faz, para ajudar na construção e definição do estereótipo do que é ser homem nesta região.

Para legitimar o lugar do homem enquanto “chefe da casa”, portanto, o que manda, a voz que decide, que organiza, foi definido o lugar da mulher limitando seu

⁵⁶ MONTEIRO, Manoel. *As aventuras do filho de Antonio Cobra Choca*. Campina Grande, s/e; 2001.

mundo e dando-lhe um espaço e, atribuindo-lhe um papel, como define o trecho abaixo, publicado no jornal *A Voz da Borborema*, de Campina Grande, Paraíba, em 1938:

[...] na vida íntima do lar usam as donas de casa que são cuidadosas, em processo de economia prática a qual tem sua base na despensa. No emprego do sal, no gasto da carne, da farinha, do feijão e da sobremesa [...] cuidando da panela e da despensa a dona de casa é como combustão produzindo o calor, e deste gerando-se a felicidade.⁵⁷

Com este discurso que coloca a casa como espaço “próprio” da mulher, afirmando ser esta destinada a ele e por isso só a ela cabia saber organizá-lo, é como se quisesse dizer que a “natureza” a tivesse dotado especialmente para esta missão, e só esta ela soubesse fazer, com perfeição.

Ao atribuir um espaço à mulher, dando-lhe tarefas próprias, traçando assim um perfil e uma identidade, cria-se estrategicamente um ser e de imediato “outro”, ou seja, o contraponto deste, que é o homem com espaço e funções diferentes, por isso a ele é permitido determinadas práticas que a ele seriam imperdoáveis. Cria-se um estereótipo feminino e estabelece um masculino, como contraponto do mesmo.

Ao homem não é permitido “dar mole” à mulher. O homem que mostra e demonstra que manda em casa e comanda “sua” mulher é o que, de acordo com os códigos de masculinidades vigentes na construção do gênero masculino e feminino no Nordeste, pode “bater no peito e dizer que honra as calças que veste”⁵⁸.

Porém, aquele que fraqueja, que perdoa, conversa, entende, é tido como menos homem, pois, atitudes complacentes ou deste tipo, seriam demonstrações de fraqueza, e como só quem deveria ou, se supunha, poder ser fraco é o sexo oposto, a mulher, toda vez que ele age de alguma forma que pareça estar sendo frágil, estaria perdendo um pouco de sua masculinidade, feminizando-se, e adquirindo atributos

⁵⁷ N/A. *Mulher dona de casa*. Jornal *A Voz da Borborema*. Campina Grande, 1938

⁵⁸ Confesso que, em conversas informais no meio social e familiar constatei, desde muito tempo, que tais frases são muito mais comuns hoje, do que se imagina.

feminizadores, pois, além de envergonhar sua condição estereotipada de ser homem no Nordeste, estaria envergonhando também, a região do qual era habitante, filho e sujeito.

[...] Eu sei que tem mulher/ que quer ser superior/ ao homem, mas, coitada/ é sempre inferior/ Em toda parte do mundo/ o homem é dela senhor.⁵⁹

[...] para a mulher ser feliz/ precisa ter bom ouvido/ ouvir tudo e se calar/ usar um sexto sentido/ sem ciumar, e cumprir todas/ as ordens do marido.⁶⁰

A mãe vivia para se queixar de sua situação. Não estava satisfeita com a sua condição social. Ter nascido fêmea, ter vindo a luz mulher era um ultraje biológico para ela:- queria ter nascido homem, nem que fosse para ser cega de um olho ou manca de uma perna-, blasfemava ela contra a má sorte.⁶¹

[...] vou lhe dizer a verdade/ me ouça com paciência/ a mulher com seus carinhos/ e o homem com a inteligência/ os dois trabalhando juntos/ lhe digo em qualquer assunto/ nada há que os dois não vençam.⁶²

Dessa forma, o homem nordestino se arma contra a mulher por medo de se tornar frágil como ela e também como forma de prevenção, por medo dela querer tomar o seu lugar de dominador, logo, desautorizá-lo. A literatura de cordel bem exemplifica este temor, esta necessidade e afirmação em seus folhetos que, servindo como veículo popular de divulgação e propagação de idéias, em muito tem contribuído para a subjetivação ou sujeição desses valores, destas imagens, destes enunciados que, enfim, procuravam definir os papéis de gêneros neste espaço.

Desafiar a autoridade de um homem era mexer no que ele tem de mais “precioso”, mais valoroso e sensível: sua honra. Um homem desonrado era um homem suscetível de humilhações das mais diversas, pois é como se a humilhação o diminuísse, tornasse menor sua masculinidade.

E por medo de ser considerado menos homem, ele vivia em constante policiamento, vigília a si e aos que os cercavam, sentia, inclusive, a necessidade de

⁵⁹ SILVA, João José. *Peleja de Severino Simião com Ana Roxinha*. s/e; s/d.

⁶⁰ ALMEIDA FILHO, Manoel. *Como ser feliz no casamento*.

⁶¹ FEITOSA, Z. A. *Mulher macho, sim senhor! O romance do feminismo pubescente. Memórias*, p. 14-15.

⁶² LEOBAS, Carolino. *S mulher com seus carinhos faz do homem o que ela quiser*. s/e, 1977.

provar a todos e a todo instante a sua masculinidade, a sua virilidade, exigindo também dos outros tais provas.

Ser “homem no duro” era um desafio que o ser masculino enfrentou, parecia participar de verdadeiros torneios de masculinidade, jogos de poder, de dominação, de mando que, cotidianamente exigia do gênero masculino, uma maior participação, uma maior atuação no teatro relacional da história dos gêneros no Nordeste. Como afirma BADINTER (1993): um enfrentamento permanente a que eram submetidos os homens no Nordeste.

Era por temer esta fragilidade e para negar seus medos, que o nordestino se cobrava atitudes que o enquadrava no estereótipo centrado na figura do “macho”, do valentão, etc.

No Nordeste, a mulher que não se enquadrava no seu estereótipo coadjuvante e submisso, dependente do marido e satisfeita com a condição social que ocupava, podia sofrer as mais variadas agressões e punições, além de ser vista e tida como “estranha”, “menos mulher”, ela própria, em muitos casos, quando assumia determinadas posturas masculinas do forte, do destemido, do chefe da casa era, a partir de situações e contextos específicos, muitas vezes, decretados pela ausência do marido, pela viuvez precoce ou, então, todos estes casos mais a condição de viverem numa terra inóspita, hostil, de difícil sobrevivência onde, na maioria das vezes, acreditavam que só sendo homem, só sendo macho mesmo, para sobreviver num lugar destes.

Ser “homem no duro”, muitas vezes, era condição de garantia para nunca ser “traído”, não ser “chifrado” e, caso fosse, não deixava “barato” tal condição de “corno” da região. Não era à toa que o casal de nordestino, na maioria dos casos e casas dos mesmos, a quantidade dos filhos era enorme, pois, ser homem no duro, era não dar mole para mulher, não deixar ela se queixar da “ausência” carnal do seu homem. Amor carnal

mais associado à condição masculina que a feminina nesta região, pois, o amor do gênero feminino era mais sublime, mais romântico, enquanto o homem nordestino fazia parte muito mais de um sentimento menos sublime, mais carnal em tudo, até no contato e na reprodução dos gêneros.

Ser esse tipo sexual de homem era orgulho da região, no entanto, não podemos nos enganar que o discurso jamais apreenderá toda a realidade, pois, haverá sempre uma brecha entre o dizer e o fazer, que criava um cotidiano diferenciado daquele que os discursos enunciavam, ou seja, nenhum homem conseguia ser homem no duro o suficiente que nunca tenha dado mole, facilitado, permitido, consentido, ter sido um fraco para a sua mulher.

E, muitas destas possibilidades, vinham acompanhadas de uma necessidade de (re) afirmação que, na maioria das vezes, era preciso tomar um gole, para recuperar, reafirmar ou (re) atualizar uma identidade.

Uma coisa é certa: não se pode negar que ainda hoje, a construção de um sujeito “macho”, de uma identidade de gênero masculino e regional, que definia o que era ser homem numa região, na maioria das vezes, se deu através de “goles” de cachaça, onde a aguardente era apreciada por “homens duros”, contra os “homens moles” do Nordeste. Bebia-se até virar homem!

Talvez hoje, se beba não para (re) afirmar uma identidade nordestina, mas que a prática social de beber cachaça têm sido um “alimento” identitário de construção do masculino em alguns casos e regiões do Brasil no presente seja uma realidade das relações sociais, espaciais e de gêneros isso sim, pode se pensar na atualidade.

No entanto, não se pode negar também que a prática de ingestão de bebida alcoólica, principalmente como a cachaça, no Brasil, no começo do século XX, durante os anos vinte deste mesmo século, provocou diversas campanhas contra o alcoolismo

que se intensificavam no território brasileiro e, nesse contexto, intensificavam também a criação de várias Ligas Anti-Alcoólicas, em vários pontos do País, notadamente nas capitais dos estados nordestinos. Estas tinham o intuito de combater o “terrível flagelo em sua gênese como em seus reflexos individuais e sociais, aconselhando moderação no uso de bebidas fermentadas e abstenção completa de licores ou bebidas destiladas”.⁶³

Estas Ligas visavam reduzir a participação do Estado, que não se considerava benéfica, devendo ser mais indireta que direta, ater-se a:

[...] tratar os produtos expostos ao consumo com impostos rigorosos, fiscalizar a fabricação das bebidas, incentivando os chamados cafés de temperança, onde não se vendem licores, dispensando-se o imposto ou gravando-os com tributos moderados, determinar visitas freqüentes dos agentes sanitários aos estabelecimentos ou fábricas de bebidas, aplicando com rigor as sanções para os infratores das leis sanitárias.⁶⁴

O alcoolismo era visto como um fator decisivo na dissolução dos laços de família, por isso pedia-se às mulheres, que agora estavam adquirindo foros de cidadania, que viessem participar de uma campanha para combater um mal que há muito as afligia, já que elas eram as principais vítimas de seus pais, esposos e filhos alcoolizados. Estes deveriam se conscientizar de que o álcool levava, inclusive, á impotência sexual, participando ativamente neste processo de desvirilização e crise da masculinidade, que parecia caracterizar esta sociedade que se urbanizava.

Podemos dizer, inclusive, que esta forma de ver e dizer sobre o uso de bebidas, notadamente da cachaça, era característica de um discurso que parte de uma elite urbana, e contrasta com a forma como o uso da cachaça foi vista e sentida, inclusive pelas antigas elites rurais, e, principalmente, pelas camadas populares.

⁶³ N/a – *Contra o alcoolismo*, Recife, Diário de Pernambuco, 08/08/1924, p. 01, col.05

⁶⁴ ARAÚJO, J. A. Correia de. *O alcoolismo*. Recife, Diário de Pernambuco, 15/07/1923, p. 06, col.01 e N/a – *Contra o álcool*. Recife, Diário de Pernambuco, 25/07/1919, p. 01, col. 05

Nas camadas populares, especificamente, e também nestas antigas elites rurais, cachaça e masculinidade, muitas vezes, eram sinônimos e associava-se, sem sombra de dúvidas, às exigências que o gênero masculino teria que ter para sobreviver nesta região, inclusive, no Nordeste, a cachaça era associada à virilidade de forma positiva, que trazia potência, tornava o homem valente, corajoso, mais disposto inclusive para o amor, macho sim senhor!

[...] menino de nove anos/ já faz tudo quanto quer/ fuma e bebe cachaça/ passa a vida de colher/ frequenta cinema e dança/ no dedo bota aliança/ já pensando em mulher.⁶⁵

[...] vinho tinto é sangue vivo/ Branco, parece sobejo/ Já a cana CARANGUEJO/ tem o maior atrativo/ dá um tesão positivo/ que mesmo um sujeito fraco/ vai procurar um 'buraco'/ e tendo mulher de olho/ só não bota o pau de molho/ s'ela negar-lhe o tabaco./ a cerveja é preparada/ com água, malte e levedo/por isso tem gosto azedo/ e a cor amarelada/ e não dá tesão nenhum/ eu mesmo só tomei uma/ e pelo que vi no teste/ amarga que só a peste/ catinga a mijo e espuma./ Cana é boa porque levanta/ o cacete e a moral/ no almoço é ideal/ e melhor depois da janta/ limpa o peito e a garganta/ se for tomada ao café/ o homem de Nazaré/ que entendia o feitiço/ começou a mostrar serviço/ ao transformar água em mé./ Cana é bebida de macho/ cerveja é pra cabra frouxo/Cachaça é prá quem tem roxo/as duas bolas do cacho/ eu pessoalmente acho/que cerveja é prá senhora/ o homem chega na hora/ manda passar a paleta / bebe sem fazer careta/ cospe, paga e vai embora./ a mulher acha bacana/ homem que toma aguardente/ quando de longe ela sente/ aquele bafo de cana/ porque sabe que o sacana/ faz tudo que ela precisa/ gasta o dinheiro e alisa/ sem fazer o caquiado/ mas só toma o bonde errado/ quando o sujeito inverniza.⁶⁶

[...] até mesmo num baile/ dá-se um porre a uma menina/ ela fica tão maneira/ que só volante de usina/ porque a moça bicada/ fica dansando pizada/ quem não souber ela ensina./ disse a mulher do patrão/ não gosto desta danada/ mas comprou um garrafão/ de pura imaculada/ tomou um porre bem cedo/ ficou pisando no bredo/ e brigou com uma criada/ fui outro dia num samba/ na casa de seu Gil Braz/ uma moça estava quente/ deixou cana e bebeu gaz/ inda hoje o povo fala/ que ela dansando na sala/ se abraçou com um rapaz./ uma noite me convidaram para um samba na roça/ lá estava um consumidor/ bebendo cana na troça/ disse Assis não estou com fita/ mas essa mulher é bonita/ pode afirmar que é nossa./ Eu estava em Campina/ na estação do trem/ tinha um sujeito bebendo/ estava num vai e vem/ um rapaz foi bulir/ disse se você sorrir/ entra na faca também./ vi no samba um cachaceiro/ já com a vista serena/ como acabou-se a cachaça/ estava chorando com pena/ queria a pulso dançar/ uma parte com Madalena/ vi na praça do Recife/ um bacharei muito moço/ tomou um porre de cana/ que ficou falando grosso/

⁶⁵ SANTOS, Erotildes Miranda dos. *Os horrores da devassidão*.s/e;s/d.p.08

⁶⁶ MONTEIRO, Manoel. *Exaltação á cachaça*.campina Grande, 2000.

pendendo cheio de cachaça/ gritava no meio da praça/ rapaziada, eu sou osso.⁶⁷

[...] quando Sofia se dana/ com toda aquela gordura/levanta saia de Padre/ prega sem ter escritura/ não atende delegado/ toma arma de soldado/ faz samba na prefeitura./ no dia que ela se zanga/ pega fogo com a mão/ dança twisty na rua/ dizendo que é baião/ toma cachaça e não paga/no Governo roga praga/ faz pior que Lampião./ Sofia que o dia todo/ tinha bebido demais/foi arrancando a peixeira/ daquelas que o diabo faz/ e partiu para o açougueiro/ que foi aquele salseiro/ que quase que não acaba mais./ No dia que toma uma/ Sofia fica amarela/ fica roxa, fica verde/ e se alguém bole com ela/ nesta hora ela se espalha/ pega o cabo da navalha/ se lembra da terra dela.⁶⁸

No Brasil, de uma forma geral, mas principalmente naqueles espaços destinados ao mundo ou cenário rural, era comum, no início do século XX, encontrar notícias em artigos de jornais do Nordeste e nas narrativas cordelistas, a temática do alcoolismo ou iniciação precoce de jovens naquelas regiões.

Sendo a prática de beber cachaça um hábito comum no cotidiano nordestino, acreditamos ser ela um dos únicos elementos constitutivos da masculinidade do nordestino que permite uma certa flexibilidade de palavras e ações, ou seja, o seu consumo permite ao homem tomar tanto atitudes que afirmem seu estereótipo, como por exemplo, ficar valente ou ousado, como também incorporar atitudes que em seu estado “sóbrio” denegriria sua imagem, como chorar ou implorar o amor da pessoa amada, mas, quando embriagado não é levado a sério, já que não é “ele” que está a praticar tais atos, mas, ela, a cachaça.

Nas estrofes acima, como era de se esperar, a bebida alcoólica tida como a verdadeira, mais pura e, principalmente, identificada com a masculinidade na região, está, sempre associada às condições de ser homem: macho, viril, valente e ousado.

A prática de beber cachaça, deslocada do cenário rural para o mundo urbano, como vimos no exemplo do “bacharel”, fez dele “mais homem” do que era, pois ele passou a falar “grosso” depois que bebeu um gole de cachaça, como se tivesse se

⁶⁷ ASSIS, Manoel. *O prazer que dá a cachaça*. Patos, Paraíba:Tyó. São José. 1949.

⁶⁸ CAVALVANTI, Rodolfo Coelho. *A mulher que fez a barba do marido a pulso*.

despido do cenário urbano para se vestir do mundo rural, através de vários goles da bebida, construindo, assim, uma identidade regional, nordestina e rural, e de gênero macho e viril.

Até mesmo, no caso de “Sofia”, nas narrativas acima, suas atitudes após beber cachaça, eram as do nordestino macho, viril, valente, desordeiro e ousado, destemido e armado. No caso da “Sofia”, existia mais uma associação ao tomar um gole de cachaça, ela se lembrava da terra dela, armava-se com uma peixeira e atualizava o que era ser filho, habitante e sujeito daquela região, da qual Sofia, nem que fosse através da cachaça, fazia questão de recorrer e de lembrar.

A prática de tomar goles de cachaça no Nordeste, de forma precoce, do jovem menino ao velho patriarca, esteve desde o começo, associada à definição da identidade nordestina, pois, cachaça, amor, cangaço, costumes, crimes, mulheres, homens, masculinidade, região seca, suicídio, violência, modernidade e tradição, entre outros, foram temáticas que não só se tornaram elementos constitutivos do que era ser homem no Nordeste, como também paulatinamente, foram sendo definidoras da identidade nordestina no Brasil.

Ao longo de nossas investigações, todas estas temáticas foram pesquisadas e percebidas sempre associadas às condições de exigências do mundo masculino nesta região, temáticas que destacavam a centralidade do “falo” nos vários discursos que confessavam o masculino como superior, valente, ousado, destemido, corajoso, bravo e forte.

E um dos aspectos que mais nos chamava à atenção era que justamente a figura do nordestino surgia para atualizar antigas práticas que já existiam, que, na verdade, foram exercidas por habitantes desta mesma região com que se identificavam como sendo o nortista, sertanejo, brejeiro, vaqueiro dentre outros. Este processo de

atualização tinha na figura do nordestino seu ponto de chegada, em busca de generalização e recorrência fato que, com o passar dos anos foi se confirmando.

Nas primeiras décadas do século XX, concomitante à emergência do Nordeste e do nordestino e, ao mesmo tempo que ambos passavam por atualizações referentes aos antigos códigos de costumes tradicionais e conservadores desta região, que iam se perdendo paulatinamente e, surgiam leis e maneiras de comportar-se, de vestir-se, beber, comer, andar, falar, atuar dentre outros ligados ao mundo urbano foram, sendo desapropriados da tradição para passar a ser vistos como perniciosos, numa sociedade cada vez mais urbana no Brasil.

Entre os flagelos que atacavam o organismo social, além do álcool associado também ao jogo e vice-versa, outro que preocupava, sobremaneira, era o crescimento da criminalidade, fruto da vagabundagem, que vinha grassando, para maior preocupação das autoridades, entre os menores de idade. Beber, desde os nove anos, como vimos há pouco, numa estrofe de cordel, era prática comum, associada ao jogo e à vagabundagem, no cenário urbano, cada vez mais crescente nesta região, produzia pequenos criminosos e gerava bastante violência, na sociedade burguesa que se estruturava.

O declínio da vida familiar, que antes parecia estar tão bem estruturada no mundo rural e patriarcal onde se admitiam determinadas práticas sociais rurais, com o enfraquecimento dos laços de responsabilidade que ligavam pais e filhos, estava dando origem a este fenômeno novo e preocupante, o do menor de rua:

[...] há meninos vagabundos que se vão pouco a pouco iniciando na prática do mal ao contato dos profissionais do crime. Encontram-se nas ruas menores de 1º, 12 e 15 anos, apregoando bilhetes de loteria, vendendo jornais ou esmolando a caridade pública, habituando-se deste modo a uma vida preguiçosa e imoral, contraindo os hábitos perniciosos que lhes vão embotando a consciência. Estes são os candidatos certos aos presídios, os elementos inúteis e improditivos

que pesam sobre a sociedade em vez de concorrer com seus esforços e seu exemplo para a felicidade coletiva.

È preciso afastar os adultos, desiludidos do urbanismo para os centros agrícolas e combater a praga dos menores vagabundos, por meio das escolas e das instituições disciplinares e profissionais.

Essa tendência urbanista é um caldo de cultura propícia a vadiagem e a criminalidade, enquanto se vai provocando o abandono da atividade agrícola.⁶⁹

[...]o que do jogo conheço/ nesse livro vou citar/ e diversos pormenores/ e que vemos se registrar/ sobre o vício que aos poucos/ penetrou em todo lar./

[...] mas se um homem sonhar/ que estava enfeitado/ com dois chifres formidáveis/ e se o cujo for cazado/ e se aceitar meu conselho/ não jogue touro ou veado/ porque um sonho assim/ é simplesmente a visão/ que vem lhe aconselhar/ pra na mulher ter cuidado/ que lhe pode atrairçoar./ os banqueiros/ são que vivem/ dia a dia melhorando/ e o pobre do jogador/se perde, sai soluçando/e eles vão, com placidez/manhosamente enricando.⁷⁰

Esta citação representa um pouco o universo nordestino que se generalizava e se tornava no dia- a- dia recorrente: menores nas ruas, vagabundagem, vícios diversos como o jogo do bicho, entre outros, bebedeira, os lares, as famílias, enfim, uma estrutura ameaçada cada vez mais, entre outras coisas, pela maior importância que o mundo urbano vai tendo em detrimento do cenário rural que se “fechava”, parecia emasculado, chegando ao seu fim.

Parecia que a política dos “maus costumes” estava servindo de base de construção do homem nordestino no urbanismo acelerado e progressista que passava a fazer parte do cotidiano de homens e mulheres acostumados com as coisas mais simples, sem tantas novidades e, de uma forma geral, que crescia, fazia-se ver e dizer de forma tão rápida que tornava a compreensão das mudanças difíceis de ser sentidas entendidas.

Na relação entre identidades de gênero e identidades espaciais que ocorriam no Nordeste, no começo do século XX, os limites do mando e os limites do mundo com que estavam acostumados a relacionar-se o homem e a mulher nordestina, marcados por

⁶⁹ FERNANDES, A., *De uns e de outros*. Recife, Diário de Pernambuco, 11/04/1921.p. 03; col. 02.

⁷⁰ LIMA, Waldemar Custódia de. *O jogo do bicho*. Vitória, Pernambuco, s/e, 1934.

uma geografia assinalada pela relação afetiva entre homem e terra, homem e bichos; em que os homens estariam muito mais próximos da natureza, parecia que viviam de forma harmônica com o espaço que o cercava, enfim, esta sensação de que seu mundo estava em ruínas, parecia muito estranha, que o mundo lhe escapava dos próprios pés, tudo isto era uma constante no discurso destes homens saídos de uma elite tradicional em franco declínio social, assim como, de uma forma geral, o cenário rural passava cada vez mais por um processo de franco declínio em favor da ascensão do cenário urbano, em nome de uma transição da sociedade escravista para a sociedade burguesa no Brasil.

Nem que seja na fantasia, como vimos, o antigo senhor de engenho, precisa personificar a Usina e encará-la como fruto do sentimento de avareza. Na primeira citação, que era o prefácio de Freyre, nas memórias de Bello, percebe-se a transição de um espaço agrário produzido e reproduzido através das relações marcadas pela pessoalidade, pelo paternalismo e, principalmente, pelo poder autoritário e discricionário de um chefe para um espaço agrário atravessado cada vez mais pelo anonimato do capital e do empresariado moderno.

De uma forma geral, as memórias de Júlio Bello refletem um mundo tradicional em decadência, em ruína, até mesmo quando pensa a Usina, Bello e tantos outros senhores de engenho sentiam-se, de certa forma, pertencentes a uma entidade chamada Usina, que não tem rosto, que não tem sangue, não tem tradição, nem vínculos familiares ou de vizinhança. Segundo Harvey (1993) e Jameson (1996)⁷¹ que chamam a atenção para o fato de que um dos elementos definidores da modernidade é exatamente a mudança das relações com o espaço, a compressão espacial, à medida que o desenvolvimento tecnológico, dos meios de transporte e comunicação, além da

⁷¹ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. SP: Loyola, 1993; e, JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. SP: Ática, 1996.

mecanização da produção parecem produzir um encolhimento das distâncias e a alteração das percepções espaciais.

Estes discursos lidam com uma série de imagens espaciais que parecem remeter a este processo de alteração das escalas espaciais e de seus limites e fronteiras com a chegada do mundo moderno, urbano e industrial. Estas memórias nos falam, da redução do poder destas elites tradicionais.

Seja Júlio Bello em suas “memórias”, seja Odilon Nunes de Sá em seus folhetos, como veremos nas próximas citações, as elites agrárias assim como as camadas mais populares estavam em crise por terem perdido suas antigas referências, parecem desorientados. Olham em volta e não conseguem enxergar mais o seu mundo.

Daí a necessidade de reviver estas territorialidades perdidas ou em via de extinção, nem que seja em forma de romance, memória ou folhetos de cordel. A necessidade que sentem de escrever e registrar este mundo que estava desabando nasce da própria percepção de que a escritura era a única forma ainda disponível para dar materialidade a esta geografia e a estes sentimentos em ruínas. Literatura nascida da tristeza, do lamento, da nostalgia, da melancolia, diante de um mundo cujas fronteiras vinham se apagando:

[...](cidade):tudo que de você tem/ sou eu que compro e que apuro/
guardo mais para o futuro/ em depósito e armazém/ portanto o que
você tem/ sou eu que dou a saída/ passando em peso e medida/ e
pagando legalmente/ sem que eu não faça frente/ sua riqueza é
perdida.

(campo): por mim que tu és construída/ e porque não analisas!/
compra porque precisa/ seja mais reconhecida/ eu sou que te dou a
vida/ e que te ajudo a crescer/ tu tens que obedecer/ as minhas coisas
rurais/ quem compra precisa mais/ de que quem tem para vender.

(cidade): mais você deve saber/ que seu povo camponês/ vende e
compra outra vez/ para vestir e para comer/ porque só pode viver/
nesta manobra que há/ primeiramente é prá cá/ eu reconheço é claro/
mas eu ajeito e preparo/ e volta daqui prá lá.

(campo): saiba você desde já/ que primeiro vem de mim/ começo, é
antes do fim/ olhe a razão onde está/ você não venha e nem vá/ com

estória negativa/ sua riqueza é cativa/ a minha está de cima/ porque a matéria prima/ é a parte primitiva.

(cidade): minha força instrutiva/ é melhor do que a sua/ que o trabalho continua/ com toda expectativa/ aqui só se cultiva/ indústria e literatura/ escrita, verbo e cultura/ e palavras de altivez/ só existe rustidez/ La na tua agricultura.

(campo): mas é a mola segura/ e nela também se aprende/ o meu povo compreende/ os segredos da natura/ aprende a fazer fartura/ com o ensino de Deus/ e os habitantes seus/ com tanta sabedoria/ tem o pão de cada dia/ saindo das mãos dos meus.

(cidade): os habitantes meus/ não gostam dos seus costumes/ vocês por lá se arrumem/ também vivemos com Deus/ em todos os pontos de vista/ nossa luta é progressista/ pelo estudo profundo/ que a grandeza do mundo/ só parte do cientista.

(campo): é mesmo dos cientistas/ que nascem as confusões/ diversas religiões/ e as ciências spiritistas/ sai o materialista/ que descrever no criador/ inda mais no salvador/ profana da lei de Cristo/ mas ninguém nunca viu isto/ no meu povo agricultor.

(cidade): a que dar-se o valor/ a quem estuda e sabe ler/ se dedica ao saber/ tira carta de doutor/ ser juiz ser promotor/ ser médico ser engenheiro/ ao artista verdadeiro/ dou aplauso importantes/ e também aos comerciantes/ movimentando o dinheiro.

(campo): o meu povo é o vaqueiro/ os honestos trabalhadores/ fazendeiros, agricultores/ o criador, o garimpeiro/ disso sim, sai o dinheiro/ mas você não reconhece/ quem mais faz menos merece/ neste planeta sem luz/ é como disse Jesus/ o justo é quem mais padece.⁷²

O homem da cidade comprou a usina e comprou as terras. Com esse utilitarismo comercial e as suas minúcias de dever e haver, de lucros e perdas, com este espírito de detalhe do homem de negócio que investiga inteligentemente tudo e tudo anota e aproveita, e para aumentar a zona de culturas, invadiu com a lavoura de cana todos os recantos dos engenhos. Valendo-se, para sua defesa, de uma ilusória vantagem no salário, tomou, por via de regra, os pequenos sítios de mandioca e das outras lavouras secundárias do pobre. Este deixou de cultivar o trato da terra, que ordinariamente, a complacência e o espírito de equidade do Senhor de engenho antigo lhe outorgavam. Deixou os engenhos e passou a residir de preferência nos povoados e cidades do interior, vivendo exclusivamente do salário ilusoriamente melhorado.

Não tendo um palmo de terra que cultive, acaba por conformar-se com essa resignação herdada de 300 anos de opressão, com o rigor dos ricos-homens e não o busca mais longe. Não reserva assim nada para os maus dias, perde mesmo a noção de necessidade de fazer alguma coisa para si só, de tudo o que faz para os outros, alugando os braços.⁷³

⁷² SÁ, Odilon Nunes de. *Desafio do campo com a cidade*. s/c;s/e/s/d.

⁷³ Bello (1985:133).

A cidade era um espaço não-familiar, estranho a estes habitantes que viviam este contexto de transição e de mudanças sociais. Para Albuquerque Júnior (2003), concordando com o que disse Freyre (1959), outro fator decisivo que foi identificado por estes autores, como sendo uma “crise da sociedade patriarcal”, foi à vitória progressiva da cidade sobre o campo, seja no plano econômico, com o predomínio das atividades industriais e comerciais sobre as agrícolas, seja no plano político, com o predomínio dos grupos urbanos sobre os grupos rurais no preenchimento dos cargos que compunham a burocracia estatal, seja em nível de valores e de costumes, como vimos nas últimas citações.

Capítulo II - Entre a crise da masculinidade no Nordeste: histórias no barbante de violência e masculinidade em relação aos espaços e ao feminino.

Até que ponto a sociedade dita nordestina, dentro ou fora do Nordeste, do Maranhão a Bahia, seja no Piauí seja em São Paulo, legitima a violência e a masculinidade como elementos constitutivos do que é ser homem na região?

Não podemos esquecer que assistimos até nossos dias, a uma estruturação hierárquica e autoritária de gênero, dominante na sociedade nordestina, que vem sendo acompanhada da própria legitimidade social para atos de violência contra o feminino e de desprezo, medo e ressentimento por tudo que ele representa.

Devemos lembrar também que a violência, a luta e o derramamento de sangue teriam sido a tônica da história do povoamento e do processo civilizatório deste espaço e de constituição do nordestino. O Nordeste teria sido no passado uma terra para quem não tinha medo de morrer e nem remorsos de matar. A família nordestina, muitas vezes, teria se formado do encontro do fazendeiro dominador com a cabocla caçada a patas de cavalo para os haréns.⁷⁴ O nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violentas, teria como uma de suas mais destacadas características subjetivas a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações.

Violência que partia tanto de homens como de mulheres. Percebemos através deles, como a violência era comum na vida do nordestino, seja sofrendo, praticando-a, percebemos também que em alguns discursos e práticas da violência masculina, que ela se confundia e se misturava à masculinidade confundida com a coragem, o destemor e a virilidade, ou seja, ser forte era ser valente, logo, violência seria coisa de “macho”, por isso havia tantas mulheres que se utilizavam desta prática, identificadas como “mulher-

⁷⁴ Para saber mais sobre esse assunto consultar: CASCUDO (1984:31-32).

macho”, que atuavam feito homens, utilizando-se de armas e comportamentos muito mais comuns ao gênero masculino. Às vezes, para se defenderam deles mesmos, outras vezes para atacarem a eles mesmos, ou, como se via também, entre elas próprias, assim como havia, entre eles próprios. Violência que se misturava ao cotidiano, aos artigos de jornais, aos folhetos de cordel e à subjetividade regional paulatinamente.

Na *Gazeta do Sertão*, *A Voz da Borborema*, *O Diário de Pernambuco*, assim como na Literatura de Cordel, a violência como temática e elemento associado e constituinte de uma identidade regional e sexual do nordestino, surgia em forma de artigo ou verso, de forma intensa e recorrente.⁷⁵ Na Literatura de Cordel, a violência veiculada nas narrativas é digna das páginas de quaisquer jornais nas colunas dos assuntos de crime, polícia e violência, no entanto, nos folhetos as narrativas ganhavam outra dimensão, passando a ter fórum de legitimidade social.

No Cariri nordestino/ pertinho de Soledade/ morava um casal de pobres/ no verdor da mocidade/ ele com vinte e um anos/ ela com a mesma idade./[...] certo dia Severino/ com isto se aborreceu/ e disse pra Benedita/ vou sair feito um plebeu/ de mundo afora pra ver/ qual é o destino meu.../Benedita disse: Nêgo/ eu vou contigo, também/ que eu não vou ficar sozinha/ sem ajuda de ninguém/ prefiro morrer contigo/ do que viver sem ninguém./

A história vazada neste folheto de Cícero Vieira da Silva, sem editora e sem data, fazia parte de um comportamento comum à família nordestina que vivia numa terra onde sobreviver era quase impossível.

⁷⁵ Durante pesquisas que nós realizamos entre os anos de 1900 e 1920 em Campina Grande e Recife, nos jornais *A Gazeta do Sertão*, *A Voz da Borborema* e *O Diário de Pernambuco*, em Recife, constatamos, de forma recorrente e insistente entre os anos de 1906 e 1914, um índice de violência como temática e associada a região e ao gênero masculino como sinônimo de valentia, coragem, honra, destemor etc., alguns exemplos: *Inquérito Policial*. *Gazeta do Sertão*, 1891; *Devido a palmos de terra já se matou muita gente*. *A Voz da Borborema*, 1938; *Agressão de mulheres*. *Diário de Pernambuco*, 1906; *Perversidade de uma mulher que queimou o amásio com água fervendo*. *Diário de Pernambuco*, 1906; *Ciúmes e punhaladas*. *idem*, *idem*, 1911; *Ferimentos por causa de ciúmes*. *idem*, *idem*, 1914; *Assassínio de uma mulher em Santo Amaro- o ciúme em ação*. *idem*, *idem*, 1914; *uma discussão que terminou em facadas*. *Idem*, *idem*, 1914; entre outros.

As condições nem sempre favoráveis a estes habitantes fazia com que muitos deles se retirassem de seu local de origem, saindo em busca de melhorias que, na maioria das vezes, não encontravam, encontravam sim situações mais adversas e perigosas, contrárias, portanto, as que já vivia antes de tornarem-se retirantes. Na maioria dos casos, o marido partia só na busca de melhores condições de sobrevivência para si e para sua família que ficava para trás.

Estes homens ausentes promoveram e produziram no Nordeste o que ficou bastante conhecido na região, mas, principalmente no Brasil, como as viúvas das secas. Fruto da ausência de seus esposos, seus companheiros de vida e região, muitas delas transformaram-se histórico e culturalmente numa existência e comportamento de gênero nesta região, ao assumir a condição de mulher-macho, para sobreviver e dar conta de todas as adversidades que lhes apareciam, desde a mais remota, a ausência de alimento até o enfrentamento dos preconceitos que passavam socialmente, dentro e fora de sua região.

Muitas, além de viúvas das secas, passavam a ser chamadas também de “mulheres sendeiras”, que significava “sem marido”, que não era casada ou que nunca casou, na verdade, estavam sós, e sozinhas enfrentavam toda a “sorte” que surgia diante de si para garantir sua sobrevivência pessoal e de gênero.⁷⁶

Não foi o caso de Benedita, mas, ainda assim, como veremos, muitas situações apareceram ao longo desta jornada narrada neste folheto e exigiram dela um

⁷⁶ O exemplo que aqui utilizei das “mulheres sendeiras” merecia uma compreensão estatística como (re) afirmação ou não do que disse, como também abre margem para discutir se estas “mulheres sendeiras” seriam ou não uma associação direta e automática ao fenômeno das secas no Nordeste. No entanto, as “sendeiras” existem e estão por aí independente de períodos de seca ou não na região. Além de serem bastante relacionadas a uma questão cultural e de gênero, “elas” sempre são “apontadas” e “vistas” como mulheres solteiras que “passaram da idade de casar ou então, que ficaram viúvas, ou ainda, que foram abandonadas pelo marido ou companheiro, enfim, as mulheres sendeiras são mulheres “sozinhas”, sem compromisso “sério”, não que seja a minha opinião ou “julgamento”, apenas uma constatação que fiz ao longo do tempo e da pesquisa sobre o gênero feminino nesta região. Não sei nem atestar se já figuraram algum dia estatisticamente de modo oficial como “mulheres sendeiras”, essa denominação.

comportamento muito próximo a de um homem, ao do papel de gênero masculino que estava acostumada a conviver, mas, que exigia dela assumi-lo quando necessário.

[...] por que é que esta dona / chora tanto meu amigo?/ desculpa eu me interver/ que nada tenho consigo/ mas se precisar socorro/ poderão contar comigo./ Esta dona é minha esposa/ Benedita é o seu nome/ viemos do Cariri/ estamos mortos de fome/ ela, não suporta mais/ pois a três dias não come/ o homem levou os dois/ urgente num restaurante/ e mandou que o garçom/ servisse a eles bastante/ Severino e Benedita/ comeram como gigante./ o homem pagou a conta/ e disse: escuta rapaz/ estou com um caminhão/ que segue para Goiás/ vou contar-lhes as condições/ veja e pense no que faz./ [...] Severino disse: vou/ com o senhor pra Goiás/ chance melhor do que esta/ sei que não encontro mais/ Benedita disse: vamos/ ver a sorte o que nos traz./ [...] até ai tudo aquilo/ que o homem prometeu/ café, comida e dinheiro/ nada disso aconteceu/ só viajava humilhando/ todo passageiro seu./ quando pagava um café/ ficava bem diferente/ ajeitava o seu revólver/ e dizia:eu sou valente/ só vou dar comida agora/ no dia que vender gente./ Quando o fazendeiro viu/ encostar o caminhão/ chamou logo o capataz/ e encostou no portão/ com 2 revólveres na cinta/ e um chicote na mão.

[...] e disse pra Severino:/ o senhor que é casado/ se despeça da mulher/ tudo aqui é separado/ mulher dorme com mulher/ e barbado com barbado./ Nisto o fazendeiro disse:/ meu assunto é muito pouco/ vá buscar a ferramenta/ e vá logo arrancar toco/ se reclamar vai levar/ pontapé, chicote e sóco/Nisto o fazendeiro fez/ um gesto de assombração/ e disse: já vi que tu/ és metido a valentão/ mas eu sou amansador/ desses brabos do sertão./ Severino disse: o que?/ por aquela eu mato e morro/ é minha esposa legítima/ não é mulher de cachorro/ por ela eu me esbagaço/ mato gente mas não corro./ o capataz segurou/ nos braços de Severino/ deu-lhe um empurrão nas costas/ e disse: segues mofino/ para ir arrancar toco/ será este o teu destino./ Severino respondeu:/ eu vou lá arrancar toco/ soltou-se do capataz/ e deu-lhe um tremendo soco/ pegando a chã do ouvido/ que o bicho ficou moco/ o capataz todo tonto/ partiu para Severino/ pegou uma picareta/ comprida do bico fino/ disse: eu vou sangrar-te agora/ como quem mata suíno./ [...] e rápido que só um gato/ pulou pra frente e pra traz/ fez que caía no chão/ tapiou o capataz/ dizendo assim: eu te mostro/ como um nordestino faz/ tirou o corpo da reta/ e deu-lhe um forte bicudo/ desviou-se e encestou/ um pescoção tão miúdo/ que o cara esparramou-se/ com picareta com tudo/ Severino se escanchou/ em cima do capataz/lhe dava soco dizendo:/assim é que homem faz/nessa hora o fazendeiro/ foi chegando por detraz.../e foi metendo o chicote/ nas costas do Severino/ deu-lhe duas correiadas/ como quem bate em menino/ dizendo: sou domador/ de valentão nordestino./ Severino recebendo/ as correiadas por traz/ foi obrigado a largar/ o corpo do capataz/ pulou de costas dizendo:/ covarde assim, é demais/e deu tremenda rasteira/ no valente fazendeiro/ o bicho caiu por cima/ do capataz seu parceiro/ Severino disse: agora/um dos dois morre primeiro./ o fazendeiro gritava:/ vem

cá meu povo separa/ Severino uniu os dois/ esfregou cara com cara/
disse: eis uma lembrança/ dum escravo pau de arara/

Na história do retirante nordestino que foi deixando o mundo o rural a que estava acostumado a viver, os protagonistas se deparavam com a realidade de um mundo rural de outro estado, que mantinha como prática comum o agenciamento e a escravidão de trabalhadores em terras distantes do local de origem dos mesmos e, como podemos perceber, enfrentando as condições mais violentas e contrárias a sua sobrevivência. No entanto, Severino e Benedita, pelo poeta cordelista Cícero Silva, vivenciam nesta história a representação de um mundo conservador e tradicional em decadência que, como vimos ao longo dos outros capítulos, garantiu as condições de emergência do Nordeste e do nordestino.

Acreditamos que o mais importante a ser percebido nesta representação a que nos referimos há pouco, é que, mesmo vivendo em mundo ainda em transição, entre o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, e as mudanças sociais que apareciam na horizontal, feminizando cada vez mais a sociedade e modificando de forma crescente e recorrente os códigos de sensibilidade e de gênero, determinadas atitudes e comportamentos se mantiveram de forma subjetiva, alimentando a identidade regional e sexual que representava os antigos estados do Norte do Brasil.

Em outras palavras, como vimos nas narrativas deste folheto, sempre que a violência esteve presente, veio acompanhada por determinações de gênero masculino associados a elementos de coragem, valentia e destemor.

[...] Severino nesse instante/depressa olhou prá traz/ viu mais de 15
capangas/ de paus, facas e punhais/ Severino disse: o diabo/ é quem
vai esperar mais./ pulou um muro que tinha/ de três metros de altura/
caiu do lado de fora/ numa mata muito escura/ levantou-se e disse:
agora/ nem o diabo me segura./[...] quando o fazendeiro viu/ Severino
cair fora/ disse: a mulherzinha dele/ é quem vai pagar-me agora/

trabalhando e apanhando/ três pias em cada hora./[...] disse o fazendeiro então/ vi que és mulher folgada/ és mulher de valentão/ tem que ser bem castigada/ e pelos seus desaforos/ vais trabalhar amarrada.

[...] Severino muito triste/ chegou na porta e bateu/ chamou por todos os lados/ porem ninguém respondeu/ falou: aqui não tem dono/ o dono agora sou/ e derrubou logo a porta/ da casa velha isolada/ foi na sala e na cozinha/ de gente não tinha nada/ apenas viu uma cama/ completamente forrada./ leitores aquela casa/ pertencia ao fazendeiro/ aquele tal que mantinha/ Benedita em cativo/ e pra ali ele levava/ mulher de prisioneiro./ botou Benedita a força/ num jipe que possuía/ e seguiram por uma estrada/ que só ele conhecia/ foi parar naquela casa/ que toda noite ele ia./com o barulho do jipe/ Severino olhou ligeiro/ viu a sua Benedita/ chorando no desespero doida pra se defender/ das garras do fazendeiro/

[...] Severino disse a ele:/ agora vou lhe amarrar/ mas antes deste serviço/ você tem que assinar/ um cheque de um milhão/ ou assina ou vai tombar./ o fazendeiro do bolso/ tirou depressa um talão/ e preencheu logo o cheque/ num valor de um milhão./ prá retirar em Goiânia/ no Banco da Produção./ Severino foi ao banco/ e retirou o dinheiro/ e depois foi a justiça/ e deu parte do fazendeiro/ que mantinha o pessoal/ no mais triste cativo.⁷⁷

Quando o fazendeiro se referiu a Benedita como *mulher de um valentão*, não foi simplesmente para lembrar-nos da coragem e valentia do Severino, esposo da Benedita, mas sim para nos mostrar que sendo ela mulher de um valentão, provavelmente valente também seria, pois, quando da luta de Severino com o capataz e depois que esfregou a cara do fazendeiro na do mesmo capataz, dizendo que era uma *lembrança de um pau de arara*, ele estava se referindo a seu local de origem, o sertão, o Nordeste, terra de valentes, de corajosos, de destemidos, mas também de violentos.

O fazendeiro ainda tentou modificar todos estes elementos históricos e culturais da subjetividade do Severino quando dizia que era *domador de valentão nordestino*. O que reflete bastante a importância deste trabalho, pois, o poeta popular do cordel procurou mostrar que existia uma identidade regional e sexual nordestina vivida como um “imperativo categórico” dentro e fora da região.

⁷⁷ SILVA, Cícero Vieira da. *A escrava nordestina*.s/e;s/d.

E esta identidade local, regional e sexual inventada e atualizada no nordestino era reconhecida fora da região, por exemplo, em Goiás, pelo fazendeiro que esperava domar valentões do Nordeste. No entanto, nas narrativas deste folheto, assim como numa vasta literatura que vem desenhando e redesenhando o nordestino como uma invenção do “falo”, que tem a violência, entre outros elementos, como parte constituinte dessa identidade, ressaltamos que a existência do preconceito que emergiu em torno do Nordestino e também do Nordeste, desde o começo do século XX até hoje, é fruto do preconceito contra a origem geográfica e de lugar da qual nós fazemos parte.

Um preconceito de fronteiras que produziu e produz discórdia, diferença e violência entre os gêneros, entre os estados, entre as nações.

[...] o preconceito quanto á origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das idéias.⁷⁸

Os nordestinos sofrem algum tipo de preconceito? Ou sofriram algum tipo de preconceito? Se sim, que motivações teriam este preconceito: econômico; político; religioso; cultural? Ou seria um (uns) preconceito(s) em relação aos costumes e idéias dos mesmos? E sofre preconceito de quê e onde: deles mesmos; dentro ou fora da região?

Para Albuquerque Júnior (2007:89):

⁷⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 11.

No Brasil, o preconceito por origem geográfica marca, especialmente, os nordestinos. Este preconceito se expressa, por exemplo, através dos estereótipos do ‘baiano’ e do ‘paraíba’, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região Nordeste. Ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certos desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau de arara, o arigó, entre outros. Para compreendermos porque as populações do Nordeste são objeto destes preconceitos é necessário que se faça uma abordagem que leve em conta dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, a história da construção da própria idéia de Nordeste e, em conseqüência, da idéia de nordestino(...), e em segundo lugar, é necessário abordarmos o papel desempenhado pelas elites nordestinas e por suas camadas populares na história do país no século XX, pensarmos que processos sociais, que aspectos do funcionamento da economia e da política brasileiras, neste século, provocaram conflitos e tensões intra-regionais e qual foi o papel desempenhado, nestes processos, pelos diversos grupos sociais do Nordeste.

Neste capítulo, por exemplo, a abordagem está direcionada para a “violência” e a “masculinidade” regional e sexual representada no cordel, dentro e fora da região, sobre o nordestino e suas práticas violentas de atuação entre o gênero masculino e feminino e, muitas vezes, entre o masculino e o masculino, e, entre o feminino e o feminino. Como veremos agora, entre o feminino e o feminino, entre o feminino e o masculino:

[...] quando ela chegou lá/ sem pena meteu-lhe o pau/ o marido deu um salto/ por cima de um girau/ acharam aquela zuada/ melhor do que o (babau)/ José Machado gritava:/ -onde é que eu me esconda/ ela dizia:sujeito/pergunte a mim que eu respondo/ parecia o Benedito/ derretendo o João redondo/ de tanto ódio e ciúme/ a mulher ficou vermelha/ voltou pegado com ele/ que parecia uma abelha/ trouxe ele até em casa/ puxado pela orelha.⁷⁹

[...] o caso a que me refiro/ é meio estranho e brutal/ que eu li um certo dia/ na página de um jornal/ agora transformo em versos/ para o público em geral./ Deu-se em Campina Grande/ este bruto acontecido/ que uma mulher perversa/ com ciúmes do marido/ castrou o pobre dormindo/ com um furor desmedido./

[...] Conceição sabendo disso/ também ficou uma fera/ falou prá dona Zulmira/ você é uma megera/ o nosso Zezinho agora/ não fica mais como era./ Conceição disse prá ela:/ -você merece morrer/ porque é como barata/ não me acanho em dizer/ nem come e passa por cima/ para outra não comer./ seu espírito desgraçado/ deve está bem satisfeito/ fique lá com seu marido/ agora de qualquer jeito/ porque

⁷⁹ LEITE, José Costa. *A mulher que engoliu um par de tamancos com ciúme do marido*.s/e, 1966.

eu não quero mais/ pode fazer bom proveito./ então naquele momento/ em que uma e outra dizia/ chegou uma tal Arlete/ e uma tal de Sofia/ para bater em Zulmira/ dentro da delegacia./ chegou uma tal Luzia/ Bernadete e Severina/ Camila, Célia e Odete/ Selma, Celeste e Regina/ Aurora, Vilma e Inês/ Iracema e Catarina./ e todas se reuniram/ com a tal de Conceição/ logo tentaram invadir/ a casa de detenção/ para lincharem Zulmira/ ali em plena prisão./⁸⁰

Nestes dois folhetos, a violência legitimada socialmente nas páginas do cordel encontra suas justificativas nas relações de gêneros diversas que estavam instaladas nesta região.

A violência e a masculinidade aí produzida procuraram sempre destacar a centralidade do “falo” como organizador das relações de gêneros entre o masculino e o feminino, entre o masculino e o masculino e entre o feminino e o feminino, ou seja, relações de gêneros que exigiam atitudes, comportamentos e papéis de gêneros bem definidos para o Nordeste e justificados em ações de valentia, coragem, destemor, entre outros.

O que chama a atenção é o fato de que o nordestino é pensado apenas como uma figura masculina e a masculinidade estão associadas necessariamente à violência.

Analisando cordéis de diferentes momentos históricos, o texto acompanha a construção do nordestino como uma figura viril, valente e violenta. Pode-se detectar neste discurso a violência que permeia às relações de gênero nesta região.

E o significado desta legitimidade social da violência masculina, na região, segundo afirma Maffesolli (1981), se justifica porque a violência é constitutiva das relações sociais.

[...] deixo tudo declarado/ escrito aqui nesse verso/ as moças pensam de um jeito/ mais (sic) sempre sai adverso/ rapaz não tem coração/ é todo ele perverso/ aviso a toda moçinha/ não se iluda com rapaz/ seja bem obediente/ a seus queridos pais/ a vida gente é doce/ quando vai/ não volta mais.⁸¹

⁸⁰ SANTOS, Apolônio Alves dos. *A mulher que castrou o marido em Campina Grande*, PB.Campina Grande: Centro de Literatura São Sarruê/ Fundação Rio, 1985.

⁸¹ COSTA, Leandro Simões da. *O grande crime de Caicó*. Caicó,Ed. Do próprio autor, s/d.p.14.

[...]agora mudo um pouquinho/ para entrar na rotina/ da parte mais principal/ que a quem não sabe ensina/ dizendo o que deu origem/ a Santa Cruz da Menina./ data onze de outubro/ as duas da madrugada/ do ano de vinte e três/ foi esta cena passada/ os dois olhando o pacote/ da criança assassinada./ ali entre duas pedras/ deixaram morta a criança/ voltaram para a estrada/ naquela forte esperança/ de nunca ser descoberto/ nem aparecer vingança./escrevi este trabalho/ não foi pensando em dinheiro/ foi pra quem não conhecia/ da grande história e roteiro/ e aumentar mais um marco/no folclore Brasileiro.⁸²

O cordelista parece ter consciência da importância de sua escritura; com ela o crime deixa de ser algo banal e corriqueiro para entrar para a galeria dos grandes crimes que merecem destaque por sua exemplaridade.

Estas duas histórias que à primeira vista nos parecem até banais e cotidianas, que só são dignas de ocupar às páginas de jornais diários, para ser esquecidas e substituídas imediatamente por outra no dia seguinte, no máximo no mês seguinte, ganharam outra dimensão ao ser transformadas em histórias narradas pelos cordelistas Leandro Simões da Costa e Antonio Américo de Medeiros.

O folheto de cordel o torna um crime singular, um grande crime, um assassinato que se conta para dele extrair ensinamentos morais, para através dele exemplificar quais devem ser os bons costumes, a boa conduta de homens e de mulheres.

Na Literatura de Cordel é possível notar a presença constante de imagens de violência. A violência nas narrativas de cordel é um componente da sociabilidade no Nordeste, uma característica da própria forma de ser do nordestino e, mais acentuadamente, um dos elementos que compoariam os atributos da masculinidade nesta região. Nos folhetos existe uma tradição de narrar atitudes de violência na produção cultural popular.

⁸² MEDEIROS, Antonio Américo de. *História completa da Cruz da Menina*. Patos, Ed. Do próprio autor, 1978.

Dissemos que, segundo Maffesolli (1981), a violência é inerente às relações sociais e, na Literatura de Cordel, nas narrativas presentes nos folhetos, existe toda uma forma de apresentar a violência presente na sociedade e vazada no cordel, de modo que uma “encenação” da violência prepare e eduque seu público para o que vai ler, exemplificando quais os bons e maus costumes, um verdadeiro ritual da violência se verifica nas páginas do cordel.

Ao homem pobre e humilde que, nas mãos dos coronéis, dos donos de terras nesta região, dos fazendeiros dentre outros, sofria diversas humilhações trazidas pelas relações de mando e convivência que limitava, algumas vezes, a virilidade do “dominado” em relação ao seu “dominador”. Os folhetos da Literatura de Cordel, como verificamos, apresentavam histórias de violências; de uma forma geral, era um atrativo constante para a aquisição dos mesmos, talvez porque o crime do pobre parecia exercer um fascínio sobre a massa de homens “dominados”, submissos, humilhados e submetidos às relações de poder as mais discricionárias possíveis. Talvez, nos folhetos de cordel, a virilidade do dominado era aí reafirmada. Segundo Durval Muniz⁸³:

[...] estas narrativas parecem sempre ficar na perigosa fronteira da reversibilidade, da ambigüidade. Ao mesmo tempo que o criminoso é motivo de reprimenda moral, de punição, de castigo, para que isso possa ocorrer se legitima que as autoridades ou os heróis das narrativas, aqueles que representam nestas maniqueístas estruturas de narrativa o lado do bem, pratiquem atos tão violentos e extremados quanto aqueles que são atribuídos aos criminosos, aos maus, aos bandidos. As fronteiras entre a ordem e a desordem aparecem como muito tênues. Um ato encarado como de valentia e de bravura não fica muito distante de um ato criminoso. Há uma nítida valorização da violência nas imagens deste discurso do cordel. Em várias situações, o ato de violência individual é legitimado pelo código de moralidade popular, que este discurso veicula. O enfrentamento pessoal parece ser uma constante nesta sociedade onde o monopólio da violência ainda não estaria com o Estado. A atuação precária deste, o privilegiamento por parte de seus agentes das pessoas influentes ou ricas, abriria espaço e tornaria uma necessidade que o

⁸³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino*. (mimeografado), S/D.

homem pobre resolvesse com a sua atuação direta as injustiças de que fosse vítima.⁸⁴

O Nordeste desenhado como território da revolta, como território do homem insubmisso, brigão e orgulhoso, mesmo na miséria, parecia ser um contraponto imaginário para o lugar de submissão e impotência que a região, desde sua emergência, passou a ocupar cada vez mais no país.

[...] ele matou nosso pai/ não tem prá onde correr/ agora é sangue por sangue/ e não quero esmorecer/ esse sub-delegado/ por meu rifle há de morrer./ Lampião gritou aos cabras/ nosso poder se expande/ faremos o que queremos/ e em nós não há quem mande/ dormiremos em Tiar/ para irmos a Serra Grande.⁸⁵

Esta literatura deixa muitas vezes entrever a importância que a violência tem para a mudança nas relações de poder e como a liberdade é uma conquista cotidiana através do enfrentamento das forças que representam a dominação e a submissão.

Numa sociedade caracterizada pelo mandonismo, pela prepotência do proprietário de terras, da autoridade, do rico, somente a violência do pobre pode abrir brechas neste dispositivo de dominação.

No entanto, as imagens de violência que povoam o cordel são ambíguas quando tratam de fatos que remetem às relações entre as classes sociais, ora parecendo apoiar a violência do pobre contra o rico, desde que respeitadas determinadas condições, ora aceitando a violência das autoridades e dos governantes contra os mais fracos, quando essa atinge certas condutas consideradas perigosas.

Se a violência e a masculinidade no Nordeste, como se tem visto ao longo deste texto, foram elementos constitutivos do que é ser homem nesta Literatura de

⁸⁴ Idem, idem.

⁸⁵ MONTEIRO, Delarme. *Vida e morte de Lampião*. João Pessoa, MEC/PRONASEC RURAL, UFPB, 1981, PP.08-09.

Cordel, reservada à função de *lócus*, de lugar “sagrado” que ainda vive o que é tradicional e conservador, os bons costumes que, através das várias narrativas são recorrentes, diversas imagens de virilidade, valentia, coragem, destemor, entre outras, resta-nos perguntar se, numa terra onde “mole não se mete”, onde “frouxo não vive” onde até as mulheres são macho, sim senhor (!); então, não existe o contraponto, o “contraditório”, a desconstrução materializada do que era ser homem no Nordeste? “Eles” não existiam?!

Sim, existiam. No entanto, numa região em que o estereótipo do nordestino (a) macho foi sendo desenhado e redesenhado por uma vasta literatura, associada à sua terra como inóspita, difícil e rústica; só se poderia imaginar que a violência também atingisse a parte marginal desta história, buscando eliminar toda e qualquer possibilidade de diferença que pudesse comprometer o discurso, a emergência, a atualização, a representação, a recorrência e generalização do que se havia pensado em torno da figura do nordestino.

A própria idéia de “violência”, associada à masculinidade regional, surgia como reação às mudanças sociais vistas como feminização dos costumes, como procuramos demonstrar ao final de todos os outros capítulos deste texto, inclusive, destacando a “mulher-macho” como também uma reação à horizontalização dos costumes na sociedade dentro dessa região.

Como afirma Durval Muniz⁸⁶: “[...] início do século, a homossexualidade não existe no Norte”, pode-se, desta afirmação de Durval, extrair dois entendimentos iniciais como constatação do que ele afirma: a primeira constatação parece óbvia: a idéia da existência de uma homossexualidade ainda não era socialmente aceita no começo do século XX, mesmo no seio da elite letrada; e a segunda é que o conceito de

⁸⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *No Ceará não tem disso não?: homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes*. (mimeografado), S/D.

homossexualidade ainda não era conhecido, portanto, se concordarmos com Costa (1995) e Rorty (1997), o que chamamos de realidade é construído por uma rede de significados, expressos pela linguagem, que só tem existência naquilo que descrevemos, conceituamos, nomeados e atribuímos significado.

Neste sentido, podemos dizer que a homossexualidade não existia no Nordeste, que ela ainda não havia sido inventada, e que seria anacronismo pensar nesse período práticas que só mais tarde serão nomeadas como homossexuais, com o significado tal qual conhecemos hoje. Afirma Durval Muniz que:

[...] mesmo no Nordeste, a partir dos anos vinte, ainda está ausente. Nenhuma prática é recoberta com esse conceito. Ele não circula em nenhuma forma de discurso. Ninguém se dispõe a se descrever a partir deste lugar de sujeito. Mesmo em torno das práticas homoeróticas reina um enorme silêncio,, só quebrado aqui e ali pelo discurso médico e pelo discurso literário. Trinta anos de leitura do jornal de maior circulação neste espaço e nenhuma referência a que tais práticas pudessem existir ou que fossem motivação de qualquer atitude, mesmo negativa, amoral ou criminosa, como será comum na imprensa após os anos sessenta. Nos processos crime, este silêncio perdura. Ninguém comparece perante a justiça e alega a homossexualidade como causa de qualquer crime ou atitude que esteja sendo julgada ou questionada. A literatura de cordel ignora esta temática e principalmente este conceito. Quando a descobre, nos anos setenta, ela aparece como sinal de decadência do mundo tradicional sertanejo, como um dos males trazidos pelas cidades, anunciando o fim dos tempos.
Como explicar este silêncio?⁸⁷

Como foi dito antes, a homossexualidade não era aceita no começo do século XX e o próprio conceito de homossexual ainda não era conhecido e, portanto, não constituía e nem remetia às práticas homoeróticas que ali surgiam nas primeiras décadas do século XX.

Corroboramos com Durval Muniz quando se refere à Literatura de Cordel e à presença do conceito de homossexual neste tipo de literatura que, de acordo com as

⁸⁷ Idem, idem, p.01.

pesquisas que fizemos, realmente só tende a aparecer, de forma tardia e bastante acanhada, a partir dos anos setenta em diante, sendo muito mais comuns referências às práticas de sodomia, homoeróticas, inclusive, tais práticas eram designadas com outras terminologias, muito vulgares por sinal; quando se referia ao homossexual, por exemplo, “veado” e “bicha” são os que mais apareciam.

No entanto, como afirma Albuquerque Júnior (S/D: p.02), no texto *No Ceará não tem disso não: homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes (Mimeografado)*, a proliferação de designativos populares, mais presentes na cultura não escrita, pareciam denunciar o caráter privado que as questões ligadas ao sexo pareciam ainda ter nesta sociedade.

Coisas que se falam, mas não se escrevem: *o chibungo, o perobo, o goiabas, o maricas, , o macho-fêmea, o homem-mulher é assunto de fofoca cotidiana, de conversas com amigos, de brincadeiras entre homens, mas nunca assunto para ser tratado em público, para serem debatidos em lugares que exijam seriedade.*

Acrescentaria a esta lista de Durval outras terminologias também comuns nas brincadeiras entre os homens, entre os meninos, entre as crianças que, de estado para estado dentro do Nordeste, variava muito, por exemplo, *qualira* no Maranhão, *boiola e veado*, no Piauí e no Ceará, entre outros. Durval afirma ainda que:

[...] não há quem se considere homossexual. O sexo entre os homens é considerado, inclusive, uma prática comum num determinado momento da infância, uma experiência formadora da própria masculinidade. Coisa besta de moleque, o troca-troca, para além de uma prática sexual aparece como uma experiência que atualiza uma série de hierarquias que perpassam a própria sociedade. Hierarquia de idade: os meninos mais velhos tendem a utilizar sua maior força, experiência e esperteza para levar os meninos mais novos a exercerem o papel feminino na relação sexual. Hierarquia de classe: os meninos mais ricos e poderosos tendem a se utilizar dos meninos mais pobres e sujeitos socialmente como seus objetos sexuais. Hierarquia de cor: os meninos brancos, numa continuidade clara das relações escravistas, tendem a usar os moleques de cor como suas

“mulherzinhas”. É evidente, no entanto, que estas hierarquias podem se inverter a qualquer momento. E este era o perigo que tais relações despertavam, principalmente num momento de profunda desterritorialização porque passavam as elites da região.⁸⁸

Existe sim, e todos sabem, um “ditado” na sociedade, bastante conhecido por todos, principalmente entre os homens, entre o gênero masculino: *quem não deu quando era pequeno, vai dar quando ficar grande.*

No cordel, como dissemos antes, a terminologia “homossexual”, de acordo com nossa pesquisa em mais de setecentos (700) folhetos, e conforme afirma Durval Muniz, aparece tardiamente, só a partir da década de setenta do século XX. Porém encontrei num único folheto este termo, dentre todos que havia pesquisado: [...] *se a natureza é sabia/ ela dará solução/ com os assexuados/ na superpopulação/ e os homossexuais/ não farão reprodução.*⁸⁹

Apesar de ter se tornado um gênero neste tipo de literatura, a temática da “bicha”, do “veado”, do “sexo indefinido”, “sapatão”, “anormal”, “doente” etc; a terminologia comum e recorrente termina por ser outra que não o conceito de “homossexual”.

Vale a pena apresentar aqui, o “horóscopo das bichas”, de Franklim Maxado Nordesteño, onde o mesmo afirma que as “bichas” se ressentiam de não ter um horóscopo destinado às mesmas, demonstrando o autor claramente, como se vai perceber, que nas narrativas de cordel, assim como na sociedade, as relações de gênero entre o masculino e o feminino, passavam por variações ainda não aceitas, vigiadas e punidas, no entanto, “dignas” de fazer parte das narrativas cordelistas por parecer ser assunto de “ocasião” e, pelo que parecia bom para vender folhetos.

⁸⁸ Idem, idem. P.03

⁸⁹ NORDESTINO, Franklin Maxado. *O mundo vai estourar do jeito em que se vive*. Editora do próprio autor, Mundo Novo, Bahia, 1978, p. 09.

Se meu amigo leitor/ não é homem ou mulher/não vai ter mais o problema/ que o perturbava até/ para nele crer como fé./ tanto tanto me pediram/ que esse horóscopo farei/ embora na seja astrólogo/ as bichas satisfarei/ vendo seu caleidoscópio/ com signos que versei. /vendendo meus folhetos/ no quartel paulista delas/ que é a praça da República/ foi que vi que todas elas/ ficam muito baratinadas/ querendo ver suas estrelas./ quando pegam num horóscopo/ prá elas não tem serventia/ pois se olham o das mulheres/ duvidam ter garantia/ não olham nem o dos homens/ pois dele diferencia./ compreendo seu drama/ de não ser classificado/ tendo sexo indefinido/ resolvi dar resultado/ e fazer o seu horóscopo/ que vai aqui bem rimado./ falo das coisas da saúde/ de negócio e amor/ dou conselhos, leio sorte/ digo seu astro e cor/ se não der certo desculpem/ estou fazendo favor.

ÀRIES é signo da bicha/ que é bastante passiva/ digo, propriamente dita/ sofre e é contemplativa/ toma porrada sem queixa/ e ainda ri e dá viva!/ tem sorte prá sustentar/ a mãe, colegas, amados/ dá duro no seu trabalho/ prá arrumar uns trocados/ pode até se dizer que elas/ agüentam pesos nos costados.

TOURO é das bem valentes/ que não agüentam pilhérias/ brincadeiras ou dichotes(sic)/ São como Maria Quitéria/ baiana que brigou muito/ com fuzil fez misérias/ no amor é corajosa/ quando gosta, parte logo/ e canta o seu escolhido/ pois com é só fogo/ nos negócios, tem sorte/ ganha sempre sem malogro/

GÊMEOS marca quem nasce/ pois só anda encambitada/ sempre com outra a seu lado/ prá se sentir segurada/ assim paga companhia/ prá não ficar isolada./ no amor, sofre demais/ é sempre incompreendida/ por mais que tente pegar/ ou ganhar grana na vida/ sempre leva pau na banda/ ficando toda fundida./

CANCÊR é signo quente/ pras bichas fazer viagem/ e lhes dá disposição/ força, vigor e coragem/ pois o rege a lua cheia/ que lhe dá boa vantagem/ para amar mais, use sempre/ a cor rubra no anel/ prá adoçar alma do corpo/ coma ovos, leite e mel/ nos negócios se guie/ por folhetos de cordel.

Quem nasce LEÃO é/ veado forte e ligeiro/ tem saúde e vocação/ para desfile maneiro/ corre no campo ou praia/ ou até sobe em coqueiro/ no amor como nos negócios/ depende do que lhe anima/ se toma paulada dura/ dá sua volta por cima/ saindo de baixo rápido/ como líder que se afirma/

VIRGEM é bem delicado/ e quem é dele nativo/ por mais que se esforce/ por mais que seja ativo/ não arranja amor certo/ fica donzelo passivo./ tem propensão prá sofrer/ doenças de toda sorte/ com azia, câncer, sífilis/que podem levar a morte/ porém não se encabule/ pois enrica sendo forte.

A bicha que nasce em LIBRA/ bicha é mesmo sem defeito/ sua cor é rosa choque/ faz tudo com muito jeito/ tem artes que só o cão/ quando quer, faz até no peito/seu coração é volúvel/ por isso não sente dor/ não terá desilusões/ será rico conquistador/ se souber tratar da saúde/ aí então é ganhador.

ESCORPIÃO é prá aquela/ hipócrita e venenosa/ que falseia e faz fuxico/ e gosta de cantar prosa/ não quer ver colega bem/ pois é muito invejosa/assim ficará sozinha/ na velhice desamparada/ no ano de 96/ vai ter que dar uma virada/ pois tomará nos negócios/ pontapé e cacetada.

SAGITÁRIO é bom/ prá quem segue seu preceito/ como quando sair da cama/ o faça com pé de direito/ também tem outros cuidados/ insensando o seu leito./ seu orixá é Iemanjá/ e pedra é azul marinha/ sua cor é azul celeste/ use bolsa azul clarinha/ terá então mais feitiço/prá seduzir em toda linha/

CAPRICÓRNIO é mal/ prá bicha sofrer com chifre/ que toma de bofe e colegas/ agredirá dando chilique/ quando tiver dor de corno/ no mal da fossa não fique/ saiba se virar prá ter/ seu bom prazer no amor/ saiba mexer com pauzinhos/ prá ter emprego melhor/ se grude com pistolões/ puxe saco de doutor/

AQUÁRIO é bem bom/ prá quem esquia e nada/ e pratica outros esportes/ dá pulos, joga navalhada/ capoeira, chave de cruz/ rabo d'arraia, mãozada/ nas coisas d'amor terá/ alegria e satisfações/ será até muito amada/ terá bofe e rufiões/ já em negócios não sei/ se terá compensações.

PEIXES é das bonecas/ cultas e intelectuais/ dão prá canto, balé e dança/ pintura, cine e jornal/ poesia e teatro/ será n'as artes maiores./ no amor são sonhadoras/ gostam sempre de romance/ e pagam bem para tê-los/ em negócio, não há chance/ de serem milionárias/ podem ter apenas lances.

O leitor que é entendido/ não leu nenhum desacato/ e também da sorte o número/ das bichas neste relato/ pois é o óbvio ululante/ele é o 24./ assim descrevi sua sina/ caro leitor ou leitora/ se for bicha, se inventa/ um meio termo agora/ como leitoa ou leitore/ se não pode deixo fora/ pois o amigo não é/ masculino ou feminino/ triste dilema de ser/ diria que é maisfeminino/ ou melhor, biche ou boneque/ porém nunca veadino./ se quiserem dar, que dêem../ dinheiro pro meu folheto/ se eu descrevo seus signos/ não garanto que acerto/ mas não boto gosto ruim/ e em cumbuca, a mão não meto[...].⁹⁰

Se o Nordeste já é marcado pela “bagagem” dos preconceitos que incidem sobre ele e que, uma das “marcas” de ser nordestino é o fato de pertencer ao gênero masculino e ter na “violência” um dos principais argumentos de sua constituição, não se pode negar, então, que ser “mofino, fraco, frouxo, mole, bicha ou sapatão”, um variado encontro de acontecimentos violentos e preconceituosos incidem sobre a figura dos “homens tristes” que, na idéia de constituição do que é ser homem no Nordeste, faziam parte do seu contraponto, o seu contraditório ou que poderia ser considerado o que há de mais moderno em um homem e mais ameaçador ao gênero masculino nordestino, tradicional, conservador e “macho”, nesta história do gênero masculino no Brasil em que, na Literatura de Cordel, ou, melhor dizendo, na corda bamba se encontra a tradição

⁹⁰ NORDESTINO, Franklim Maxado. *Horóscopo das bichas*. Editora própria do autor, São Paulo, 1977.

por um fio que sustenta, apresenta e suporta o nordestino. Como afirma Albuquerque Júnior (2007: 102):

[...] enquanto a identidade paulista vai ser construída a partir do deslumbramento com a sociedade burguesa, com o moderno, com o urbano, com o tecnológico, a identidade nordestina vai ser construída a partir da reação conservadora á sociedade capitalista que está se implantando no país, em detrimento das elites tradicionais do espaço que estava se tornando o Nordeste. Grande parte da produção cultural que vai se nomear de nordestina será marcada por uma indisfarçável saudade da sociedade escravista, do Império e da vida rural. Isto é fundamental para entendermos porque hoje sofremos preconceito ao sermos vistos como pessoas atrasadas, incapazes de acompanhar a vida moderna, a vida na grande cidade.

Vale a pena acrescentar ainda mais uma citação de Durval Muniz, antes de analisarmos as duas, pois uma complementa a outra e vice-versa além, obviamente, de ambas corroborarem nossa fala ao longo desse texto e vice-versa:

[...] os discursos dos anos vinte e trinta, no Nordeste, falam de mutações nos códigos de gênero. Este processo, chamado por Gilberto Freyre, de crise da família patriarcal, implicou profundas na forma de ser homem e mulher, principalmente no seio das camadas dominantes na sociedade. Há uma espécie de ansiedade diante do que parece ser a desvirilização da sociedade e dos homens deste espaço. O nordestino é um tipo regional inventado nos anos vinte justamente diante desta ameaça de feminização da região. Ele emerge como um tipo que deve resgatar as tradições de uma sociedade em declínio, entre elas, a tradição de mando, poder, autoridade, virilidade dos homens das gerações anteriores. A elite urbana nascente, e mesmo a nova elite rural, representada pelos usineiros, é vista com certa desconfiança, no sentido de que não consegue atualizar o antigo código de valores que predominou na sociedade no antigo Norte. Entre estes valores que estavam se perdendo, entre os costumes que estavam sendo solapados pelos “maus costumes” estavam exatamente aqueles que antes definiam um verdadeiro homem, um pai de família, chefe de clã, autoridade inquestionável nos seus domínios e em suas famílias. Os homens pareciam fraquejarem, e se emascaram como sua própria sociedade em ruínas. O silêncio em torno das práticas homoeróticas parece estar associado pois, ao próprio fato de que as elaborações discursivas em torno do nordestino exclui de forma sistemática qualquer referência ao feminino. O nordestino é definido como o macho por excelência, homem rude, viril, forte, destemido, violento, que se forma a imagem e semelhança de sua terra inóspita,

seca, difícil, a qual só os homens de verdade, os homens de fibra podem enfrentar.⁹¹

È óbvio, como se percebe ao ler as duas citações apresentadas e o nosso texto, que o contexto de emergência do nordestino vinha acompanhado de uma série de pontos multidirecionais que constatavam, entre outras mudanças sociais que encaminhavam no começo do século XX, localizavam-se a feminização dos costumes, o “silêncio” em torno das práticas homoeróticas em relação ao conceito ainda desconhecido de homossexualidade, a decadência de uma elite agrária pertencente aos antigos estados do Norte além, obviamente, do aparecimento da idéia de nordestino, tendo como “eixo” de sustentação a atualização sobre as figuras do sertanejo, do nortista, do brejeiro, do praieiro, do matuto, do senhor de engenho, do coronel, entre tantos outros, muitos mais comuns a esta região.

Não podemos esquecer que, além do preconceito que é gerado até os dias atuais, residente no fato de origem nordestina, pelos habitantes de outras regiões, fora do Nordeste, não podemos negar que, o reforço a esta imagem preconceituosa em torno dos habitantes do Nordeste, foi construída e partilhada pelas próprias elites nordestinas e outros membros de camadas populares mais simples, por exemplo, os poetas de cordel, através de seus folhetos, no caso das elites nordestinas que utilizavam em seus discursos políticos e culturais, que seríamos uma região presa ao passado, uma região que reagia, inclusive, aos padrões modernos da sociedade ocidental.

Nomear-se e dizer-se nordestino, assim como se colocar na condição de pobres coitados, pedintes lamurientos e se autopreconceituar é uma prática comum tanto para os de fora do Nordeste, como também e, principalmente, para quem é nordestino de origem, e se encontra dentro ou fora da região.

⁹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *No Ceará não tem disso não?: homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes*. (mimeografado), S/D, p. 03-04.

Como afirma Albuquerque Júnior (2001), o Nordeste é um engenho “anti-moderno”⁹², assim como o nordestino é o “bagaço” de cana que alimentava este engenho reacionário, conservador, tradicional, preconceituoso que, ainda hoje, não consegue e nem suporta conviver com o “outro”, com a diferença, apesar de conhecer e aceitar conviver com a hipocrisia do dia-a-dia, que é suportável, menos dolorosa que

[...] desconstruir estas falas que inventaram o falo como significante nuclear de uma forma de ser regional, de uma identidade regional é questionar a própria legitimidade social, a que assistimos até nossos dias, para a estrutura hierárquica e autoritária de gênero, dominante na sociedade nordestina, acompanhada da própria legitimidade social para atos de violência contra o feminino e de desprezo, medo e ressentimento por tudo que ele representa. Para promover o respeito ao feminino, em todas as variações, é preciso que na carnação da fala se faça a desencarnação do falo. Assim eu falo!⁹³

Para se ter uma idéia do poder de subjetividade e sujeição que representa ainda hoje a idéia de ser nordestino, por exemplo, o preconceito contra a origem geográfica e de lugar que produzem as fronteiras das discórdias pode ser confirmada, a título de um único exemplo apenas, na produção intelectual realizada por autores nordestinos que, diante do preconceito geográfico e de lugar que sofre, é reconhecida quando muito, pelos intelectuais de outras regiões do Brasil, de historiadores regionais. Intelectuais que produzem história regional ou história do Nordeste.

Devemos lembrar sempre que o nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo do século XX. Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Na região Nordeste até as mulheres são macho, sim senhor!

⁹² Para saber mais sobre a idéia do Nordeste interpretado como um “engenho anti-moderno” consultar ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O Engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. (Tese de Doutorado), Campinas, SP:UNICAMP, 1994.

⁹³ Albuquerque Júnior (2003: 252)

È um typo differente dos outros. Em toda parte se o conhece pelos modos extravagantes com que se traja.

Damos aqui a descripção perfeita e interessante do typo sertanejo por Euclides da Cunha a mais competente autoridade na matéria: 'o sertanejo é antes de tudo um forte – não tem o rachitismo exhaustivo dos mestiços neurasthenicos do litoral. A sua aparência entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrario. Falta-lhe a plástica impecavel, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações athleticas.

È desgracioso, desengonçado, torto, Hercules – Quasimodo, reflete no aspecto afealdade typica dos fracos. O andar sem aprumo, sem firmeza, quase gigante e sinuoso apparenta a translação de membros desarticulados.

Agrava-o a postura normalmente acurvada, n'um manifestar de displicência que lhe dar um carcter de humildade deprimente.

Ainda assim tem a mania de orgulhar-se de si mesmo, de sua posição em face das demais gentes.

È interessante vê-lo a contar bravatas de sua terra, de seus triumphos nas lutas que travam uns com os outros.

Nesses casos elle tem o desplante de mostra-se heróico e pertencente a uma raça superiormente forte.

Mas o timbre do seu orgulho ainda se manifesta mais intenso em outros traços de sua vida.

Apodera-se de um orgulho de seu nome e capricha em cumprir, os seus deveres com a rigidez própria de sua raça. Elle ama sobretudo a vida campestre e aborrece deveras os povoados, onde vai somente nos dias de feira comprar os gêneros de primeira necessidade, ou assistir a missa domingueira que o cura da freguezia de mez em mez. È por isso talvez que se mostra d'uma credence extraordinária em relação ao culto catholico. Como disse o immortal auctor dos 'Sertões', ' todo o sertanejo é vaqueiro'. Tem orgulho em sel-o.'⁹⁴

Eis o sertanejo!

Enrijecimento de organismo potente; typo fisicamente construído e forte; aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai-d'égua; gritando muito e descompondo como um capitão de navio; homem bravo; homem de gênio forte; cabra se fazendo em arma com facilidade; falando sempre em mulheres,; quase nu, de brincadeira com os outros, com os gestos dos touros, de pernas abertas e membro em riste, no deboche, na gargalhada; homem encourado, vermelho, com o guarda-peito encarnado, desenhando-se o busto forte e as longas pernas ajustadas ao relevo poderoso das pernas; uma rajada de saúde e força; músculos salientes e mãos calosas; mãos que seguram o fumo de corda e o canivete com que faz o cigarro de palha; mãos que manejam o chicote, o rebenque e a repetição, que manejam os facões, os machados e as foices, derrubando árvores e homens, jogando para longe matas, inimigos e assombrações; rosto picado de bexiga, fechado e soturno, contrariado de raiva, que vê

⁹⁴ CENTRO, João do. *Vida de bárbaros*. Paraíba: Typ. Gonçalves Pena e Ca. 1915, p. 21-23.

raios e ouve trovões, escuta o miado das onças e o silvo das cobras, cabra macho que luta feito Lampião, que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que de noite vai pro sermão, que reza para Padre Ciço e fala com Frei Damião; homem que prefere morrer a ser desonrado. Ser às vezes desgracioso, desengonçado, torto; andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparentando a translação dos membros desarticulados; que caminhando não traça trajetória retilínea e firme; aparência de cansaço que ilude, pronta a se transfigurar diante de qualquer incidente, estadeando novas linhas na estatura e no gesto; cabeça que se firma, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; descarga nervosa instantânea; figura vulgar de tabaréu canhestro a se desdobrar em força e agilidade extraordinárias.

Eis o nordestino!

O sertanejo é uma figura que deu base e serviu de atualização para a emergência do nordestino. Não foi por coincidência, como podemos perceber nas duas citações iniciais deste capítulo, que encontramos uma série de imagens que antes correspondiam a atualização do sertanejo em torno da figura do nordestino. Como afirma Albuquerque Júnior (2003:206):

[...] desses tipos, aquele que vai ser tomado como protótipo para a construção do nordestino, será o sertanejo, quase sempre contraposto ao brejeiro, ao praiheiro e ao cidadão como tipos decadentes, tipos que não serviam para representar o homem viril que a região precisava.

Na composição da imagem do sertanejo, os enunciados do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha são permanentemente agenciados e transportados para a figura do nordestino.⁹⁵ No entanto, se o nordestino, assim como sertanejo, está “povoado” de imagens masculinizadoras, viris, onde a centralidade do “falo” toma de conta das várias imagens que definem tanto ao sertanejo como ao nordestino, o que pensar e dizer das imagens das mulheres sertanejas e das imagens das mulheres nordestinas, neste contexto de emergência e atualização do que foi sendo definido como um sujeito nordestino, pertencente ao Nordeste e um sujeito de gênero masculino, macho?

⁹⁵ Sobre esse agenciamento e “transporte” das imagens sertanejas para a figura do nordestino consultar Albuquerque Júnior (2003).

Esta imagem masculinizada da mulher sertaneja, inicialmente, e da mulher nordestina, posteriormente, também vai ser presença constante na literatura temática nordestina e também na literatura de cordel.⁹⁶

A presença da mulher no cangaço e a intensa produção literária e artística em torno da figura de Maria Bonita fazem destas figuras um modelo do que seria esta mulher masculina na região Nordeste, inspiradora em nível nacional do estereótipo da mulher-macho.⁹⁷

Lutadora, resistente, honesta, é a mulher sertaneja, seja abastada, seja pobre; cheia de filhos, deles cuida com amor e carinho; provê as necessidades domésticas, trabalha nas pequenas indústrias caseiras, e é poderosa auxiliar nos serviços do marido, compatíveis com o sexo, substituindo-o em caso de necessidade, na direção dos negócios e nos trabalhos reclamados.

Essa verdade não pode ser obscurecida pelo senhor engenheiro Fleury. Entretanto, com o mau intuito de tudo denegrir e deturpar, em relação ao Nordeste, procurou ao menos uma expressão pejorativa para escrever: ‘vivem constantemente em viagem e deixam às mulheres a direção da casa, formando assim, nesta classe, mulheres viragos que, como os maridos são capazes de árduo labores’. Não é assim: em qualquer classe a mulher do Nordeste é sempre esforçada, dedicada, e, na direção do lar, trabalha em excesso, nunca se poupa, chega mesmo nos mais rudes labores.⁹⁸

⁹⁶ Ver, por exemplo: OLÍMPIO, D. *Luzia Homem*. SP: Editora Três, 1973; QUEIRÓS, R. de. *A Beata Maria do Egito (obra reunida)*. vol.5. RJ: José Olímpio, 1989; *Memorial de Maria Moura*; CAVALCANTE, R. C. *Maria Mata-Homem, a valente da Paraíba*, s/l, s/e, s/d; CAMPOS, F. de S. *As aventuras de Maria Jararaca*, s/l, s/e, s/d;

⁹⁷ Ver: QUEIRÓS, R. de. *Lampião (obra reunida)*. vol.5 RJ: José Olímpio, 1989; DIAS, José Humberto. *Dada*. Salvador: Empresa Gráfica Bahia, 1988; SOUZA, I.R. *Sila: memórias de guerra e paz*. Recife: Imprensa Universitária. 1995./ Ver os folhetos: CAVALCANTE, R.C. ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros, 1976 CAVALCANTI, J. Dila. *Lampião e Maria Bonita*. s/l, s/e, s/d; CAVALCANTI, J. Dila. *Amantes de cangaceiros*, s/l: Arte Gráfica, s/d; RELVA, J.F. *Lampião e Maria Bonita*. s/l, s/e, s/d; SILVA, Expedito F. *O amor do cangaceiro Cobra-Verde por Maria Bonita*. s/l, s/e, 1982; dentre outros.

⁹⁸ GUERRA, Phellipe. *Ainda o Nordeste*. Natal. 1927, p. 70-71.

Esta concepção de que as mulheres apenas ajudam os maridos, mesmo quando exercem as mesmas tarefas que eles, pode ser constatada, vigindo ainda em nossos dias, entre as mulheres da Zona Rural do Nordeste.⁹⁹

Na citação que há pouco apresentamos, percebemos que o mundo masculino parecia se bastar a si mesmo, ser um mundo fechado, do qual não deveriam fazer parte as mulheres, a não ser em momentos e espaços específicos e quando fossem requisitadas, embora, numa sociedade rústica e agressiva como a do Nordeste tradicional, as mulheres pareciam ter que se masculinizarem também.

Na citação ainda percebemos e ficam explícitas algumas estratégias do discurso regionalista que vai construindo a imagem do nordestino e, no caso, da mulher nordestina: imagens e enunciados ligados a um tipo anterior, como o sertanejo, são agora atribuídos ao nordestino, por exemplo, o texto começa falando das qualidades da mulher sertaneja e termina falando da mulher do Nordeste, fazendo uma quase imperceptível passagem de um tipo para o outro, como se fossem sinônimos.

Da vida de Lampião/ já contei traço por traço/agora conta uma história/ sem ter nenhum embaraço/sobre MARIA BONITA/A RAINHA DO CANGAÇO./Maria Bonita era/ filha de um fazendeiro/ chamado José Felipe/ homem muito hospitaleiro/ do Estado da Bahia/ do Nordeste brasileiro./A sua mãe se chamava/ dona Maria Joaquina/ a quem adorava a filha/ como uma deusa divina/da região nordestina./ [...] quando Maria Bonita/ contava 18 anos de idade/tinha um gênio esquisito/cheia de autoridade/vivia espontaneamente/sem ter nenhuma amizade./ Maria em casa aprendeu/ a costurar e a bordar/trabalhava o dia todo/em costura ou no tear/e ainda aprendeu a ler/em aula particular./ Ela sempre ouvia o povo/falar sobre Virgulino/que era um homem valente/um cangaceiro ferino/terror de todo o Sertão/e do povo nordestino./ ela sem ter amor/ as vezes se maldezia/contava as suas amigas/o que na alma sentia/que amava Virgulino/porem não o conhecia./Consigo mesmo dizia/gosto de

⁹⁹ Ver: BÉLENS, J. N. M. *Trabalhando feito homem*. Campina Grande:UFPB, 1998 (dissertação de Mestrado em Sociologia Rural); BARROS, O. M. de. *Não ser debandada no mundo: a construção social das donas de casa no Cariri paraibano*. Campina Grande, UFPB, 1996 (dissertação de Mestrado em sociologia Rural); SANTANA, M. Cristina Silva. *Participação política e produtiva: estudo das relações de gênero no assentamento Moacyr Wanderley – Quissamã (SE)*. Campina Grande:UFPB, 1997, (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural).

homem valente/se um dia aparecesse/ Virgulino em minha frente/juro que eu saciava/ essa paixão tão ardente./

[...] Maria ficou feliz/ junta com o seu esposo/mas um dia pra saber/se ele era corajoso/com uma cobra lhe fez/um susto, muito horroroso./os dois estavam na roça/ cuidando da plantação/Maria viu uma cobra/ n'uma moita de algodão/e logo pelo gogó/pegou a cobra de mão/ era uma jararaca/d'um metro de comprimento/Maria enforcou a cobra/ com seu gênio cruento/depois nos pés de José/joga a nesse momento/José quando viu a cobra/ bater em seus mocotós/deu um pulo desastrado/e gritou com alta voz/depois foi limpar as calças/n'uma moita de aveloz./

Oh, homem frouxo danado/Maria deu uma vaia/a cobra já estava morta e você quase desmaia? / é melhor vamos trocar/sua calça em minha saia./ Ela sempre foi assim/destemida e corajosa/como senhora casada/vivia vitoriosa/mas seu destino traçava/ uma rota perigosa.

[...] Enquanto isso a noticia/ e o nome do bandoleiro/ em massa se espalhava/ naquele Nordeste inteiro/só falavam em Lampião/ e seu grupo cangaceiro./[...] Lampião disse Maria/ és minha favorita/de hoje em diante serás/minha amizade restrita/não és mais Maria Déia/e sim Maria Bonita./ quatro ou cinco cangaceiros/ arranjaram companheiras/umas lhe auxiliavam/servindo de costumeiras/outras no acampamento/ serviam de cosineiras./Tinha a mulher de Gato/que se chamava inacinha/ Dada mulher de Curisco/ Enedina e Baianinha/mulher do tal Beija-Flor/e Cila, sua amiguinha.

[...] Sete anos conviveu/Maria com Lampião/n'uma vida sem sossego/de susto e perseguição/porque as forças volantes/não deixavam eles de mão./ Lampião dizia assim:/ Maria, não dê o braço/a torcer, para os 'macacos'/mande sem pena um balaço/ pois você é agora/A RAINHA DO CANGAÇO.¹⁰⁰

Não é objetivo, deste trabalho, analisar o movimento do Cangaço, já discutido na historiografia nacional e que produziu verdadeiros clássicos sobre o tema.¹⁰¹

O que nos interessa é justamente destacar e analisar os vários enunciados e as várias imagens que remetem à construção e atualização da figura masculinizada da mulher sertaneja e da imagem masculinizada da mulher nordestina.

Perceber e analisar como os atributos a estas imagens destinadas correspondem muito mais ao universo masculino que, propriamente, ao universo feminino, inclusive, as ações femininas se confundem com as ações masculinas fazendo

¹⁰⁰ SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Rainha do Cangaço*. Guarabira, Paraíba:Tip. Pontes, 1981

¹⁰¹ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos:gênese e lutas*.RJ:Civilização Brasileira, 1963; PEREIRA DE QUEIRÓS, Maria Isaura. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*: SP:Alfa-Ômega, 1976.

com que, as mulheres neste contexto, cheguem a ocupar lugar de destaque dentro do grupo social ou comunidade que partilham, devido a seu comportamento masculinizante que garantiria a sobrevivência e a atualização dos mesmos na sociedade, como podemos perceber na citação acima que apresentou Maria Bonita como a “Rainha do Cangaço”.

Se num espaço onde até para o masculino sobreviver já era uma façanha, imagine uma mulher ocupar o posto de “Rainha” de um espaço inóspito, selvagem, seco, perigoso e mortal como, muitas vezes, assim ficaram conhecidos os sertões nordestinos.

Se, no início do século XX, no Nordeste, era preciso fundar um homem novo que fosse capaz de lutar e preservar uma cultura oral e tradicional que estava desaparecendo, no entanto, foi preciso também que este “homem novo” estivesse acompanhado de uma mulher que também pudesse garantir os mesmos objetivos que os homens propunham.

Se, na ausência do masculino, o feminino nesta região não pudesse dar conta das investidas e ameaças que caracterizavam o mundo moderno nesta época, o projeto de preservação de uma cultura e de costumes conservadores e tradicionais do Sertão, do Brejo, das Matas, do Norte e do Nordeste brasileiro, poderia não alcançar êxito. E, nesta situação, se lembrarmos bem, nestas regiões que se configuraram, paulatinamente, em Nordeste, posteriormente, ocorreu um movimento crescente e intenso de mulheres abandonadas ou viúvas que, cada vez mais, foi exigindo delas maior atuação no Nordeste.

Da constatação dos homens ausentes, as mulheres desta região ficaram até hoje conhecidas como as “Viúvas” das secas.

Ou meu Deus olhai o mundo/ com vossos olhos divinos/ daí-me
instruções e ciência/ com vossos santos insinos/ para versar o folheto/

do choro dos nordestinos./ Porque o Nordeste está/ degredado em grande ermo/ faminto sem remição/ esta igual a um enfermo/ que para deixar a vida/ já está fazendo termo. / O Norte foi revistido/ de belezas locais/ já recebeu da natura/ muitos beijos divinais/ hoje temos por lembrança/ seus tristes restos mortais./ Porque seus queridos filhos/ abraçaram o desespero/ de viajar para Minas/ Goiás e Rio de Janeiro/ Mato Grosso e Paraná/ atrás de ganhar dinheiro./ Brasília também foi glória/ do pessoal nordestino muitas até já chamavam/ Brasília de Juscelino/ mais hoje volta de lá/ no mais cruel disatino.

Só faz pena na viagem/ os nordestinos coitados/ no velho pau de arara/ como uns tristes desprezados/ famintos e pensativos/ lisos e acabrunhados/ o que deixou a família/ leva a vida reclamando/ da sua querida esposa/ toda hora se lembrando/ e sem saber os filhinhos/de que forma vão passando./

Lá chora o riograndense/ e o pobre alagoano/ o paraibano chora/ junto ao pernambucano/ eu nem quero falar mais/ nos prantos dos sergipanos./assim vivem os nordestinos/ naquele triste arrebalde/ enfrentando as conseqüências da triste calamidade/ todo dia maguando/ a cicatriz da saudade./ lembram das manhas do norte/ quando vem rompendo a aurora/que a passarada canta/ fazem seu festival na flora/ com as saudades daquilo/ qualquer nordestino chora./ lá também canta algum pássaro/ pela floresta sombria/ porem seu triste gorgoejo/ só deixa melancolia/ o canário do nordeste/ canta com mais melodia./ assim vive os nordestinos/ fora da terra querida/ sem reclamarem da sorte/ imploram a mãe concebida/ logo que se libertarem/ voltarão para abraçarem/ a nossa terra esquecida.¹⁰²

Mais um para comentarmos os dois:

Na Zona do Cariri/no Nordeste brasileiro/ morava um agricultor/ chamado Pedro Granjeiro/ que veio cavar a vida/ no grande Rio de Janeiro/ Primeiro disse a esposa/ estamos em sofrimento/ tenho que ir para o Rio/ vou já vender meus jumentos/ prá comprar a passagem/ e tirar meus documentos./

Deixou a mulher chorando/ e os filhos em desespero/ trepou-se num pau de arara/levando pouco dinheiro/ com nove dias chegou/no grande Rio de Janeiro.

[...] Se ninguém me proteger/ vou também morrer de fome/fiquei devendo no norte/não quero sujar meu nome/ se eu não mandar daqui minha família não come/Nisso o engenheiro teve/ pena daquele destino/chamou o mestre de obra/e disse 'seu' Severino/arranje logo uma vaga/prá este nordestino.¹⁰³

¹⁰² SOUZA, José Patrício (Ed. proprietário). *O choro dos nordestinos ou o tormento dos araras.s/d,s/e*.

¹⁰³ SANTOS, Apolônio Alves dos. *O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro*. s/e.1982

Nas histórias vazadas nestes dois folhetos de José Patrício de Souza e Apolônio Alves dos Santos estavam presentes o tema do retirante que é uma constante nos dois casos e, ainda mais, ambos partem em migração deixando suas famílias e propriedades. Até alcançarem seus destinos e começarem a trabalhar são vários dias, nestes casos, muitas vezes, ambos partem já deixando a mulher e os filhos em situações adversas e de difícil sobrevivência, em muitos casos, deixam a família passando fome e demais necessidades na busca de melhores condições de vida para si e seus pares.

O nordestino foge do flagelo da seca. Sai dos sertões para as capitais. Do roçado para o canteiro de obra.

O chapéu de couro é substituído pelo capacete de peão. Milhares de vaqueiros, jangadeiros, artesãos, cantadores, sanfoneiros, boiadeiros, todos viram serventes. Todos viram operários da construção civil.

O nordestino foge da estiagem. Foge da fome. Morre o gado. Morre a plantação. Seca o açude. Seca até as lágrimas dos olhos. O jeito é se despedir da família e tomar o caminho do Sul.

O nordestino que vem para o Rio de Janeiro vai trabalhar no pesado. Vai morar nos canteiros das obras. O Rio de Janeiro não para de crescer. Cada dia cresce mais. Em todo lugar tem uma construção. Algumas pequenas. Outras grandes. Outras são enormes. Enquanto a cidade cresce o nordestino fica morando no alojamento das obras. È lá, no canteiro mesmo que ele dorme, toma banho, come e escreve para os parentes.

A saudade do sertão é grande. A cidade é bonita, mas o sertão vive no coração do caboclo, e o cabra tem que ser feito de pedra para não chorar.

Todo mundo sabe que o homem nordestino é destemido. È homem valente. O nordestino é muito inteligente. Apesar do Nordeste ser uma região pobre e sofrida, o povo nordestino é um povo feliz, cheio de esperança. Esperança de tudo melhorar. Esperança de ter água para deixar o roçado verdinho, para dar comida farta, engordar os animais e ele, o cabra do nordeste, não precisa deixar sua terrinha e vir dar seu sangue em terras distantes.

[...]este livrinho de cordel conta a história de 'seu Pedro'. Um nordestino que a idéia de plantar uma horta no canteiro de obra...¹⁰⁴

Fica patente que, no momento de pensar o nordestino como um homem forte e resistente, um homem heróico na sua luta contra a natureza, o discurso regionalista nordestino privilegia a área do sertão e do sertanejo como exemplos do embate entre o

¹⁰⁴ Idem, *ide*, 1982.

homem e a natureza, e da formação de um tipo regional adaptado a uma vida mais difícil.

Homem nordestino forte que teria suas atitudes e valores surgidos da convivência e adaptação a esse meio e, segundo Albuquerque Júnior (2003:185- 186):

[...] o discurso da seca, que desde o século anterior utilizava esse fenômeno como argumento para solicitar recursos, investimentos e obras nesse espaço do país, muitas vezes é apanhado em sua própria armadilha. Em 1920, Florentino Barbosa, após repetir as imagens e enunciados tradicionais desse discurso, de que a seca estava flagelando o Nordeste mais do que supunha, que era preciso melhoramentos e socorros permanentes e eficazes aos flagelados, que desde a seca de 1877, quando o problema ganhara visibilidade, já se passara tempo suficiente para providências terem sido tomadas, que o fenômeno que sempre atingira as ‘classes proletárias’, agora ia mais além escorraçando as ‘classes abastadas’, tem que responder ao argumento do que ele chama de um ‘filho desta grande pátria’, que havia afirmado ‘que o governo não deve extinguir as secas, para que estas façam homens fortes’. Era uma retórica naturalista e regionalista nordestina sendo colocada em cheque. Se a natureza regional era que criava este homem tão superior que era o nordestino, para que modificá-la?¹⁰⁵

Uma região feroz precisava de homens rústicos, resistentes, viris, fortes, híspidos, membrudos como os ancestrais indígenas; altivos, fortes, independentes e, às vezes, autoritários, cruéis e impiedosos com as “classes humilhadas”, como os ancestrais portugueses; resistentes e trabalhadores como os ancestrais africanos.¹⁰⁶

Esta natureza também explicaria uma característica decisiva no nordestino: a de ser másculo, viril, macho. Por isso, até a mulher sertaneja, ao se defrontar com uma

¹⁰⁵ BARBOSA, Florentino. *A seca- continua o terrível flagelo ameaçando exterminar por completo o Nordeste brasileiro*. Recife:Diário de Pernambuco, 15/02/1920, p.03, col.04 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR (2003)

¹⁰⁶ Para o discurso regionalista presente na construção do nordestino, segundo ALBUQUERQUE JÚNIOR (2003), o nordestino era um tipo que tinha uma “formação de um tipo regional adaptado a uma vida difícil e, que seria um tipo nacional, no físico, produto do cruzamento das três raças, com influência predominante do grupo mais nacional, o indígena, na psicologia, já que suas atitudes teriam nascido de uma convivência e adaptação a esse meio, e cultural, porque estivera afastado do litoral e das influências externas, esse homem era feito do mesmo material que a natureza á sua volta. Por isto, passa a ser descrito como um homem de fibra, aquela mesma do algodão, vegetal que fazia a riqueza da região, homem tão resistente quanto a fibra do algodão mocó, e, como ele, nativo daquelas paragens. Homem capaz de enfrentar as mais terríveis dificuldades, como as pestes, também são comuns nos sertões, em época de estiagem, sem se intimidar, por isto era um cabra da peste.”

natureza tão hostil, para conseguir sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude, seria masculinizada, pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor e resistência. Só os fortes viviam e venciam em terras assim.

Mulher de gênio malvado/que toda luta enfrentava/matava por brincadeira/quando ela se assanhava/falemos de Vida Torta/que em Itaberava morava/Vida Torta não brincava/confiando em sua sorte/por isso comprava briga/para fazer o transporte/do cabra que ele pegasse/para o lodaçal da morte./

Na Paraíba do Norte/ residia a tal valente/por nome de Mata-Homem/mas em busca de um parente/deixou sua Cajazeiras/nesse projeto somente./

[...] não sabendo ele de nada/Em Itaberaba chegou/quando a dita Mata-Homem/ao vê-lo se aproximou/e na hora da ‘bicada’/para ele assim falou:- em que lugar é que estou/ que não se vê valentão/Vida-Torta respondeu:-aqui no nosso sertão/homem não bate em mulher/prá não perder na questão./Comigo tem isso não/ ando comprando e vendendo/porque não respeito homem/na hora que estou bebendo/sou MARIA MATA-HOMEM/fique de logo sabendo./ Também eu vou lhe dizendo/que desmancho a sua horta/se você é mata-Homem/eu me chamo VIDA-TORTA/hoje aqui um de nós dois/vai correr por essa porta.¹⁰⁷

Um homem eugênico, um homem telúrico e um homem rústico fizeram parte e deu base aos discursos¹⁰⁸ que foram dotando os tipos regionais que foram incorporados, posteriormente, à figura do nordestino.

¹⁰⁷ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Maria Mata-Homem a valente da Paraíba*.s/e.1977.

¹⁰⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR (2003): “o discurso eugenista estivera na base da construção dos tipos regionais que vão ser incorporados á figura do nordestino. Ainda o encontramos presente em muitos discursos que foram elaborando o novo tipo regional, que seria uma síntese dos tipos anteriores. Pensamentos como os de Gobinou, Lombroso, Pende, Agassiz, Gustave Le Bonn, Gumplowic, Berardnelli, Manouvrier, Spencer, Darwin, Taine, Haeckel, Buckle, associados a seus mais famosos divulgadores no Brasil como : Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Silvio Romero, Tobias Barreto e Oliveira Viana vão aparecer insistentemente como referências em discursos que procuram definir o que seria a ‘raça’ regional, seu tipo médio, suas características somáticas e psicológicas. Esses discursos buscam encontrar o que chamam de ‘etnogênese’ do homem nordestino a explicação para suas atitudes, valores, hábitos e para o próprio atraso do homem regional”; (o homem telúrico): “o discurso antropogeográfico ou biogeográfico inspirado na geografia determinista alemã do final do século XIX, que tem, como grandes nomes, Humbolt, Ratzel e Ritter, aliados a autores franceses, como Reclus, vai procurar, no meio natural, os determinantes que explicariam as formas de organização social e até a constituição física e psicológica dos indivíduos.[...]coerente com este saber, várias obras e discursos sobre o nordestino vão procurar explicar, tanto as suas características físicas, como os traços subjetivos, e seus códigos culturais, como produto da natureza particular da região.[...] o nordestino seria, nesses discursos de base biogeográfica, um telúrico, homem especial por ser fruto da adaptação a uma natureza, a um meio especial, um homem forjado na luta contra o meio”; (homem rústico): “[..]estamos diante de um curioso discurso em que se quer contestar as explicações raciais e mesológicas para se entender fenômenos como

Nas narrativas acima, todos os elementos que compunham e serviriam de base e sustentação ao que caracterizaria um homem “eugênico, telúrico e rústico”, estariam presentes, por exemplo: a síntese de tipos anteriores aos nordestinos teria seus atributos incorporados no mesmo como tipo regional novo, ou seja, dos tipos regionais anteriores ao nordestino, fazia-se uma “triagem” para, a partir daí, atributos como os da valentia, coragem, virilidade, destemor dentre outros fossem, incorporados à figura do nordestino.

Das atitudes, aos valores, aos hábitos e aos costumes, o nordestino deveria atualizar estes discursos que serviram de base e conhecimento para os autores e pensadores brasileiros, que se dedicavam, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, aos estudos no Brasil sobre o meio, a raça etc.

O mesmo se daria quando se pensasse no caso da mulher que habitava o mesmo espaço do homem, nesta região. A lógica da explicação para os diversos enunciados e imagens que compuseram e definiram o feminino no Nordeste, evidenciou-se na atualização de atributos masculinos às imagens do feminino, como condição de existência e sobrevivência da subjetividade e sujeição regional, a que estes discursos submeteram o gênero feminino.

Maria Bonita, Maria Mata Homem, Maria Jararaca entre outros, deixaram de se tornar nomes próprios para emergirem como personagens/sujeitos que estiveram condicionados não só pelo meio, mas também, pela raça e, principalmente, pelos atributos que uma terra difícil, inóspita, hostil, perigosa exigia dela, assim como exigiu dos homens determinados comportamentos, que foram construídos e agenciados, a

o do cangaceirismo e do fanatismo, que só se explicariam por motivações sociológicas e históricas, não seriam produto da má formação somática do homem nordestino, nem da influência selvática de sua terra, mas de uma surpreendente perda do ‘sentido vital da realidade’ por parte dos indivíduos que aí habitavam, pela imposição de uma outra cultura, estranha, que ‘escamoteava-lhe o resultado de uma longa hereditariedade cultural’.O nordestino, portanto, seria fruto de uma ‘hereditariedade cultural’, mais do que racial[...].”

partir, das diversas atualizações que sofreram os habitantes anteriores às figuras do homem nordestino e da mulher nordestina.

Assim, pois, pela manhãzinha, quando os primeiros raios de sol começavam a redobrar ali pr'o nascente, Luíz Padre e Sinhô pereira, rifle á altura dos olhos, de um serrote próximo, bem defendidos e municidados, rompiam cerrado fogo sobre o asilo de Antonio Umurana.

Não tremeu o sitiado com o inopinado da surpresa; correu á cartucheira, pegou do rifle reluzente e gritou, com voz atroadora, para o companheiro adormecido ainda:

-Eita compade tonho! Temos a Pereirada pelo focinho! Ganha a caatinga! O negócio é comigo!...

E pinoteando e cantando, o cigarro amolecido no canto do beijo sensual, o caboclo preparou-se para a resistência. Umurana cantava, Umurana fumava, Umurama tiroteava....

Luiz padre porém queria pegá-lo vivo.

-Você está perdido; renda-se!

-Qual! Seu Capitão lula! Gritava o cabra do outro lado. Caboclo macho como eu, vai até o último cartucho.¹⁰⁹

A literatura de cordel e outras manifestações literárias da região não cansavam de decantar homens valentes que conseguem resolver as mais difíceis situações por uma atuação pessoal e individual sua. Coragem e um apurado sentido de honra seriam características constituintes destes homens, que não levariam desaforo para casa. Homens que prefeririam perder a vida do que perder a honra, serem desfeiteados publicamente.

Entregar-se à prisão seria o supremo opróbrio para homens que prefeririam morrer lutando. A própria posse da arma sendo uma questão de honra, símbolo máximo de sua liberdade pessoal, se alguém viesse tomá-la, só o faria se o matasse.¹¹⁰

Este discurso literário vai desenhando o nordestino como aquele que gozava da superioridade dos fortes, do que é temido, por ser capaz de tudo, de não recuar diante

¹⁰⁹ CALDAS, O., *Contos de domingo: na tocaia*, Recife, Diário de Pernambuco, 25/07/1920, p.2, col.3

¹¹⁰ Para saber mais sobre os costumes, hábitos e atitudes no Sertão consultar: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Viajando o Sertão* Natal. Editora: CERN, 1984

de nada; que não treme, vendo o sangue correr de uma ferida, enquanto vai limpando a faca com uma folha de mato.

Esta literatura parece oferecer as imagens e enunciados com que muitos homens e mulheres vão, em suas memórias, desenhar a figura de seus pais ou mesmo a figura de irmãos, maridos, esposas ou a própria.

[...]levante seu valentão/que isso não é mister/quem busca barulho acha/não é assim que você quer?/agora perdeste a fama/apanhando de mulher./aquí não é 'pau de colher'/o barulho terminou/Maria pediu desculpas/nesse dia viajou/direto pra Paraíba/e o parente não achou./Vida-Torta ali jurou/que se vingaria um dia/seguiu para Cajazeiras/deixando sua Bahia/ate que enfim hospedou-se/onde ela residia./Como quem nada queria/ Vida-Torta na pensão/do endereço de Maria/teve toda informação/disse ele:-hoje é o dia/de findar minha questão./ Maria de prontidão/já estava a esperar/e dizia:- quem procura/por certo há de encontrar/Vida-Torta hoje eu entorto/não tem pra quem apelar./

[...]Disse Maria:- esta guerra/já virou uma diversão/homem que bater em mim/tem cem anos de perdão/porque eu mato na hora/seja até o pai do cão./nesta mesma ocasião/Maria logo atacou/feriu-lhe o braço direito/que seu colar se quebrou/e um retrato de homem/no meio da sala voou./Maria logo pegou/o retrato do colar/conheceu que era o pai dela/quase não pôde falar/abraçou-se com o irmão/ficaram os dois a chorar./

Começaram a conversar/Maria com seu irmão/e essa disse que há tempo/procurava informação/por isso foi a Bahia/fazer investigação./Vida Torta sorridente/disse:- eu também sabia/dessa irmã na Paraíba/não sabendo se existia/se você falasse antes/nossa questão não havia./Fingou-se toda arrelia/de Mata-Homem e o irmão/voltaram para a Bahia/na maior satisfação/e nunca mais ouviu briga/nem qualquer alteração.¹¹¹

A história de Maria Mata Homem com o valente Vida Torta mostrou-nos que, no final, os dois valentes eram irmãos, parentes que se (re) encontraram por conterem em seus personagens a subjetividade dos códigos de masculinidade regional e de gênero que foram pensados para produzir e atualizar tanto a figura do homem nordestino como também a figura da mulher nordestina.

¹¹¹ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Maria Mata-Homem a valente da Paraíba*.s/e.1977

A valentia, a coragem, o destemor, inclusive por parte das mulheres; a resistência pelas armas, se necessário, a todas as afrontas, partissem elas de vizinhos, opositores políticos, representantes do governo e até de membros da família, vai ser uma temática recorrente das memórias escritas por nordestinos. Parece não ter havido pais ou mães covardes, frágeis, medrosos nesta terra.¹¹²

Existe, tanto no discurso de cordel, como nos discursos literário e memorialístico uma legitimação da violência na região.

Meu pai era pernambucano de Tacaratu. Os Cavalcanti daquele sertão constituíam uma família muito humilde de lavradores. O velho José Francisco teve sempre um comportamento morigerado. Mas era homem de verdade. Não levava afrontas para casa; e a mulher era uma sertaneja valente, que não justificaria nenhuma fraqueza do marido.(...)

Na luta pereceram muitos e, entre eles, o velho José Francisco. Mas não foi uma morte fácil. Resistiu, enquanto teve vida, a casa cercada pelos inimigos. E, quando mortalmente atingido, a mulher, de rifle á mão, e mais a parentela, ofereceram combate, que abateu uns e dispersou os restantes agressores.¹¹³

O tema da valentia, central no discurso regionalista que desenhou a figura do nordestino, está perpassado por uma clara legitimação da violência, mesmo da violência entre os gêneros. Como se pode perceber no folheto abaixo de Batista (1973):

Agora eu vou contar/ uma estória que me contou/minha mãe, um certo dia/e hoje agora, eu vou/contar para vocês/como o meu cérebro se lembrou./Havia nesse sertão/que todo mundo conhece/um casal desunido/que a ninguém apetece/por culpa mais do marido/que nessa estória aparece./A mulher vivia bamba/ de todo dia apanhar/mas na frente do marido/ não ousava reclamar/por ser tímida e bondosa/que nem se chega a pensar./ o marido era um bruto/ não tinha a mínima atenção/com sua pobre mulher/que dormia sempre no chão./prá não incomodar o marido/ na cama como um poltrão.

No café ela apanhava/antes de lavar o rosto/quando ela ia para a roça/dava-lhe tremendo encosto/que a pobre ficava troncha /mas não

¹¹² Para saber mais sobre a história de pais, mães, filhos e filhas valentes que, não aceitavam a covardia na família, entre os seus, etc; consultar: DOMINGUES,O., *Contos de domingo:na tocaia*.Recife, Diário de Pernambuco, 25/071920, p.02, col.03.

¹¹³ CAVALCANTE, Pocina..*Volta a infância- memórias*. Rio de Janeiro:José Olímpio,1972, p.20.

deixava seu posto.quando ele vinha da roça/ ao meio-dia prá almoçar/dava uma surra na mulher/que é até ruim de comentar/depois do almoço ainda,/ dava nela até cansar./ao voltar para o mato/na mulherzinha ele dava/ uns socos no pé do bucho/e ela somente olhava/com seu olhar tão tristonho/e o bicho ainda xingava./Mesmo assim, desse bruto/ a mulher lhe deu um filho/que continuava a bater nela/sem sair desse estribilho/ batendo na companheira/como se debulhasse milho./Como padrinho da criança/ escolheu um bom casal/que tinha mais instrução/do que esse animal/e no dia do batizado/foi aquele festival.

Depois da cerimônia feita/na capela da redondeza/o compadre foi a casa/para lá ter com certeza/se o seu compadre batia/na sua mulher com frieza./digo assim, pois o povo/dessa conversa sabia/do procedimento maldoso/que esse covardia valia/batendo na mulherzinha/e a ninguém escondia./calculou a hora certa/na hora da refeição/sendo maior o espanto/que teve aquele irmão/por ouvir as bufetadas /que ele dava com a mão./bateu na casa, falou/fazendo que nada viu/mas, o miserável ainda/pisou na mulher e sorriu/olhando pro seu compadre/ que não lhe disse um piu./o compadre naquela casa/admirado almoçou/observando a comadre/que comovido chorou/mas, o compadre bruto/daquilo nada notou.

Depois de almoçar ainda/o animal ainda bateu/na sua mulher querida/que só um pouco gemeu/e pro um pouco somente/o compadre não se meteu./o compadre aproveitou/ do roçado o caminho/e foi dizendo: compadre/como eu estou sozinho/me diga porque dá tanto/ naquele pobre anjinho?/eu chamo/minha comadre de anjinho/porque ela é/apanhar desse jeito/e não perder sua fé/é ter espírito de santa/e a paciência de São José/o compadre bruto disse:/meu chapa a minha estória/ é assim porque já sei/que a minha grande vitória/está em bater nela/assim diz a memória/a mulher só é boa/quando apanha do marido/a minha só me quer bem/porque eu, como um bandido/bato nela todo instante/fazendo-me disso, fingido/ Se eu não batesse nela/ela não me queria bem/enquanto mais ela apanha/para mim ela vem/por isso quatro surras/todo dia ela tem/o compadre respondeu/com a narrativa espantado/com esse procedimento/você está enganado/a mulher é a companheira/deve está ao seu lado/na mulher não se bate/nem com pétala de flor/na mulher só se toca/com os lábios do amor/a mulher é aquilo/ que faltava no calor./deixe de bater nela/e veja o que se sucede/ela terá mais carinho/que hoje você não mede/faça com atenção/o que seu compadre pede./o compadre bruto sorriu/daquela idéia e falou:/meu compadre você é tolo/disso, certo estou/minha mulher só é boa/porque nela eu dou.¹¹⁴

Este folheto retrata de uma forma geral, a dimensão do que deveria ser o cotidiano das relações entre homens e mulheres em todo o espaço da Região Nordeste, representado em folhetos, em outros discursos literários, assim como em diversas memórias sobre este espaço e seus habitantes.

¹¹⁴ BATISTA, Abraão Bezerra. *A mulher do compadre Nicolau*. Juazeiro do Norte: s/e. 26/11/1973.

No Espinheiro ontem ás 17 horas as mulheres Antônia Maria da Conceição e Izabel Maria da Conceição agrediram a pancadas o vendedor de frutas Manoel Lourenço.¹¹⁵

No dia onze do corrente, no lugar Barra de Tiuma, o individuo Manoel Nunes espancou a cacete a mulher Felismina Maria da Conceição.¹¹⁶

As sogras sempre foram o pesadelo dos genros.

O individuo Manoel Lourenço de Almeida, por anotonomásia Ioiô Careca, possui uma sogra.

Alquebrada pelos anos, a senhora Maria Barbosa tem impertinências que não agradam a seu genro.

Ontem ouve entre a sogra e o genro um rompimento de hostilidades.

Numa pequena escaramuça o Careca foi resolutamente á orelha direita de sua sogra e deu forte dentada.¹¹⁷

E, na Literatura de Cordel, o mesmo:

Hoje no tempo presente/todo mundo quer amar/mas ainda ver-se cousa/do cabelo arripiar/um rapaz apanhar das moças/por não saber namorar./ Dizem que ele é donzelo/nunca achou com quem casar/nunca recebeu um beijo/nem nunca achou quem beijar/sabe derrubar garrote/mas num sabe namorar./[...] Ivonete queria ouvir/declarações de amor/ouvindo a conversa dele/sentiu na face um rubor/deu-lhe um tapa na cara/que Ele mudou de cor./juntou-se umas vinte moças/e meteram o cacête nele/Ivonete a mais valente/disse: eu vou ensinar a ele/mesmo com unhas e dentes/montou-se nas costas dele/Ivonete com vontade/metia o cacête nele/dizendo assim: esta surra/é um exemplo para ele/rasgaram a sua camisa/e tiraram as calças dele.[...].¹¹⁸

Caros apreciadores/ atenção muita atenção/vou falar duma mulher/que havia no sertão/que num furor desmedido/quebrou as gaias do marido/com uma mão de pilão.¹¹⁹

De bacamarte e coiód/ de foice pistola e faca/mão de pilão e cacête/outro emendava a casaca/outro já caia pronto/mole igualmente uma jaca/credo cruz ave Maria/a luta era violenta/começou 9 do dia/essa luta tão sangrenta/até as 6 da noite/ a brigada era cinzenta./família contra família/de toda a vizinhança/se acabavam as duas partes/ foi vingança por vingança/só era cabra morrendo/com punhalada na pança./brigou Chico com Bernardo/Joaquim Miguel e João/Antonio José e Rivaldo/Aurelino e Damião/Ananias e Conrado/BANDA SOLTA e furacão/Antonio sangrou Ricardo/Gabriel matou Gaspar/Chico Gato aproveitou/com uma foice a degolar/matou quase 17/não deixaro ele sobrar/

¹¹⁵ N/a- *Espancamento*, Recife, Diário de Pernambuco, 15/10/1914, p.03.

¹¹⁶ N/a- *Espancamento*, Recife, Diário de Pernambuco, 15/10/1914, p.04.

¹¹⁷ N/a –*Pelo lar adentro- um genro que morde a sogra*, Recife, Diário de Pernambuco, 15/10/1914, p.05.

¹¹⁸ LEITE, José Costa. *O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar.* s/e; s/d. s/a.

¹¹⁹ _____ *A mulher que quebrou as gaias do marido com uma mão de pilão.* Recife, s/e;s/d.

Um dizia tu me paga/a morte de meu irmão/outro dizia isso é nada/Júlio já matou Gastão/Pedro está brigando em pé/o fato dele está no chão./Otilia matou Galdino/de uma só facçãozada/Armundence torou ela/somente de estrovengada/a velha Tertuliana/brigava de cabeçada./destas duas famílias/a luta era tremenda/o chão cheio de defunto/como bagaço em moenda/outros diziam é vingança/a couza hoje se emenda.¹²⁰

A coragem das mulheres/não leva em conta a milícia/Dona Theodora sozinha/deu um choque na policia/fez o drama mais bonito/que inda hoje corre noticia.¹²¹

Lendo todas estas narrativas, podemos perceber que outro tema recorrente e constante seja no discurso regionalista presente em memórias e outras fontes literárias, seja no cordel, ao traçar as características do nordestino é o do valor que este confere a honra pessoal, em nome da qual é legítimo até que se mate.

A honra não podia ser atacada nem por outro homem, nem por sua mulher. Um homem sem honra não existiria mais, era considerado um pária na sociedade. O nordestino seria macho pela própria história da região, que teria exigido a sobrevivência dos mais fortes, dos mais valentes e corajosos. Segundo Menezes (1970:53):

[...] o trabalho está ligado ao instinto de conservação individual e não se opõe ao sexo, como não se opõe o indivíduo á espécie. Intenso esforço vital exprime e exige forças instintivas e sexuais. A forma mais robusta e expressiva da masculinidade é a luta. A imensa energia desenvolvida pelos turbulentos aborígenes, na resistência porfiada que ofereceram, é o traço mais vigorosamente macho que poderiam por em relevo.¹²²

Nesta descrição do nordestino, constatamos que, apesar de Albuquerque Júnior (2003), acreditar que foram unicamente os intelectuais ligados às elites que se preocuparam com a elaboração do nordestino, nós vamos perceber que é no homem das

¹²⁰ DILA, José Cavalcanti e Ferreira. *Bode, Cangaço e Lutas*. s/e;s/d.

¹²¹ SILVA, João Melchades Ferreira da. *Peleja de três mulheres com a policia de Caicó*. Folklore Nordeste. Guarabira:Livraria Pedro Baptista, 1922.p.01

¹²² MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste*. 2ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1970.

camadas populares, principalmente do campo e do sertão, que se vai buscar um modelo típico de masculinidade para ser generalizado para todo ser regional.

Generalização e recorrência que apresentamos estão contidas em diversas fontes que foram utilizadas por diversos autores para escrever e descrever o Nordeste e o nordestino, inclusive, poetas de cordel, em seus folhetos. A presença de partilhas culturais com empregos e maneiras diferentes de utilizar os mesmos bens nas diversas práticas e representações culturais que tiveram as apropriações ocorridas em torno da figura do nordestino.

Neste sentido o nordestino, assim como o recorte regional do Nordeste, nasceu a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional¹²³ que se intensificam de forma partilhada entre as elites e outros produtores de sentido identificados tanto com os membros de uma elite quanto com os membros de uma camada mais popular do Norte do País, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político desta área vão levar este espaço em relação ao Sul do Brasil, notadamente São Paulo, a uma progressiva subordinação.

Segundo Grillo (2005:118), é necessário que se observe que, até a década de 1920, os folcloristas consideravam que a autêntica poesia popular brasileira era a que tinha base oral.

¹²³ As práticas e discursos regionalistas a que nos referimos e que faziam parte das elites pertencentes aos antigos Estados do Norte do País são, justamente, práticas e discursos que emergiram a partir da articulação das elites dos estados que viviam das atividades agrícolas, notadamente do açúcar e do algodão, e que se consideravam preteridas pelo Estado Nacional, quanto à sua política fiscal, de créditos, de obras públicas, que favoreciam principalmente a área cafeeira, aliada às reivindicações no sentido de “solucionar o problema da seca”, principal argumento político de que as elites dispunham para reivindicar obras públicas e investimentos, desde que, a partir da seca de 1877-79, haviam descoberto o potencial político deste tema, a idéia de Nordeste, assim como a idéia de nordestino, foi sendo gestada, pois, necessitavam, além de um recorte regional novo, uma figura e um sujeito que fizessem parte do mesmo garantindo assim, um “homem novo” que pudesse, não só barrar o processo de mudança por qual passava esta região, assim como, garantir a preservação de uma tradição que garantiu por dezenas de anos, o “status quo” social, econômico e político dos membros desta elite regional em decadência. Para saber mais sobre este processo consultar ALBUQUERQUE JÚNIOR (2001) e (2003), que aborda a invenção do Nordeste e a invenção do nordestino, respectivamente.

A autora acrescenta ainda que neste contexto, apesar de ter sido detectado por Almeida (1984), a poesia escrita e oral havia se tornado, nas palavras do autor, *coqueluche e os poetas se multiplicam como moscas, principalmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Só nesse período foram registrados 2.500 poetas populares!*; A autora nos alerta que os folhetos foram ignorados e muitos fizeram vista grossa aos mesmos, inclusive Mário de Andrade, nessa época. Vejamos o que disse: a autora:

Exemplo melhor desse descaso é a forma como Mário de Andrade ignora a existência desses folhetos quando entrevista ninguém menos do que Francisco das Chagas Batista, considerado hoje um dos maiores cordelistas do período. No entanto, os próprios poetas consideravam que sua obra fazia parte do *Folklore Nordestino* [...].Grillo:2005:118

No entanto, podemos inferir que, para Mário de Andrade¹²⁴, a Literatura de Cordel, neste período, não havia ainda atingido a sagração folclórica que a instituíra e atualizava, principalmente, a nomeava, como sendo pertencente à cultura popular nordestina que, concomitante aos termos Nordeste e nordestino, era gestada como sendo legitimamente do Nordeste, bem nordestina.

Em outras palavras, ao se inventar o Nordeste e o nordestino, inventavam-se também práticas culturais dos antigos estados do Norte o País, como sendo uma cultura regional, de base oral e escrita, mas popular e de bases comuns que se identificavam tanto com os cantadores de outrora, como com os poetas cordelistas da Literatura de Cordel.

E, o mais interessante neste contexto, além de demonstrar que, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, existiu uma preocupação exacerbada em recolher todo material que fosse de base cultural, principalmente, na região Nordeste, especificamente

¹²⁴ Sobre essa discussão consultar Grillo (2005).

uma literatura de base oral e escrita como o cordel, através da ação de vários folcloristas, é reafirmar que entre as camadas populares e os membros intelectuais das elites desta região, havia uma circulação de informações e interesses partilhados que, muitas vezes, garantiram uma circulação cultural e de comunicação entre ambos. Como reforça Grillo (2005:121-122-123):

A origem e trajetória do Fundo Villas- Lobos revelam o profundo interesse de intelectuais e artistas brasileiros pela cultura popular, e seu esforço na recolha de material que pudesse não só ser utilizado como material criativo, mas também como um intuito de preservação.[...] Essa questão aponta para a circulação cultural entre artistas eruditos e populares nesse período, mostrando-nos que havia uma comunicação entre ambos. Interessante notar que estes compositores tiveram a sensibilidade de recolher uma significativa amostragem da literatura de folhetos nordestinos, em seu período inicial. Esse dado nos aponta que, ainda que os folcloristas não estivessem atento aos folhetos, os populares estavam.

Os estudos de folclore tinham, do final do século XIX até aproximadamente a década de 1940, pretensões científicas (além da simples recolha) e eram encarados como estudos da realidade social.

Na década de 1950, o cordel finalmente atrai a atenção dos eruditos, folcloristas e literatos, que começam a produzir estudos e ensaios, bem como a recolher o folheto.

Com a citação de Grillo (2005), queremos ressaltar que anterior a década de cinquenta, folcloristas, eruditos e literatos como Gustavo Barroso, Leonardo Motta, Rodrigues de Carvalho já se dedicavam a estudos e ensaios, por exemplo, *Ao som da viola*(1921); *Cantadores; Violeiros do Norte e Cancioneiro do Norte*(1903) respectivamente, além de recolherem folhetos nas primeiras décadas do século XX.

Ainda que termos como cultura popular ou cultura popular nordestina vão emergindo e se intensificando no Brasil concomitante ao aparecimento tanto da região Nordeste, assim como do termo nordestino, para designar uma identidade regional e de gênero nesta região, ressalve-se que, toda a preocupação exigida no começo do século XX, em torno do Nordeste, do nordestino e de uma cultura popular nordestina, emergiu de circulações fluídas, práticas partilhadas e diferenças imbricadas entre o popular e o

erudito. Para Chartier (1990:134-135), por exemplo, é impossível se estabelecer uma distinção radical entre cultura popular e cultura erudita. Ele afirma que:

[...] também não parece ser possível identificar a diferença e a radical especificidade da cultura popular a partir de textos, de crenças, de códigos que lhes seriam próprios. Todos os materiais das práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenções e tradições, cultura letrada e base folclórica.

Logo, para ele, a oposição macroscópica entre popular e letrado perdeu sua pertinência. Daí não concordarmos com Albuquerque Júnior (2003), quando ele afirma que o Nordeste, assim como o nordestino, seja uma exclusividade dos discursos e interesses pessoais das elites dos antigos estados do Norte agrário brasileiro, e, principalmente, de que Gilberto Freyre seja, até hoje, o principal representante da invenção do Nordeste e do nordestino.

Os gestores destas criações fizeram empregos diferenciados nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias. Tais práticas são criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma, redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas.

As apropriações foram feitas de modos diferentes dos materiais que circulavam nesta região, na sociedade nordestina, antes nortista que, passou por um processo de atualização, apropriação e representação diferenciada pelo interesse dos mesmos bens que partilhavam membros de uma cultura dita erudita e os membros de uma cultura dita popular. Para Chartier (1995:184):

[...] o “popular” não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a

caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.

Entre a crise da masculinidade no Nordeste, as histórias no barbante de violência e masculinidade em relação aos espaços e ao feminino foi pensada, justamente, para levantar estas questões que, Albuquerque Júnior (2003), sobre a invenção do nordestino, atribui aos discursos e à elite agrária regional do Nordeste e, principalmente, a um membro seleta de uma elite pernambucana, Gilberto Freyre, o “pai” do Nordeste e do nordestino, esquecendo-se de valorizar como partícipes desta “invenção”, membros da camada mais humilde dessa mesma região.

Até mesmo em relação ao feminino, ainda hoje na região Nordeste, dentro ou fora dela, existe uma tradição de que “homem no duro, não dá mole para mulher”.

Em outras palavras, existe uma educação masculina difundida dentro e fora da região Nordeste, para os filhos, habitantes e sujeitos da nordestinidade “reinante” de que, desde cedo, crianças, garotos, adolescentes são incentivados a exercer inclusive, quando adultos e idosos, determinadas posturas do gênero masculino nordestino, que só a eles caberia exercer, por exemplo:

Hoje no tempo presente/ todo mundo quer amar/ mas ainda vê-se
cousa/ do cabelo arripiar/ um rapaz apanhar das moças/ por não saber
namorar. ¹²⁵

Ou então:

Atenção, muita atenção/ cuidado rapazeada/ tenho a mulher decorada/
com a sua ingratidão/ fiz esta improvisação/ pra ninguém ser
enganado/ peço pra ser desculpado/ fazer verso é minha arte/ mas no
mundo em toda parte/ tem alguém sendo chifrado. ¹²⁶

Por fim, só mais um exemplo:

¹²⁵ LEITE, José Costa. O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar, s/d

¹²⁶ _____. Hoje em dia em toda parte tem alguém sendo chifrado. s/d

Aguardente é coisa boa/ afirma todo farrista/ esquentando e dando apetite/ e tudo de bom se conquista/ para mim não tem defeito/ tira o cansaço do peito/ dando saúde e limpando a vista.

[...] Xaxado é dança boa/ quando o sujeito está quente/ com uma moça cheirosa/ sacudida e renitente/ que dança se requebrando/ e sempre de vez em quando/ um pouquinho de aguardente.¹²⁷

Não saber namorar, o receio de ser “cornô” e a necessidade de ingerir bebida alcoólica, principalmente, se for cachaça “da boa”, como se diz por aí faz parte, sem sombra de dúvidas, de uma educação masculina de gênero na região, dentro ou fora dela, que são elementos constitutivos de uma identidade regional e sexual do Nordeste que, ainda hoje, nas relações sociais de gêneros, coloca como definidor a centralidade do “falo” e de ações diversas, por exemplo, valentia, coragem, destemor, virilidade, inclusive, violência que, de diversas formas se associam aos nordestinos e se identificam, em muitos casos, com nós mesmos, dentro ou fora da família, dentro ou fora do Nordeste.

Homem no duro, não dá mole para mulher e tomar um gole, construir uma identidade são, muito mais ponto de partida do que de chegada, para se pensar como se constrói e se define uma identidade e as relações de gêneros masculinos e femininos não só no Nordeste, mas no Brasil também.

Por enquanto, procuraremos situar o nordestino emergindo entre o discurso das elites e o discurso popular, pontuando mudanças sociais que foram vistas como feminização dos costumes, principalmente e, de forma mais intensa, nas primeiras décadas do século XX, passando a ser recorrentes e generalizantes com o passar das décadas deste mesmo século, em diversas fontes, assim como na Literatura de Cordel.

Qualquer leitor, avisado ou não, que vier fazer a leitura deste trabalho em algum momento, em alguma parte se encontrará com um parente, um amigo ou um vizinho próximo, presente nestas linhas. Será que não?

¹²⁷ Idem. ABC do cachaceiro. s/d.

Desde cedo, dentro ou fora de nossa família, dentro ou fora de nossa casa, perto ou longe de nossos parentes somos, constantemente, no caso do gênero masculino, “convidados a”, requerem ou exigem de nós que nos comportemos, que assumamos, definamos e atualizemos determinadas posturas do masculino que “honra” a tradição familiar, social e conservadora apreendida, ao longo dos anos, de geração para geração, de nossos avós para nossos pais, que garantiriam uma educação masculina baseada, num primeiro momento, em códigos de honra que remetem aos laços sanguíneos que definem os parentescos para, num segundo momento, através do dispositivo da sexualidade¹²⁸, ter-se os costumes e às práticas ligadas à sexualidade do gênero masculino vigiadas, em defesa dos “bons costumes” de uma tradição.¹²⁹

Ò meu Deus!- o que é isso/ por que o homem está assim?/ tantas guerras e reboliços/ encaminham para o fim/ o homem vive no pecado/ de Sodoma do passado/ perdoai os homens e a mim!/ Eu me acho pequenino/ diante da imensidão/ frente ao erro, não amofino/ como o carcará no sertão/ não me cala a hipocrisia/ nem estremeço com a magia/ sou o pó, ouço o trovão.

Nesse novo acontecido/ sobre ele estremeço/ para atender o inconcebido/ rogo a Deus e não mereço/ mas devido o caso tal/ eu descrevo o novo mal/ arremeçando-o pelo avesso/ Num sitio da Paraíba/ no meado do mês de junho/ aconteceu essa história/ com o aval do meu rascunho:/ Lagoa do Cumbe é o local/ perto de Campinas, a estadual/ cidade boa e que tem punho.

Os jornais de João Pessoa/ do estado de qual falei/ noticiou a coisa atoa/ e por isso eu indaguei/ nos jornais de outro estado/ levando de todo o lado/o acontecido que eu sei./ Jaimelina F. Pereira/ casada com um Valdemar/ morava num sítiozinho/ no sertão, longe do mar/ desse homem, teve dois filhos/ que eram forças e os brilhos:/ e

¹²⁸ Foucault (1979:244): assim o define: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [...]”.

¹²⁹ Sobre o que acabamos de falar será, ao longo desse trabalho aprofundado, no entanto e, de uma forma geral, o que queremos dizer é que, antes do denominamos como “dispositivo da sexualidade”, existia, no começo do século XX, nessa região, práticas masculinas de atuação social ligadas ao campo, ao mundo mais rural, que eram antes admitidas, por exemplo, sabe-se que muitos jovens e adolescentes do campo, tiveram experiências sexuais com animais os mais diversos, prática essa que, com a instalação do dispositivo da sexualidade, muito mais ligada à cidade que o campo, contexto em que o mundo urbano passava a ganhar mais importância que o mundo rural, práticas antes admitidas passavam, então, seja no campo ou na cidade, a ser vigiada e punida. Dispositivo este que se tornaria uma ameaça ao mundo tradicional por não se basear mais nos costumes e tradições s, sim, na lei, imperativo das cidades que passava a ter mais importância que os costumes ou tradições de uma sociedade rural.

começa o que eu vou contar./ Há 14 anos casada/ com o homem que só prestou/ no começo do casamento/ que o diabo manifestou/e Valdemar em vez de atenção/quebrava mesa, virava o cão/ que Jaimelina se assustou.

Ela vendo o procedimento/ do seu marido Valdemar/ fez ladainhas escondidas/ passava as noites a rezar/ pois Valdemar se transformou/ e como um bruto a espancou/ só faltando mesmo rincar./ Jaimelina fez promessa/ com todo santo do céu/ para a livrar do inimigo/ mas, o que aconteceu:/ Valdemar mais lhe batia/ e noutras noites queria/ despachá-la para o céu./ Jaimelina tomou cuidado/ com ele não mais dormia/ com medo da traição/ até mesmo, se escondia/ os anos foram se passando/ com Jaimelina lamentando/ de sua vida sem guia.

Mais de 14 anos/ desse triste casamento/ de Jaimelina e Valdemar/ Já que não houve instrumento/ que juntasse mais os dois/ e a separação deles, pois/ talvez fosse o único tento.

Por causa da família/ com idade de menor/ uma com 13, outra com 6/ ela agüentava o pior/apanhava, passava fome/mas elevava o seu nome/de mulher que tem valor.

[...] De cinco anos prá cá/ esse homem piorou/ na mulesta dos cachorros/ prá Jaimelina ele virou/ queria botar prá fora/ a pobre mulher, na hora/por um triz não a matou/ Valdemar, dizia assim:/ eu não a quero mais aqui/ vá embora pros infernos..../vá pros confins do Piauí.../ te some mulher danada/ eu vou te dar uma facada/ tu fedes mais que piqui/ Jaimelina, coitadinha/ se desmanchava a chorar/ com as dores dos pontapés/ com os meninos a gritar/ não podia mais correr/ sem parentes prá socorrer/ o jeito era apanhar.

[...] Jaimelina desconfiou/ que Valdemar estava errado/ ela sentia um cheiro nele/ de animal e de cercado..../e botou prá espiar/o fulanado a vagar/ quando ia pro cercado/ os vizinhos de Jaimelina/ do mesmo jeito faziam/ poruqe um homem daquele/ no mundo todo não viam/ e como investigadores/tomavam dela as dores/prá ver se a socorriam./ Mas um dia Jaimelina/quase morre do coração/ pegou Valdemar Pereira/transformado no cão/abraçado com um jumenta/que babava pela venta/tirando fogo do chão.

Outros vizinhos viram/o que Jaimelina viu também/e com isso Jaimelina/que é mulher de bem/procurou uma advogada/prá se ver separada/desse homem do “além”/A advogada de Jaimelina/ é Maria Montenegro/que mora em Campina Grande/e pediu logo pro negro/um disquite litigioso/que tem parte com o tinoso/em cujo rastro, não regro./ Dr. Hamilton S. Neves/ o Juiz daquela vara/ eu não sei como ficou/ por ver semelhante tara/mas o disquite concedeu/ se Valdemar não apareceu/com a sua paixão tão rara!.../ Sinceramente eu não sei/ qual será a explicação/ deve ser muito esquisito/bem no meio do sertão/um cabra desse namorando/ uma jumenta relinchando/ de patas dadas....ó!Não!..(acontecido nos meados de junho de 1976 no sítio Lagoa do Cumbe-Paraíba).¹³⁰

A explicação inicial que poderia ser dada a este poeta cordelista, já que o mesmo se interroga ao final dessas narrativas, corresponde exatamente ao que vimos

¹³⁰ BATISTA, Abraão Bezerra. O homem que largou a mulher prá viver com uma jumenta na Paraíba. s/e.Juazeiro do Norte.1976.

falando até agora quando, no folheto reunimos diversas maneiras de pensá-lo, por exemplo, como um locus de preservação e conservação de uma tradição que se baseava, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, em laços de parentesco que tinha o patriarca e a honra de uma família ou de uma sociedade, baseada nos costumes mais conservadores.

Os folhetos também foram e são utilizados como uma produção difundida e atualizada entre a tradição de um mundo rural e a transição do mesmo para o mundo urbano e moderno, onde os costumes cada vez mais, vão perdendo espaço para a lei e os códigos da cidade que passam a vigiar e punir com maior rigor seus habitantes, não admitindo práticas antes aceitas e muito mais comuns no cenário rural, urbano e mais simples das cidades pertencentes aos antigos estados do Norte do Brasil que, a partir do momento que vai se tornando uma região “nova”, o Nordeste, tal qual vai ocorrendo em relação às narrativas do cordel, ou seja, um processo de “transição” entre papéis descritos, aceitos e muito mais comuns no teatro da fazenda, do que da cidade.

Apesar de desenrolar esta história do marido que trocou a mulher por uma jumenta ser no interior da Paraíba, em 1976, no Sítio da Lagoa do Cumbe, a proximidade deste lugar com uma cidade do porte de Campina Grande era maior do que se pode imaginar, podendo até, se quisermos arriscar, dizer que esse “sítio” estava mais próximo de uma cidade do que propriamente de um cenário estritamente rural.

O que nesta história interessa é destacar como, Jaimelina, no papel de gênero definido para a mesma por uma tradição familiar, como se percebeu, exigiu dela, mesmo sofrendo e apanhando muito, que ficasse, exercesse, assumisse e não deixasse de atualizar o papel do gênero feminino que lhe cabia, até então. Ela se separou, mas, não o abandonou.

Requeru da lei, através da cidade, uma decisão, pois, no contexto e tempo em que vivia com seu marido, já não cabia práticas antes “admitidas” de um sexo “acanhado” que partilhava, no início do século XX, com os animais os mais diversos, não só com jumentas.

Quem, na cidade onde mora ou nasceu, nunca ouviu falar que um primo, um amigo ou tio que nasceu no “campo”, na roça, na fazenda, num sítio, enfim, pertencente a um mundo mais rural que urbano e citadino, contasse histórias de que a iniciação sexual dos meninos ocorria a primeira vez com os animais?

Se na década de setenta, na Paraíba, muitos se escandalizaram com a “paixão” que Valdemar teve pela Jumenta, partilhavam de um sentimento de hipocrisia ou de reconhecimento de um mundo em transição, sabiam ou pelo menos deviam lembrar que seus pais, tios, primos, talvez eles próprios já houvessem praticado ou iniciado sua vida sexual com uma jumenta, uma cabra, uma porca, uma burra, uma galinha dentre outros.

Sabiam, inclusive, que portando sempre um pacotinho de sal no bolso da calça era mais “fácil” atrair a criação e alcançar o objetivo desejado de usos dos prazeres ou não que a vida “animal” oferecia. Nos canaviais pernambucanos do início do século XX ou nas roças diversas do interior de muitas cidades nortistas/nordestinas, muitas destas práticas foram admitidas e incentivadas, não é mesmo?

Se na cidade e no campo e na roça estas práticas hoje são descritas e vigiadas e até punidas em nome da lei e dos códigos morais e éticos, não se pode negar que a idéia de homem no duro não dá mole prá mulher e que muitas vezes se toma um gole, e constrói-se uma identidade em nome do masculino, da virilidade, da valentia, da coragem, do destemor e da violência entre gêneros, não podemos negar que muitas dessas práticas relacionais entre os gêneros masculinos e femininos tiveram, como

ponto de partida, a valorização da centralidade do “falo” e da violência, as mais diversas e disfarçadas, que correspondia a uma educação masculina regional e sexual em torno da figura e do sujeito que foi atualizando o nordestino, tanto no discurso das elites quanto no discurso popular do cordel, especificamente, na tradição valorizada e presente nas narrativas dos folhetos de diversos cordelistas.

Isso se deve também, como anunciamos algumas páginas atrás, ao processo de horizontalização ou, se assim desejarem, a feminização da sociedade porque as mudanças sociais passaram a ser vistas, nas primeiras décadas do século XX, como feminização dos costumes.

Um nivelamento social¹³¹ percebido por Gilberto Freyre (1959:159-160) e denunciado numa de suas obras:

Destaque-se do conservantismo ou do tradicionalismo com que Antônio Conselheiro pretendia valorizar no Brasil o culto do Pai (Pontífice, Príncipe, Pai), contra os excessos de um republicanismo a seu ver demagógico, anárquico e anti-religioso que, em certos pontos, coincidia com o conservantismo ou o tradicionalismo de brasileiro de elite, que vinham se desencantando com a República de 89. Em 1909 Souza Bandeira escrevia que ... com efeito, ‘era tempo de voltar atrás enquanto os males não se acentuam’. Nas suas palavras: ‘Não nos envergonhemos de confessar os erros e tratemos de consolidar a República, cimentando-a com a experiência de nossos antepassados, inspirando-a na larga fonte das tradições nacionais [...]. Só faltou, para aproximar-se do tradicionalismo do Conselheiro, que às ‘tradições nacionais’ acrescentasse as tradições Católicas de ordem, de autoridade e de hierarquia.

Neste trecho de seu livro, publicado em 1959, *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre parece expressar um sentimento muito presente entre os membros das elites brasileiras, notadamente entre os homens do Norte e do Nordeste, na primeira metade do século XX, que estava acabando de transcorrer, ou seja, o sentimento de que a

¹³¹ Sobre esse processo de feminização da sociedade consultar ALBUQUERQUE JÚNIOR (2001) e (2003).

República e a Abolição da escravidão, que a antecedeu em um ano, trouxeram sérias ameaças para a ordem, a autoridade e, principalmente, para a hierarquia social.

Como vai dizer Freyre, numa surpreendente solidariedade com o Conselheiro, certas tradições do Brasil católico, escravista e monárquico estavam sendo solapadas pelo que estas elites consideravam ser as tendências niveladoras, democratizantes, desorganizadoras, anárquicas até, do republicanismo democratizante de inspiração européia e, principalmente, norte-americana.

Estes discursos de explícito conteúdo autoritário e conservador vão considerar estas tendências de democratização da sociedade e da política brasileira como exóticas em relação à nossa história política e social, não fazendo parte das tradições nacionais, que precisavam ser defendidas, sob pena de nosso País vir a perder a sua originalidade, a sua identidade, vir a ser incorporado de forma subordinada a um processo civilizatório que se apresentava sob o rótulo do progresso, da modernidade e da modernização que, na verdade, significaria a nossa subordinação política, cultural e econômica à nações que imperialisticamente queriam nos anexar.

Sobre este posicionamento de Freyre (1959), que não só se sentia ameaçado pela constatação paulatina da “perda” da ordem e da autoridade que, nas lembranças que reunia e vinham à tona em sua mente de sua família, principalmente, de seu pai, percebia que talvez a Proclamação da República e a Abolição teriam emergido com estas mudanças, que sentia ser uma ameaça às relações de mando e convivência que partilhavam desde a época de seus pais e ao “status quo” que, assim como sua família, outros membros destas elites agrárias gozavam nacionalmente até então, quando da virada do século XIX para o século XX.

Para Albuquerque Júnior (2001):

O que nos chama atenção no discurso freyreano, que se inscreve numa série de discursos que podemos datar de pelo menos o final do século passado, é que este perigo de quebra das hierarquias sociais e o conseqüente nivelamento dos diferentes grupos que segmentavam a sociedade é sempre descrito a partir de imagens que remetem à família e, mais particularmente, à uma ameaça ao Pai, como representante da autoridade, da ordem e da hierarquia. [...] todas as mudanças históricas que vinham ocorrendo, desde pelo menos o final do século passado, mas que se acentuaram após a Primeira Guerra Mundial, como são quase unânimes a reconhecer são descritas como uma feminização do social, como um processo de horizontalização que este gênero representaria. Não é a toa que Gilberto Freyre descreve este processo como sendo aquele que levou ao declínio do que chamou de patriarcalismo, ou seja, uma sociedade onde o predomínio do homem, do macho, do Pai, não seria contestado, em que em torno dessas figuras se estruturava toda a ordem social. [...] o feminino é constantemente associado, nestes discursos, à horizontalidade. A mulher no próprio ato sexual representaria esta posição, enquanto o homem, o poder, o domínio, o ativo, representaria a verticalidade, a ordem hierárquica que não deveria ser ameaçada.

Estes discursos masculinos falam com temor de um alastramento do feminino pela sociedade, trazidos pela abolição das fronteiras entre etnias e raças com a Abolição, pelo progressivo acesso ao mundo da política de parcelas da sociedade antes excluídas, com o advento da República, pela necessária ampliação do espaço social para a inclusão de novos grupos que emergiam com crescente influência e poder, como os comerciantes; os industriais, os operários, a classe média, surgidos todos com o processo de urbanização e industrialização, visto como agentes principais neste processo de desvirilização da sociedade, trazidos pela perda progressiva dos valores, sociabilidades e sensibilidades descritas como patriarcais. O mundo dos patriarcas paternais estava em ruína, um mundo feminino parecia se avizinhar.

Discursos e práticas regionalistas que não se limitavam apenas à preocupação e divulgação dos membros das elites agrárias em que, por tradição e parentesco Gilberto Freyre fazia parte, havia, entre as camadas mais populares, por exemplo, membros humildes que compunham, produziam o discurso popular através do cordel que, assim como a elite regional agrária do Norte/Nordeste do Brasil, se

preocupou e se sentiu ameaçado em seus costumes e tradições, temendo, inclusive, o nivelamento social entre os gêneros masculinos e femininos, nas representações diversas que faziam dos mesmos nas narrativas cordelistas.

Mundo velho desgraçado/teu povo precisa um freio/para ver se assim melhora/este costume tão feio/de uma moça seminua/andar mostrando na rua/o sováco, a perna e o seio./ De primeiro uma donzella/ andava bem prevenida/ se acaso ia a um passeio/ se encontrava ella vestida/ hoje essa mesma donzella/ sahir p´ra rua despida/

Ainda tem muitas mulheres/ de uma rara formozura/ mas quando faz um vestido/ é pouco abaixo da cintura/ no logar que Ella aparesse/ até um morto estremesse/ diante daquela figura./ hoje a civilização/ em tudo foi transformada/não existe mais pudor/ a moral não vale nada/a vergonha apodreceu/ a sociedade morreu/ a tempos foi sepultada.

As senhoritas de agora/ é certo o que o povo diz/não há vivente no mundo/da sorte tão infeliz/vesse uma mulher raspada/não se sabe se é cazada/ se é donzella ou meretriz./ Traz a cabeça pellada/ bem raspadinho o cogote/ o vestido que Ella uza/tem três palmos de decote/sendo de frente ou de banda/ vesse bem quando Ella anda/o seio dando pinote.(ATHAYDE 1927:1-2)

Na moda se expressaria claramente esta subversão das fronteiras entre os sexos, mudanças que embora em si mesmas não tivessem nada de anti-naturais já que também os pássaros fazem suas mudas e alguns animais, como a raposa, perdem sua pele, as que estavam ocorrendo neste início do século XX eram de escandalizar, pela indiferenciação que estavam dando origem naquilo que a natureza teria tão bem diferenciado:

Apertado o corpo num ‘robe-man teaux’, talhado á masculina um vulgar chapeuzinho sobre os cabelos cortados, e uma enorme carteira sob os braços, passa um vulto. È de um homem? De uma mulher? Ninguém sabe dizê-lo. Seu andar caído faz imaginar que vai á Bolsa ou a uma reunião política e, logicamente se deduz que é um homem. E, no entanto, é uma mulher.....¹³²

¹³² N/a – Como a mulher perdeu seu encanto. Recife, Diário do Pernambuco, 07/11/1925,p.47,col.5.

Este artificialismo da moda estava levando ao artificialismo do sexo sociológico distante do sexo biológico. Isto era mais um dos indícios de que a sociedade se feminizava, pois, nela imperava agora o artifício da aparência, apanágio do belo sexo. Como podemos perceber tanto presente num artigo do Diário de Pernambuco, em 1925, como também num folheto de autoria de João Martins de Athayde, em 1927.

Veja alguém como ficava/ onde essa moça passou/lhe diziam faz que olha/porém Ella não olhou/deu desgosto a muita gente/mas Ella ficou contente/pois o que tinha mostrou./ mostrou os seios bem alvos/ fez o povo estremecer/o suvaquinho raspado/para o suor não arder/mostrou as pernas também/e para o que conhece bem/nada mais tinha o que ver./ Vesse uma moça na rua/ de um modo tão affectado/ com os seios quase nus/ e o cogote raspado/ do mundo perde a belleza/ mais tarde tem a certeza/do seu futuro arruinado.

Tem muitos homens cazados/ que pela falta de zello/consente a fiel esposa/assassinar o cabelo/não será só eu que juro/que um deste pelo futuro/tem por certo o dismantello./muitas moças da elite/por onde ellas vão passando/encontra um homem vechado/elle paira e fica olhando/faz isto por desaforo/a roupa ligada ao couro/e com as carnes balançando./ Bem fazem os nossos padres/ não darem mais comunhão/as mulheres seminuas/que para a igreja vão/a coisa bem reparada/é uma grande cusparada/na face da religião.

Dantes nas barbearias/quem entrasse a qualquer hora/não se encontrava uma moça/mas tudo mudou-se agora/de mulheres, vivi cheia/dalli a que for mais feia/é esta a que mais namora./ Não há mais desocupada/nenhuma barbearia/vivi o salão sempre cheio/durante a noite e o dia/seja viúva ou donzella/se vê no semblante della/um syntomma de alegria.

Nestas estrofes de Athayde (1927), percebemos que a modernidade, com o seu desfilar de simulacros e sua exaltação da aparência sedutora, era mulher enganadora, traiçoeira, pérfida, dominadora, ameaçadora, para homens acostumados com mulheres “simples, dóceis, autênticas” da sociedade masculina da tradição. Assim como no cordel, o Diário de Pernambuco (1925), também apresentava a recorrência e generalização de elementos que foram caracterizando mudanças sociais na horizontal dos costumes entre os gêneros masculinos e femininos:

[...] uma representante do frágil e belo sexo, que exageradamente vestida como um homem adota suas maneiras, seus hábitos, seus quês os mais insuportáveis. Anda bruscamente, nem sequer lança um olhar ao que deve interessar ao seu espírito feminino. Os mostruários de modas não a atraem, nem sequer os mais encantadores. As 'toilettes', todas, não a encantam. Contenta-se com o chapeuzinho vulgar, a roupa talhada, sempre a mesma, os sapatos. Insensível, passa sem cansaço, sem parar um instante. Que procura? Aonde vai? Causa dó: é um ser que perdeu seu sexo: absurdo, que não tem seu lugar na vida.¹³³

Não se pode negar a existência da proximidade destes dois tipos de discursos presentes em fontes diferentes que, além de demonstrarem a generalização e recorrência de uma mesma temática, apesar de não ter aparecido a autoria do artigo publicado em 1925 no Diário de Pernambuco, podemos afirmar que os dois materiais impressos e divulgados num jornal e num folheto foram, ambos, publicados na mesma cidade, Recife, pois o autor do folheto era pernambucano e toda a sua produção realizada na capital do Pernambuco, além, obviamente, do jornal que, pelo próprio nome, já demonstra sua origem.

Conheço certa senhora/ que é espoza de um doutor/ quando Ella sahe a passeio/o povo treme de horror/pois seu modo de trajar/já tem dado o que falar/a quem não é falador./Tem o cabelo cortado/uza o vestido bem justo/sem mangas, até o joelho/se Ella cahir dum susto/ o que levar escondido/sem licença do marido/pode a gente ver sem custo./ quando Ella sahe a passeio/não uza dizer pra onde/se a viagem é prolongada/ precisa tomar o bonde/couza que a gente ignora/fica do lado de fora/que o vestido não esconde.

Sua cara vivi exposta/aos olhos da piratagem/que vão p'ra certo lugar/p'ra ver a sua passagem/e querem por fina força/pileriar uma moça/mais linda que uma imagem./as mulheres hoje em dia/sejam cazadas solteiras/viúvas ou meretrizes/andam de muitas maneiras/mostrando as carnes que tem/com isto sente-se bem/escapou somente as freiras./No tempo em que nós estamos/ ninguém faz mais distinção/entre a mulher meretriz/ ou a que é do salão/se todas andam iguaes/escandalosas demais/veja que devassidão.¹³⁴

¹³³ Idem, idem.

¹³⁴ ATHAYDE, João Martins de. O Bataclan Moderno e as moças semi-núas. Recife.s/Ed.1927

Nas ruas de uma cidade como Recife já não se conseguia com facilidade distinguir homens e mulheres. A mulher no seu intento de se igualar aos homens vinha perdendo o seu encanto vinha se virilizando, seja nas maneiras, seja nos trajés, seja nos valores.

Um marido ajuizado/de forma alguma consente/a sua mulher sahir/na rua toda indecente/se elle vergonha tiver/e zelar sua mulher/bota logo o pé na frente./esta escandalizado/as mulheres pelas ruas/nos bailles pelos theatros/ mal vestidas quase nuas/não tem mangas no casaco/quem olhar para o suvaco/comessa dizer das suas./Os maridos de hoje em dia/não zellam suas esposas/todas andam sós nas ruas/e não fazem boas couzas/são umas, doudas perfeitas/vizitam casas suspeitas/como vôos de maripoza./ Antigamente uma moça/quando fazia um vestido/gastava quase oito metros/p'ra elle sahir comprido/não punha os braços de fora/porém o contrário agora/assim tem acontecido.

[...] Um pae de familia honesto/para obrar com razão/não deve deixar a filha/cahir em tal perdição/porem o pae nesse assumpto/torna-se quase um defunto/não sustenta opinião./devia haver uma lei/que puzesse um paradeiro/a tanta immorallidade/que se vê no mundo inteiro/pois digo meu camarada/nunca vi moça sentada/em cadeira de barbeiro/porém os Paes de família/algum marido também/deixam filhas e mulheres/quando critério não tem/como ele é homem da roda/seguindo a maldicta moda/acha que esta muito bem.

E assim a sociedade/o brio a honra o pudor/e a civilização/fica tudo sem valor/nada tem mais cotação/cria nome a corrupção/o povo pasma de horror.¹³⁵

Em artigo publicado em 1927¹³⁶, Tristão da Cunha defende que, na verdade, a sociedade brasileira sempre teria sido matriarcal e que, com a emergência do feminismo, “falange política vítima da ficção igualitária”, a busca pelo nivelamento estaria levando a mulher para baixo, “abatendo as montanhas para atulhar os lagos e trazer a morte na monotonia”. O Brasil fora até então um país de patriarcas governados secretamente por suas mães, esposas, filhas, irmãs. O que seria agora de um país em que as mulheres vinham afrontar o masculino na praça pública, em vez de domá-lo com os carinhos e atenções domésticas?

¹³⁵ ATHAYDE, João Martins de. *O Bataclan Moderno e as moças semi-núas*. Recife.s/Ed.1927

¹³⁶ CUNHA, Tristão da. *Feminina*. In: *Obras de Tristão da Cunha*, Rio de Janeiro:AGIR, 1979, p.287.

Nas estrofes que apresentamos até agora de Athayde (1927), se verificarmos estas últimas que colocamos, veremos, por mais que seja difícil ao leitor admitir, a presença de elementos que não só alimentavam o preconceito e o medo do diferente como, inclusive, e, principalmente, elementos que contribuem até hoje para alimentar a violência doméstica e social contra o gênero feminino. Achamos até que, nós, nosso orientador e qualquer pessoa que se disponha a ler este texto, por mais duro que seja admitir, viu-se, pouco ou muito, nas narrativas de cordel que apresentamos até agora. Será que não?

Será que você nunca prestou atenção a roupa que sua irmã, namorada ou esposa vestiu para sair, ir ao centro, à rua, ao shopping e, nem que seja por uma única vez, pediu ou mandou que a tirasse, não?

Será que, no tempo que ainda existia barbearias pela sua cidade, no seu bairro, você nunca proibiu ou pediu que sua irmã, namorada ou esposa frequentasse a mesma por ser um lugar exclusivo do gênero masculino, não?

Será que, em algum momento de sua vida mesmo nos dias de hoje, ou que você se lembre ou na época de seu avô, de seu pai você, por uma única vez, em nome da honra ou da tradição ou, até mesmo da sociedade, vigiou e puniu sua irmã, sua filha ou esposa por não estar se comportando como deve se comportar uma mulher, não?

Nunca ouviu seu avô, pai, tio ou até mesmo você mesmo dizendo que ficaria difícil acreditar no futuro de uma sociedade onde as mulheres passavam a praticar os mesmos esportes que os homens, passavam a fumar, a jogar, a beber, a reivindicar o direito de votar e ser votada, não?

Segundo Albuquerque Júnior (2001) E (2003):

A predominância progressiva das formas de sociabilidade urbanas sobre as rurais, processo que vinha ocorrendo desde, pelo menos, a

segunda metade do século XIX, vai substituindo progressivamente entre as elites e, especialmente, entre os homens, formas rústicas e pouco civilizadas de se comportar, de se vestir, de falar.

[...] Percebe-se um apuro crescente no traje, nos calçados, dando margem a uma elegância que, aristocraticamente européia no começo, vai sendo impactada pelos modismos americanos, do começo do século XX, moda que, a partir da Primeira Guerra, parece caminhar para uma androginia, o que muito incomodava aos intelectuais ligados a esta elite, que consideravam as formas de se vestir e se comportar importantes marcadores, não só de distinção social, mas de distinção entre o masculino e o feminino.

Nesse contexto, verificamos, inclusive, o impacto da participação da mulher na Primeira Guerra Mundial, no entanto, queremos destacar aqui o caso de “Jovita”,

Logo que chegou a Theresina, capital do Piauí, tomou trajes grosseiros de homem, cortou os cabelos com uma faca, tomou um chapéu de couro, e assim vestida dirigiu-se ao Palácio da Presidência, pedindo para ser alistada *volluntario da Pátria*.

A este respeito ouçamos o que disse a imprensa em Theresina:

“Apresentou-se nessa cidade uma interessante rapariga de 18 annos de idade, de typo índio, natural de Inhamuns, vinda de Jaicós, desta província, vestes de homem rude, e offereceu-se ao Exm. Presidente como ‘voluntário da patria’. Aceito como tal, é pouco depois, na rua ou na casa do mercado, descoberto o seu sexo: é levado a policia e interrogado.”¹³⁷

O caso de “Jovita” bem pode se “enquadrar” neste processo de feminização da sociedade brasileira que, mesmo se referindo ao século XIX, o caso “Jovita” passou por atualizações no século XX, a partir de diversos outros exemplos, como vimos demonstrando até agora, sobre as mudanças sociais vistas como feminização dos costumes em nossa sociedade.

Durante este processo de feminização se percebia, ao mesmo tempo, um processo de “desvirilização” que não só atingiu as cidades, mas também o meio rural. Entre as famílias abastadas, da mata ou do sertão, dava para perceber este declínio da

¹³⁷ s/a.(POR UM FLUMINENSE). Traços Biographicos da Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa, ex-sargento do segundo corpo de voluntários do Piauí. Rio de Janeiro: Typ.Imparcial de Brito e Irmão, 1865.

virilidade, da macheza, este afastamento das novas gerações do modelo de masculinidade que representaram os patriarcas do passado.

Como nos conta Júlio Bello e Gilberto Freyre¹³⁸, os tipos eugênicos da sociedade do engenho, “belos tipos de homens barbados, fortes, inteligentes e simpáticos mesmo, se diluíram, se apagaram aos poucos na vida, apática e preguiçosamente”, Tornaram-se “homens de palmas de mãos moles e mulherengas, feitos para viver na sombra da casa-grande como ‘filhos de papai’, mesmo depois de velhos, incapazes de afrontar corajosamente a vida e as vicissitudes dela, conformando-se facilmente com os insucessos, vencidos e resignados”. É, humilhação suprema, agora só sabiam “plantar couve e criar galinhas”.

Para Gilberto Freyre, no seu livro *Ordem e Progresso*, de 1959, este contexto faz parte de uma época que ele classificaria como sendo anti-patriarcal, que seria tão bem representado pela figura do bacharel, que não só se afastava de sua família como da vida rural. Segundo Albuquerque Júnior (2003), Freyre (1959) e BELLO (1985), a decadência dos velhos patriarcas se caracterizava cada vez mais, no começo do século XX, pela presença do bacharel em substituição ao “coronel” de engenho na administração pública:

[...] embora seja o período caracterizado como o do coronelismo, este denunciaria mais a decadência do que a força do que chama do patriarcado rural. O coronel, embora permaneça com enorme poder a nível local, tem que dividir seu poder com alguns burocratas do Estado, e este poder vai diminuindo a medida que a esfera pública se amplia. Na política estadual e nacional, os coronéis se fazem representar, cada vez mais, pelos seus filhos e, mais do que nunca, o que seria outro indício de decadência, pelos seus genros, nem sempre pertencentes á famílias ilustres.¹³⁹

¹³⁸ BELLO, Júlio. Memórias de um senhor de engenho, 3 ed. Recife: FUNDARPE.1985, p. 4.FREYRE (1959)

¹³⁹ Para saber mais sobre essa temática consultar: ALBUQUERQUE JÚNIOR (2003); BELLO (1985) e FREYRE (1959).

Gilberto Freyre chegou a falar de que seria este um período marcado pela dependência de muitos sogros em relação a seus genros, já que estes, quase sempre vindos do mundo urbano, bacharelados, mostravam maior preparo para as lides políticas e empresariais do que os filhos dos potentados rurais, homens amolecidos e depauperados pela educação recebida no campo.

Esta vitória dos genros podia ser debitada também à própria formação bacharelesca de muitos filhos de proprietários rurais, formação muito mais teórica do que prática. Retirados ainda cedo do convívio familiar e da vida no campo, quase sempre internados em colégios onde iam ser ‘amansados como animal bravo’, padecendo de uma enorme saudade dos seus e da vida do campo, estes meninos seriam afastados em sua sensibilidade e nas suas subjetividades da sensibilidade e subjetividades representadas por seus pais. Quando retornavam, seu pai e a vida da fazenda já eram estranhos, sentiam-se diferentes.¹⁴⁰

Até agora levantamos uma série de elementos dentro de determinados contextos e épocas que mostrariam a todos nós atributos que passaram por atualização e cruzamento para caracterizar a figura do nordestino na sua elaboração e reelaboração.

Óbvio que, concomitante a estes elementos e atributos que desenharam e redesenharam o nordestino ao longo dos anos, no discurso das elites e no discurso popular do cordel, procuramos corroborar em alguns pontos com a tese de Albuquerque Júnior (2003) sobre a invenção do nordestino, distanciando-nos um pouco apenas no que dizia respeito à elaboração do nordestino como fruto de práticas e discursos regionalistas, provenientes unicamente dos desejos e interesses de uma elite agrária em decadência.

¹⁴⁰ Para saber mais sobre a educação dos meninos nesse momento consultar: RÊGO, José Lins do. *Doidinho*, 16ed., Rio de Janeiro:José Olímpio, 1977; *Meus verdes anos*, Rio de Janeiro:José Olímpio, 1956; GALVÃO, Ana Oliveira. *Amansando meninos*. João Pessoa:EDUFPB, 1998. Sobre o choque entre o bacharel e seu pai no retorno ver: ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1970. Sobre a educação mais teórica ver FREYRE, Gilberto, *Ordem e Progreso*. 1959.P. 101

Ao contrário, procuramos valorizar e pontuar que a invenção do nordestino faz parte destas práticas e discursos, mas, de forma partilhada entre elite e pessoas humildes, populares ligados à produção, divulgação, publicação e atualização da Literatura de Cordel, dentro ou fora do Nordeste, no Brasil.

Utilizamos alguns autores que não eram cordelistas, por exemplo, Júlio Bello, Gilberto Freyre e Tristão da Cunha, como referências pertencentes aos discursos e práticas regionalistas pertencentes a uma elite agrária da região que, nesta época, viviam, sentiam e produziam suas impressões sobre o contexto que abordamos.

Fizemos isto também em relação a alguns cordelistas, como mostramos, para também situá-los nesta discussão como partícipes, através de seus discursos e práticas regionalistas que foram representadas nos diversos folhetos que produziram nesta época e, que abordava as questões temas pertinentes à emergência do nordestino na Literatura de Cordel, assim como no Nordeste.

O Sr. Gilberto Freyre pediu a palavra para protestar contra o recente decreto do poder Executivo que vem ferir tão de perto a economia e dignidade do Nordeste.

‘Salve-se ao menos nossa mocidade da pecha de passivos perante ditaduras caricaturais; salve-se ao menos nossa inteligência. A medida de exceção que aquele ucasse representa não viria somente atingir, uma vez posta em prática, os interesses particulares dos açucareiros. A medida, nas suas últimas conseqüências, viria a atingir todos os nordestinos.

Tanta refração de personalidade tem o Nordeste sofrido nestas três últimas presidências que é tempo de um lampejo, ao menos, de reação viril. Não devemos continuar moles províncias lacais. Não devemos continuar nessa política de plásticas contemporizações com os excessos do governo central- política que nos vai reduzindo a uma tão triste caricatura do que fomos.¹⁴¹

O urbanismo depaupera, exaure, desola, extingue a nacionalidade brasileira. A defesa dos sertões não é só uma necessidade étnico-social, como uma exigência irrecusável ao desenvolvimento econômico do país.¹⁴²

¹⁴¹ N/a- centro Regionalista- a semana de ontem, Recife, diário de Pernambuco, 05/07/1924, p. 4, col.5-6

¹⁴² MAGALHÃES, A. O Nordeste brasileiro, p.89

Nesta citação, percebe-se claramente como a elite agrária do Nordeste, parecia não ter mais forças nem poder de reação. Nomeavam-se, neste momento, de *moles*, *lacaís*, que necessitavam imprimir uma reação viril para não se reduzirem, ao que já parecia, uma triste caricatura do que um dia foi.

No entanto, nesta citação, percebemos também que, entre eles mesmos, não só não tinham mais poder como não se reconheciam pois, deviam, ao menos, salvar a mocidade nordestina da *pecha de passivos*. Os diversos termos utilizados nesse discurso remetem sempre ao masculino, as condições de superação encontradas no gênero masculino que iam se perdendo como se perdia o passado “glorioso” de seus pais, seus patriarcas, das famílias patriarcais que, não fazia tanto tempo assim, imperavam nesta região e tinham o respeito e o reconhecimento da nação a que pertenciam e ajudaram a construir.

No discurso presente nessa citação, Freyre parecia denunciar que não se fazem mais homens como antigamente, e que a dignidade do Nordeste e de seu povo não pode se resumir a tão tristes caricaturas do que já foi um dia.

Era necessário fazer alguma coisa, salvar o Nordeste, preparar a mocidade para uma reação viril, preservando os costumes rurais em detrimento da urbanização que se acentuava e se tornava uma ameaça a todo e qualquer projeto de recuperação desta região. Se nas cidades não se encontravam homens que pudessem garantir um futuro glorioso ou parecido ao que esta região já teve um dia, devia-se zelar pelos sertões, preservar o que nele ainda não havia sido contaminado pelas estrangeirices e cosmopolitismos do mundo moderno. Se os sertões um dia já contribuíram para engrandecer as riquezas e a identidade da Nação, era para ele que todos os olhares se voltaram e para seus habitantes, ainda “protegidos” das ameaças e conseqüências que o

mundo moderno já havia produzido nos grandes centros nordestinos e nas elites até então.

Para isso era necessário repensar o passado, os sujeitos e os costumes que um dia serviram de base à sociedade nortista, que estava se perdendo, parecia desaparecer nas páginas de um folheto.

O cordel representava a resistência dessa cultura que era a expressão do homem nordestino, que lhe dava perfil, que o delimitava e definia. Por isso, uma das principais atividades a que se dedicarão os regionalistas e tradicionalistas é a de tentar ‘preservar a cultura popular nordestina’, já que a cultura das elites há muito vinha sendo corrompida. No começo do século XX, diante do avanço da urbanização e da modernização, restava no seio das camadas populares e entre os habitantes de áreas menos contaminadas pelas influências urbanas e cosmopolitas, as genuínas expressões do homem nordestino. Esse patrimônio cultural se perdendo, perder-se-ia o espírito regional; a índole e o caráter do povo do Nordeste estariam definitivamente perdidos. Se as tradições da sociedade da casa-grande e da senzala estavam se perdendo, se as tradições do sertão estavam ameaçadas pela modernização, cabia intensificar os estudos de folclore, já iniciados por Silvio Romero, no século anterior.¹⁴³

Em 1967, Manuel Diegues Júnior¹⁴⁴, prefaciou uma edição comemorativa do centenário de nascimento de Rodrigues de Carvalho, em que estavam presentes exatamente as preocupações e interesses demonstrados por Gilberto Freyre, no início do século XX, na busca de “salvar a mocidade do Nordeste” das condições de “passivos” e resgatar uma cultura notadamente da região e, que, através dos estudos em torno do folclore regional, devia se dedicar, como principal atividade, preservar a cultura popular nordestina, ao menos, como um último “lampejo de reação viril” do que “eles”, membros desta elite agrária em decadência e, principalmente, os membros das camadas populares, representaram para o Brasil.

¹⁴³ Albuquerque Júnior (2003:198-199).

¹⁴⁴ “Louvação ao Cancioneiro do Norte”. In: CARVALHO, Rodrigues de. Cancioneiro do Norte. 4 ed.(Facsimilar). João Pessoa, Paraíba:Conselho Estadual de Cultura/ Departamento de Produção Gráfica da SEC.1967

José Rodrigues de Carvalho nasceu em 18 de dezembro de 1867, em Alagoinha, município de Guarabira, Paraíba; faleceu no Recife, aos 20 de dezembro de 1935. Segundo Diéguas Júnior (1967:10), ele foi também jornalista, professor, jurista e poeta que, participou no 1º Congresso Afro - Brasileiro (Recife, 1934) havendo, inclusive, recordação de Gilberto Freyre de sua presença neste Congresso, animando a todos com a sua “velhice satisfeita de patriarca-nortista”. E mais:

O *Cancioneiro do Norte* teve sua primeira edição. Publicada em Fortaleza, em 1903; a segunda, aumentada, apareceu na Paraíba em 1928. A presente é a terceira edição desta obra, em que Rodrigues de Carvalho reuniu uma soma apreciável de fatos folclóricos, acompanhando-os de uma introdução em que os aprecia e analisa. Esta obra, considera Luís da Câmara Cascudo, nosso grande mestre contemporâneo do folclore, um ‘clássico na bibliografia folclórica’, e foi publicado- acrescenta- ‘em época de perfeita indiferença pelo assunto’.

A segunda edição do *Cancioneiro do Norte*, que estamos usando para esta introdução, tem um ‘antes do prefácio’ em que o autor explica seu interesse pelo folclore, numa campanha de nacionalização das nossas criações literárias, nos começos deste século. Observa, com razão, que o seu foi um dos primeiros livros no gênero, publicado numa época em que a cantiga popular era motivo de chufa. Nele inscreve-se um reflexo da vida no Norte, através das manifestações de seu folclore.

[...] Neste prefácio, Rodrigues de Carvalho faz uma análise não apenas da formação do folclore brasileiro, mas vai explicando diferentes manifestações por ele observadas e registradas. Perpassam, por estas páginas de prefácio, diferentes episódios do folclore nordestino...¹⁴⁵

Em 1921 e 1927¹⁴⁶, Gustavo Barroso, havia publicado também alguns livros de temática folclorista, praticando assim, como um folclorista que foi, recolha preservação e publicação do material buscado sobre as manifestações folclóricas da região, assim como Rodrigues de Carvalho, Leonardo Motta e, posteriormente, Luís da Câmara Cascudo, como vimos a pouco na citação.

¹⁴⁵ Idem, idem. 1967, p.11-12

¹⁴⁶ *Ao som da viola e Através do folclore*, respectivamente. Temo s ainda, em 1919, João Ribeiro. *O Folclore*. (Estudos de literatura popular). 1919. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos- Livreiro-Editor.

O que também muito nos interessa neste trabalho de Rodrigues de Carvalho, em relação a todas as suas publicações é, justamente, a confirmação de alguns elementos que vimos apresentando ao longo deste texto, que vem confirmar a tese de que ora levantamos sobre as várias PARTILHAS ocasionadas na comunicação de grupos sociais diversos durante o processo de gestação do Nordeste e do nordestino no discurso das elites e nos discursos populares, principalmente, no que se refere ao único registro escrito de uma cultura notadamente oral como a nordestina que está presente na Literatura de Cordel.

Vários sujeitos e obras que citamos aparecem na obra de Rodrigues de Carvalho como agentes produtores da invenção do nordestino no Brasil, entre eles podemos citar alguns que já apresentamos e que reaparecem no Cancioneiro do Norte, como, por exemplo: Francisco Chagas Batista, Gustavo Barroso, Leonardo Motta entre outros, e que partilhavam este contexto de emergência e atualização da figura do nordestino, como se vê abaixo:

Há cerca de 30 anos iniciei em Fortaleza uma campanha de nacionalização das nossas criações literárias. Essa campanha, pelos jornais, em palestras, em livros, teve adeptos e deu resultados.

[...] Escritores de imputabilidade lhe deram mão forte: João Ribeiro..., Gustavo Barroso; Afrânio Peixoto; Basílio de Magalhães; Leonardo Motta..., fazem honra á classe dos que se tem devotado a esse estudo, outrora esquecido.

[...] Este livro é um reflexo da vida do nordeste, com alguns elementos de outros estados.

Procurei concatenar de certo modo as referências aos cangaceiros, esses 'heróis e bandidos', na feliz classificação de João do Norte; mas, só tardiamente me chegara ás mãos a 'fé de ofício' de Antonio Silvino, celerado por força das condições do meio.

[...] O poeta popular Chagas Batista apanhou na tradição popular a história do feroz bandoleiro, e dela aproveitei a síntese: por que se entregou ao banditismo; os seus pressentimentos, nas vésperas da prisão, a luta em que foi vencido, depois de 18 anos de jornada no caminho do crime. Eis sua história em poucas linhas por via folclórica:

Eu chamei pela justiça/ ela não me quis escutar/ vali-me do bacamarte/que me veio auxiliar/que um código pode encerrar. / No bacamarte eu achei/ leis que decidem questão/ e que fazem melhor

processo/ de que qualquer escrivão/ as balas eram soldados/ com que eu fazia prisão./ Minha justiça era reta/ para qualquer criatura/ sempre prendi os meus réus/ em cadeia bem segura/ pois nunca se viu ninguém/ fugir de uma sepultura./ a dezoito de novembro/ eu em Poçinhos cheguei/ que o Padre Antonio Galdino/ me desse um jantar, mandei/ e que me servisse á mesa/ ao mesmo Padre obriguei./ Compreendi que o Padre me colocou urucubaca/ a estrela que me guiava/ eu vi no céu mais opaca/ de minha vida a corrente/ conheci que estava iraca./ Então com os meus companheiros/ fomos para Taquaritinga/ eu convenci-me de que/ me acompanhava a caninga/ meu coração me dizia/ Silvino, volta e te vinga./ Porém no dia vinte e oito/ melancólico me senti/ Passei o dia jogando/ ás cinco horas me vi/ pela polícia atacado/ e ao fogo então resisti./Um meu cabra, traiçoeiro/ perto de mim atirava/ por detrás de uma pedreira/ vendo que eu não o olhava/ atirou-me por detrás/ quando eu menos esperava/ ao dono de uma casa/ pedi que fosse chamar/ o comandante da força/ para ele me entregar/pois eu estava quase morto/ e queria me confessar.

Paraíba do Norte, junho de 1923

Rodrigues de Carvalho.

Procuramos até agora imprimir aqui diversos sentidos sobre o nordestino e pensar a estrutura e conteúdo deste capítulo na demonstração de como ocorreram às condições históricas de emergência do mesmo através dos discursos tanto da elite como do popular, presentes no cordel.

Significa também estabelecer que a invenção do nordestino esteja muito mais associada às apropriações em torno dos mesmos bens, mas, utilizados de formas diferentes passando, inclusive e, principalmente, por um processo que se caracteriza muito mais como atualizações diversas que ocorrem que, propriamente, uma emergência “criadora”, ou seja, o nordestino foi atualizado a partir das apropriações que foram feitas em torno de sujeitos e idéias anteriores ao mesmo. Por exemplo, o que fez emergir o nordestino e toda a idéia que o norteia até hoje foi, justamente, a presença das figuras dos nortistas, dos sertanejos, dos brejeiros, dos praieiros, dos matutos, dos

senhores de engenho, dentre outros que, até então habitavam espaços que os identificavam como sendo: o Norte, o Sertão, o Brejo, o Praia, a Mata etc.¹⁴⁷

Da percepção de um contexto de desvirilização sentida por diversos grupos sociais que se sentiam ameaçados pelos avanços trazidos pela modernização no País e por mudanças causadas na sensibilidade proporcionada através da modernidade que se espalhava por quase todo o território nacional, o Nordeste e o nordestino passaram a ser pensados e estruturados na atualização de diversos personagens que antes definiam esse espaço.

Da “desvirilização” a busca da preservação de uma tradição pautada em códigos e costumes que mantiveram por anos a centralidade no masculino, encontrará nas apropriações, atualizações e representações em torno da figura do nordestino, imagens masculinizadas das mulheres sertanejas a imagens masculinizadas da mulher nordestina, como pressuposto e garantia de que as práticas e tradições regionalistas encontrassem sua preservação na cultura popular nordestina, principalmente nas narrativas de cordel.

¹⁴⁷ Sobre isso não se pode negar, inclusive, é uma tese “cara” ao Albuquerque Júnior (2003) que afirma como pressuposto “central” a certeza de que o nortista, o sertanejo, o brejeiro... Assim como o Norte, o Sertão, o Brejo..., paulatinamente desapareceriam para que, um único sujeito e espaço de saber, ocupassem e tornassem a região como sendo identificada como Nordeste e nordestino. Uma tese “cara” como disse há pouco, porque na Literatura de Cordel o que verificamos e mostramos até agora é a justaposição de nomes e termos que correspondem tanto ao Norte como ao Nordeste, ou ao Sertão, ao Brejo etc. Assim como os termos nortistas, nordestinos/ sertanejo, nordestino/ matuto, nordestino e, assim permanecem nos folhetos até hoje. Caracterizando uma “confusão” de idéias e sentidos em relação ao que se esperava confirmar no Cordel, como foi confirmado em outras fontes e discursos produtores de sentido e que se identificariam muito mais com uma elite intelectual no País que, especificamente não estaria tão acessível às camadas mais humildes e populares do Brasil. No entanto, não podemos negar que, na Literatura de Cordel, não só o termo nordestino, mas a idéia que o define até hoje, esteve presente e vem sendo desenhado e redesenhado constantemente, ao longo dos anos, em diversos folhetos, o que permite dizer que além de sua emergência neste tipo de literatura e fonte de pesquisa existiu, desde o seu começo, um processo de atualização, recorrência e certa generalização do mesmo sem, obviamente, excluir os termos que antes se referiam aos moradores do Norte, do Sertão, dos Brejos, das Praias e dos Engenhos que existiram no País, nesta região que se tornou um espaço de saber e seu habitante um objeto de poder, na nossa historiografia nacional.

Capítulo III - Entre um passado patriarcal e uma sociedade matriarcal, efeminada: a tradição configurada em crise da masculinidade nordestina por um fio.

Foi entre os anos de 1924 e 1930, que se intensificaram a discussão em torno do homem nordestino, da definição de suas características antropológicas, etnográficas, culturais, etc.

O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir da militância regionalista e tradicionalista. Este vai ser definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia vir sendo substituído por uma sociedade “matriarcal”, efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava.

Parece-me, portanto, que o nordestino é inventado como tipo regional, como a figura que seria de se contrapor as transformações históricas em curso, desde o começo do século XX, e que eram vistas como feminizadoras da sociedade e que levava a região ao declínio. Faltava à região o resgate de um modelo de masculinidade e virilidade que, no passado, parecia ter garantido a predominância econômica e política desta área no país.

Era preciso resgatar o patriarcalismo, não apenas como modelo familiar e de relação entre os “sexos”, mas como ordem social. O Nordeste precisava de um homem

novo capaz de resgatar esta virilidade, um capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização, a República haviam trazido.

Era preciso militar-se no sentido de se constituir um novo tipo regional que, imbuído deste sentimento, fosse capaz de superar o depauperamento que as novas gerações das elites não vinham demonstrando capacidade, fibra, firmeza, potência para sustar. Por isso, o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, o nordestino vai ser definido como o macho por excelência, capaz de revirilizar uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos:

O Sr. Gilberto Freyre, pediu a palavra para protestar contra o recente decreto do Poder Executivo que vem ferir tão de perto a economia e dignidade do Nordeste:

‘Salve-se ao menos nossa mocidade da pecha de passivos perante ditaduras caricaturais; salva-se ao menos nossa inteligência. A medida de exceção que aquele ucasse(sic) representa não viria somente atingir, uma vez posta em prática, os interesses particulares dos açucareiros. A medida, nas suas últimas conseqüências, viria a atingir todos os nordestinos.

Tanta refração de personalidade tem o Nordeste sofrido nestas três últimas presidências que é tempo de um lampejo, ao menos de reação viril. Não devemos continuar moles províncias laciaias. Não devemos continuar nessa política de plásticas contemporizações com os excessos do governo central – política que nos vai reduzindo a uma tão triste caricatura do que fomos.¹⁴⁸

O urbanismo depauperava, exaure, desola, extingue a nacionalidade brasileira. A defesa dos sertões não é só uma necessidade étnico-social, como uma exigência irrecusável ao desenvolvimento econômico do país.¹⁴⁹

A construção da figura do nordestino é pensada como uma “reação viril” à passividade desta região e de seus habitantes, mas a grande novidade do regionalismo nordestino é que ele vai se caracterizar por uma ampla militância cultural e intelectual no sentido de definir a região e seu habitante. O Movimento Regionalista e

¹⁴⁸ N/a – Centro Regionalista – A semana de ontem, Recife, Diário de Pernambuco, 05/07/1924, p.4, c-5 e 6.

¹⁴⁹ MAGALHÃES, Agamenon. *O Nordeste brasileiro*, p.89.

Tradicionalista, encabeçado por Gilberto Freyre, que volta dos Estados Unidos, no início dos anos vinte, tem na fundação do Centro Regionalista e Tradicionalista do Nordeste, no ano de 1924, o seu ponto de partida.

O centro congrega inicialmente políticos e intelectuais pernambucanos ou dos estados vizinhos, que moram em Recife, mas paulatinamente vai recebendo filiações de figuras expressivas da política e da intelectualidade de todos os Estados que são identificados como nordestinos. Ele se torna o lócus institucional do que Freyre denominou de discurso regionalista e tradicionalista e, ao lado do IFOCS (Instituto Federal de Obras Contra as Secas, posteriormente DNOCS- Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), importante centro de distribuição de sentido para o ser Nordeste e o ser nordestino:

Em reunião, segunda-feira, na residência do Dr. Odilon Nestor ficou estabelecida, em traços gerais a idéia da fundação, no Recife, de um Centro Regionalista.

Presentes os Srs. Odilon Nestor, Dr. Amaury de Medeiros, Dr. Alfredo Freyre, Dr. Antonio Inácio, Dr. Luiz Cedro. Dr. Carlos Lyra, coronel Pedro Paranhos, Dr. Aníbal Fernandes, Dr. Ulysses Pernambucano, Moraes Coutinho e Gilberto Freyre. Foi aclamado Presidente o Dr. Odilon Nestor, a quem se deve a iniciativa da reunião.

Propõe-se o Centro a exercer viva ação intelectual e social, uma vez congregados em seu meio os elementos mais representativos da cultura do Nordeste. Anima-o largo patriotismo nordestino, que se exprime na defesa de nossas coisas e das nossas tradições, no aproveitamento delas como motivo de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste, região cujas raízes naturais e históricas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só.¹⁵⁰

Já em sua primeira reunião o Centro define sua linha de atuação que tem como eixo norteador uma militância cultural no sentido definir o que seria o Nordeste e o que caracterizaria o nordestino. Em sua segunda reunião é aprovado o programa do Centro que ficou assim definido:

¹⁵⁰ N/a – Centro regionalista do Nordeste, Recife, Diário do Pernambuco, 28/04/1925, p.03, c- 04.

- 1- O Centro regionalista do Nordeste com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste, há tão claramente características na sua condição geográfica e evolução histórica, e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus diversos aspectos: sociais, econômicos, culturais.
- 2- Para isto será o Centro construído e organizado dentro do espírito de comunhão regional, aproveitando os bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano, quer quanto às coisas, quer quanto às pessoas.
- 3- (.....)
- 5- Afim de congregar os elementos da vida e da cultura nordestina, o Centro procurará:
 - a) organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões;
 - b) manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste no passado e no presente;
 - c) promover a cada ano ou de dois em dois anos em uma cidade do Nordeste, um congresso regionalista;
 - d) editar uma revista de alta cultura 'O Nordeste', dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional.¹⁵¹

O regionalismo passa a ser apresentado como uma nova forma de pensar a realidade nacional e como a nossa forma própria de produzir cultura e arte. A medida

¹⁵¹ N/a- Regionalismo e nacionalismo, Recife, Diário do Pernambuco, 29/08/1924, p.03, c-05; N/a- Centro Regionalista, Diário do Pernambuco, 07/05/1924, p.01, c- 05.

que, desde o século anterior, a imigração estrangeira vinha modificando profundamente a cultura no Sul(leia-se hoje Sudeste) do país, o Nordeste vinha a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro, daquela civilização tropical criada pelo encontro das três raças formadoras da nacionalidade.¹⁵²

Ainda nos anos vinte do século XX, são patentes os sinais de que a campanha regionalista está tendo sucesso em fixar o Nordeste como um novo recorte regional no país: em 1922, ao concorrer á cátedra de Geografia do Ginásio Pernambucano, Agamenon Magalhães escreve uma tese com o título *O Nordeste Brasileiro*, primeira obra que teria este título e que trata de definir os aspectos físicos e humanos desta região; em 1925, é exibido um filme com o título *O Nordeste Brasileiro*, que pretende mostrar *o Nordeste com seus curiosos aspectos, usos e costumes*; em 1927, surge, em Maceió, um jornal com o título *O Nordeste*. Este não seria, no entanto, o primeiro periódico a ter este título, já em 1922, surgira em Fortaleza, um jornal vinculado á Igreja Católica, que vai receber o nome de *O Nordeste*.

Se concordarmos, e concordamos, com Freire Costa e Rorty¹⁵³, o que chamamos de realidade é construído por uma rede de significados, expressos pela linguagem, que só tem existência naquilo que descrevemos, conceituamos, nomeamos e atribuímos significado. Portanto, podemos dizer que ainda não existia o Nordeste assim como o nordestino, que eles ainda não haviam sido inventados, mas que começaram a emergir gradativa e concomitantemente um ao outro, no entanto, devemos lembrar a todos que pensar a existência do Nordeste e do nordestino antes de serem construídos por uma rede de significados, expressos pela linguagem, estaríamos cometendo além de um grande equívoco seria também um anacronismo pinçar antes do começo do século

¹⁵² FREYRE, Gilberto. *Ação regionalista no Nordeste*. Recife, Diário de Pernambuco, 07/02/1926, p.03, c- 4.

¹⁵³ COSTA, Jurandir Freire, *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*, São Paulo, Escuta, 1995 e RORTY, Richard, *Objetivismo, relativismo e verdade*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997.

XX práticas que só mais tarde serão nomeadas como sendo nordestinas, pertencentes ao Nordeste tal como conhecemos hoje este significado.

A nordestinidade que está sendo elaborada nos anos vinte, exclui, de saída, a possibilidade da existência de identidades de sujeito como o homossexual.

A nordestinidade exclui e silencia a homossexualidade. Nas fronteiras que traçam os limites do ser nordestino não está inscrita a possibilidade de ser homossexual.

Esta tensão entre nordestinidade e homossexualidade só vai se explicitar quando nos anos setenta a problemática emerge e o conceito se generaliza.

Se acompanharmos a produção discursiva dos órgãos de imprensa voltada para o público homossexual, nestes anos, podemos notar o quanto é tensa a relação existente entre a identidade regional nordestina e a identidade homossexual. Não é mera coincidência que o cantor que melhor encarnou a identidade regional nordestina, que se assumiu como porta voz da região, elevado a símbolo da nordestinidade, tenha gravado uma música, nos anos sessenta, em que fala “que no Ceará não tem disso não” e que no Nordeste, “cabeludo tem vez não”.

Nesta mesma década, ao escrever sua “seminovela”, *Dona Sinhá e o Filho Padre*, Gilberto Freyre se refere ao começo do século como o momento do aparecimento de práticas homoeróticas distintas daquelas do mundo tradicional, onde eram confinadas a um período da infância, não constituindo uma ameaça a masculinidade dominante.

Ao contrário, muitas vezes era uma etapa do aprendizado do próprio exercício da dominação. Antes, na sociedade patriarcal, quando surgiam nas famílias homens movidos por um desejo, por uma força ou mandinga que não sabiam decifrar, força essa que os levavam a desgostar das mulheres e sentir incorrigível atração por homens, algumas providências eram tomadas para dar um jeito, no que parecia ser um

castigo do céu. A principal delas era destiná-los ao sacerdócio, onde podiam purgar os pecados de seus maus pensamentos.¹⁵⁴

Nas narrativas literárias do começo do século, os indivíduos que vivenciam relações homoeróticas são descritos com uma série de imagens que são fundamentais para a construção da figura do homossexual, nas décadas seguintes.

Estas narrativas criam uma dada visibilidade e dizibilidade do ser homoerótico no Nordeste que serão reatualizadas, não só pelos discursos, mas pelas próprias práticas dos homossexuais nas décadas posteriores. Elas ofereceram modelos de subjetividade para que os indivíduos homoeroticamente orientados possam construir suas identidades.

O traço que poderíamos dizer que é definidor destes seres é o de serem infelizes, homens tristes, pela própria condição de marginais, de inadaptados a uma cultura predominantemente masculina, onde a virilidade é profundamente valorizada. Estes seres parecem ter nascido para sofrer, talvez para espiarem a própria culpa pelos atos infames que praticam. O discurso cristão participa ativamente da construção da imagem de malditos destes personagens. É como se Deus os tivesse criado para o sofrimento, para purgarem os pecados que constantemente cometem.

São, pois, seres chorosos, lamurientos, tristes, às vezes doentios, o que é explorado ainda de forma mais acentuada no discurso médico. Mas são por isso mesmo, como dirá o discurso jurídico, pessoas perigosas, pessoas magoadas, passionais, emotivas, que podem perder a cabeça a qualquer momento e cometerem crimes monstruosos. A mesma mão que acariciava podia matar, desde que mobilizada por uma extrema emoção. Estes são os mesmos enunciados que procurarão no discurso jurídico

¹⁵⁴ FREYRE, Gilberto, *Dona Sinhá e o filho padre*, 2 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

explicar o crime das mulheres. Estes seres sofreriam, em certos momentos de grande emoção, a turvação da razão, que neles já seria bastante ausente:

(...) o casamento já era/ não se quer identidade/ pois as pessoas se julgam/ ser toda uma unidade/ assim não se tem amor/ é só sexualidade./ Na parte sexual/ que é o ser do nosso ser/ não se tem dignidade/ se deseja é o poder/ para dominar o outro/ se usa até sem querer./ Com a moda unissexo/ ninguém distingue quem é/ a pessoa homem macho/ ou a fêmea que é mulher/ ninguém bota a mão no fogo/ pois não se toma mais pé./ E depois que virou moda/ mulher se vestir de homem/ e este imitar mulher/ a humanidade se consome/ e todos querem a lebre/ mas carne de gato comem./ Ainda mais porque os médicos/ já fazem operação/ de homem virar mulher/ ou vice-versa viração/ ninguém sabe onde deita/ se fica na confusão/ Estamos na mutação/ de muitos homens casarem/ com outros homens também/ de mulheres se virarem/ com outras em um harém/ a fim de não procriarem.¹⁵⁵

Contara tudo o que ainda não havia contado de sua vida a Ricardo. Falou de uma irmã que se perdera com um vaqueiro casado. Fora a sua primeira morte. Aí o júri lhe dera razão. Veio para a rua livre. A mana estava na mão de todo mundo. Fez tudo com o pai para que ela voltasse para casa. O velho endureceu e ela teve que descer para Rio Branco e ficar rapariga...Ficou na tristeza, sem vontade de nada, até que o chamaram para o grupo de Cocada. Andou como renegado no mato, furando as caatingas, farejando grutas, de nariz aceso como cachorro de caça. Até que deram fogo com uma força em Alagoas. Durou horas e quando terminaram, os companheiros tinham fugido. Estava sozinho. Entregou-se à força. O tenente queria sangrar, mas vendo que ele era quase um menino, teve pena e o levou para a cadeia. A vida dele era aquilo somente. Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um homem precisar de outro, como ele precisava. Melhor era passar fome na caatinga, ouvir passos de tropa passando por pertinho dos coitos, melhor tudo o que fosse o pior na vida do que precisar um homem de outro como ele. Deus lhe dera aquele castigo. Bem que a mãe pedia para ele rezar, bem que ela lhe ensinava aquelas rezas para lhe fechar o corpo, para acertar o juízo. Nada lhe servia quando chegava a vontade, o desejo de se perder, de ir atrás de gente que era ruim, que só fazia as coisas para maltratar. Até ali só encontrara um que fora bom para ele. Era Ricardo.¹⁵⁶

Estas duas narrativas ambas da década de setenta do século XX, a primeira uma narrativa cordelista e a segunda uma narrativa da literatura regionalista, Franklin Machado e José Lins respectivamente, ambos os autores que trataram da temática dos

¹⁵⁵ NORDESTINO, Franklin Machado. *O mundo vai estourar do jeito em que se vive*. Mundo Novo, Bahia, novembro de 1978.

¹⁵⁶ RÊGO, José Lins do, *Usina*, 7 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1973., pp. 21 e 22.

“homens-tristes” na região, de modo diferente obviamente, já que a segunda narrativa estava muita mais voltada para o contexto histórico do começo do século XX, enquanto as narrativas de Farnklím Machado parece já tratar, de certa forma, do processo generalizador ou de transição de uma sociedade que a passava a “ver” e “dizer” mais “claramente” a presença de outras formas de ser homem ou mulher no Nordeste.

O que chama atenção nesta narrativa do José Lins do Rêgo é o próprio caráter conservador de Seu Manuel. Embora viva experiências desejanças que o arrasta para linhas de fuga dos códigos dominantes, todo o seu discurso é pautado pelos valores morais tradicionais.

A tristeza de Seu Manuel parece nascer desta própria ambigüidade de um ser que se dilacera entre seu desejo e aquilo que a cultura de seu tempo – a masculinidade dominante - exige de um homem. Ao lavar com sangue a honra de sua irmã, Seu Manoel se comporta da forma que é esperada para um homem nordestino, mas, ao desejar outros homens, vive o momento da perdição, onde sua identidade masculina se desconstrói, seu território existencial treme, ofega, delira e o caos e a desordem do ser se instala.

Seu Manuel e Ricardo parecem viver o momento de transição entre uma concepção mais coletivista do corpo, onde deixa de imperar a idéia de linhagem, sangue e hereditariedade, para emergir uma concepção mais individualista. O corpo da terra, o corpo da família, parece ser progressivamente substituído pelo corpo do indivíduo.

A homossexualidade só é possível ser pensada a partir desta emergência de um ethos individualista e quando os códigos de sexualidade tornam as práticas sexuais o centro da definição da identidade do indivíduo. Era preciso uma concepção diferenciada da possibilidade de constituição dos sujeitos que ultrapassassem as concepções naturalistas, que atribuíam à natureza este papel, ou à concepção sobrenatural, em que

Deus definia o que seriam os indivíduos. Seu Manuel e Ricardo parecem oscilar entre uma sociedade que estabelecia as identidades de gênero de uma forma mais fixa e coletiva, deixando as práticas individuais separadas, incapazes de alterarem estes códigos e um momento em que as condutas individuais, suas atitudes, seus costumes começam a exercer influência no tipo de definição que a sociedade e o próprio indivíduo dão a si mesmos. Talvez, por isso, o sofrimento e a angústia assaltam estes personagens.

Personagem sem família, exilado, o homoerótico remete para fora da vida familiar, como produto do exílio do indivíduo da ordem social familista e patriarcal. Estas práticas parecem só acontecer com pessoas que estão à margem da família, que não têm mulheres e filhos para cuidar. Aqueles que nunca escutaram conselhos, nem se submeteram às rezas de sua própria família.

A exclusão é uma outra característica destes seres, quando não a reclusão, como aquela sofrida pelos religiosos, seres que se escondem nas sombras de mosteiros, conventos, seminários, sacristias para fugirem da tentação do desejo, que os perseguem, da carne que arde de paixão condenável.

A associação entre o homoerótico e o sacerdócio é também uma constante na literatura regionalista, talvez porque para a vida religiosa se dirigissem aqueles homens que não conseguiam atualizar costumes, habilidades, caracteres que os credenciariam como verdadeiros homens, capazes de chefiar clãs, parentelas e negócios. Embora não seja incomum o padre chefe de parentela ou o padre chefe político:

Nesta mesma Penha conheci um frade assim; com grandes olhos de mulher gulosa de homens, arregalados para os homens mais homens que entravam na igreja, sem que, entretanto, lhe faltasse a devoção pelo Cristo e pelos santos. O que o torturava era o conflito entre sua

vocação de religioso e seu sexo faminto de aventuras impossíveis a um frade.¹⁵⁷

Numa região onde a masculinidade é supervalorizada, o homoerótico, quando aparece, é como se fosse uma etapa de preparação para o ser masculino. Esta se assenta na própria admiração que os homens teriam pelos outros e a desqualificação que sofre a mulher.

A centralidade do falo, nesta cultura, seria um dos elementos que levariam às práticas homoeróticas, que, no entanto, ao contrário do que é definido pelo conceito de homossexualidade, não constituiria uma contraposição ao ser masculino. Penetrar outros homens seria mais uma prova de virilidade e macheza. Submeter outro homem é reafirmar ainda mais o seu poder de macho.

Neste sentido as práticas homoeróticas não favoreceriam, nesta cultura, a emergência da homossexualidade, mas fariam parte da reafirmação da centralidade do masculino sobre o feminino, mais uma etapa do rebaixamento daqueles indivíduos que, no ato sexual, participam de forma a ser definidos como passivos. A nordestinidade exclui a homossexualidade, mas não necessariamente o homoerótico.

Nem mesmo o homoerotismo feminino, desde que este seja o reforço da própria imagem do nordestino como macho. É comum no romance nordestino personagens femininas masculinizadas, as mulheres-machos, que têm valor e são admiradas por atuarem como se fossem homens. De *Luzia-Homem* a *Maria Moura*,¹⁵⁸ as mulheres nesta região de natureza e sociedade hostil parecem só ocuparem a cena pública, serem sujeitos de sua própria história, assumindo o lugar do masculino.

O que se pode concluir, portanto, é que embora o estereótipo do nordestino

¹⁵⁷ FREYRE, Gilberto, *Dona Sinhá e o filho padre*, 2 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. p. 23.

¹⁵⁸ Ver OLÍMPIO, Domingos, *Luzia-Homem*, São Paulo, Ática, 1981 e QUEIRÓZ, Raquel de, *Memorial de Maria Moura*, Rio de Janeiro, José Olímpio,

tente separar de forma muito clara os atributos de um homem e de uma mulher, o que é ser macho e o que é ser fêmea, as fronteiras entre o masculino e o feminino parecem estar sempre em perigo: o ultrapassamento destas fronteiras parece uma ameaça constante.

As práticas homoeróticas representam um momento de relativização destas fronteiras, embora também as reafirmem. No começo do século, no momento em que o nordestino está sendo criado, como uma figura que reafirma todo um conjunto de imagens, enunciados, temas e costumes ligados às masculinidades tradicionais, a ameaça do feminino sair de seus limites parece muito clara.

Há um medo coletivo, dos homens das elites, da desvirilização de sua própria classe e, por conseqüência, do espaço que domina. A decadência, a derrota política e o declínio econômico em nível nacional, detonam a crise de um padrão de sociabilidade, de sensibilidade assentado predominantemente no domínio e exortação do masculino. A ameaça da passividade, da derrota e - por que não - da penetração de seu espaço por outros, tornam estes homens sensíveis a questão de gênero, o que os levam a buscar desesperadamente a recolocação do feminino e do masculino em seus devidos lugares.

Os jornais se enchem de artigos onde a denuncia do deslocamento do feminino é visto como uma ameaça a própria sociedade:

O esporte ou atletismo feminino é a desfeminização e a degradação da mulher pela igualdade comunizante dos sexos. Socorrem-se da medicina para justificá-los. Mas quem? Os comunistas e judeus que querem assim mascarar os seus propósitos de dissolução da família religiosa - a velha e formidável estrutura da civilização cristã do ocidente.

Investigações moderníssimas da ciência, na Itália, e que Mussoline acaba de endossar, condenam publicamente os esportes femininos, mostram aos entendidos e profanos, como essas práticas perturbam

toda a fisiologia do sexo pela esterilidade, desvios, complicações ovarianas, velhice precoce e morte prematura.¹⁵⁹

Fechar as fronteiras para a ameaça feminina passa pela exclusão do próprio homoerótico, uma suspeita crescente em relação a práticas vistas até então como inofensivas ao masculino. Talvez seja esta uma pista para a construção da homossexualidade na região.

Nesse sentido pode-se dizer que o nordestino foi pensado no começo do século XX não só diante de um mundo moderno que ameaçava a tradição dos costumes que até então identificavam os antigos Estados do Norte do Brasil, como também, o nordestino surge no meio de transformações das relações sociais e de gêneros em que os papéis do masculino e do feminino no social nessa região pareciam estar em crise vivenciando assim, uma horizontalização dos costumes e uma feminização da sociedade.

O nordestino foi construído no agenciamento de uma série de imagens e enunciados que constituíam tipos regionais anteriores. Nesta construção confluem desde tipos regionais que corresponderiam às chamadas áreas etnográficas em que estaria dividida a região, áreas demarcadas por diferenças naturais, pela formação racial particular de sua população ou, mesmo, por um processo histórico de colonização, ocupação e exploração econômica distintas, que seriam: o sertanejo, habitante do sertão das caatingas, do clima semi-árido, produto do caldeamento do branco com o índio, ligados a ocupação do interior e a atividade pecuária; o brejeiro, habitante da zona intermediária entre o sertão e o litoral, áreas úmidas, de relevo mais elevado, produto do cruzamento entre brancos e negros, dedicando-se às atividades de subsistência ou trabalhando na produção da cana de açúcar e o praieiro, habitando as praias largas e

¹⁵⁹ CAMPELO, José, *Diferenciação e valorização dos sexos*, Campina Grande, Jornal Voz da Borborema, no 84, 16 de novembro de 1938, p. 4, c. 1.

arenosas do litoral, produto dos mais variados cruzamentos raciais, dedicando-se a atividade pesqueira; até tipos muito mais sociológicos, definidos por se dedicarem a determinadas atividades ou exercerem determinados papéis sociais, seriam eles: o vaqueiro, morador do sertão, responsável pelas atividades pastoris; o senhor de engenho o coronel, grandes proprietários de terras, exercendo o poder político e o mando em vastas áreas culturais, se dedicando á produção da cana ou a pecuária e produção do algodão; o caboclo, nome genérico dado a todo descendente de indígenas e pertencentes as camadas populares, independente das atividades que exercesse; o matuto, nome genérico dado a todo e qualquer homem do campo em relação de contraste com o homem citadino; o cangaceiro ou o jagunço, tipos populares de homens dedicados á atividade consideradas criminosas, o matador independente ou o matador profissional á soldo dos coronéis; o beato, tipo de líder carismático e religioso popular e o retirante, o homem pobre que migrava á procura de socorro, durante ás secas.

Fica patente que no momento de pensar o nordestino como um homem forte e resistente, um homem heróico na sua luta contra a natureza, o discurso regionalista nordestino privilegia a área do sertão e o sertanejo como exemplos deste embate entre o homem e a natureza e da formação de um tipo regional adaptado a esta vida difícil.

Tipo nacional, no físico, produto do cruzamento das três raças, com influência predominante do grupo mais nacional, o indígena; na psicologia, já que suas atitudes e valores teriam nascido de uma convivência e adaptação a este meio e na cultura, porque estivera afastado do litoral e das influências externas, este homem era feito do mesmo material que a natureza à sua volta, por isto este passa a ser descrito como um homem de fibra, aquela mesma do algodão, vegetal que fazia a riqueza desta região, homem tão resistente quanto a fibra do algodão mocó, como ele nativo daquelas paragens.

Homem capaz de enfrentar as mais terríveis dificuldades, como as pestes, também tão comuns nos sertões em época de estiagens, sem se intimidar, por isto era um cabra da peste. E era um cabra por ser como este animal tão bem adaptado a esta natureza de pedra, seca, capaz de sobreviver comendo o que estivesse disponível. Anguloso como a cabra, o cabra nordestino, também quase vivia em chiqueiros, mas com certeza fazia parte de currais, eleitorais ou não:

Campina Grande é a capital algodoeira dos dois Estados, e é, pelas suas largas avenidas, que o algodão da melhor qualidade e da mais resistente fibra de todas as Américas passa em busca dos grandes mercados consumidores.

Da mesma resistência é feita a fibra da gente nordestina, indomável na defesa de seus direitos e suas liberdades.¹⁶⁰

É esta natureza adusta que também explicaria uma característica decisiva no nordestino, a de ser másculo, viril, macho. Só um macho poderia se defrontar com uma natureza tão hostil, só uma exagerada dose de virilidade para se conseguir sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude, traços que se identificariam com a própria masculinidade

Por isso até a mulher sertaneja seria masculinizada, pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor e resistência. Só os fortes venciam em terra assim. A masculinidade nordestina se forjara na luta incessante contra um meio em que apenas os mais potentes, os mais “membrudos”, os mais rijos, homens que nunca se vergavam, nunca amoleciam diante de qualquer dificuldade, conseguiam vencer.

Os homens fracos, débeis, delicados, impotentes, frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim, não sobreviveriam. Ser macho era, pois, a própria

¹⁶⁰ N/a - *Fibra de nordestino*, Campina Grande, A Voz da Manhã, 01/05/1935, p. 1, c. 2 e 3.

natureza do nordestino, foi no espelhamento do mundo natural que estes machos hiperbólicos haviam se formado.

Se a masculinidade representa o espírito guerreiro, nas e da luta, o nordestino surgira de uma luta muito particular, uma luta que o singularizava, a luta contra as intempéries da natureza, a luta contra a natureza feraz, afirmações também repetidas, ad nauseum, pela historiografia nordestina:

O sertão, é o sertão da seca, do sofrimento; o sertão de muito trabalho, do trabalho duro, cansativo, árduo, trabalho sobretudo da figura masculina.¹⁶¹

Na Literatura de Cordel o aparecimento do nordestino em suas narrativas procurou enfatizar o oposto aos homens fracos e tristes, narrativas que alimentavam a idéia de que o frouxo não se mete nessa região ou fora dela. Uma forma de reagir a crise dos padrões de masculinidade em que o nordestino teria “nascido” no momento em que ocorria um processo de feminização do social no Nordeste.

O nordestino já teria surgido como uma reação a esse momento de horizontalização dos costumes, demonstrando muitas vezes isso através de uma série de narrativas cordelistas como verificamos até agora ao longo deste texto.

Leitores preste atenção/ que agora vou descrever/ [...] existia uma família/ de matuto no sertão/ um certo casal que tinha/ de filhos grande porção/que sempre falava errado/ deixando interpretação./ este velho de quem falo/ era irmão do Zé do Chole/se chamava João Palascate/ filho de Pedro te engole/ e a sua esposa era/ Maria do bago mole./tinha um cavalo melado/ que era de Damiana/ uma besta velha castanha/ essa pertencia a Joana/ um bode chamado rachado/ pertencente a Mariana/ seu Lascado era um menino/ que a família criava/ um porco chamado Lascão/que Iracema tratava/o cabeludo de Zefa/ era um gato que caçava./então o filho do velho/ que se chamava Luiz/vendia raiz de pau/ vivia muito feliz/o povo da vizinhança/ chamava-o Doutor Raiz./ uns vendiam tapioca/ outros vendiam cocada/Iracema vendia rôla/ que pegava de emboscada/a velha vendia tabaco/ou então castanha assada./Júlia vendia maxixe/levava em

¹⁶¹ VIEIRA, Sulamita, *Metáforas do sertão: linguagens da cultura na música de Luiz Gonzaga*, Recife, Revista de Ciências Sociais, vol. 23/24, no 1 e 2, 1992/93, p. 142.

grande porção/o velho vendia banana/ do sítio do seu irmão/que era o tal Zé do Chole/ que vendia fumo na mão./eu que vivo viajando/vinha do alto sertão/na Feira de Cajazeiras/numa certa ocasião/vi um bando de matuto/fiquei prestando atenção/ quando cheguei perto deles/tudinho se levantou/eu ouvi Zefa dizer/dessa vez agora eu vou/butar a coisa de fora/cá feira já começou./ o velho disse prá ela/acho mio esperar/ainda ta muito cedo/ nem convém você butar/a coisa de fora agora/cu povo só quer pegar.

Disse a velha a Iracema/ que o movimento ta pouco/ a vez o negócio ta/ fraco assim nói dá pipouco/arraganhe a tapioca/prá o povo ver o côco/Damiana disse eu to/ sentindo um grande cumicho/ tirei um bicho do pé/ lá no sítio do rabicho/pegou a comichá agora/ bem no buraco do bicho/o velho disse pra velha/ você com esse bisaco/venda tabaco ligeiro/porque ele não é fraco/só não deixe butar o dedo/pra remexer o tabaco./o velho com as bananas/ começou desarrumar/eu tenho a penca comprida/quem quiser pode encostar/o que vendia raiz/ assim começou a gritar:/ -quem sofrer do intestino/use cipó cabeludo/que garanto curar verme/ pequeno, médio e graúdo/ leve sol chuva e sereno/ cague fora e coma tudo/ o velho tirou as bananas/ uma mulher pegou olhar/ eu quero uma palma/ ele disse:- vou mostrar/leve uma penca comprida/ que a senhora vai gostar/ele mostrou ela disse:- essa ta muito madura/ disse o matuto a senhora/ só gosta da que atura/ se não quiser levar mole/vai levar mesmo da dura./ veja se eu num abro bem/ eu sou um sujeito macho/trago banana prá feira/ quase madura no cacho/ e quando eu to arrumando/atolo a dura por baixo.

E os maxixes de Júlia/ se quer pode reparar/ depois nós faz outro preço/ se você quiser levar/ eu boto os maxixes fora/mai deixo a banana entrar/a mulher pegou numa palma/ de banana e perguntou/dá esta por dois mil réis/ele se admirou/ e disse num posso dá/ cá banana alevantou./[...] abra a boca e diga lá/ que ta boa a rapaziada/ minha muié ta agora/ fogosa que ta danada/ quando não vende tabaco/ vive de castanha assada./ amanhã eu vou vender/ o rachado de Damiana/ o cabeludo de Zefa/ o melado de Marina/o lascão da Iracema/ e a castanha de Joana./o burro cego de Júlia/ e a cabra de Rafaé/o lascão da Iracema/ eu entrego a Izabé/ e o lascado da veia/ vou deixa com Mizaé./Maria SEABRA hoje/ queria vim mai Xixi/ mai passou um 'caminhão'/cheinho de abacaxi/eu trepei com as meninas/ vie-mo parar aqui./Disse o matuto do fumo/ para a velha com agrado/se quiser fumar do bom/ eu tenho do macacado/ do que entala e da queda/ e deixa o cachimbo lascado./ a velha disse esse fumo/foi banhado em me de furo/ é desse que deixa o pigarro/só tem que é mal escuro/só gosta de fumo forte/ cheiroso, bem grosso e duro./ o fumeiro disse:- diga/ a mãe que eu to aqui/ e trate dos animá/ diga também a Bibi/ que se agüente com o burro/ que só vou lá pra abril./diga a Chica que a roça/ cuide logo de limpá/ zele minha macaxeira/deixando a cova lascar/ que eu só tiro de dentro/ quando a mandioca engrossar./ esse pedaço de fumo/ leve prá Chica fumar/ ela gosta de boró/ mai este aqui vou mandar/ por ser preto grosso e duro/é capaz dela gostar.¹⁶²

¹⁶² LEITE, José Costa (João Parafuso). *O encontro da velha que vendia tabaco com matuto que vendia fumo.s/e; s/d.*

Esta narrativa exposta acima surge com o intuito de reforçar e caracterizar o lugar tradicional e conservador o qual foi sendo utilizado o cordel para demonstrar o gênero masculino no Nordeste associado a um cotidiano que se identificava sempre o cada vez mais com a idéia da centralidade do “falo” como principal argumento de sobrevivência e experiência ocorridas nessa região.

Verifica-se nessas longas estrofes a quantidade de metáforas utilizadas para simbolizar e dispor a centralidade do masculino como elemento constituinte das relações e práticas sociais do Nordeste.

Um cotidiano alimentado por relações de gêneros e práticas de gêneros que se misturam e se confundem com o social, proporcionando o envolvimento de figuras em situações e lugares diversos que sempre ou na maioria das vezes foram utilizados e apresentados como lócus de tradição e conservação de um mundo que parecia estar desaparecendo ou sendo ameaçado de desaparecer.

Leitores preste atenção/ que agora vou descrever/ [...] existia uma família/ de matuto no sertão/ um certo casal que tinha/ de filhos grande porção/que sempre falava errado/ deixando interpretação./ este velho de quem falo/ era irmão do Zé do Chole/se chamava João Palascate/ filho de Pedro te engole/ e a sua esposa era/ Maria do bago mole./tinha um cavalo melado/ que era de Damiana/ uma besta velha castanha/ essa pertencia a Joana/ um bode chamado rachado/ pertencente a Mariana/ seu Lascado era um menino/ que a família criava/ um porco chamado Lascão/que Iracema tratava/o cabeludo de Zefa/ era um gato que caçava./então o filho do velho/ que se chamava Luiz/vendia raiz de pau/ vivia muito feliz/o povo da vizinhança/ chamava-o Doutor Raiz./ uns vendiam tapioca/ outros vendiam cocada/Iracema vendia rôla/ que pegava de emboscada/a velha vendia tabaco/ou então castanha assada./Júlia vendia maxixe/levava em grande porção/o velho vendia banana/ do sítio do seu irmão/que era o tal Zé do Chole/ que vendia fumo na mão./eu que vivo viajando/vinha do alto sertão/na Feira de Cajazeiras...¹⁶³

O público, o espaço, o lugar, a família, as denominações os alertas que indicam a quantidade de metáforas utilizadas o trabalho ou função de cada um da

¹⁶³ Idem, idem

família e sua atuação nas feiras, as relações sociais entrecruzadas com as relações de gêneros para caracterizar a plasticidade dos envolvimento entre o masculino e o feminino, mas também para demonstrar a arrumação dos papéis de gêneros pensados e em busca de estabelecimento através de ações tradicionais e conservadoras atualizadas através da Literatura de Cordel.

Porque a esposa do “João Palascate” chamava-se “Maria do Bago Mole” e “Damiana” que tinha uma “Besta velha” e “Joana” um “Bode Rachado”? A centralidade no masculino na região estaria demonstrada no próprio sobrenome do pai “PALASCATE”, que poderia ser dito “aquele que lasca” ou então o que toma a iniciativa, a ação, o que comanda, o “patriarca” etc;

Enquanto a centralidade do “falo” estava centralizada nos sobrenomes e ou funções a cada uma atribuída das mulheres dessa família, por exemplo, o “bago mole” da esposa poderia remeter ou ter como indício apontando para os “peitos moles” da mesma; já a “besta velha” ou o “bode rachado” remeteria as desigualdades sociais e de gêneros que envolviam essas relações e praticas sociais e de gêneros dentro e fora dessa família.

Caracterizar uma das filhas como “besta” também é diminuir o feminino e discriminá-lo, marginalizá-lo, tirar-lhe o direito de fazer história e colocando apenas na condição de quem sofre a história; o “bode rachado” do mesmo jeito, no entanto, ainda reforçaria as “formas” da genitália feminina como “rachada”, aberta, frágil, etc. Apesar do irmão aparecer com o nome de “seu Lascado”, isso demonstraria também o papel social de pouco importância e direito atribuído ainda a criança, como se também não fizesse história e sim a sofresse, assim como a s mulheres.

O “Cabeludo da Zefa” e a Iracema que vendia “Rôla”¹⁶⁴ remetem a diversos entendimentos, no entanto, como podemos perceber “cabeludo” indica obviamente a genitália feminina e “rôla” a genitália masculina¹⁶⁵ alimentando, dessa forma, os preconceitos e diferenças entre os papéis que cada um devia ocupar no espaço em que o teatro desses personagens da história interpretavam os papéis para eles pensados.

Um teatro da história marcado e determinado muitas vezes pela idéia de espaço que povoava e alimentava as mais diversas ações nesse cenário. Colocando no palco do Nordeste relações e práticas sociais que se confundiam e eram pensadas a partir dos papéis de gêneros que se encontravam em crise nesse momento, durante a primeira metade do século XX.

Durante muito tempo¹⁶⁶ os espaços não preocuparam os historiadores. Se cada corpo ou coisa tem o seu lugar, só se tornam espaços, só formam espaços, no entanto, quando conectados por práticas, quando reunidos numa trama, quando a serviço de um enredo, liames quase sempre invisíveis, teias que os amarram numa totalidade passageira, porém que tem uma duração variável, em intervalos de tempo que levam para existir e se desmanchar as configurações, os desenhos que a disposição dos lugares e suas relações realizam.

Como diz Michel de Certeau,¹⁶⁷ os espaços são lugares praticados, mas é também fruto dos relatos destas práticas, das representações que aí ocorre. Os historiadores quase sempre pensam os espaços como cenários desligados das tramas, dos eventos, das cenas que aí vem a ocorrer, que aí vêm a ser representadas.

¹⁶⁴ “RÔLA” é um tipo de pássaro, avoante dos Sertões que popularmente também é chamada de “rolinha” por seu tamanho ou “sangue de boi” esta última mais avermelhada do que a rôla que seria preto e branco em suas cores. Era caçada, morta, tratada e vendida em feiras. Prática ainda muito comum em diversas feiras, principalmente, em Campina Grande na Paraíba, como pude confirmar, infelizmente.

¹⁶⁵ A genitália masculina também é popularmente chamada de “RÔLA” ou “ROLINHA” associando estes dois nomes obviamente ao tamanho da genitália a que se refere entre o masculino.

¹⁶⁶ Como afirma ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O teatro da história: os espaços entre cenas e cenários*. Mimeografado, 2007.

¹⁶⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. pp.201

Mas quem faz teatro sabe que não existe cenário que já não traga em si a virtualidade da cena que aí vai se passar e é a cena que realiza o cenário, pois é ela que o pratica, que conecta através de seu enredo e, portanto, dá sentido de conjunto àquela barafunda de corpos e coisas que, sem ela, permaneceriam ali dispersos e sem fazer sentido para além da curiosidade de sua pose, de sua colocação bizarra. O cenário vem a cena, vem com a cena, emerge das práticas discursivas e não-discursivas que o faz fazer sentido, representar.

(...)o sofá azul, a mesa de centro, a luminária, o tapete vermelho, a faca sobre o piano, o pedaço de xícara atirado num canto sombrio, só fazem sentido quando a cena se inicia. Ao contrário do que comumente pensam os realistas o palco não pré-existe à cena, ele vem a ser palco no momento em que a encenação se põe sobre ele e o atualiza como tal. Do ponto de vista empírico, existe apenas um tablado ou cimentado que pode vir a ser outros espaços dependendo do que aí se pratica: pode ser salão de dança, paisagem para convescote, campo de futebol, salão universitário para pompas acadêmicas, cama para amantes urgentes e teatrais(...).¹⁶⁸

Portanto, cabem a nós historiadores dos espaços pensá-los não apenas como cenários, mas como conjunto de cenas que ocorrem numa dada temporalidade, forjando dadas tramas, dadas redes, dadas relações, constituindo panoramas, montando paisagens móveis, prontas a se desmanchar ao final de cada ato, de cada cena.

Os espaços são frutos das artes e das astúcias dos homens, que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias e separações entre homens e coisas do mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis, lançando mão para isto, não apenas das explicações e compreensões racionais, mas também das fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e das sombras.

¹⁶⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2007:2

Partilho da mesma idéia de ALBUQUERQUE JÚNIOR (2007:2; 3;4)

quando pensa e diz o seguinte sobre como se comportam os historiadores diante da idéia de “espaço”:

(...) Como diz Marc Auge¹⁶⁹ a idéia que fazemos dos lugares e dos espaços como algo fundado definitivamente, como um ser que é por ser, como queria Parmênides¹⁷⁰, é uma fantasia, é uma auto-ilusão humana, que está a serviço de nossa tranqüilidade e de nossa necessidade de alienação para suportarmos a vida. Esta ilusão foi partilhada por inúmeras sociedades e, inclusive, por muitos historiadores e antropólogos que as estudaram. Esta era uma idéia cara a Levi Strauss¹⁷¹ de que haviam sociedades mais fundadas no espaço que no tempo, sociedades frias, a-históricas, capazes de permanentemente repor a temporalidade pela re-fundação dos espaços, por sua reposição permanente através de seus calendários rituais, através de cenas que representadas repunham as mesmas e recorrentes repartições espaciais que com elas protegia o grupo da mudança. O olhar do europeu, desesperado pela fugacidade e velocidade da temporalidade de sua sociedade, facilmente se deixou mitificar por estas sociedades mais espaciais que temporais, ou seja, menos históricas. O olhar e lugar etnográfico que repõem a percepção questionável que articula o espaço a intemporalidade, espaço e natureza, natureza e reposição do mesmo, tempo circular que se fecharia sobre si mesmo. Encenação do mesmo que parece criar um mundo fechado para o exterior e imune a discórdias no interior. O estruturalismo antropológico e histórico trouxe para o centro dos discursos destas disciplinas as metáforas espaciais em sua luta contra a efemeridade dos tempos em que vivemos.

Os etnólogos e historiadores passaram não só a não perceber o cenário como produto da cena, mas fizeram uma operação inversa, absorveram ou dissolveram a cena do cenário, os mapas etnográficos, as dicotomias espaciais que recortariam a vida das tribos e aldeias estudadas passaram a explicar os próprios homens. Ao invés de pensar os espaços como fruto de práticas humanas, como lugares praticados, Mauss¹⁷², Levi Strauss e de certa forma o próprio Braudel¹⁷³ fez dos homens seres praticados pelos espaços, eles se tornam parte de uma paisagem que os explica, o espaço é que os informam e não o oposto. Esta espacialização do antropológico e do histórico vem acompanhada pela obsessão da totalidade, pela apreensão do fato social total. A própria de todo, total, tem uma dimensão espacial, é como se pudéssemos acompanhar todas as curvas volteios de uma linha que abarcaria toda uma realidade e daria a ela um sentido fechado, desenharia dela uma imagem sem rugas,

¹⁶⁹ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a antropologia da supermodernidade*. 4ª ed. Campinas, Papirus, 1994, pp:52-55.

¹⁷⁰ PARMÊNIDES. *Da Natureza*. São Paulo: Loyola, 2002.

¹⁷¹ LEVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas, Papirus, 1989.

¹⁷² MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris, PUF, 1966.

¹⁷³ BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. Lisboa, Martins Fontes, 1983-1984.

sem brechas, um espaço que se daria totalmente a percepção, um evento do qual poderíamos definir as linhas mestras, uma interpretação capaz de perceber um espaço do qual nada escapou ou ficou de fora.

Não é esta a forma de pensar o espaço e o histórico que nos interessa, mas é justamente o oposto, ou seja, pensar o histórico, a temporalidade, como fazendo parte dos espaços, dando a eles plasticidade, tornando-os móveis, pensando-os como fluxos multidirecionais, dotando-os de equivocidade, pensando-os como um conjunto de posições móveis, alternáveis, substituíveis, negociáveis, nascidas de lutas, conflitos e confrontos.

Os espaços não surgem, apenas, do acúmulo das práticas diversas que o construiu, mas dos sentidos diversos que a eles foram dados. Os espaços que conjuguem a construção no tempo de identidades e relações de pertencimento, como também de exclusão, por exemplo, no cruzamento de uma identidade regional e de uma identidade sexual na primeira metade do século XX, um “lamento” serviu de pretexto e contexto para Gilberto Freyre dedicar-se a fazer um livro que explicasse sua região e seu povo, no lamento estava escrito: “A industrialização e principalmente a comercialização da propriedade rural vem criando usinas possuídas de longe, algumas delas por FULANO ou SICRANO & COMPANHIA, firmas para as quais os cabras trabalham sem saber direito para quem, quase sem conhecer senhores, muito menos senhoras...Há nesta nova fase desajustamento de relações entre a massa humana e o açúcar, entre a cana de açúcar e a natureza por ela degradada aos últimos extremos, uma deformação tão grande do homem e da paisagem pela monocultura – acrescida agora do abandono do proletariado da cana à sua própria miséria, da ausência da antiga assistência patriarcal ao cabra de engenho - que não se imagina o prolongamento de condições tão artificiais de vida...Bem diverso do da época patriarcal.

Firmas comerciais das cidades começaram a explorar a terra de longe e quase com nojo da cana, do massapê, do trabalhador, dos rios, dos animais

agrários. Desapareceu todo o lirismo - que aliás, nunca fora grande nem profundo- entre o dono da terra e a terra ...desprezada cada vez mais como terra.”¹⁷⁴

Serviu de pretexto para Freyre se dedicar a inventariar o passado dos antigos Estados do Norte do Brasil e pensá-los como Nordeste. Contexto de transição de uma memória freyreana que se situava entre os engenhos de seus “verdes anos” e as usinas tão presentes e caracterizadas pelas metáforas do “fogo morto” ou da “bagaceira”, obras de José Lins do Rêgo e José Américo de Almeida, respectivamente, que contextualizavam um cenário e um espaço em transição, em mudança, tal como constatava, em 1937, através de seu “lamento” o escritor pernambucano Gilberto Freyre.

Freyre nos fala de uma experiência fundamental da modernidade, a de um distanciamento entre homem e natureza, entre homem e terra. O mundo do artifício mecânico, da cidade, da industrialização, da razão, vai afastando homem e natureza, colocando-os em pólos antagônicos. As mudanças sociais vivenciadas pela sociedade que chamava de patriarcal, nos últimos cinquenta anos, eram sentidas por Freyre como a perda de sua terra, de seu território, um processo de desterritorialização de homens, plantas e animais.

A nostalgia com que fala de um mundo de solidariedade entre homem e natureza, que teria ficado no passado do engenho bangüê, da sociedade patriarcal, só tem a mesma intensidade da acidez com que fala da nova sociedade industrial e comercial que vinha surgindo; sociedade de agressão à natureza, de condições de vida artificiais, onde tudo parecia diminuir: a saúde do homem, as fontes naturais de vida

¹⁷⁴ FREYRE, Gilberto, *Nordeste*, 5 ed, Rio de Janeiro, José Olympio; Recife, FUNDARPE, 1985, pp.156-159.

regional, a dignidade e a beleza da paisagem; a inteligência, a sensibilidade e a emoção da gente do Nordeste. Tudo nela era atitude de crispação, ressentimento e revolta.¹⁷⁵

Estas páginas, que agora rascunhava, era o local onde a sua memória poderia reterritorializar este mundo que parecia se esgarçar. Tomara como tarefa barrar este devir maquínico do homem e da natureza, o devir-usina, que tornava a terra uma coisa estranha ao homem, para a qual este olhava com nojo, pela qual não tinha respeito e por isso a emporcalhava, a corrompia.

Ao distanciar-se da natureza, os homens deixavam de ser sua expressão telúrica, seus espíritos já não mais refletiam o próprio modo de vida regional. Era preciso, pois, resgatar este homem regional que ameaçava ser extinto pela modernidade. Resgatá-lo não apenas como raça, mas como cultura, como psicologia.

Era preciso traçar nestas linhas que escrevia a história da constituição deste homem regional, traçar o seu perfil fisiológico e espiritual. Era preciso atualizar imagens e enunciados que definiram anteriormente este tipo de homem rústico, de patriarca rural, de cabra de engenho, para que novamente este pudesse servir de modelo a ser subjetivado pela população da região.

Retomar a relação de intimidade entre homem e terra que havia na sociedade do engenho era a forma de barrar o processo de declínio, de desvalorização que a sua terra, a região Nordeste, vinha sofrendo em nível nacional. Era preciso reencontrar aqueles homens machos, viris, fortes, verdadeiros pai-d'égua, gritando muito e descompondo como um capitão de navio, homens bravos, homens de gênio forte, que eram capazes de amar e penetrar o âmago da terra e das mulheres; que faziam ambas procriarem, produzirem e reproduzirem.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 157.

O nordestino devia ser capaz de sintetizar e atualizar tipos como o do sertanejo, do vaqueiro, do praieiro, mas principalmente do senhor de engenho e do cabra de engenho, homens machos capazes de domar e submeter a terra fêmea, de fertilizá-la com seu suor e com seu sangue, se fosse necessário.

Diante do quadro de uma região que parecia se emascular, perder a potência, dominada agora por uma camada de homens efeminados, de punhos de renda, o texto de Freyre parece ser tramado na busca da preservação de uma sociabilidade e de uma sensibilidade regidas por códigos que pareciam perder a consistência. A medida que estes códigos mudavam, arrastavam consigo territórios tradicionais que perdiam sua forma cristalizada e eram atravessados por novas intensidades.

O mundo do senhor-de-engenho e de seu contraponto, o escravo, estava irremediavelmente perdido. O tipo aristocrático que a casa-grande originou estava agora em franco declínio, se misturando progressivamente com um nova camada de homens ricos, ou mesmo abastardada nas suas misturas com o cabra do engenho, o homem do povo, o tipo especial de brasileiro que ia surgindo.

Tipos formados durante séculos pela sedentariedade, pela endogamia, pela especialização regional das condições de vida, de habitação e de dieta e pelas restrições sociais às relações sexuais, numa sociedade regida pelos rígidos códigos da sangüinidade, se viam ameaçados agora pela dissolução das hierarquias tradicionais de classe, de raça e de sexo.

O crescimento em importância das elites não aristocráticas do sertão, no interior da região, e a própria prevalência das imagens ligadas a sociedade sertaneja como definidoras da região Nordeste, prevalência assegurada pela generalização do discurso da seca, incomodava Freyre, que via se perder aquela sociedade e tipos sociais, que segundo ele eram o que de melhor a região havia produzido.

Estrategicamente emitido a partir do lugar de representante das elites da mata, o discurso freyreano vai traçando uma imagem do Nordeste e do nordestino como produtos sociais, culturais, sexuais e ecológicos do mundo da casa-grande e da senzala..

Sociedade agora, mais do que a do outro Nordeste, ameaçada pela modernidade, que levava a desenraizamentos, nomadismos, mudanças profundas nas condições de vida, recorrentes transversalidades nas relações sociais, raciais e sexuais.

O fim da endogamia, a progressiva generalização da família nuclear em detrimento da parentela patriarcal, o declínio dos laços motivados por alianças políticas, econômicas e de sangue, leva à emergência do dispositivo da sexualidade, de uma sociedade individualista, onde cada um trata de estabelecer a verdade de si, suas identidades, não mais a partir do pertencimento a uma genealogia, a um sangue, mas a partir de seu sexo.

A cultura e a história parecem penetrar e desnaturalizar de forma definitiva as relações entre os sexos. Também aí a natureza parecia estar batendo em retirada.

Já não se via mais, pelos engenhos, aquelas cenas de lubricidade entre homens e animais, homens e plantas, entre meninos de engenho e moleques da bagaceira.

Cenas como as descritas por seu amigo José Lins do Rêgo, onde o sexo é vivido pelos homens poderosos ou camumbembes como algo natural. Nos cercados dos engenhos o menino se iniciava nos mistérios do sexo, concorrendo com touros e pais de chiqueiro.

Nas palavras moralistas deste intelectual aburguesado na cidade grande “a promiscuidade selvagem do curral arrastava a infância às experiências de prazeres que não tinham idade de gozar”.¹⁷⁶ A separação rígida entre o mundo dos adultos e das

¹⁷⁶ RÊGO, José Lins do, *Menino de Engenho*, 16 ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1971, pp. 34-35.

crianças ainda não se fizera, não se perseguia com horror o onanismo, os adultos exibiam seus membros em riste para os meninos e lhes falavam de “porcarias”, de coisas de mulher, e o menino que cedo não apresentasse marcas da doença do amor, o gálico, começava a sofrer todo tipo de chiste.

As possibilidades de identidades de gênero na sociedade do engenho ou mesmo na sociedade sertaneja eram apenas a do homem macho e da mulher fêmea. Só agora a influência da cidade, do mundo moderno, parecia trazer a tona uma série de seres estranhos que não se enquadravam nesta natural bipartição fundada sobre o sexo.

Os lugares bem demarcados entre homem e mulher começavam a ser contestados, a prevalência do masculino, sua dominação, começava a ter que ser reposta em novas bases, o devir-mulher parecia ameaçar seres como o moleque Ricardo, que, uma vez fora do engenho, se vê confrontado com uma nova possibilidade de identidade de gênero, com um novo modelo de subjetividade, o do ser homossexual.¹⁷⁷

Os homens pareciam perder o controle sobre tudo o que era naturalmente deles, anteriormente: as terras, as mulheres, as crianças, os negros e até os animais, todos pareciam tomados por um processo de transfiguração, todos pareciam agora tomados por uma capacidade de metamorfose.

A mulher de Zé Amaro já vinha até a sala se meter nas suas conversas, sua filha já com trinta anos, ainda permanecia solteira, por isso Zé Amaro precisava reafirmar de uma forma até amarga que ele ainda era homem, que era ele quem mandava na casa. Ele falava o que queria.¹⁷⁸

Era preciso reafirmar o direito a fala que pertencia ao masculino, no falo estava simbolizado todo o seu poder. Por isso, também, Zé Amaro abomina seu patrão, o coronel Lula de Holanda, um homem calado, sem autoridade, fraco, dedicado a coisas

¹⁷⁷ RÊGO, José Lins do, *O Moleque Ricardo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.

¹⁷⁸ Idem, *Fogo Morto*, 6 ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1965, p. 06.

de mulher como tocar piano e rezar. Era por isso que sua terra estava decadente, seu engenho de fogo morto. A morte do fogo parecia ser o maior símbolo de uma sociedade que se esvaía.

É por isso que Freyre dedica estes seus dias a lembrar, rememorar essa sociedade onde o fogo sempre estava aceso, a fumaça saindo pela chaminé da fábrica e o calor percorrendo os corpos mestiços, que se tocavam sem o pejo da moral burguesa. As chaminés, fálico símbolo do poder do senhor de engenho, já não emitiam sinais de vida, do calor que produzia. Estavam frias, em ruínas, substituídas pelas poderosas chaminés da usina. Assim como o homem acariciava e penetrava a terra, com amor e com paixão, assim também fazia com os corpos, corpos de mulheres do povo, corpos femininos não segregados à vida de clausura reservada às filhas de famílias de bem.

O esfriamento dos corpos, suas desterritorializações, seus despedaçamentos, corpos agora reduzidos aos pés, mãos e sexos, para o trabalho e para a reprodução, eram corpos mutilados das relações com sua terra, com sua cultura, com seu território. Esses seres desenraizados, desprotegidos dos laços de solidariedade patriarcal, sem um senhor e sem uma senhora, perdem o amor à terra, à agricultura, tem aversão ao que fazem, alienam-se, tornam-se tristes, doentios. Ao contrário do que afirma seu amigo Paulo Prado, a tristeza desta gente é nova, não foi produzida pela saudade, pela luxúria ou pela cobiça dos colonizadores, mas pela perda progressiva de suas condições de vida e de cultura.¹⁷⁹

O discurso de Freyre se pauta pela desesperada busca das origens, pela estratégia da produção do contínuo. Ele lança para trás o homem que ele figura neste momento. Ele procura religar este presente com um passado que se foi. Ele faz uma história monumental e ergue monumentos a homens que ficaram no passado. Seu maior

¹⁷⁹ PRADO, Paulo, *Retrato do Brasil*. In: *Província e Nação*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

medo é do devir, dos devires minoritários da mulher, da criança, dos negros, dos animais. Freyre partilha com outros membros das elites de seu tempo e de um tempo imediatamente anterior, final do século XIX e início deste século, do medo da perda da natureza, da perda da terra, que é, na verdade, o medo de perder as territorialidades tradicionais construídas.

O movimento cultural que encabeçara no Recife, desde o início dos anos vinte, quando retornou dos Estados Unidos, ou mesmo antes, nos seus artigos numerados para o Diário de Pernambuco, já defendia essa necessidade de valorizar o tradicional e o regional. A construção da região Nordeste, para além dos particularismos políticos de província ou os bairrismos culturais, era a única saída que enxergava para barrar esse processo de predomínio de valores estranhos, que ameaçavam de dissolução uma cultura.

Era preciso superar também os particularismos dos tipos regionais, já tão bem delineados em romances naturalistas do fim dos dezenove, e construir um novo homem capaz de ser uma síntese de todos estas singularidades. A diferença, a multiplicidade o incomodava, era preciso construir o homogêneo, o sem fissuras. Era preciso fixar um território que não sofresse as estranhas mutações que vinham ocorrendo.

Mesmo na cultura popular da região essas mudanças que o mundo moderno anunciava pareciam ameaçar o corpo da terra e dos homens de despedaçamento. A velocidade do tempo, a relatividade do espaço, a artificialidade da vida, a precariedade das identidades parecem ameaçar inclusive a longa luta do homem contra a fera que o habitava. Na literatura de cordel, que enche as barraquinhas das feiras de sua cidade, só se narra, neste período, histórias em que personagens desrespeitam valores morais tradicionais e tornam-se bichos, devéanimal. O homem que virou cachorro. O homem

que virou jumento. O homem que bateu na mãe e virou cobra. A violação das regras sociais, fazendo os homens voltarem a selvageria. O canto noturno de Dionísio parece arrastar estes homens para a tragédia, para onde o divino e o diabólico não se separam.¹⁸⁰

A dissolução da sociabilidade tradicional pode liberar a fera que há em cada um. Pode também mostrar a cara de fera castanha e malhada que é a terra e a miséria espiritual da raça piolhosa dos humanos. Homens que viram feras como o cangaceiro ou se alienam no delírio místico como os fanáticos.

O que mais estava faltando na região era, justamente, homens capazes de comandar, de recuperar o lugar que este espaço já havia ocupado na economia e na política nacional. A própria cultura tradicional desta área do país, que era a que havia de mais brasileira, parecia ameaçada pela falta de alguém capaz de defendê-la contra estrangeirices e modernidades. Já não se fazia mais homens como antes, até as moças já expressavam esta opinião pelos jornais.

Era preciso prevalecer o masculino, o elemento da conquista, do domínio, da fertilização, da criação, tal como este era definido na sociedade em que vivia. O feminino tinha o seu lugar, o da obediência, da caridade, da prestimosidade, da delicadeza, da proteção maternal, da maternidade. Como também o lugar da cozinha, assegurando que deliciosas receitas de bolos e doces, traços marcantes da nossa civilização patriarcal dos engenhos, não se perdessem para sempre.

Por isso desconfiava de uma certa literatura que, ao invés de retratar Senhoras de Engenho, com seu papel civilizador, se dedicava a falar de mulheres masculinizadas pelas duras condições de existência do sertão. Luzia Homem¹⁸¹, embora

¹⁸⁰ Sobre a relação entre a dimensão apolínea e dionisíaca da existência, que parece atravessar muitos dos textos de Freyre, que foi um leitor de Nietzsche ver, MACHADO, Roberto, *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1997.

¹⁸¹ OLÍMPIO, Domingos, *Luzia-Homem*, 8 ed, São Paulo, Ática, 1980

fosse muito admirada por ser capaz de carregar uma jarra d'água equivalente a três grandes potes feitos para os mais robustos dos homens carregarem, não o emocionava, ele preferia mesmo era falar de sertanejas como Soledade, mulher branca que era azul, rapariga que ocultava a face entre os braços, numa atitude de acanhamento sempre que Lúcio a encarava com maus pensamentos. Mulheres que sabiam de sua importância e seu papel regional e tradicionalmente civilizador, coadjuvando o seu marido.

O nordestino parecia não ter sido treinado para este passar do tempo, ainda sonhando com um tempo natural, de ciclos repetitivos, do eterno retorno da semelhança. Onde as hierarquias sociais se reproduziam sempre as mesmas, mas com a docilidade e a harmonia, cada um reconhecendo o seu lugar. Onde as hierarquias de raça iam se abrando pela mestiçagem, democratizando o acesso ao sangue eugênico do branco, democratizando traços nórdicos, democratizando os traços eugênicos dos grupos de negros superiores que aqui chegaram de África.

O nordestino, ao contrário do que profetizavam as teorias raciais que muitos de seus antecessores abraçaram, não estava condenado a ser um homúnculo pela raça, muito pelo contrário, era possível encontrar seres eugênicos em todas as raças que o formou.

Também sua psicologia, enquanto viveu em seu meio social, natural e regional, era plenamente adaptada, não gerando as patologias que o atual desajustamento vinha provocando, como atestavam os estudos de doença mental feita por seu colega Ulisses Pernambucano.

O nordestino não era um degenerado fisicamente, nem um tarado moral, mas um desajustado diante da alteração brusca de suas condições de vida, pelo desabar de todo o seu complexo cultural.

Nas hierarquias de sexo era que este desajustamento mais se expressava, pois gerava a insegurança de indivíduos, sem o apoio sólido das parentelas patriarcais, sem a proteção do senhor, do homem da casa, aquele em que todos vinham buscar apoio, a grande fortaleza em que todos se defendiam, o grande timoneiro que dirigia esse navio para águas tranqüilas.

O que lamentava era não poder contar com estes homens, mas ter que conviver com homens tristes, tíbios, abobalhados como Vitorino Carneiro da Cunha, xingado pelos moleques como o Papa-Rabo, homem sem honra, sem respeito, sem posses, sem poder.

Conviver com homens que sentiam seu mundo encolher, que dele tiveram que fugir como retirantes, que foram buscar na cidade a forma de sobreviver e, de lá choravam este mundo que haviam perdido, este reino que perdera o encanto.

A sociedade do desencantamento produz homens reduzidos em seu tamanho, em sua potência, não produz mais uns Wanderley de Sirianhém, uns Rabelos de Nossa Senhora do Ó, uns Lins da Paraíba. Homens de estirpe e de mando, homens agora reduzidos a velhos doentes e caturras, perdidos num mundo que não entendem e onde tudo é condenável. Velhos tristes, decadentes, adoecendo de desgosto. Vendo os filhos abandonarem e comercializarem tudo que lhes parecia sagrado: a terra, o engenho, a cana, os animais, os negros.

Filhos como Juca, formado bacharel em Direito, com anel no dedo, mas incapaz de tocar o império deixado pelo pai, que se vende às forças do estrangeiro, que se deixa penetrar pelo estranho, que se deixa metamorfosear em outro homem, um burguês sem nenhum amor que não seja ao lucro, ao luxo e à politicagem.

CONCLUSÃO: Entre nós e os outros, há tantos de nós nos outros como dos outros em nós: em nome da nordestinidade em migalhas.

Todas as nossas operações mais cotidianas são mediadas por uma hermenêutica, por uma prática de leitura e de tradução, seja através da linguagem ou de nossas ações. Através delas damos sentido ao mundo, nos damos um mundo, o fabricamos para nele existirmos.

As identidades espaciais são fabricações humanas, não estão inscritas na natureza, como algumas abordagens naturalistas parecem indicar. Além do que não há elemento que componha um dado território que não possua historicidade.

A masculinidade é apenas um elemento constitutivo da identidade regional nordestina, mas é fundamental na construção de uma figura homogênea e característica que se chamará de nordestino.

Por isso, as experiências e vidas de homens numa região onde “ser macho” é um imperativo pôde ser um excelente ponto de partida para ter feito a história dos homens, não mais como indivíduos ou partícipes de feitos coletivos, mas como gênero; não só a história de homens como agentes do processo histórico, mas como produtos deste mesmo processo; a história de homens se construindo como tal; a história da produção de subjetividades masculinas, em suas várias formas; a história da multiplicidade de ser homem.

Acompanhamos ao longo deste texto memórias de homens famosos, discursos que definiram uma modalidade de existência, modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação de uma identidade de nordestino e de homem macho e de honra, que definiram procedimentos de sujeição dos corpos a uma identidade masculina.

No entanto, acompanhamos também vidas de homens sem fama, vidas singulares tomadas como estranhos poemas, vidas que transparecem de breves relatos, documentos, fábulas em que se apresentam a dramaturgia de uma vingança, de um ódio, de um crime, de um adultério, textos cheios de amor, gritos, súplicas, choros, decepções, de intrigas de homens que não conseguiram ou não quiseram, em suas trajetórias de vida, atualizar o modelo de homem nordestino proposto pela ordem dominante; momentos de auto-produção, de uma escrita de si, da adoção de um estilo de ação diferente, de objetivação de possíveis novas formas de ser homem.

Na verdade, o que procuramos demonstrar ao longo dessas páginas foi contar e narrar histórias de homens que multiplicassem o rosto do nordestino, que retirassem a sua seriedade e mostrassem a sua multiplicidade de ser, no entanto, boa parte do texto privilegiou e procurou “centrar fogo” primeiro na constituição deste “rosto sério”, do estereótipo do que deveria ser o nordestino, mas mostramos também relatos que atravessavam e organizavam lugares antes insuspeitos para o ser masculino, questionando as identidades de gênero em nossa sociedade, produzindo outra geografia do desejo masculino, de seus fluxos e trajetões, de suas maquinações.

Mostramos que foi na reação ao mundo moderno, que parecia querer embaralhar as fronteiras entre gêneros, que vinha feminizando perigosamente a sociedade e a região, provocando a desvirilização dos homens e a masculinização das mulheres, que o nordestino foi inventado como um tipo regional destinado a resgatar padrões de masculinidade que estariam em perigo; um “macho” capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional. Buscando no passado os seus modelos, esse homem seria a única personagem capaz de reescrever a história de seu espaço, dando-lhe um novo rumo.

A história dos espaços, relações espaciais se tornaram o “eixo” teórico e metodológico deste trabalho justamente, por sua importância em pensar, analisar e apresentar uma história das sensibilidades concomitante a crise dos padrões tradicionais de masculinidades no Nordeste.

Todo este trabalho surgiu também para corroborar e se sustentar em torno do que disse ALBUQUERQUE JÚNIOR (2003), sobre a invenção do nordestino, no entanto, ele se diferencia na abordagem dada e tida como foco central quando priorizou e buscou destacar mais a crise dos padrões tradicionais de masculinidade associado e concomitante a uma história das sensibilidades e dos sentimentos em torno dos espaços e lugares praticados pelos filhos, sujeitos e habitantes dessa região:

(...) foi a necessidade que a elite nordestina tinha de mudar os rumos do espaço onde exercia o poder que a levou a projetar a mudança dos próprios habitantes da região, de seu povo, que deveria ajudar nessa recuperação. As teorias eugenistas, em voga desde o final do século XIX, recomendavam a adoção de uma política de criação de uma raça nacional, que passava não só por uma política de seleção racial de seus habitantes, mas por uma ação civilizatória que preparasse esse povo para a nova realidade do mundo moderno. Embora fosse minoritária, para a parcela da elite nortista que defendia o branqueamento da população dessa área, era quase unanimidade que a raça nortista deveria passar por um processo de transformação civilizatória. Se a aplicação das teorias raciais á realidade do Norte condenaria esse espaço de população mestiça ao inevitável atraso, era preciso combatê-las, não desconhecendo, no entanto, que algo devia ser feito para transformar essa massa informe de nortistas em cidadãos regionais e nacionais. Após perceberem seus espaços tradicionais em crise, sentirem-se desterritorializados, membros dessa elite procuraram elaborar projetos de unificação do espaço ameaçado, que incluíam a própria mudança de seu povo, e sua integração, fazendo-os introjetar esse recorte regional. Era preciso, para isso, salvar e sistematizar uma cultura regional, notadamente uma cultura folclórica advinda desse mesmo povo para, com suas formas, facilitar a transmissão de conteúdos, de mensagens que interessavam a essas elites que fossem introjetadas pelos outros. Era preciso fundar um homem novo, que, no entanto, fosse capaz de preservar tradições e costumes e fazer deles sua diferença para com os demais brasileiros. Se o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o senhor-de-engenho, o coronel pareciam estar ficando para trás, por serem incapazes de acompanhar as mudanças nos costumes do país, se eles se mostravam incapazes de recuperar o lugar que essa área já havia ocupado na economia e na política nacional, era preciso que um homem novo surgisse, em dia

com as transformações que estavam ocorrendo, capaz de manejá-las, mas, ao mesmo tempo, capaz de preservar as tradições e a memória de um passado de glórias, que o autorizava a exigir um lugar de destaque no cenário nacional, abrindo espaços para a negociação em torno de seus interesses. O nordestino deveria atualizar as qualidades destas antigas figuras, entre elas a de ser “macho”, forte, destemido, ativo, brigão, orgulhoso, capaz de defender seus interesses e de seu povo, dentro ou fora da região.¹⁸²

Todos esses pressupostos apresentados na citação acima sobre a nordestinidade e os agentes deste processo estão presentes ao longo de nosso trabalho.

As questões que colocamos para este texto se relacionam e se associam intensamente com a idéia de que tanto a Região Nordeste assim como os habitantes desse espaço nordestino foram frutos das relações de saber e de poder ocorridas entre a o fim do século XIX e a primeira metade do século XX, no entanto, o processo de atualização, apropriação, representação, recorrência e generalização foi um processo mais lento, paulatino, gradativo que, mesmo a primeira metade do século XX, ainda vinha se confirmando e se configurando.

Daí a necessidade que tivemos para melhor caracterizar nosso objeto de estudo entre as décadas de quarenta e oitenta deste mesmo século, para melhor situar as temáticas que se associavam a uma história das sensibilidades que apresentava a tradição desta região por um fio de desaparecimento, de mudança, de diferenciação do que havia existido até então.

A crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste foi apenas um dos elementos constitutivos que alimentavam, no começo do século XX, a idéia de Nordeste e de nordestino. Se demos importância a este elemento o nosso único interesse foi exatamente a de realizar uma pesquisa que privilegiasse uma história do gênero masculino no Brasil, tendo como objeto de preocupação, interesse e estudo, o

¹⁸² ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2003:249-250

nordestino nas relações discursivas e não-discursivas representadas nas diversas práticas sociais, de gêneros e de masculinidade na região.

A multiplicidade do que é ser homem no Nordeste é o que lhe caracteriza. As facetas da masculinidade nessa região se apresentam de diversas formas como vimos ao longo do texto. As relações sociais na região se configuram em torno do gênero masculino como mais um elemento constitutivo do que é pertencer a um espaço de saber e de poder que construiu a região, fazendo aparecer um “homem novo” em nome da preservação e da tradição de um passado que orgulhava os filhos saudosistas dos antigos barões do açúcar dos Estados nortistas em via de “atualização” em nome do Nordeste.

A crise dos padrões tradicionais de masculinidades se configuraram também devido a feminização ou nivelamento social dos gêneros que vinha ocorrendo, daí a necessidade também de uma identidade regional e de uma identidade sexual que surgia pelo cruzamento de diversos interesses, desde o econômico-político até o cultural atravessado pelas posturas de gênero masculino.

Enfim, a produção histórica da figura do nordestino é fruto e se configurou na idéia de tradição e de preservação de uma memória saudosista e lamentosa de uma elite regional decadente em transição com as mudanças que vinham ocorrendo no país. Proponho, em nome da manutenção das diferenças e convivência das práticas sociais, de gêneros masculinos e femininos e outras práticas, a deslegitimação da tradição como elemento constitutivo de uma estética da existência que figure um novo espaço de prazer para o homem nordestino, como para a própria mulher que com ele se relaciona proporcionando, com isso, a produção e alterações nas instituições da ordem e do saber.

FONTES E REFERÊNCIAS:

Jornais:

1) Diário de Pernambuco (Recife):

ARAÚJO, J. A. Correia de. *O alcoolismo*. Recife, Diário de Pernambuco, 15/07/1923, p. 06, col.01

BARBOSA, Florentino. *A seca- continua o terrível flagelo ameaçando exterminar por completo o Nordeste brasileiro*, Recife:Diário de Pernambuco, 15/02/1920, p.03, col.04

CALDAS, O., *Contos de domingo: na tocaia*, Recife, Diário de Pernambuco, 25/07/1920, p.2,col.3

DOMINGUES,O., *Contos de domingo:na tocaia*.Recife, Diário de Pernambuco, 25/071920, p.02, col.03.

FERNANDES, A., *De uns e de outros*. Recife, Diário de Pernambuco, 11/04/1921.p. 03; col. 02.

N/a- *Espancamento*, Recife, Diário de Pernambuco, 15/10/1914, p.03.

N/a- *Espancamento*, Recife, Diário de Pernambuco, 15/10/1914, p.04.

N/a –*Pelo lar adentro- um genro que morde a sogra*, Recife, Diário de Pernambuco, 15/10/1914, p.05.

N/a – *Como a mulher perdeu seu encanto*. Recife, Diário do Pernambuco, 07/11/1925,p.47,col.5.

N/a- *Centro Regionalista- a semana de ontem*, Recife, Diário de Pernambuco, 05/07/1924, p. 4, col.5-6

N/a – *Contra o alcoolismo*, Recife, Diário de Pernambuco, 08/08/1924, p. 01, col.05

N/a – *Contra o álcool*. Recife, Diário de Pernambuco, 25/07/1919, p. 01, col. 05

2) A Voz da Borborema (Campina Grande, Paraíba):

N/A. *Mulher dona de casa*. Jornal A Voz da Borborema. Campina Grande, 1938

3) Literatura de Cordel (Folhetos):

ALMEIDA FILHO, Manoel. *Como ser feliz no casamento*. s/l,s/e,s/d..

ASSIS, Manoel. *O prazer que dá a cachaça*. Patos, Paraíba:Tyo. São José. 1949.

ATHAYDE, João Martins de. *O Bataclan Moderno e as moças semi-núas*. Recife.s/s/e.1927.

BARROS, Leandro Gomes de. *A Alemanha vencida e humilhada*, editor Pedro Batista,Recife,1918

BATISTA, Abraão Bezerra. *A mulher do compadre Nicolau*. Juazeiro do Norte: s/e. 1973.

BATISTA, Abraão Bezerra. *O homem que largou a mulher prá viver com uma jumenta na Paraíba*. s/e.Juazeiro do Norte,1976.

CAMPOS, F. de S. *As aventuras de Maria Jararaca*, s/l,s/e,s/d

CAVALCANTE, R. C. *Maria Mata-Homem, a valente da Paraíba*,s/l,s/e,s/d;

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A mulher que fez a barba do marido a pulso*.5ªed, Salvador, 1976

CAVALVANTI, Rodolfo Coelho. *A mulher que fez a barba do marido a pulso*. s/l,s/e,s/d.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Maria Mata-Homem a valente da Paraíba*.s/e.1977

CAVALCANTE, R.C.*ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, 1976

CAVALCANTI,J. Dila. *Lampião e Maria Bonita*. s/l,s/e,s/d;

CAVALCANTI, J.Dila.*Amantes de cangaceiros*,s/l:Arte Gráfica,s/d

COSTA, Leandro Simões da. *O grande crime de Caicó*. Caicó,Editora. do autor, s/d.

CRUZ, Antonio da. *História do Negrão do Piauí*, s/l,s/e,1921

_____ *O martyryo de dois amantes*, s/l,s/e, 1922.

_____ *Os aviadores e a viagem pelo espaço*, s/l,s/e, 1921.

_____ *Historia da machina que faz o mundo rodar*, s/l,s/e,1921.

DILA, José Cavalcanti e Ferreira. *Bode, Cangaço e Lutas*.s/l s/e;s/d.

LEITE, José Costa. *O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar*. s/e; s/d.
s/a.

_____ *A mulher que quebrou as gaias do marido com uma mão de pilão*.Recife, s/e;s/d.

_____. *A mulher que engoliu um par de tamancos com ciúme do marido*.s/e,
1966.

_____. *Hoje em dia em toda parte tem alguém sendo chifrado*. s/l,s/e,s/d.

_____ *ABC do cachaceiro*. s/l,s/e,s/d..

LIMA, Waldemar Custódia de. *O jogo do bicho*. Vitória, Pernambuco, s/e, 1934.

LEOBAS, Carolino. *A mulher com seus carinhos faz do homem o que ela quiser*.
s/e,1977

MAXADO, Franklim.(Franklim Vitorio de Cerqueira Barreiros Machado) *Eu quero é ser madamo e casar com feminista*.2.ed.1982

NORDESTINO, Franklim Maxado. *Horóscopo das bichas*. Editora do autor, São Paulo,
1977.

NORDESTINO, Franklin Maxado. *O mundo vai estourar do jeito em que se vive*.
Editora do próprio autor, Mundo Novo, Bahia, 1978, p. 09.

MEDEIROS, Antonio Américo de. *História completa da Cruz da Menina*.Patos, Ed. do
autor, 1978.

MONTEIRO, Manoel. *As aventuras do filho de Antonio Cobra Choca*.Campina
Grande,s/e; 2001.

- MONTEIRO, Manoel. *Exaltação á cachaça*. Campina Grande, 2000.
- MONTEIRO, Delarme. *Vida e morte de Lampião*. João Pessoa, MEC/PRONASEC RURAL, UFPB, 1981,
- RELVA, J.F *Lampião e Maria Bonita*. s/l,s/e,s/d;
- SÁ, Odilon Nunes de. *Desafio do campo com a cidade*. s/c;s/e/s/d.
- SANTOS, Erotildes Miranda dos (Trovador Nordestino). *O namoro moderno*. s/e;s/d.
- _____ .*A palestra das três donzelas*.s/e;s/d.
- SANTOS, Apolônio Alves dos. *A mulher que castrou o marido em Campina Grande, PB*. Campina Grande: Centro de Literatura São Sarruê/ Fundação Rio, 1985.
- SANTOS, Erotildes Miranda dos. *Os horrores da devassidão*.s/e;s/d.
- SILVA, Cícero Vieira da. *A escrava nordestina*.s/e;s/d.
- SILVA, João Melchades Ferreira da. *Peleja de três mulheres com a policia de Caicó*. Folklore Nordestino. Guarabira:Livraria Pedro Baptista, 1922.
- SILVA, João José. *Peleja de Severino Simião com Ana Roxinha*.s/e;s/d.
- SOUZA, José Patrício (Ed. proprietário). *O choro dos nordestinos ou o tormento dos araras*.s/d,s/e.
- SANTOS, Apolônio Alves dos. *O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro*. s/e.1982
- SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Rainha do Cangaco*. Guarabira, Paraíba:Tip. Pontes, 1981
- SILVA, Expedito F. *O amor do cangaceiro Cobra-Verde por Maria Bonita*.s/l,s/e, 1982 s/a.(POR UM FLUMINENSE). *Traços Biographicos da Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa, ex-sargento do segundo corpo de voluntários do Piauhy*. Rio de Janeiro: Typ.Imparcial de Brito e Irmão, 1865

4) BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do “falo”- uma história do gênero masculino* (Nordeste- 1920/1940)/ Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ed.-Recife:FJN, Ed.Massangana; São Paulo:Cortez,2001

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *No Ceará não tem disso não?: homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes*. (Mimeografado), s/d, p. 03-04.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O Engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. (Tese de Doutorado), Campinas, SP:UNICAMP, 1994.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino*.(mimeografado),s/d.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1970

ARILHA, M., RIDENTI, S., MEDRADO, B.(orgs), *homens e masculinidades*, São Paulo, ECOS/Ed. 34, 1998

ALMEIDA, M. *Senhores de si*. Lisboa. Fim de Século, 1995.

ALGRANTI, L., *Honradas e devotas; mulheres da colônia*, Rio, José Olympio:Brasília, EDUNB, 1993.

- BARROS, O. M. de. *Não ser debandada no mundo: a construção social das donas de casa no Cariri paraibano*. Campina Grande, UFPB, 1996 (dissertação de Mestrado em sociologia Rural)
- BÉLENS, J. N. M. *Trabalhando feito homem*. Campina Grande:UFPB, 1998 (dissertação de Mestrado em Sociologia Rural)
- BELLO, Júlio. *Memórias de um senhor de engenho*, 3ed. Recife: FUNDARPE, 1985,
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*, Rio: Nova Fronteira, 1993;
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília: HUCITEC/UNB, 1987.
- BENFAM, *Pesquisa sobre saúde reprodutiva e sexualidade do jovem*, 1989/90, Rio, Benfam/DEPES, 1992
- CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*. 4 ed.(Facsimilar). João Pessoa, Paraíba:Conselho Estadual de Cultura/ Departamento de Produção Gráfica da SEC.1967
- CAVALCANTE, Pocina..*Volta a infância- memórias*. Rio de Janeiro:José Olímpio,1972, p.20.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Viajando o Sertão Natal*. Editora: CERN, 1984
- CHARTIER, Roger, *A história cultural:entre práticas e representações*.Lisboa:DIFEL, 1990
- _____Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8,nº16,1995, PP.179-192.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis:Vozes, 1994.
- CUNHA, Tristão da. *Feminina*. In: *Obras de Tristão da Cunha*, Rio de Janeiro: AGIR, 1979
- CENTRO, João do. *Vida de bárbaros*. Paraíba:Typ.Gonçalves Pena e Ca.1915

- COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo, Escuta, 1995.
- DIAS, José Humberto. *Dada*. Salvador: Empresa Gráfica Bahia, 1988
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990
- DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo: contexto, 1997.
- ENGEL, M., *Meretrizes e doutores*. São Paulo: brasiliense, 1988
- ESTEVES, M. *Meninas Perdidas*, Rio, paz e Terra, 1989
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. RJ: Civilização Brasileira, 1963
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. organização e tradução de Roberto Machado, - Rio de Janeiro: Graal, 1979
- FREYRE, Gilberto, *Ordem e Progresso*. 1959.
- FEITOSA, C. A. *Mulher macho, sim senhor!* São Paulo: Cortez, 1980
- FORWARD, Susan. *Homens que odeiam suas mulheres e as mulheres que os amam*. 1987.
- GALVÃO, Ana Oliveira. *Amansando meninos*. João Pessoa: EDUFPA, 1998
- GUERRA, Phellipe. *Ainda o Nordeste*. .Natal. 1927
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A Arte do Povo: histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)*. (dissertação de Mestrado), Niterói, 2005.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. SP: Loyola, 1993
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. SP: Ática, 1996
- MAFFESOLLI, Michel. *A violência totalitária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MAGALHÃES, A. *O Nordeste brasileiro*. 2ed. Recife, Departamento de Cultura/ Governo do estado, 1970

- MATOS, I. FARIA F., *Melodia e sintonia em Lupicilio Rodrigues*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1996.
- MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste*. 2ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1970.
- NOLASCO, S(org), *A desconstrução do masculino*, Rio de Janeiro, Rocco, 1995;
- NOLASCO, S., *O mito da masculinidade*, Rio de Janeiro, Rocco, 1993;
- OLÍMPIO, D. *Luzia Homem*.SP:Editora Três, 1973
- PARKER, R., BARBOSA, R.(orgs), *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.
- PEREIRA DE QUEIRÓS, Maria Isaura. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*: SP:Alfa-Ômega, 1976
- QUEIRÓS, R. de. *Lampião (obra reunida)*.vol.5 RJ:José Olímpio, 1989
- QUEIRÓS, R. de. *A Beata Maria do Egito (obra reunida)*. Vol.5. RJ:José Olímpio, 1989
- _____ *Memorial de Maria Moura (obra reunida)*.vol.5.RJ:José Olímpio, 1989.
- RIBEIRO, João. *O Folclore*. (Estudos de literatura popular). 1919. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos- Livreiro-Editor.
- RÊGO, José Lins do. *Doidinho*, 16ed., Rio de Janeiro:José Olímpio, 1977
- _____. *Meus verdes anos*, Rio de Janeiro:José Olímpio, 1956
- RAGO, M., *Os prazeres da noite*, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1991;
- RORTY, Richard. *Objetivismo, relativismo e verdade*. Rio de Janeiro:Relume Dumará, 1997.
- SOUZA, I.R. *Sila:memórias de guerra e paz*.Recife:Imprensa Universitária.1995

SANTANA, M. Cristina Silva. *Participação política e produtiva: estudo das relações de gênero no assentamento Moacyr Wanderley – Quissamã (SE)*. Campina Grande: UFPB, 1997, (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural).

SCOTT, Juan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. Porto Alegre: Editora Educação e Realidade, 1990.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.